



cherish
BOOKS

Um
AMOR
de
Verdade

AUTORA BEST-SELLER USA TODAY

KATE STEWART



cherish
BOOKS

Um
AMOR
de
Verdade

AUTORA BEST-SELLER USA TODAY

KATE STEWART

Título Original: The Real
Copyright © 2017 por Kate Stewart
Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Bianca Carvalho
Revisão: Elimar Souza
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Gisele Souza

Stewart, Kate

Um amor de verdade / Kate Stewart; tradução de Bianca Carvalho. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2020.

Tradução de: The Real

ASIN

1. Ficção americana I. Carvalho, Bianca. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books
Rua Auristela, nº 244 - Santa Cruz
23550-351 – Rio de Janeiro - RJ
E-mail: cherishbooksbr@gmail.com
<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

UM AMOR DE VERDADE
KATE STEWART

SUMÁRIO

Capa

1. [Capítulo 1](#)
2. [Capítulo 2](#)
3. [Capítulo 3](#)
4. [Capítulo 4](#)
5. [Capítulo 5](#)
6. [Capítulo 6](#)
7. [Capítulo 7](#)
8. [Capítulo 8](#)
9. [Capítulo 9](#)
10. [Capítulo 10](#)
11. [Capítulo 11](#)
12. [Capítulo 12](#)
13. [Capítulo 13](#)
14. [Capítulo 14](#)
15. [Capítulo 15](#)
16. [Capítulo 16](#)
17. [Capítulo 17](#)
18. [Capítulo 18](#)
19. [Capítulo 19](#)
20. [Capítulo 20](#)
21. [Capítulo 21](#)
22. [Capítulo 22](#)
23. [Capítulo 23](#)
24. [Capítulo 24](#)
25. [Capítulo 25](#)
26. [Capítulo 26](#)
27. [Capítulo 27](#)
28. [Capítulo 28](#)
29. [Capítulo 29](#)
30. [Capítulo 30](#)

Epílogo

Agradecimientos

Notas

Para meus leitores, obrigada nunca será suficiente. E para todos aqueles que não acreditam que o amor é um personagem fictício.



Um

Abbie

O carro surgiu do nada.

Na verdade, era um táxi e pisou no freio, deixando longas marcas de derrapagem de pneus pretos no asfalto enquanto tocava incessantemente a buzina.

Atravessei o cruzamento com minha roupa de ioga e tênis, e me virei para dar o dedo do meio ao motorista. Ele me saudou de volta e depois continuou o seu caminho.

Eu fiz o mesmo.

Daquela vez, certifiquei-me de olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, porque Chicago era um grande perigo para a minha saúde. No entanto, eu amava aquela cidade.

Adorava os prédios que quase tocavam o céu, a fumaça escura que pairava perto do horizonte e o ruído e atividade quase constantes. Era o que me fazia sentir viva.

Em um mundo onde eu constantemente colocava em risco essa condição, acho que isso era muito importante.

Quando pisei no meio-fio, notei o homem amontoado entre duas lojas na esquina. Meu coração se apertou um pouco de alívio.

— Bennie — repreendi, enquanto me inclinava para lhe dar uma nota de vinte dólares. — Onde você estava semana passada?

Ele sorriu para mim, suas roupas cheirando a cigarro velho e à sua vida nas ruas.

— Ei, Abbie, eu tenho coisas para fazer. Você sabe disso. — Ele pegou o dinheiro e me agradeceu. — Você é boa para mim.

— Eu me preocupo com você — eu disse a ele. — Não desapareça. E não gaste isso aqui com suas *amigas*, Bennie.

Ele assentiu, olhando o dinheiro, e eu entrei na minha cafeteria favorita ouvindo o toque do sininho na porta. Embora o centro de Chicago tivesse muito a oferecer, ficava perfeitamente feliz em passar metade da manhã de sábado em meu bairro, nos arredores da cidade. Sunny Side era uma joia local que ficava a algumas ruas do meu apartamento em Wicker Park. Acomodada em minha cadeira de couro favorita, eu sempre trabalhava em uma mesa cafona. Descobri que produzia mais naquela mesa bamba do que na casa de três andares que gastei uma fortuna reformando. Eu poderia ter poupado milhares de dólares e economizado para pedir três refeições de café com leite por dia, mas quando o inverno chegasse, eu sabia que meu escritório seria um refúgio. Naquele momento, eu preferia o ambiente acolhedor da cafeteria.

Grandes lâmpadas brancas pendiam do teto, enquanto, sob elas, livros e caixotes abandonados agiam como divisórias improvisadas entre as mesas de tamanhos variados.

As paredes internas estavam alinhadas com fileiras intermináveis de xícaras de café lascadas e usadas em excesso, com slogans que combinavam com todos os gostos.

Inalei o cheiro de grãos recém-moídos flutuando pelo ambiente enquanto bebia o meu indispensável *latte* na minha caneca emprestada, onde se lia: *Eu faço o que quero* com um desenho a lápis de um gato esticando os dedos do meio. Eu não dormi muito na noite passada; em vez disso, apavorei-me com qualquer barulho

ou indício de algo suspeito, como havia feito todas as noites no ano passado. Imaginei cada vizinho em um raio de 50 quilômetros como sendo um assassino em série ou estuprador, e então assisti *Snapped* para me distrair, o que apenas perpetuou meu obsessivo ciclo paranoico.

Isto era um problema – minha paranoia e minhas suspeitas de que todo mundo tinha um motivo que incluía decepção ou coisa pior.

E Sunny Side, com sua fonte inesgotável de cafeína, tornou-se meu refúgio todo sábado. O lugar que eu poderia frequentar e fingir que era uma parte funcional da sociedade, onde meus problemas não existiam.

Mergulhei na minha rotina de sábado, enfiando um fone no ouvido e imergindo na segurança do lugar público e no meu mundo particular da música.

Era difícil dizer que horas eram quando senti que estava sendo observada.

Minha capacidade de deixar a realidade para fora da porta da cafeteria era absoluta. Muito bem, poderiam ter se passado horas.

Eu senti, no entanto.

O olhar.

Hesitante, ergui os olhos.

Então congelei.

A Bíblia afirma que Deus criou o mundo em seis dias. Então, quando se tratava da relevância da criação divina, era lógico que o Criador gastara um milissegundo extra no homem que me observava naquele momento, enquanto eu bebia meu terceiro latte.

Veja bem, eu não sou esse tipo de mulher – o tipo que tropeça em si mesma e se atrapalha com as palavras quando um homem bonito olha para ela. Aprendi essa lição de uma maneira muito difícil e não a esqueci.

Para a frustração de todos os que estavam próximos a mim e com uma teimosia de que qualquer mula se orgulharia, eu me recusei a notar qualquer amostra do sexo oposto desde então.

Ele tinha traços ásperos, predominantemente masculinos – esculpidos, perfeitos e surreais. Acrescente isso à altura inconfundível e à compleição física ampla, aparente pela maneira

como ele superava a pequena mesa redonda que ficava à sua frente. Misture ainda a lábios carnudos e um impressionante conjunto de dentes brancos. Depois de criar tudo isso, Deus descansou, e foi *bom*.

Mas o que provocou uma tempestade em minha alma e uma calma em meu coração foram seus olhos verde-oceano.

Ele sorriu. Sorriu, de verdade.

Meu bom Deus. Aquele sorriso...

Eu desviei o olhar. *Foco. Você tem trabalho a fazer.* Você não o conhece. Ele poderia ser um psicopata.

Tentei dar um gole no meu *latte*, mas a xícara estava vazia.

Internamente, compilei uma lista mental de motivos para não olhar para ele novamente.

Nenhum de nós conseguiu desviar o olhar. Então ele lançou aquele sorriso onisciente novamente. Merda!

Abbie. Deus. Controle-se. Ele provavelmente é um cafajeste e nada mais.

Ele tocou a parte superior do nariz. Duas vezes. Inconscientemente, fiz o mesmo e senti respingos do meu café com leite caramelado.

Droga!

Estava por todo o meu nariz e queixo, e eu sabia que meu cabelo estava uma bagunça. E esta era uma avaliação gentil da minha aparência. Era dia de folga – meu ritual de sábado – e os dias de folga eram inegociáveis.

Eu os merecia, assim como todas as outras mulheres do planeta. Sem maquiagem, sem contar calorias, sem responsabilidade. Era aquele, o dia em que nasci. Tudo isso, e o fato de eu ter pego minha mesa favorita e pedido chantilly extra. O cara sentado à minha frente parecia a cereja do bolo. Pena que tinha transferido meu coração do departamento de risco há um ano e o realocado para o da autopreservação. Este era um departamento muito chato.

Mesmo assim, seu sorriso foi quase o suficiente para me fazer querer jogar até roleta-russa.

Meus próprios pensamentos estavam me atormentando, como se precisassem me preparar para algo.

Controle-se, garota. É possível que ele seja um louco. Talvez ele costure cobertores com pele de mulheres como lembranças de sua lista de assassinatos. Ele poderia estar imaginando uma nova colcha com o seu nome gravado por toda a parte.

O que diabos havia de errado comigo?

Mantive-me tão cuidadosa por trezentos e sessenta e cinco longos dias. Irritantemente, ninguém mais na minha vida teve problemas, e todos estavam avançando aos trancos e barrancos. Mas aí tinha eu, uma pessoa com medo de dizer olá para pessoas novas e, de repente, BAM!

Um olhar daquele belo espécime em uma sala cheia de viciados em cafeína, e eu estava pronta para abortar meus costumes e qualquer aviso interno que me mantivesse à distância.

Todos eles, puf, foram embora por causa daquele sorriso maldito, que se esticou, aprimorando suas covinhas, as mais atraentes e profundamente marcadas que já tinha visto. Elas eram reais, aninhadas nos cantos de sua boca perfeita. Elas não lhe davam a aparência de um menino. Elas eram mortalmente sensuais. Poucos homens conseguiam isso.

Ele não parecia estar pisando em ovos; ele estava me devorando com os olhos, sem hesitar.

Ousado.

Muito ousado!

Com coragem, encontrei seu olhar e nos encaramos, embora eu não tivesse certeza do que ele viu quando olhou para mim. Era tarde demais para limpar o queixo sem ser óbvia. Eu tinha certeza de ainda havia resquícios da minha máscara facial verde-limão tingindo minha pele. Uma onda de calor subiu pelo meu pescoço enquanto ele media meu moletom com capuz, leggings pretas e tênis. Eu não tinha corrido naquela manhã, mas era o que eu transparecia, e isso era um bônus. Embora, se ele me visse correr, bem, essa seria a verdadeira tragédia.

Eu tenho uma espécie de aflição. É como se uma parte espástica de mim não pudesse acreditar que meu corpo está fazendo isso por exercício e não por sobrevivência. Como Bree, minha amiga, explicou, minha corrida parecia com a de Julia Louis-

Dreyfus em Seinfeld, exceto que era... pior. Ela disse que quando eu corro, meus braços parecem estar conversando animadamente com o meu corpo.

Eu também tenho as pernas um pouco arqueadas. Mas aquele homem não sabia disso. Seu sorriso me dizia que ele não se importava com a minha aparência preguiçosa, meu queixo coberto de caramelo ou a pele com manchas esverdeadas. Só pela aparência, ele era o tipo de homem para quem você se arrumava com esmero. E se o belo desconhecido com olhos de Jade e eu tivéssemos um futuro, ele estava olhando para a pior versão de mim e sorrindo para ela.

Ele vestia um short esportivos de malha preta na altura do joelho e um moletom cinza. Seu tênis parecia novo.

Ele levantou uma sobrancelha no momento em que meu Mac anunciava um convite para o AirDrop. O nome dele não era mais um mistério, e eu me senti um pouco apavorada.

Mac de Cameron: Olá.

Olhei por cima do meu laptop e respirei fundo antes de aceitar seu convite.

Mac da Abbie: Olá.

Abbie, ele vai te esfolar viva! Tentei ignorar minha voz interior.

Mac de Cameron: Eu vi você com o mendigo.

Mac da Abbie: E?

Ele tomou um gole da caneca *Homens de Verdade* gostam de *Cachorrinhos* e deu de ombros antes de digitar.

Mac de Cameron: Então, foi legal da sua parte. A maioria das pessoas na cidade passa direto.

Mac da Abbie: Ah. A maioria das pessoas passa por Bennie. Mas ele é diferente, e eu não sou a maioria das pessoas.

Ele levantou uma sobrancelha e mordeu o lábio.

Mac de Cameron: Entendo.

Mac de Cameron: Quer tomar a próxima xícara comigo?

Diga sim, diga sim! É só café!

Mac da Abbie: Não, obrigada.

Sua idiota.

As sobrancelhas dele se estreitaram, com o cenho franzido.

Mac de Cameron: Tem certeza? Que tal café da manhã?

Meu pulso disparou com a lembrança da minha última reação a esse tipo de atenção e suas consequências, então, respondi sem nem pensar duas vezes.

Mac da Abbie: Não, obrigada.

Sua risada foi profunda e me preencheu, mesmo através da distância entre nós. Ele mordeu o lábio inferior enquanto digitava, seu sorriso ainda intacto.

Porra. Mas que droga, Abbie!

Mac de Cameron: Bem, acho que hoje não é o meu dia.

Mac da Abbie: Vai desistir assim?

Eu não fazia ideia do porquê de ter enviado essa mensagem... fiquei incomodada por ele não se esforçar mais. A culpa era daquele maldito sorriso. Era sexy como o inferno.

Ele leu minha mensagem e deu de ombros enquanto digitava.

Mac de Cameron: Você parece gostar de café. Eu não tenho nada ensaiado. Você é linda, eu notei. Queria tomar café com você. Você disse que não. Vou reunir o resto do meu orgulho agora e sair.

Ele fechou o laptop e ficou de pé enquanto eu murchava. Droga. Ele estava sendo legal. Desde quando caras são apenas... agradáveis?

Eu odeio os homens? Eu me tornei esse tipo de mulher?

Eu falei em voz alta enquanto ele enfiava o computador em uma bolsa de couro gasta.

— Sinto muito — ofereci um pedido de desculpas rápido. — Eu estava esperando uma resposta horrível ou uma proposta pior

ainda. A web, as mensagens, qualquer coisa que tenha a ver com tecnologia tem sido perigosa para mim. Já vi várias fotos de pau não solicitadas. Só estava sendo cautelosa. — E essa era a verdade. Mas eu disse em voz alta, quase vomitando as palavras. *Eu realmente tinha dito "fotos de pau" em voz alta?*

Ele riu novamente quando olhou para mim de onde estava, depois sorriu.

— Hoje não é um dia bom — a rouquidão de barítono de sua voz combinava com o tom sedoso de seus olhos, que pareceram escurecer quando ele me olhou.

— Não? — perguntei em um sussurro enquanto avaliava seu corpo de mais de um metro e oitenta e imaginava todas as possibilidades.

— Não — ele disse. — Talvez possamos *não* tomar café novamente outra hora?

Ele aceitou um simples "não". Talvez não estivesse tão interessado de fato.

Não pude negar a decepção que brotou nos meus ovários.

— OK — falei a última palavra quando ele não pressionou mais.

Cameron pegou sua carteira e jogou algum dinheiro sobre sua mesa, depois foi até a minha e fez o mesmo.

— Pelo menos, deixe-me pagar sua próxima xícara.

Depois de pagar as contas, ele ficou algum tempo parado, perto de mim, e eu senti seu perfume – puramente masculino. Respirei o máximo profundo que consegui, sem ser óbvia. Ele não tinha cheiro de psicopata.

Cameron pegou sua bolsa, enquanto eu me imaginava passando meus dedos por seu cabelo bagunçado, espesso e grosso, marrom-escuro.

Não o deixe sair. Diga a ele que você não é tão escrota assim. Mas isso pareceria desesperado. Você não está desesperada, você está com tesão. OMG, você está com tesão?

Como se estivesse lendo meus pensamentos, peguei outro flash de seu sorriso cheio de dentes e tive que morder minha bochecha para manter minhas reações sob controle.

— Nos vemos.

— Sim, até mais. E obrigada — falei para as costas dele, uma oitava mais alto do que o necessário. — Pelo café — acrescentei. Do lado de fora da janela, Cameron curvou-se e trocou palavras com Bennie antes de colocar algum dinheiro em sua mão.

Bem, Abbie. Acho que você terá que esperar até a próxima vez que sair da cama e um homem bonito te notar. Espere sentada que isso vá acontecer novamente, sua IDIOTA!

Mais uma vez, minha hesitação me custou caro. Algo me dizia que daquela vez me custaria muito caro.

Remexendo-me no meu assento, continuei a olhar em sua direção, vendo aqueles ombros largos saírem da minha vida.



Dois

Abbie

Um dedo insistente cutucou meu ombro, e eu ergui os olhos do meu assento na linha L do metrô, deparando-me com uma mulher com um casaco rosa brilhante coberto de bolhas pairando sobre mim. Seu rosto era marcado pela idade avançada e os dentes eram da cor de uma nuvem de chuva. Puxei os fones de ouvido, enquanto tocava “Youth”, dos Glass Animals, antes que ela falasse:

— Você tem um cigarro?

Balancei minha cabeça enquanto recuava, recuperando um pouco do espaço pessoal que ela havia invadido.

— Não, desculpe, eu não fumo.

— Muitos não fumantes nesta cidade — retrucou, enquanto me olhava de perto para ver se havia algo mais que ela poderia me pedir. Eu rapidamente coloquei meu fone de volta e olhei pela janela para as casas e árvores, cobertas pelo sol âmbar.

A mulher pensou um pouco mais antes de seguir em frente. Ignorei a pontada de culpa. Eu era generosa com os necessitados, não com os rudes e ansiosos. É uma habilidade que você adquire quando mora na cidade.

Quando desci do metrô na minha parada, o ar fresco esbofeteou meu rosto. O Wicker Park não era exatamente um local onde ocorriam muitos crimes, mas era um caldeirão e sempre movimentado, o que ainda tornava necessário permanecer alerta. Com minha bolsa pendurada no braço, passei as mãos pelo casaco enquanto passava pelos conhecidos cafés, livrarias, lojas, restaurantes e pubs das ruas laterais. O bairro tinha um charme íntimo e era pequeno, mas em qualquer dia era difícil encontrar o mesmo vizinho em um mar de rostos desconhecidos.

Pensei em Cameron enquanto atravessava o portão de ferro e subia os degraus do meu prédio. Parei no Sunny Side naquela manhã, na esperança de vê-lo, e fiquei lá por mais tempo do que o habitual desejando encontrá-lo. Era patético, mas a verdade.

Minha vida amorosa havia sido um desastre nos últimos anos, para dizer o mínimo, e ele parecia um ponto positivo, uma oportunidade. Mas então... ele foi embora.

Dei de ombros para mim mesma. *Ele que estava perdendo.*

Depois de esperar em vão, peguei o metrô para a cidade para encontrar meu irmão, Oliver, para um almoço tardio. No final das contas, naquele dia esperei por dois homens que nunca apareceram. Oliver me mandou uma mensagem no último minuto, dizendo que não poderia sair do hospital, mas eu sabia que não era isso. Ele tinha muitos compromissos, tanto pessoais quanto profissionais. Mesmo sendo um mulherengo, raramente estava sozinho. Amaldiçoei o fato de invejá-lo por isso, porque nunca pensei que este dia chegaria.

Folheando minha correspondência, tentei focar nos pontos positivos.

Eu ainda tinha saúde, uma carreira que amava e que me proporcionava todo o conforto, incluindo meu apartamento enorme. Tomei a decisão de comprá-lo, apesar do meu estado civil. Eu estava com trinta e um anos e ainda não fazia parte de um *nós*,

então levantei o dedo do meio para o Cupido e investi em um ninho de amor só para mim.

Os dois andares superiores eram meus, mas aluguei o andar do porão para uma velhinha, a sra. Zingaro, o que se tornou meu segundo emprego. Embora ela fosse um docinho, me assustava algumas vezes. Jurava que estava morta ou morrendo toda vez que a via deitada no banco de seu jardim. Ela era uma daquelas pessoas que olhavam para o nada e te assustavam quando chegavam de mansinho.

Minha primeira experiência no último verão me assustou para toda a vida. Eu a encontrei em pé, bem no meio de seu jardim – o jardim que ela desenterrou depois que paguei uma fortuna pelo novo gramado – com um regador na mão. Ela ficou paralisada por vários momentos enquanto eu me aproximava dela, gentilmente chamando seu nome. Não sabia se alguém poderia morrer em pé, mas em plena luz do dia, eu tinha certeza do que estava testemunhando.

Em retrospecto, a decisão de abordá-la em seu estupor foi quase tão inteligente quanto esgueirar-se de um gato, que eu desabei, magra como era, quando ela me olhou, surpresa, com o regador na mão.

Poucas pessoas poderiam dizer que foram atingidas na cara por um regador. Eu sou uma das sortudas.

Por causa da necessidade de minha inquilina por companhia, aprendi a fingir consertar muitas coisas que não estavam quebradas. E porque eu ficava sozinha na maioria das noites, acabava atendendo aos seus chamados.

Naquela noite, fiquei agradecida pelas luzes do andar de baixo estarem apagadas quando destranquei minha porta.

Cautelosa, como sempre, examinei a sala que passei dois anos reformando, apenas para ter certeza de que estava sozinha.

Pisos de madeira escura original, paredes cinza de dois tons e móveis com detalhes em limão e azul marinho. Foi exatamente o que sonhei quando comecei o projeto de renovação e se tornara minha realidade. Era, de fato, perfeito, e eu estava, de fato, sozinha.

Completamente sozinha.

De repente, eu queria estar em outro lugar.

— O que diabos há de errado comigo? — perguntei ao espaço vazio.

Síndrome da vida inquieta.

Meu telefone vibrou dentro do meu casaco assim que joguei minha bolsa no sofá.

Olhando para a minha tela, agradei a Deus quando vi o nome de Bree. Ela tinha ficado muito tempo ausente daquela vez. Deslizei a tela para responder.

— Você não pode me deixar sozinha assim, Bree! Não por tanto tempo. Estou chutando o pau da barraca. Estou passando por algo próximo de uma crise de meia-idade por causa de suas longas ausências, e minha imaginação está me traindo. Tenho certeza de que meu novo vizinho matava animaizinhos quando criança. Sério, ele é assustador. Como foi na Escócia? Espere, não me diga. Você e Anthony fizeram sexo em lugares obscenos e ainda estão em chamas. Eu te odeio agora, mas senti tanto a sua falta que estou disposta a perdoá-la.

— Uau. — Bree riu em resposta ao meu monólogo ofegante. — Isso que é uma saudação passivo-agressiva. Você está entediada e precisa transar. O nome do seu novo vizinho é Simon, e eu o conheci quando estava te esperando na sua casa naquele dia em que você perdeu suas chaves. Ele é inofensivo e dá aulas na escola dominical. A Escócia foi incrível, tenho muito para te contar!

Para me contar?

— Anthony e eu...

— Não. — Eu balancei minha cabeça, interrompendo-a. — Por favor, querida, não. Você é minha última parceira de crimes! Por favor, me diga que não vou ter que comprar outro vestido de madrinha!

— Você será dama de *honra* neste. E eu estava pensando em seda para o tecido, que tal?

Era oficial. *Sempre uma dama de honra, nunca a noiva. Eu estava mesmo sozinha. Sozinha.* Abaixei minha cabeça.

— Eu te amo. Parabéns.

— Vamos nos encontrar no nosso lugar favorito em vinte minutos? — ela perguntou esperançosa.

— Claro — eu disse, com um sorriso choroso.

— Abbie, você pode acreditar?

— Claro que posso — eu disse enquanto desabotoava meu casaco. — Vocês foram feitos um para o outro. Foi por isso que juntei os dois.

— Eu sei. Nunca pensei que diria isso, mas estou dizendo. Vou me casar! — Sua voz estava embargada de emoção, e eu mal podia esperar para vê-la. Eu tinha certeza de que ela estava linda toda emocionada.

— Eu sei, eu sei — eu disse, afastando uma lágrima dos meus olhos.

Engula o choro e fique feliz por ela.

— Te vejo em vinte minutos.



Trinta minutos depois, eu entrava no The Violet Hour, um espaço elegante, mas escondido, em North Damen. O lugar parecia uma fortaleza de madeira do lado de fora com um bloco de grafite na metade inferior do edifício. Você mal saberia que ele existia se não procurasse a maçaneta da porta dourada.

Bree e eu éramos frequentadoras assíduas desde que nos mudamos para o Wicker Park, e não era fácil conseguir uma mesa nos fins de semana. Mas como era uma noite de domingo triste e úmida, eu entrei. Coloquei meu vestido mais revelador, com um decote em V, de mangas compridas, em crepe, que expunha os seios o suficiente para torná-los sexy. Deixei meu cabelo longo, ruivo e ondulado, solto. Eu me sentia elegante com minhas novas botas pretas até o joelho. Peguei pesado no delineador sobre meus olhos azuis claros e pintei meus lábios com um brilho em tom de framboesa.

Um único lustre pendia do teto, pingando elegância, mas deixando o bar escuro o suficiente para ficar envolto em mistério.

Cadeiras escandalosamente altas estavam dispostas ao redor da sala e agrupadas em pares de dois ou quatro, destinadas à privacidade, mas próximas o suficiente para que as pessoas ficassem perto uma da outra. A luz das velas brilhava nas mesas íntimas de granito branco. Aproximei-me de Bree no bar, e ela acenou quando me viu.

— Puta merda, você está gostosa — disse ela ao se levantar da cadeira enquanto eu tirava o casaco.

— Obrigada, querida. Não tenho muitos motivos para me vestir assim ultimamente. Precisava dar uma praticada. — Afastei-me de seu abraço apertado com o sorriso mais genuíno que pude lhe dar antes de seguirmos a hostess para nos sentarmos. Acomodei-me na cadeira de couro verde, e a tensão em meus ombros relaxou um pouco. A atmosfera sexy e proibida me deixou à vontade. The Violet Hour tinha uma aura de pura sedução, como se o interior do local dissesse: *Ei, tudo bem agir com imprudência aqui dentro. Leve uma lembrança para casa com você.*

— Ok, deixe-me ver — exigi, segurando sua mão esquerda apenas para ver que seu dedo estava nu.

— Ele não planejou — disse ela com um sorriso sereno enquanto apertava minha mão e se soltava. — E foi por *isso* que eu disse que sim. Ele nem precisou perguntar.

Revirei os olhos.

— Deus, vocês são assim mesmo. “Ei, vamos ao cinema em algum momento”, “Ei, vamos morar juntos”, “Ei, vamos deixar nossos empregos de lado e viajarmos pelo mundo por três meses”. — Balancei minha cabeça com um sorriso, mas secretamente agradecia a Deus que a viagem longa tivesse terminado. A separação quase me custou minha sanidade. Aquela última durara pouco mais de uma semana. A vida dela parecia fascinante, e eu a invejava por isso, mas ficava feliz por ela finalmente ter encontrado alguém para mantê-la em Chicago. Pelo menos, essa era minha esperança egoísta. Era óbvio que eu era muito dependente dela, mas ela era minha única amiga desde que cheguei na cidade.

Bree abaixou o rosto e me lançou um olhar pontudo.

— Ei, todas essas ideias foram incríveis! E nem todas foram *minhas*. Algumas foram de Anthony.

— Deus o proteja. Anthony está perdido com você como esposa dele.

— E ele sabe disso. Com ciúmes? — ela perguntou de brincadeira.

— Óbvio. Ele é tão sortudo — falei com uma piscadela. — Você seria uma esposa perfeita para mim.

— É uma pena não sermos lésbicas. Mas do jeito que você está maravilhosa nesse vestido, posso mudar de ideia.

— Eca — eu disse com uma risada. — Se eu fosse seguir nessa direção, não seria com você. Sei bem onde você colocou essa boca.

— Nós nos beijamos uma vez — disse ela descaradamente. — Não se esqueça disso.

— Você lambeu meus lábios porque eu comi todo o pudim caseiro de caramelo da sua avó. E nunca mais.

— Isso conta — ela insistiu, passando os dedos pelo rabo de cavalo loiro antes de tirar uma pequena caixa da bolsa. Trouxe um presente para você.

— Oh, *ainda bem* que trouxe. Mas isso pode esperar. Conte-me tudo.

— Bem — ela começou sem mal respirar —, tínhamos acabado de fazer o melhor sexo de nossas vidas.

— Espere — eu disse quando a garçonne se aproximou e pedi duas pinas coladas. Bree ergueu uma sobrancelha.

— Você tem certeza de que quer ouvir isso? Te senti um pouco chateada ao telefone.

— Jesus, Bree — sussurrei na defensiva. — Claro, eu quero saber tudo. Você é minha amiga. E, ciúmes à parte, o que eu admito, você parece tão feliz. E só isso já me deixaria nas nuvens. Eu amo você e Anthony juntos.

Era óbvio que ela estava enrolando um pouco para me contar mais. Bree tinha uma grande personalidade que vinha embalada um pacote minúsculo de pouco mais de um metro e cinquenta e pouco. Mas quando ela falava, dava para perceber instantaneamente que ela chamava atenção. Com seus cabelos loiros cor de mel, olhos

castanhos expressivos e desbocada como um marinhaio, podia ser intimidadora para aqueles que acabavam de conhecê-la. Mas por baixo de seu exterior impetuoso havia um coração incrível e leal.

— Abbie, ele estava tão aberto a *tudo* nessa viagem. Era como se eu estivesse vendo um novo lado dele. Nem consigo explicar. Quero dizer, viajamos para muitos lugares antes, mas desta vez foi diferente. Muito diferente.

Ouvi enquanto ela contava sobre o início da viagem. Bree era conhecida por ultrapassar fronteiras por bem maior. E seu noivo, embora em grande parte fosse conservador, enfrentou o desafio de cortejar minha melhor amiga, o que não foi tarefa fácil.

Depois de alguns minutos da conversa de Bree, meu comportamento mudou porque sua excitação era contagiosa, e eu me alimentei dela até que minhas energias se elevaram.

Por que se preocupar com um homem quando você tem a sorte de ter uma amiga como Bree? Eu já não me sentia culpada por ser um pouco dependente dela, porque Bree era tudo para mim.

— Ok, ok, aproveitar as coisas boas.

— Bem — ela começou com um sorriso diabólico. — Estávamos em *Fairy Pools*.

— E? — eu disse, pegando meu copo da garçonete com um "obrigada".

Tomei um gole e brindei com a minha melhor amiga.

— Parabéns, querida. As bebidas são por minha conta.

— Elas sempre são — disse ela, revirando os olhos.

— Apenas agradeça — eu disse, fingindo secura.

— Obrigada. Enfim, estávamos transando como coelhos, em plena luz do dia. Ah — ela disse com a mão no peito, como uma elegante mulher do sul, o que era adequado. Ela fora criada na Geórgia e não abandonara o sotaque desde que nos conhecemos. — Eu não conseguia me conter. Ele parecia me tocar em todos os lugares, e eu estou falando sério. — Seus lábios se contorceram em um sorriso irônico. — Eu nunca senti nada assim. Preciso dele. Tenho que estar com ele. Eu soube, então disse a ele.

— Isso foi depois da transa, certo?

— Sim e não. Isso foi entre a primeira e a segunda rodada.

— *Fairy Pools* é um grande ponto turístico?

— Ficamos por pouco tempo e depois pegamos na estrada — disse ela com uma piscadela. — Nós batizamos toda a Escócia.

— O doce Anthony, ele era tão inocente — murmurei, tomando outro gole entorpecente da minha bebida. — Pobre rapaz. Você arruinou a virtude dele.

— Eu já disse isso uma vez, e vou dizendo novamente, sexo anal é o que faz os homens proporem casamento.

Eu soltei uma risada enquanto ela erguia as sobrancelhas.

— Ei, esta é minha terceira tentativa com um homem diferente. Os números não mentem. Apenas decidi aceitar desta vez.

— Sua bunda deve estar cansada, hein?

— Não seja rude — ela repreendeu em um tom de brincadeira.

— Deus, eu te amo — admiti com sinceridade. — Por favor, continue.

— Foi lindo. Você me conhece, Abbie, e eu sei que sou apaixonada por cenários, mas a Escócia é realmente *mágica*. E não foi só por causa do sexo. Foi por estar com ele e *saber*. Foi completamente... desmedido. Foi como destino, acaso, todas essas merdas nas quais eu não acredito. Eu tinha o melhor pênis de todos dentro de mim, estávamos todos suados, mas ele olhou para mim, e eu disse sim. Ele nem precisou perguntar. Para você ver como estamos em outro nível.

Ela estava tão feliz que seus olhos literalmente brilhavam.

— Você sabe que pode contar comigo para o que precisar, não sabe? Estou muito feliz por você.

Ela limpou uma lágrima exaltada com o dedo.

— Eu não posso viver sem ele — ela jurou. — Quero dizer, eu posso, mas não quero. Vou me casar com aquele homem, Abbie.

— Então vamos planejar um casamento — eu disse, enquanto brindava com ela. Levei a bebida doce à boca no momento em que o vi duas mesas adiante.

Eu congelei e olhei novamente.

Não poderia ser *e/e*.

Estávamos sentadas perto o suficiente para que eu pudesse ver suas covinhas ameaçadoras.

Seus cabelos escuros estavam penteados para trás, tão charmoso, como se ele tivesse nascido assim. Como um galã antigo de Hollywood – esta era a maneira perfeita de descrevê-lo.

Cameron usava um terno preto feito sob medida e gravata vinho que combinava muito com a cor do meu vestido. Sua presença no bar tinha que ser uma coincidência; ficou evidente a surpresa que surgiu em suas feições quando ele me viu.

Seus lábios se contraíram, e seus olhos me desnudaram dos cabelos às botas. Seus dedos bateram levemente no apoio de braço de sua cadeira antes que ele arrastasse um único dedo pelo couro, como se estivesse traçando-o, enquanto seus olhos vagavam pelo meu pescoço e peito. Foi uma sedução de segundos que fez meus lábios se separarem e minhas coxas se esfregarem uma na outra.

— Porra — sussurrei baixinho enquanto um rubor subia pelo meu pescoço.

Efeito impressionante.

Que pena que ele provavelmente gostava de cortar as unhas dos pés de suas vítimas e fazer colares com elas.

Minha fobia me trouxe de volta à realidade.

Graças ao meu ex, aquele era um novo traço da minha personalidade, um que me proporcionava noites assustadoras sozinha em casa. Noites em que Bree me encontrava na porta da frente, tremendo, às duas da manhã porque me tornei um pouco paranoica. Ok, muito paranoica. Eu estava melhorando. Não assistia àquele filme assustador sobre Ted Bundy há seis meses. Mas, só para constar, a cena em câmera lenta, com a música alegre, que mostra sua transição de bom moço para *você é a próxima...* bem, se você ainda não viu, não assista. Estou convencida de que o ator matou alguém para entrar no personagem.

Está vendo? Paranoica.

Nem todos os assassinos em série tinham a aparência e o charme do nosso belo Ted, mas o homem que me olhava com uma promessa ilícita nos olhos podia facilmente seduzir qualquer mulher. No caso em questão, eu.

Cameron estava falando com alguém que eu não conseguia ver. Definitivamente era outro homem, porque eu podia ver calças e

sapatos pretos. Deixei escapar um pequeno suspiro de alívio.

— Para quem você está olhando? — Bree perguntou, girando em seu assento para olhar na direção de Cameron.

Discretamente, entrelacei minhas mãos no meu colo.

— Não olhe... Você está olhando e foi exatamente o que eu disse para você *não* fazer — sussurrei. — Pare de olhar. Você continua olhando. Droga, Bree. E agora ele notou que você olhando... Reparou nas covinhas lindas?

— Droga — disse ela enquanto olhava para mim. — Você o conhece?

Dei de ombros.

— Mais ou menos. O nome dele é Cameron, e ele estava logado no AirDropped, no Sunny Side, no sábado.

— AirDropped?

— Quando você tem um Mac, consegue encontrar e enviar mensagens para outros Macs ao seu redor, compartilhar arquivos e outras coisas.

— Oh — disse ela com sua típica indiferença à tecnologia. Ela não era muito fã. Eu tinha certeza de que, se não fosse enfermeira, seu desejo de viajar a faria morar em uma árvore em algum lugar.

— Enfim, ele me perguntou se eu queria tomar um café, e eu disse que não.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você desprezou aquele homem gostoso?

— Sim — eu disse, enquanto olhava para ele novamente. Estava envolvido em uma conversa enquanto eu agarrava meu copo como se isso fosse me proteger.

— Nada disso, irmã, você precisa deixar isso para lá e deixá-lo apreciar a vista.

— Você poderia falar mais baixo? — sussurrei. — Sim, eu o rejeitei. Você sabe o que acontece quando me sinto atraída por desconhecidos.

Bree fez uma pausa.

— Nem todo mundo é o Luke — disse ela suavemente, provavelmente pela centésima vez. Dei de ombros.

— Além disso. Ele não se esforçou muito. Ele aceitou meu “não” como resposta logo na primeira vez.

— Isso é porque você é assustadora — disse ela com um sorriso, voltando ao seu jeito brincalhão. Eu torci meu lábio para ela. — Você é. Seu rosto petulante é bonito, mas *assustador*. E, no ano passado, tornou-se pior. Essa sua expressão arrogante diz: *Abandone toda a esperança. Você não pode enfiar seu pênis aqui*. Mas, a propósito, ele está olhando para você. Acho que dá para dizer com segurança que ele não dá a mínima. O cara quer colocar o pênis na sua vagina.

— Bree — eu a repreendi por entre os dentes.

— Faz um ano. Um *ano* — ela enfatizou em um sussurro. — Isso é muito tempo, Abbie. Sei que o que aconteceu com o Luke que te assustou, mas você não pode deixá-lo vencer.

Balancei minha cabeça para encerrar aquele tema. Era a última coisa na qual eu queria pensar.

— Eu estou bem. Prometo. Eu até pedi desculpas a ele, a Cameron, no caso... — sussurrei. — Disse que sentia muito por recusá-lo.

Ela olhou para o teto — sua versão de revirar os olhos.

— Bem, acho que é um começo. E ele não está intimidado. Deve ser novo no bairro. Se eu não estivesse loucamente apaixonada e pretendesse passar uma eternidade com Anthony, eu acabaria com isso.

— Você não pode mais fazer coisas assim — eu cantarolei enquanto levantava minha bebida e torcia o nariz.

Ela estreitou os olhos.

— Você está morrendo de vontade de dizer isso.

Dando de ombros, olhei para Cameron, e seus olhos já estavam fixos em mim. Uma faísca acendeu chamas que começaram a correr pelas minhas veias, meu corpo inteiro gravitando em sua direção.

Eu murmurei um "Oi", e ele piscou.

Há quanto tempo ele estava ali?

— Droga, garota, ele está de olho em você — disse Bree com entusiasmo, pegando a bebida e se virando para falar com

Cameron.

Oh, meu Deus. Meu corpo ficou tenso de pavor, embora eu não esperasse nada menos dela.

— Ela gosta de *latte* de caramelo, homens que saibam que o clitóris não é um personagem fictício e de árvores de Natal de verdade — informou ela como se ele estivesse sofrendo de perda auditiva.

O olhar cáldo de Cameron permaneceu em mim, seu sorriso aumentando a cada palavra que ela falava.

— Vou manter isso em mente — respondeu ele, imperturbável pela franqueza dela, seu olhar persistente antes de lhe dar toda a atenção. — Parabéns, eu sempre quis ir para Fairy Pools.

— Obrigada — disse Bree enquanto prendia a respiração. Ele tinha ouvido cada palavra? Provavelmente, não, mas eu tinha certeza de que ouvira as palavras de Bree, porque ela não sabia falar sem gritar. Tinha me acostumado com isso ao longo dos anos, mas The Violet Hour não era o melhor lugar para conversar com uma sulista surda. Meu rosto ficou vermelho de vergonha quando mais bebidas foram entregues e nossa garçonete se inclinou.

— O cavalheiro queria que eu perguntasse se você não gostaria de tomar um café no sábado?

— Ele perguntou? — Bree refletiu maliciosamente antes de se voltar para Cameron. — Ela estará lá às onze. A garota é uma coruja e gosta de dormir até tarde.

Os lábios de Cameron se contorceram com a sinceridade de Bree.

— Anotado e obrigado...

— Eu sou Bree — disse ela, inclinando o copo na direção dele.

— Obrigado, Bree.

Ele ficou de pé, apertando a mão de seu colega de mesa, exatamente quando uma morena alta se aproximou. Continuei a encará-lo quando ela pegou a mão de Cameron em saudação e soltei outro suspiro de alívio quando esta se acomodou em seu assento recém-abandonado.

Não está com ela. Ele não está com ela.

E nem está dando atenção a ela. Ele fez questão de chamar a minha atenção antes de desaparecer atrás da cortina.

— Isso foi um olhar do caralho — disse Bree. — Ele é enorme, tipo. . . Droga. Aposto que jogou futebol ou algo mais sexy. Ooohhh, rugby.

Ela balançou as sobrancelhas quando afundei na minha cadeira.

— Bree — eu assobieei. — Por que mulher? Por que você faria isso? Acabei de te dizer que o rejeitei.

— Ouça aqui, sua vaca — disse ela, enquanto esfregava as têmporas na tentativa de impedir que minhas mãos circulassem seu pescoço. Bree adorava me chamar de vaca quando tinha algo a dizer. Ela alegava ser uma coisa do sul. — Aquele é o cavalo em que você vai montar para voltar à ativa. Chame como quiser: 'Abbie recuperou o ritmo' ou 'Abbie recuperou o equilíbrio'. Não me importo. Mas você estará no café neste sábado e estará receptiva a aquele homem. Você me ouviu?

Um coletivo "sim" foi assobiado em todas as direções para nós. Eu não tinha escolha a não ser corar, porque era a norma. Uma vez pediram a Bree para falar mais baixo em um show. Quem diabos ganha um sermão por se exaltar em um show? Bree. Ela se recostou, satisfeita com o espetáculo, enquanto lançava a voz na direção das cadeiras ao nosso redor.

— Bom, então vocês podem me pagar uma bebida para comemorar o meu futuro casamento.



Três

Abbie

— **A**bbie, como foi o seu fim de semana? — Kat gritou quando passei pela porta do escritório e coloquei minha bolsa encharcada ao lado da minha mesa. Fui cumprimentá-la e a encontrei folheando uma pasta. Eu parecia uma vira-latas molhada, mas não tinha um único fio de cabelo fora do lugar. Estudei-a cuidadosamente. Kat era bonita, estilo *Branca de Neve*, com cabelos escuros, pele pálida e lábios vermelhos, mas às vezes tinha um temperamento estranho. Ela era uma daquelas mulheres cujo humor você precisava avaliar para saber se estava em *um daqueles dias*.

Quando comecei a prestar consultoria na empresa em que ela trabalhava, há um mês, recebi a hostilidade esperada e subjacente quando fomos apresentadas. Foi tumultuado por um tempo, mas desde então nos tornamos amigas.

Kat e eu sempre éramos sempre as duas primeiras a chegar à torre de prata da Preston Corp. No vigésimo segundo andar, Preston

estava perdendo dinheiro, e foi aí que eu entrei. Kat chefiava a divisão de Finanças e seu trabalho era incrível. Trabalhávamos em estreita colaboração e, a cada dia, eu lhe dava garantias de que a redefinição do departamento não se devia a nenhuma má gestão da parte dela.

Ela ergueu os olhos e me deu um sorriso sincero, o que era um bom sinal.

Respirei fundo e sorri de volta.

— Bem, meu fim de semana começou muito bem e ficou um pouco estranho — respondi. — Tive um flerte com um homem lindo, mas por alguma razão esquecida por Deus, eu o rejeitei e depois esbarrei nele novamente no dia seguinte. Realmente não acredito no destino, mas foi como se algo estivesse nos puxando um para o outro. Ele me convidou para tomar um café, e tenho certeza de que não irei, por isso, acabarei adotando gatos, já que sou a última das minhas amigas a se casar.

— Ah! — ela zombou, fazendo-me pular na minha cadeira. — Fuja para as colinas. Confie em mim, o casamento não é tudo isso que se espera. — Ela enfiou a bolsa na gaveta da mesa, enquanto a evidência de dois quilates de seu estado civil brilhava em seu dedo. — Sério, não é um *piquenique* no parque.

— Diga-me como você realmente se sente — eu ri quando ela se juntou a mim antes de seguirmos para a copa para uma dose de energia proporcionada por cafeína.

O rosto de Kat se contorceu de nojo enquanto ela pegava duas canecas e as colocava no balcão, sua figura esbelta envolta em um novo vestido de grife. Ela fora ginasta quando mais jovem e era meio que uma celebridade no meio. Revelou isso para mim enquanto comíamos um sushi passado, quando passamos uma das muitas noites trabalhando até tarde.

Embora ela demonstrasse ansiedade por conta de sua posição, eu tinha a sensação, através de nossas conversas, de que o dinheiro não era uma de suas apreensões. Eu sempre me perguntava se a principal preocupação dela tinha a ver com o marido do qual ela sempre reclamava.

— Ultimamente, ele é um inútil — ela se exaltou enquanto batia o adoçante artificial em sua xícara com unhas perfeitamente feitas. O telefone tocou no balcão enquanto ela mexia no açúcar. — Falando no diabo — disse ela, antes de atender à ligação. — Oi, Jefferson. Não é um bom momento. — Uma breve pausa. — Podemos discutir isso mais tarde? Estou no trabalho.

Fiquei ao lado da máquina de café enquanto Kat o ouvia, e seus olhos ficaram frios enquanto ela vomitava veneno.

— Eu disse que não queria. Não, não, não depende de você. Por que estamos falando sobre isso de novo? Sério, por quê? Vai porra nenhuma! Jesus Cristo, eu estou no trabalho — ela sussurrou. — Não tenho tempo para falar sobre isso. Vá brincar com seus brinquedos. — Ela olhou para mim e revirou os olhos. — Não, não, não. NÃO! Me escute. Ouça o que estou falando. Chega! Não está em discussão, e é ridículo. — Suspirou quando terminou a ligação. — *Vê? Muito* divertido.

Não fiz perguntas. Já tinha ouvido mais de uma daquelas conversas e me sentia mal pelo pobre homem. Kat era horrível para ele. E embora eu odiasse admitir, acabei me sentindo melhor comigo mesma naquele momento. Eu não conversaria com meu pior inimigo do jeito que ela falava com o marido, muito menos com o homem com quem jurei viver para sempre. Na verdade, eu já tinha recebido muitos insultos semelhantes. Sabia muito bem como era.

Talvez eu realmente estivesse melhor sozinha.

Kat pegou sua xícara e suspirou.

— Eu sou dura, sei disso. Mas não consigo lidar quando ele fica todo carente.

— Ei, eu não estou julgando — menti.

Ela deu de ombros, e eu pude ver pouco ou nenhum remorso em seus olhos pela maneira como acabara de falar com o marido.

— Mas não vou fazer mais isso por hoje. Talvez eu apenas chegue em casa e transe com ele até seu cérebro explodir para manter a paz por um tempo.

— *Isso* é uma conversa boa para uma manhã. — Nós duas nos viramos para ver Avery — um recém-contratado temporário — na porta com um sorriso igual ao do gato da Alice.

— O que você ouviu? — Kat disse com uma risadinha imprópria para uma mulher de trinta e poucos anos.

— Algo sobre transar até cérebros explodirem. E se não fosse contra a política da empresa ter essa conversa, eu te mostraria que não é assim que a anatomia funciona.

Kat riu novamente, ferida, enquanto eu revirei os olhos. Ela caía naquelas piadinhas mal-intencionadas dele todos os dias. Eu tinha me cansado delas depois dos primeiros dez minutos que passei com ele, mas não era o meu saco que ele gostava de encher. Com nossos cafés nas mãos, Kat e eu partimos para começar nosso dia, trabalhando durante o almoço e eliminando a maioria dos itens da nossa lista de tarefas.

Depois de horas de digitação incansável, sentei-me à mesa dela e conversamos com nossas bocas cheia de camarão Lo Mein. Minha mente voltou-se para Cameron. Fiquei pensando no sorriso dele nos últimos dois dias. Embora estivesse me repelindo mentalmente, não sabia se estava pronta para algo além de um flerte. Mas já fazia algum tempo desde que tinha sonhado com alguém.

Kat estava distraidamente digitando uma lista de anotações. Ela sempre preferira trabalhar a comer. Eu a invejava por seu corpo esbelto, embora fosse um pouco magra demais.

Coloquei minha comida sobre a mesa e esfreguei meus olhos exaustos.

— Que horas são?

— Seis e Meia.

— Seis e Meia?!

Eu não podia acreditar que ficamos perdidas em trabalho por tanto tempo. Eu estava exausta, mas Kat parecia pronta para uma segunda rodada. Eu odiava andar de trem na cidade à noite. Arrumei rapidamente as minhas coisas, mas Kat não se mexeu.

— Você não quer ir para casa?

Kat desviou o olhar.

— Na verdade, não. Mas acho que vou, só para fazer sexo. — Ela suspirou, cansada, levantando-se para se alongar, e eu sorri.

— Você é uma filha da mãe de verdade, sabia disso? Alguns de nós não têm o luxo de poder fazer sexo regularmente — lembrei a ela enquanto jogávamos fora o lixo e pegávamos nossas bolsas. — Talvez você devesse apenas tentar ser feliz.

— Você não o conhece — ela revirou os olhos.

— Você o ama? — perguntei.

Ela olhou para mim, pensativa, quando entramos no elevador.

— Sou casada há quatro anos, mas fiquei *apaixonada* por menos tempo. Essa é a resposta mais honesta que posso lhe dar. Meu casamento é um exemplo de merda. Não deixe minha experiência influenciar você. E, a propósito, eu tinha a sua idade quando me casei. Ele é mais jovem.

— Papa anjo, hein? — falei brincando, erguendo as sobrancelhas.

Ela balançou a cabeça com um sorriso irônico.

— Eu não deveria ter te contado.

— Ah, deveria *sim* — discordei com uma risada. Ela revirou os olhos enquanto atravessávamos as portas duplas do saguão.

— Tome cuidado. Você nunca conhece alguém de verdade, a menos que esta pessoa queira que você a conheça — ela disse distraidamente. — Te vejo amanhã.

Ela inconscientemente atingiu um nervo.

Meu medo oculto.

Que nenhum homem poderia ser confiável.

Que todo homem poderia me machucar.

Consegui emitir um “boa noite” quando peguei o telefone barulhento no bolso e vi a mensagem recebido.

Rhonda: Quais são seus planos para junho do próximo ano?

Logo depois, ela enviou um emoji com um sininho de casamento. Olhei para o céu e balancei a cabeça. Meu anjo da guarda deveria

ter tirado o ano de folga ou decidido que eu era tão patética que decidi me abandonar.

Provavelmente depois que deixei Cameron escapar naquele café.

Olhei para a mensagem. Rhonda sabia que eu tinha visto a mensagem. Se não respondesse, ficaria achando que eu estava com ciúmes, culpa ou ambos.

Eu: Parabéns! Junho é todo seu! Estou em uma reunião. Ligo depois!

Apertei enviar antes que meu telefone tocasse na minha mão com uma ligação recebida. Ainda bem que não era Rhonda me ligando à toa. Suspirei e toquei na tela para atender.

— Oi, mãe. Não posso falar agora. — Observei Kat desaparecer no estacionamento e comecei a caminhar em direção ao trem.

— Que maneira de cumprimentar a mulher que te carregou em seu corpo por nove meses. Eu tenho estrias por sua causa, você pode me dar cinco minutos. —

Suspirei.

— Eu sou realmente tão ruim assim? — ela perguntou de brincadeira, embora eu soubesse que tinha magoado seus sentimentos.

— Não. Eu sinto muito. Estou apenas distraída. Um homem incrivelmente bonito me convidou para tomar um café no sábado, e não tenho certeza se quero ir.

— Por que diabos não? Já faz tempo suficiente. Vá se divertir.

Eu estava sendo consolada por minha mãe e podia sentir o sangue de uma velha solteirona começar a circular pelas minhas veias.

— Sim, bem, está a verdade. Estou farta de toda essa merda. Estou superando, de verdade. E trabalhando muito. Quero dizer, não quero ficar sozinha para sempre, mas não tenho certeza se

quero isso agora. Estou em uma encruzilhada estranha. Dizem que acontece quando você menos espera, certo? Estou tentando muito não esperar nada.

— Falando em esperar, tem alguma ideia de onde está o seu irmão? Ele prometeu vir jantar esta semana.

— Ele é um merda. Ontem me ignorou no almoço.

— Ele provavelmente está em sua fortaleza — disse ela, referindo-se à sua cabana na floresta. Um lugar que eu não ousaria visitar.

— É um idiota.

— Você assiste muita porcaria — ela desprezou.

— Mãe, Ted Kaczynski morava na floresta. OK? O Unabomber. As pessoas só vão ao bosque para cozinhar metafetamina, endogamia, planejar assassinatos, executá-lo e enterrar os corpos.

— Ou caçar, pescar, relaxar e curtir a natureza.

— Ou, no caso de Oliver, esconder-se da moça da semana passada de quem ele já cansou. — Meu irmão era um playboy que frequentemente criava seu próprio drama. Na adolescência, ele fora um desmiolado e causara problemas suficientes para nós duas. E, assim, minha mãe decidiu colocar todas as suas expectativas elevadas em mim. Ela o amava incondicionalmente, porque não tinha escolha.

— Ele provavelmente a engravidou — acrescentei.

— Acredito que sim. Sinceramente, não me importo, desde que eu consiga um bebê.

— Mãe! — repreendi com uma risada. — Você realmente não quer que ele se reproduza, não é? Quero dizer, não queremos o ego daquele doido sendo perpetuado.

— Meus dois filhos estão demorando uma eternidade para me dar netos — ela repreendeu. — Pensei que você e...

— Você ligou por algum outro motivo? — eu a interrompi. Ela ia falar sobre o meu ex, Xavier, como sempre fazia. Terminamos há muitos anos. E acho que o coração dela se partiu mais do que o meu. Não estava com paciência para reviver aquela conversa.

— Sim — ela disse alegremente. — Venha jantar comigo, estou fazendo lasanha.

— Não. Mãe, eu sei que você está tentando me animar, mas só quero relaxar em casa.

— Ok, querida, mas o convite está sempre aberto. — Pude ouvir a decepção em seu tom. Eu estava agindo como uma idiota com minha própria mãe.

Peguei meu cartão antes de ir em direção ao trem.

— Você acha que eu sou cruel?

— Cruel? — Ela riu. — Não, querida, você tem um coração de ouro e uma boca como nenhuma outra. Você não fala besteira e se recusa a dar elogios falsos. Muitas pessoas amam sinceridade, mas elas adoram especialmente os falsos elogios.

— Então, eu sou amarga?

— Um pouco, mas quem não é? A vida nos deixa assim, e você não é mais uma garota. Você não é mais a rainha do baile.

— Puxa, obrigada — eu disse enquanto caminhava pelo longo corredor, olhando em volta para ver que estava sozinha.

— Só quero dizer que você não é idiota. Nós te criamos para ser exigente, Abigail. Não queremos que se acomode. E além do idiota a quem você quase se entregou no ano passado... Como era o nome dele?

— Por favor, não vamos... — disse, enquanto minha coluna se retesava em alerta. Tudo o que ela sabia era que eu tinha namorado Luke. E a parte assustadora era que ela não se lembrava do nome dele. Mas Bree, sim.

— Aproveite a calmaria, menina. Eu prometo que isso vai melhorar, e quando acontecer, não deixe que ela te acomode. Escute seus velhos.

— Eu ouço vocês. Eu sempre ouço vocês — falei com orgulho. Minha mãe era fotojornalista e humanitária ganhadora do Prêmio Pulitzer. Suas fotos ganharam inúmeros prêmios em todo o mundo e mudaram inúmeras vidas. Ela estava saudável aos sessenta e três anos, casada com o amor de sua vida — meu pai — e ainda realizava todos os sonhos que podiam caber em sua enorme vida. E embora estivesse realizada, recusava-se a parar de fazer o que o seu coração desejava. Ela era um grande exemplo para mim.

— Você é fora de série, sabia disso? Provavelmente deve estar pesquisando sua próxima viagem enquanto mexe o molho. Só a minha mãe tentaria salvar o mundo enquanto fazia uma lasanha.

— Você deposita muita fé em mim. Minha lasanha não é tão boa.

— Sim, é, e você também.

— Lisonjeira, hein? — Ela riu.

— Estou tentando ser mais gentil. Como isso soa?

— Como se estivesse se esforçando demais. E você é legal. Você é um coração enorme, sabia disso? Ouça, querida, sei que você quer *tudo* agora. É assim desde que era pequena, mas precisa querer o que *tem* no momento.

— Isso está se tornando quase uma palestra. E eu estou tentando, finalmente, seguir em frente. — Se ela soubesse que isso era um baita eufemismo...

— Abbie, você é linda, bem-sucedida e totalmente independente. Eu diria que meu trabalho está feito, mas espero que você nunca pare de precisar de mim.

Meu coração se partiu um pouco com as palavras dela. Talvez eu costumasse ser tudo isso antes de conhecer Luke, mas ainda estava lutando para recuperar quem eu era. Muitas vezes, queria contar a ela o que acontecera, mas, a cada oportunidade, eu engasgava. Não fora diferente naquele momento, pois fiquei em silêncio com o telefone na mão esperando no metrô. Ela tomou esse silêncio como confirmação de que eu precisava de mais incentivo.

— Abbie, você trabalhou duro por todo o seu sucesso e precisa se lembrar disso quando for convidada para ir a outro casamento.

Ela sabia. Claro que ela sabia.

— Como você sabe?

— Eu posso ouvir na amargura de sua voz. — Ela riu. — Quem é desta vez?

— Rhonda Ziglar, e ela tem trinta e dois anos, então isso me dá esperança. Outro vestido de dama de honra. Outra parceira no crime vai me abandonar. Mãe, todas as minhas amigas turbulentas estão se acalmando.

— Abbie, veja dessa maneira: se você fosse uma pessoa de merda, ninguém iria te querer como madrinha em seus casamentos.

— Vou fazer um brinde terrível. Talvez isso assuste as próximas
— falei com um suspiro. — Vou ter um armário cheio de vestidos como aquela garota naquele filme.

— Eu não assisto a filmes, e você sabe disso. Venha para casa. Vamos comer lasanha, planejar seu brinde e beber muito do uísque caro do seu pai.

De ombros caídos, balancei a cabeça, embora ela não pudesse ver. Não sabia como isso era possível, mas a minha mãe era mais legal do que eu.

— Estarei aí em algumas horas.



Quatro

Abbie

No sábado seguinte – decidindo adiar meu dia de folga para domingo – sentei-me na minha mesa favorita no Sunny Side usando um suéter creme, jeans apertados e botas confortáveis. Disfarcei minhas sardas e usei meu brilho labial favorito. Com minhas madeixas comportadas e amarradas, tomei um gole de *latte* com caramelo – chantilly extra – e liguei meu Mac, apenas por precaução. Eu não tinha visto Cameron esperando quando entrei e ignorei o ligeiro turbilhão de decepção. Talvez ele tivesse conhecido alguém que aceitara seu convite para uma bebida, alguém menos complicado do que eu. Eu teria que engolir isso. Se não fosse Cameron, talvez fosse outra pessoa.

Abigail, hoje você estará aberta a possibilidades. Deixará sua cara de cadela cínica e amarga do lado de fora. Você visualizará o que deseja e fará isso com os olhos bem abertos e a mente clara.

Você é louca. Você perdeu a cabeça e parece um livro de autoajuda. Perceba o quanto você é louca.

Enterrei meu rosto nas mãos e suspirei antes de afastar meu pessimismo por um momento. Depois de tomar dois copos de café, aconteceu:

Mac de Cameron: Olá. Desculpe, estou atrasado.

Espiei por cima da tela para ver um sorriso à minha espera. O homem parecia um modelo de anúncio de perfume. Eu queria rasgar suas roupas, arranhá-lo e cheirá-lo por inteiro, não necessariamente nesta ordem. Meu estômago se revirou quando o suave zumbido de sua presença flutuou sobre minha pele. Ele usava um suéter fino por cima de um jeans escuro – que eu achei sexy – e botas de couro marrom.

Olhos divertidos me estudaram enquanto seus cílios pretos piscavam sobre suas bochechas e ele inclinava a cabeça em admiração. Sua expressão era tão sedutora quanto suas covinhas perigosas. Eu tive que desviar meus olhos para responder.

Mac da Abbie: Olá. Tudo bem, eu estava apenas colocando em dia o trabalho.

Mac de Cameron: O que você faz?

Mac da Abbie: Sou consultora financeira corporativa. É um começo de conversa bastante chato. Mas eu gosto de números.

Mac de Cameron: Não é chato se você gosta. Parece que você está de bom humor hoje.

Lancei a ele um sorriso atrevido.

Mac da Abbie: Em comparação ao quê?

Mac de Cameron: À bruxinha que encontrei na última vez em que nos encontramos aqui.

Abri minha boca em um choque fingido e apontei para mim mesma.

Mac da Abbie: Que rude!

Mac de Cameron: Mas é a verdade. Mesmo assim, paguei seu café.

Mac da Abbie: Eu disse que não queria. Só fui educada.

Cameron levantou sua caneca com os dizeres: *Nem todo mundo quer lutar Kung-Fu*. Eu ri e balancei minha cabeça. O clima mudou. Deixei-me afundar na atmosfera divertida e confortável que se formou entre nós. Eu poderia fazer isso.

Isso pode ser fácil. E será que posso ousar esperar que seja divertido?

Mac da Abbie: Vou deixar você me pagar uma xícara hoje, mas existem regras.

Ele franziu a testa.

Mac de Cameron: Já?

Mac da Abbie: Sim. Será assim entre nós, ou seja, você e eu, um café. Assim, atrás dos nossos computadores.

Mac de Cameron: Café como verbo? Gosto disso. Mas sem conversa verbal?

Ergui meu dedo, pedindo para que ele me ouvisse.

Mac da Abbie: Veja bem... Primeiro, não sei se você está interessado em... mais que café.

Mac de Cameron: Estou muito interessado em... mais que café. Mas tudo bem se for apenas café também.

Mac da Abbie: Eu sou antiquada. E eu estou muito chateada com toda essa porcaria de tecnologia sendo o novo padrão. Não sou grosseira, mas é como se eu tivesse acordado de uma soneca monogâmica e o romance tivesse morrido. O que aconteceu com conhecer uma pessoa antes de sair abrindo as pernas? Eu estava falando sério quando disse que já recebi muitas fotos de pau. Tenho provas.

Mac de Cameron: Então, você salvou as fotos dos paus? Sua pervertida.

Meu queixo caiu.

— Não, não é isso — falei em voz alta.

— Shhh — Cameron apontou para o teclado.

Mac da Abbie: Como eu disse, não estou procurando romance no sentido de Orgulho e Preconceito, cheio de pudores, embora o Sr. Darcy tenha sido o padrão que estabeleci para mim quando eu tinha doze anos. Não preciso ter o Sr. Darcy, mas pelo menos um tipo romantismo dos anos 90. Só acho que toda essa era digital arruinou o romance. Não tenho a mentalidade do novo milênio. Pense nisso, quando foi a última vez que você viu um casal de mãos dadas ou, nesse caso, alguma demonstração afetiva? Além dos meus amigos, Bree e Anthony,

não me lembro da última vez em que vi um casal e invejei a conexão deles. É triste pra caramba.

Mac de Cameron: Entendi o que você está dizendo. Isso é legal. E sua virtude de donzela está segura comigo no momento. Também estou um pouco cansado. E pela aparência da sua xícara, já estou bem pé no chão.

Ergui orgulhosamente a minha caneca, que dizia: *Lágrimas Masculinas* e tomei um gole.

Ele balançou a cabeça com uma risada enquanto tentávamos conversar, enquanto eu sentia nossa conexão. Era forte, e eu sabia que ele também sentia.

Mac de Cameron: Mas você tem que admitir que para alguém tão inflexível em relação a seus valores antiquados, esse arranjo torna seu argumento um pouco discutível.

Mac da Abbie: *Touché*. Mas, veja bem, eu estou usando isso a nosso favor.

Mac de Cameron: A seu favor.

Mac da Abbie: Que seja, a meu favor. Misturando antiguidades com a modernidade. Vejo isso desta forma. Temos todas as vantagens de podermos nos ver, saber como o outro se parece. Temos uma recepção visual clara, mas manteremos as coisas assim.

Mac de Cameron: Até quando?

Mac da Abbie: Até ficarmos menos hesitantes. E não vamos nos antecipar, é apenas café. Quero dizer, hoje é apenas café. Amanhã...

Dei de ombros para enfatizar meu ponto. Eu estava sendo completamente honesta, e me dei um tapinha nas costas por isso.

Mac de Cameron: Por mim tudo bem. Até onde eu sei, você poderia andar com uma boneca de vodu na sua bolsa.

Daquela vez eu não controlei meu sorriso. Nós nos encaramos por alguns segundos antes de eu receber uma mensagem.

Mac de Cameron: Podemos trocar elogios?

Não tive chance de responder.

Mac de Cameron: Porque se eu estivesse em pé, esse sorriso teria me derrubado. Qual é a próxima regra?

Apesar dos meus batimentos cardíacos acelerados, continuei. Se eu tivesse alguma chance de avançar, não queria olhar para trás. E não queria que meus medos impedissem nada de novo.

Mac da Abbie: Podemos deixar nossa bagagem de relacionamentos passados de fora.

Ele me estudou por um momento antes de digitar.

Mac de Cameron: Nada além de quem somos agora, neste momento, e para onde estamos iremos ou para onde queremos ir.

Mac da Abbie: Exatamente. Sem cobranças.

Mac de Cameron: Parece perfeito, mas se fizermos dessa maneira, teremos uma condição.

Mac da Abbie: Manda.

Mac de Cameron: Não vamos exigir perfeição em absoluto.

Mac da Abbie: E nenhuma promessa que não possamos cumprir de forma realista.

Seu lento aceno de cabeça foi a confirmação de que estávamos chegando a algum lugar.

Mac de Cameron: Vou apenas salientar agora que odeio ter que encarar a fruta proibida em vez do que está por trás dela.

Mac da Abbie: Somos dois.

Mac de Cameron: Me empreste aquele vestido que você usou na outra noite para que eu possa dificultar as coisas para você.

Eu sorri e balancei a cabeça.

Mac da Abbie: Senso de humor, gosto disso. Minha mãe acha que eu sou uma engraçadinha de primeira classe.

Ele pegou outra xícara escondida atrás de seu Mac e tomou um gole como se quisesse mostrá-la para mim. A mensagem era: *Somente os sarcásticos sobrevivem.*

Mac da Abbie: Eu deveria usar isso na minha primeira tatuagem. Quantas xícaras você tem aí?

Inclinei-me para o lado e espiei atrás do Mac e vi mais algumas.

Mac de Cameron: Estou preparado hoje.

Mac da Abbie: Ok, mostre-me todas.

Ele levantou lentamente a primeira: *Bom dia, flor do dia*. Lancei a ele um sorriso torto que rapidamente se transformou em uma careta quando ele ergueu outra xícara, que dizia: *Mostre-me seus gatinhos*. Eu apalpei minha boca para esconder meu sorriso.

Sua terceira xícara apareceu. *Eu amo clitóris*.

Mac da Abbie: Sério?

Mac de Cameron: Muito grosseiro, eu concordo. Mas estava seguindo o conselho de sua amiga, Bree. E, só para que você saiba, eu sei que o clitóris não é um personagem fictício.

Usei a mesma palavra que ele usou na noite no bar.

Mac da Abbie: anotado.

Ele levantou um dedo e pediu que eu aguardasse, enquanto me mostrava sua próxima xícara que dizia “*Adoro seu rosto*”.

Mac da Abbie: Muito melhor.

Sobrancelhas grossas e esculpidas se ergueram duas vezes em sua testa, enquanto ele erguia a última xícara. *Pode me chamar de bem-dotado*. Revirei os olhos quando ele deu de ombros.

Mac da Abbie: Você está em algum ponto entre perfeito e pervertido neste momento.

— Eu estava com pressa — disse ele, de onde estava. Pressionei o dedo nos meus lábios, como se fosse uma bibliotecária.

Mac de Cameron: Sério? Não vamos mesmo falar nada?

Mac da Abbie: Vamos falar muito. Como estamos falando.

Ele recostou-se brevemente com um sorriso devastador antes de se inclinar e digitar.

Mac de Cameron: Ok, Abbie. Por onde começamos?

Eu estava tentando tanto pensar em algo inteligente, espirituoso, algo... *mais*, mas as palavras me falharam enquanto nos

encarávamos. Era perfeito. Mais que perfeito. Eu não tinha motivos para ter medo. Tínhamos todas as vantagens de um encontro, exceto pelo aspecto físico, para o qual eu sabia que não estava pronta, apesar da minha libido furiosa. E eu precisava dessa distância para poder me aproximar. Isso poderia funcionar. Outro sorriso meu o fez morder o lábio e balançar a cabeça. Deus, ele era lindo. Vinda do lado de fora da janela atrás dele, uma única folha de bordo dourada pousou em suas costas antes de seguir em direção ao céu bem iluminado. E a partir daquele momento, eu sabia que passaria meus sábados acompanhada por xícaras de café.



Cinco

Abbie

Xícara número nove

Era o nosso terceiro sábado, e eu tinha que admitir que andava sonhando acordada durante a semana antes dos meus encontros com Cameron. Quando ele pediu para nos vermos de novo, não hesitei em aceitar. Uma data definida para o café todos os sábados, sem expectativas, o que poderia ser melhor?

Naquela manhã, quando apareci, ele estava me esperando. Passei por ele, dando-lhe o meu melhor sorriso, com uma xícara fumegante na mão que dizia *Querido Karma, tenho uma lista de pessoas que você perdeu*. Olhei para a xícara dele e vi que estava escrito: *Já estou aqui. Quais são seus outros dois desejos?*, e seus olhos passaram por mim antes de eu me sentar. Embora a

cafeteria estivesse movimentada, fiquei animada ao ver a placa manuscrita que dizia RESERVADO antes de pegar a margarida fresca que ele colocou nela e abrir o meu Mac.

Mac da Abbie: Obrigada.

Mac de Cameron: Infelizmente eles não tinham ervas daninhas e oleandros.

Mac da Abbie: Estou cheia de venenos mortais em casa. Mas obrigada, praticarei minha magia negra com sua margarida.

Lancei a ele um sorriso íntimo. Nosso relacionamento estava se transformando em algo... familiar. Ele ainda zombava de mim, me chamando de bruxa por causa do dia em que nos conhecemos, e eu não tive problemas em sacaneá-lo por conta de sua escolha de xícaras. Enquanto eu tirava meu casaco, uma onda de rubor surgiu no meu rosto. Eu não precisava olhar para saber que ele estava me examinando. Quando me senti confortável, a primeira pergunta de Cameron estava me esperando. Era como se estivesse ansioso para descobrir o que eu digitaria, o que só me deixou mais animada para responder.

Mac de Cameron: Diga-me algo que ninguém sabe sobre você. Que você nunca contou a ninguém.

Mac da Abbie: Não tenho nada.

Cameron recostou-se no banco, as mãos ao lado do corpo, os dedos grossos, polvilhados com pelos escuros e agarrados ao banco de dois lugares onde ele se sentava. Olhos fixos nele, demorei em minha avaliação. Ele não havia me decepcionado até

aquele momento. Ele estava sempre bem vestido, o que eu descobri ser típico dele, não importava a ocasião. Naquele dia, ele usava algo esportivo e elegante – calças de moletom e uma camisa esportiva de mangas compridas e com zíper. Um gorro preto cobria seus cabelos cor de café e delineava seu rosto esculpido.

Assim que terminei de analisá-lo, apesar de nunca ser o suficiente, notei o tom desafiador em suas profundezas verdes enquanto ele olhava para o meu rosto.

Ele estreitou os olhos antes de digitar.

Mac de Cameron: Respondeu muito rápido. O que você está escondendo?

Olhei para o teto, como se estivesse pensando no que dizer, mas teclei a única coisa que consegui pensar desde que ele fez a pergunta.

Mac da Abbie: Ótimo. Eu nasci em um sanatório.

Uma risada explodiu quando ele olhou por cima das nossas telas e murmurou:

— Sério?

Não o repreendi por seus sussurros, apesar da nossa regra de não falarmos. Bem, a regra era *minha*. Ainda assim, ele estava se esforçando para manter nosso acordo.

Mac da Abbie: Sim. Hospital e Sanatório Hinsdale. No minuto em que nasci, eles mudaram de nome. Você não parece muito surpreso.

Mac de Cameron: Não estou. Você é um tipo maravilhoso de louca. Você é puro fogo, sabia disso? E... porra está tão linda.

Eram esses tipos de comentários que me mantinham grudada naquela cadeira por algumas horas todos os sábados. Ele não era econômico com seus elogios. Ele os distribuía quando eu menos esperava. A conversa fluía, mas ele me surpreendia de vez em quando, e minha reação era sempre a mesma. Meu peito apertava, um nó preenchia minha garganta quando eu olhava para ele e murmurava "Obrigada". Esses breves momentos me diziam que ele queria deixar claro que estava interessado em mais do que tomar café comigo.

Mac de Cameron: Você cresceu em Chicago?

Eu assenti.

Mac da Abbie: Sim, principalmente. Até os treze anos, quando meus pais compraram uma casa em Naperville. Eu amo nossa casa lá, mas sempre quis voltar para a cidade. Sou uma garota apegada. E você?

Mac de Cameron: Vim para a faculdade, mas nasci e cresci nas Cataratas do Niágara. Eu morava na cidade, mas me mudei para cá há pouco tempo.

Cameron possuía uma pequena cadeia de lojas de artigos esportivos. Ele me disse que seu sonho era jogar na NBA e, embora nunca tenha acontecido, ainda treinava um time de ensino médio em meio período.

Mac da Abbie: Bem-vindo ao bairro.

Mac de Cameron: Você é um baita de comitê de boas-vindas.

Ele piscou, e eu senti minhas reações nos dedos dos pés.

Mac da Abbie: Se você não estivesse tomando café comigo, treinador, o que estaria fazendo?

Mac de Cameron: Correndo, jogando basquete enquanto falava merda sobre os Packers com meu amigo Max, que acha que ursos pertencem à floresta, não à NFL.

Ele estava se referindo aos Chicago Bears, os Ursos de Chicago, time de futebol americano.

Mac da Abbie: Eu odeio a floresta. Fã de futebol também?

Mac de Cameron: Fã de todos os esportes. Não perco um único jogo do Bears. Estou com um deles passando em outra janela na minha tela.

Mac da Abbie: Não sei se devo me sentir lisonjeada ou ofendida.

Mac de Cameron: Lisonjeada, definitivamente.

As covinhas. Elas me matavam.

Mac de Cameron: O que há de errado com a floresta?

Mac da Abbie: Nada de bom acontece lá.

Mac de Cameron: Que pena. Eu amo o ar livre.

Mac da Abbie: Eu também, desde que esteja alinhado com cimento e cafeterias.

Mac de Cameron: Fofo. Posso dizer algo sem você ficar ofendida?

Mac da Abbie: Talvez.

Recebi um sorriso.

Mac de Cameron: Eu sabia que essa seria a sua resposta. Vou dizer mesmo assim. Gosto das suas sardas e esperava vê-las hoje.

Mac da Abbie: Sério?

Mac de Cameron: Sério. Eu também sinto falta da mancha de caramelo no seu queixo.

Ergui minha xícara e esfreguei um pouco da lateral dela no meu queixo, sentindo-me feliz demais para evitar. Percebi depois quão idiota era aquele movimento, mas Cameron sorriu como se tudo estivesse certo com o mundo. Folhas amarelas balançavam na árvore atrás dele e começaram a inundar o chão.

Mac da Abbie: Eu amo o outono.

Os olhos de Cameron não se afastaram dos meus quando ele murmurou:

— Eu também. — Ele hesitou brevemente antes de digitar.

Mac de Cameron: Quer dar um passeio? Apenas cimento, prometo.

Mac da Abbie: Ainda não.

Ele deixou de lado a resposta e digitou.

Mac de Cameron: O que você faria se não estivesse aqui comigo?

Estaria memorizando os padrões de serial killers.

Deus, não era de se admirar que eu morasse sozinha. Como ele acharia que isso era normal? Certamente, eu não deveria ser a única fascinada por eles. Havia milhares de estudos dedicados à mente psicótica.

Que se fodesse.

Mac da Abbie: Assistindo a algum filme como Snapped, lendo um livro sobre serial killers ou comprando um travesseiro novo para a minha cama.

Hesitei antes de clicar em enviar. Mas fiz. Enquanto ele lia, suas sobrancelhas se ergueram ao ponto de quase atingirem sua linha do cabelo.

Mac de Cameron: Não esperava isso.

Mac da Abbie: Sim, eu estou apenas apresentando meu show completo de loucura e bruxaria hoje. Deixe uma gorjeta ao barista quando for embora fugido.

Seu peito explodiu com sua risada.

Mac de Cameron: É legal. Quero dizer, essa merda é fascinante para alguns, mas não sei se seria o meu ritual de sábado. Que tipo de bruxa tem medo da floresta?

Estreitei meus olhos. Ele riu e foi facilmente perdoado.

Mac de Cameron: Espero que você entenda que esse seu hobby não saudável pode ser a razão pela qual não vamos dar um passeio ou não iremos àquele jogo do Bears e nem tomaremos uma cerveja gelada. Provavelmente também é por isso que não vou conseguir sentir a sensação de segurar sua mão até o final do dia. Você sabe, ver esse tipo de coisas pode te deixar paranoica.

Mac da Abbie: Foi o que me disseram. Ultimamente ando um pouco fascinada com isso.

Mantive meus olhos baixos, e Cameron parecia analisar minha postura. Ele não pressionou. Desesperada para mudar de assunto, ofereci meu primeiro flerte.

Mac da Abbie: Qual parte do meu corpo você tocaria primeiro fingindo ser sem querer?

Havia um desafio nos meus olhos, e seu olhar tornou-se mais cálido enquanto respondia.

Mac de Cameron: Tenho uma lista extensa de partes que adoraria tocar. Que tal uma lista curta?

Eu assenti.

Mac de Cameron: Primeiro, eu descobriria uma maneira de roçar meus lábios no seu pescoço. Você tem um pescoço lindo.

Mac da Abbie: E então?

Ele balançou a cabeça.

Mac de Cameron: Desculpe por não revelar minhas estratégias tão cedo assim, intencionalmente.

Mac da Abbie: Qual o motivo?

Mac de Cameron: Porra, não faço a menor ideia.

Abaixei os olhos e deixei um zumbido borbulhar dentro do meu peito.



Seis

Abbie

— Bom dia, Abbie — a Sra. Zingaro falou enquanto eu trancava a minha porta da frente. Ela estava empoleirada em seu banco de cimento em frente ao seu jardim deteriorado.

— Bom dia, senhora Zingaro. Como vai?

Minha mãe me ensinou a ser educado, mas “*Como vai?*” era uma pergunta perigosa para a minha inquilina. Eu já sabia muito sobre ela. Demais, incluindo sua extensa lista de condições médicas que pareciam aumentar diariamente.

— Não posso mais comer laticínios, acho que sou alérgica. Assisti a um desses programas sobre alergias alimentares. E vou fazer uma cirurgia de joanete no próximo mês.

E então começou...

Enfiando meu cachecol na minha jaqueta, tirei minhas luvas enquanto descia os degraus.

— Sinto muito...

— Bem, eu amo leite. Então, é uma pena.

— Claro que é. Eu preciso ir trabalhar. É melhor a senhora vestir uma jaqueta, está muito frio aqui.

— Eu vou ficar bem. Estou esperando meu filho. Ele está vindo me buscar.

— Ah? Michael está vindo? — eu perguntei, puxando minhas luvas. — Por favor, dê um oi a ele. — Fora seu filho quem alugara o lugar para ela e a visitava sempre que podia. Era um bom homem e provavelmente uma das razões pelas quais eu ainda tinha fé no sexo masculino.

— Você deveria esperar por ele —disse ela. — Ele ficaria feliz em vê-la.

— Não posso perder meu trem — insisti, evitando seus olhos. Eu estava três passos adiante quando ela falou atrás de mim:

— Você não precisa ter vergonha. Ele nunca te culpou pelo que aconteceu.

— Vou esperar por ele outra hora. Tenho que ir.

— Ok, bem, se você tiver um tempo livre quando chegar em casa, minha lavadora está fazendo um barulho engraçado.

— Vou encontrar tempo — prometi enquanto pegava a minha bolsa e acenava para ela antes de passar pelo parque.

Esse dia já estava uma merda.



Havia dias em que o mundo não conseguia te afetar. Onde todo o peso escorregava de seus ombros. Quando a TPM não influenciava seu humor, as oscilações eram uma raridade. Mas naquela manhã em particular, Kat estava se certificando de que esses dias parecessem muito distantes.

— Do que diabos você está falando, Jefferson? Isso não é verdade! — Ela fez uma pausa enquanto caminhava atrás de sua mesa. — Deus, eu não acredito que você acabou de dizer isso. Você. É. Patético!

Estremeci ao ouvir Kat menosprezar o marido dela novamente. Em menos de um minuto, ela transformou-se de sua postura profissional para começar a rosnar para ele. Por que ela atendia ao telefone toda vez que ele ligava, eu não fazia ideia. Era como se quisesse uma desculpa para atacar. Os gritos dela eram irritantes, e eu já estava irritada. Perdi meu trem e fui forçada a pegar um táxi para ir trabalhar. E trabalhar estava se mostrando impossível devido à discussão de Kat. Sem mencionar que meus únicos planos para a noite eram checar uma máquina de lavar que não estava quebrada. O único consolo era que era sexta-feira e eu veria Cameron em menos de vinte e quatro horas.

— Oh, você deveria, sim — Kat retrucou enquanto eu continuava ali, sentada, impotente, sentindo-me na pior das posições. Claramente, a mulher não dava a mínima para a minha percepção, ou de qualquer outra pessoa, sobre seu comportamento.

Eu me levantei da cadeira em frente à mesa dela. Ela cobriu o bocal e me pegou recuando.

— Onde você vai?

Ela tinha que estar brincando.

— Te dar um pouco de privacidade — sussurrei.

— Sinto muito — disse ela e acenou com a cabeça em direção à cadeira que eu havia abandonado. Ela voltou ao telefone. — Te ligo depois. Tenho uma reunião. — Ela desligou e jogou o celular em sua mesa com violência.

Foi então que notei que Kat estava suando e seu rosto estava branco, em um tom fantasmagórico.

— Você está bem? — Eu ainda estava de pé na porta quando ela olhou para mim com os olhos arregalados.

— Sim.

— Podemos resolver isso aqui mais tarde — assegurei.

— Não podemos. *Meu* trabalho é conter os riscos, lembra?

Apertei meus lábios para não falar nada sem pensar. Nunca conheci uma mulher que podia ser tão agradável em um minuto e volátil no seguinte. Era estranho, mas quando Kat estava feliz, ela exercia o mesmo tipo de efeito que Bree tinha em mim. E apesar das constantes mudanças de cálida e fria de sua parte, eu

realmente gostava dela. Afastei todas as minhas suposições e decidi dar a ela o benefício da dúvida, porque nunca estive em sua situação. Seu casamento estava desmoronando, e ela obviamente precisava de uma amiga ou confidente, no mínimo.

— Eu sei que somos apenas colegas de trabalho, mas só quero que saiba que, se você precisar de alguém com quem conversar, estou aqui.

Ela olhou para mim, pensativa, antes de falar.

— Sinto muito — ela disse suavemente. — De verdade. — Ela afundou na cadeira e suspirou antes de alisar o cabelo perfeitamente penteado. — Ultimamente ele tem sido um pesadelo. Tão carente.

— Você vai superar isso. Tem certeza de que está bem?

— Estou, só não dormi bem. — Ela olhou para o dedo anelar e depois sorriu para mim. — Conte-me como estão as coisas com o cara da cafeteria.

— Estamos indo devagar.

— Ainda não estão falando?

— Não, apenas mensagens, e está funcionando bem.

— Em algum momento, ele vai se cansar disso — alertou ela. — Você conhece os homens.

— Sim, bem, não me oponho a levar as coisas adiante, mas pelo menos por enquanto estou em vantagem. Também não acho que ele esteja com pressa.

— Parece bom — disse ela, apontando para que eu me sentasse.

— Acredito que sim.

Ela massageou as têmporas e olhou para o telefone, que se iluminava com inúmeras mensagens.

— Tem certeza de que não quer alguns minutos?

— Só estou com uma dor de cabeça — disse ela, abrindo a bolsa, pegando algumas pílulas e engolindo-as antes de lançar um olhar cansado para mim. — Agora, vamos terminar esses trimestres e fazer os idiotas lá em cima felizes. E então eu vou pagar uma bebida para você.



Depois de quatro martinis em frente à lareira no 2Twenty2, Kat desapareceu. Eu estava observando as chamas, tentando afastar a sensação de mal-estar que senti o dia todo trabalhando lado a lado com ela. De certa forma, Kat me lembrava do meu ex. Ambos eram atraentes à distância, mas após uma inspeção mais detalhada, você descobria que havia mais do que diziam suas aparências. Fiquei observando o lampejo da luz alaranjada do fogo enquanto tomava minha bebida e me encolhia ante a lembrança dele. Luke era encantador, atencioso, o pacote completo. Ele me arrebatou e eu lhe entreguei minha confiança. Num piscar de olhos, tudo mudou.

Ele mudou.

Luke me abordou na porta da frente da minha casa depois que eu saí com Bree. Nunca em um milhão de anos achei que ele fosse capaz do tipo de loucura que aconteceu naquela noite. Após o incidente, percebi que todos nutríamos uma falsa sensação de segurança até que algo impensável acontecia. E quando acontecia, mudava a sua opinião sobre a humanidade e abria seus olhos. Como eu desejava ainda ser ignorante e feliz.

Luke era doente e, quando descobri isso, percebi o quanto fui ingênua.

O meu lado cético veio à tona, e minha capacidade de confiar em mim e em meu julgamento quase foi destruída. Foi quando fiquei fascinada por alter egos, sociopatas e assassinos em série. Foi uma forma de terapia para mim de certa forma.

Luke não era um assassino, mas ele me fez acreditar que era alguém que não era.

— Luke, eu te disse que precisava de espaço. — Passei por ele, que arrancou minha chave da minha mão e se moveu, colocando-me na porta da frente.

— Que conveniente para você. Essa roupa é um pouco inapropriada, você não acha?

— Luke — comecei quando ele se recusou a me deixar passar.
— Pare com isso. Afaste-se de mim. Por que está fazendo isso?

— Eu não gosto que mintam para mim, Abbie — ele afirmou, avançando.

— Eu não menti. Eu te disse que ia sair com Bree.

— Não sei se acredito mais em algo que você me diz. — Mal tive tempo de piscar antes que ele começasse a me repreender novamente. — Depois de tudo o que eu fiz por você — começou quando espalmou a palma da mão na porta ao meu lado. Eu pulei quando ele pressionou, enquanto meu corpo inteiro tremia de medo. O olhar em seus olhos era pavoroso.

— É isso. Chega. Luke, terminamos. Saia e não volte mais. — Apontei um dedo trêmulo em sua direção e tentei pegar minhas chaves. Um sorriso ameaçador cobriu suas feições. Estudei seu rosto, incapaz de acreditar que era o mesmo homem que me abordara meses atrás

— Como sempre, você está exagerando. Acha que Bree se importa com você? Isso é patético. Sou eu quem se preocupa com você, não ela. Sou eu quem cuida de você, Abbie. O que diabos você estava pensando usando isso e dançando com ela?

— Você estava me observando? — perguntei, quando a bile subiu na minha garganta. Um sentimento doentio tomou conta de mim quando percebi o quanto ele realmente era estranho. E eu o deixei entrar na minha casa e na minha cama. Somente quando suas sugestões do que ele sentia que eu precisava fazer começaram a me atormentar é que começamos a ter problemas. Naquele momento, percebi o quanto fui manipulada desde o início.
— Luke, você precisa ir embora. Agora.

— Eu não vou a lugar algum! Você me deve uma explicação! O que você estava fazendo, tentando ser fodida por alguém?! — Ele se moveu ainda mais, me imprensando contra a porta enquanto cuspi suas acusações na minha cara.

— Me dê as minhas chaves — exigi com uma voz trêmula.

— Acho que não — ele disse em um tom que me dizia que tinha vantagens físicas sobre mim e que as usaria sem pestanejar. — Você é uma mentirosa, Abbie.

— *Ei, o que diabos você está fazendo ?! — a voz não pertencia a Luke e, em um instante, ele foi puxado para longe de mim e empurrado contra a lateral da varanda. O filho da sra. Zingaro ficou olhando para ele enquanto Luke o encarava.*

— *Estou conversando com a minha namorada — disse Luke, lívido, enquanto olhava para mim antes de se virar para Michael. — Então, por que você não vai cuidar da sua própria vida?*

— *Sinto muito por termos incomodado — eu disse, tentando recuperar o fôlego enquanto me dirigia a Michael. A sra. Zingaro saiu porta afora, olhou para o filho e começou a falar em italiano rápido.*

— *Luke estava de saída — eu ofereci, tentando neutralizar a situação.*

— *Estou porra nenhuma — Luke disse enquanto se desvencilhava de Michael e voava em minha direção.*

— *Você está sozinha?*

Pulei no meu assento, derramando um pouco de martíni quando um homem falou comigo da cadeira pastel em frente ao sofá onde eu estava sentada. Mas ele poderia muito bem ter sussurrado no meu ouvido. Eu estava no limite, e era dolorosamente aparente. Do outro lado de sua mesa, ele se desculpou.

— *Desculpe, eu não quis assustar você. Vou pegar outra bebida para você.*

— *Não, tudo bem — eu disse, limpando as gotas de álcool com sabor de azeitona da minha saia. — Vou procurar minha amiga.*

Irritada com a ausência de Kat, abandonei minha bebida para encontrá-la no banheiro. Ela estava vasculhando sua bolsa.

— *Ei, mulher, você se esqueceu de mim?*

Ela sorriu para o meu reflexo enquanto tirava o batom.

— *Acabei de falar com meu marido. Acho que vou voltar para casa.*

— *Boas notícias, então?*

Depois de quatro martinis, Kat mal parecia com a mesma mulher que explodira naquela manhã. Eu não tinha certeza, mas suspeitava que ela só me convidava para sair para melhorar seu próprio humor. Ela sempre falava sobre sua carreira como ginasta e sobre algumas pessoas da empresa, mas quase nada além disso. Estudei-a enquanto se preparava no espelho. A mulher era uma contradição tão grande, e eu me sentia exausta tentando equilibrar-me em sua instabilidade. Mas eram as mudanças sutis em seu comportamento, o toque de tristeza em seus olhos, que me mantinham tentando.

— Talvez as coisas estejam melhorando?

— Vamos ver — ela murmurou distraidamente, esfregando um lábio no outro enquanto me lançava um olhar fulminante.

— Desculpe, você não precisa me dizer. Sou conhecido por querer bancar a conselheira. Meu irmão me apelidou Senhorita Conserta Tudo.

Ela se virou para mim e assentiu.

— Desculpe por fazer você esperar. — Kat parecia relaxada, mas eu ainda estava irritada. Eu tinha feito tantos progressos desde Luke, mas, naquele momento, eu não queria nada com ser sociável. Nos primeiros meses após o nosso rompimento, eu só me sentia segura com Bree ou minha mãe, que ainda não sabia o que tinha acontecido.

— Sem problemas. Acho que vou para casa também. Vou pegar um taxi. Obrigada pelas bebidas. Vejo você amanhã.

— Tem certeza de que você vai para casa? — Ela me deu uma piscadela conspiratória.

Ela assumiu que eu estava iria ver Cameron, então tomei o caminho mais fácil.

— Você me pegou.

— Divirta-se. Antes que perceba, estará casada e brigando sobre quem é o pior motorista.



Em casa naquela noite, depois de uma rápida promessa à sra. Zingaro de que eu iria lá na manhã seguinte para verificar sua lavadora, tirei a roupa e comecei a tomar um banho quente. Engolindo duas pílulas para dormir antes de entrar no chuveiro, deixei a água correr pelas minhas costas e ombros, numa tentativa de relaxar. Não importava o quanto eu tentasse, nunca esqueceria o olhar de Luke quando ele veio em minha direção segundos antes de o punho de Michael acertar seu nariz. Luke teve a audácia de parecer chocado quando cuspiu o sangue que escorreu de sua boca aos meus pés, propositalmente me pulverizando com ele, e avançando um pouco mais enquanto ameaçava a todos nós.

Antes de sair, ele olhou para mim uma última vez e sorriu com dentes manchados de sangue, um olhar assustador nos olhos: “*Não pensei que isso aqui está terminado.*” Michael conseguiu assustá-lo e a sra. Zingaro já havia chamado a polícia, que apareceu segundos depois que Luke fugiu. Apresentei uma ordem de restrição na manhã seguinte.

Tremendo na minha poltrona, agarrei meu telefone enquanto Bree falava comigo. Nunca mais ouvi falar de Luke, mas o estrago estava feito.

— Eu estava no limite esta noite, tomando uma bebida e odiando cada minuto. Quando diabos isso vai desaparecer?

— Eu não sei. Seu ex-namorado era um show de horrores, e nem eu mesma percebi. Mas você precisa parar de assistir a programas e ler livros sobre pessoas loucas.

— Estou apenas tentando entender.

— Primeiro, Luke não era um serial killer. Ele era um sociopata. E ele está morando em Washington agora. Ele foi manipular outra pessoa. Você está segura.

Após o nosso rompimento, Bree passara a monitorar as contas de mídias sociais de Luke. Menos de um mês depois que terminamos, ele mudou seu status para *em um relacionamento sério* e se agarrou a outra pessoa, alegando que estava apaixonado. Eu sabia muito bem o que aquilo significava. Bree também.

— Isso me assusta. Eu o deixei entrar na minha vida. Não sei como conseguirei fazer isso com outro homem.

— Mas você está se permitindo de novo. Foi por um triz e, sim, levou algum tempo, mas você está conhecendo alguém. E isso apenas prova o quão forte você é. Cameron parece legal. Você só precisa aprender a confiar em seus instintos.

— Eu odeio isso — sussurrei.

— Eu sei. Ouça, eu odeio interromper, mas tenho que ir checar meus pacientes.

— Ok, obrigada por me ligar, *novamente*. — Eu tinha certeza de que ela podia ouvir a culpa na minha voz e respondeu, do jeitinho de Bree.

— Cale-se. Continue encontrando Cameron. Está funcionando. Você mal para de falar sobre ele. Não deixe que um dia ruim estrague tudo o que você tem. Me prometa que vai ao café amanhã.

— Eu prometo — disse enquanto borboletas inesperadas surgiam em meu estômago só de pensar em ver Cameron.

— Agora, desligue a porra da TV. Tome um banho ou use o presente de aniversário que eu comprei para você.

O presente ao qual ela estava se referindo era um brinquedo sexual chamado Anaconda. Nenhuma explicação adicional é necessária.

Suspirei, peguei meu controle remoto e parei de assistir *Mindhunter*.

— Está desligada. E *nunca* vou usar aquele presente. Amo você.

— Amo você também.



Sete

Abbie

Quando saí do elevador, pude ver Kat andando em círculos em seu escritório, falando ao telefone. Coloquei minha bolsa e decidi fazer para nós um pouco de café. Foi só quando cheguei à porta do escritório que percebi que não era uma ligação comercial.

— Jefferson, estou no trabalho. Não ouse ameaçar vir aqui e fazer uma cena. Eu já disse! Já disse! — Kat desligou o telefone e olhou pela janela do escritório. Congelada à sua porta, pegou meu reflexo na minha tentativa de recuar. — Abbie, eu preciso sair. Preciso de alguns dias de folga. — Kat se virou para mim, e foi então que percebi que um dos olhos dela estava muito vermelho.

Com nossas canecas fumegando nas mãos, caminhei em sua direção, encolhendo-me ao vê-la.

— Meu Deus. Kat, está doendo?

— Minha pressão arterial está baixa. Eu preciso relaxar. Existe alguma maneira de você me cobrir? Sei que é pedir muito com tudo o que está acontecendo, mas preciso de alguns dias. Apenas alguns dias.

— É claro — ofereci enquanto colocava os copos sobre a mesa.
— Pegue o resto da semana. Para onde você vai?

Ela abriu a gaveta da mesa e começou a arrumar a bolsa.

— Vou visitar meu pai, ou talvez apenas fugir. Ele possui umas casas de veraneio. Uma que eu amo, na Flórida. Talvez eu vá pegar sol.

Então, era o pai dela que era rico. Eu sabia que a mulher crescera em uma família privilegiada. Isso era demonstrado em seu comportamento, a maneira como falava e como sabia dar ordens.

— Kat, se você quiser falar sobre isso...

Ela balançou a cabeça.

— Agradeço sua preocupação. De verdade. Mas preciso sair desta cidade e me afastar dele.

— Você está... em perigo?

— O quê? — ela perguntou, incrédula, como se a ideia fosse absurda. — Claro que não. Não! E não diga uma única palavra a mais ninguém sobre isso. Espero que você possa manter sigilo.

Não havia uma única pessoa no escritório que não estivesse ciente do que acontecia em seu casamento, mas tentei ser agradável.

— Claro — assegurei quando ela pegou sua bolsa e me olhou com olhos agradecidos, mas cansados. — Obrigada. Retribuirei o favor.

— Não tem problema — eu disse, quando ela passou por mim e se virou em minha direção, da porta. Foi a primeira vez que uma conversa com o marido a abalou tanto. Sentia a tensão irradiar de seus poros a apenas alguns metros de distância.

— Abbie, se alguém ligar...

— Vá — eu disse a ela e gesticulei com minhas mãos para enfatizar. — Vou segurar os pontos. Juro que vai ficar tudo bem.

Endireitando seus ombros, toda a vulnerabilidade desapareceu de seu rosto quando ela encarou o corredor do vigésimo segundo

andar que estava rapidamente se enchendo de funcionários em movimentos. Colocando os óculos escuros, ela passou pela mesa da recepcionista e foi em direção ao elevador. A mulher parecia ser uma bomba-relógio, e eu tinha certeza de que conseguiria trabalhar melhor sem ela naquele momento.

No momento em que segui tranquilamente para minha própria mesa, meu telefone vibrou no bolso e revirei os olhos enquanto atendia.

— Estou surpresa que você tenha se lembrado do meu número de telefone, querido irmão.

Oliver sempre respondia rápido.

— Eu não lembrei. Tecnologia moderna. Não tenho ideia de qual seja o seu número.

— Esse é o problema do mundo. Contamos com tecnologia para tudo.

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Qual é o meu número?

— Eu poderia falar qualquer um e você não saberia se eu estou certa.

— Alguém está um pouco nervosa hoje. Qual é o seu problema, irmãzinha?

Eu me sentei à minha mesa.

— Eu tenho uma colega de trabalho louca.

— Eu amo minhas colegas de trabalho.

— Isso é porque você transa com todas elas. Se você está me ligando para participar do presente de aniversário da mamãe, é tarde demais. Ela já recebeu.

— Merda.

— Sim, merda. Você vai ter que comprar algo sozinho.

Oliver suspirou.

— Ei, me ajude aqui. Do que ela precisa?

— Esta mulher deu à luz você. Ela precisa de um filho mais presente. Você não consegue pensar em uma coisa para dar a ela?

— Me ajude — ele implorou. Oliver era uma merda em se lembrar de qualquer coisa. Eu tinha certeza de que sua agenda o alertara sobre o aniversário de sua própria mãe.

— É melhor você ir lá esta noite — pedi.

— Não vou poder.

— Richard Oliver Gorman, você não vai perder a festa dela. É um dia importante. Estou planejando há meses. Toda a sua antiga equipe de campo estará lá.

— Então ela não sentirá a minha falta.

— Você é uma merda. Sabia disso? Quem quer que ela seja, pode esperar na sua lista de futuras transas.

— Não é uma mulher.

— Estamos todos ocupados, idiota. E eu não te vejo há meses. Quer dar um presente para ela? Dê sua presença na festa de aniversário dela.

— Tudo bem, eu vou. Você pegou pesado, Srta. Conserto Tudo.

— A única razão pela qual eu tenho esse emprego é porque você é o homem mais irresponsável que já nasceu. Como você terminou a faculdade de medicina é algo que não entendo.

— Você realmente precisa sair algumas vezes sem ser com aquela velha assustadora para quem você aluga seu porão. — Oliver riu.

— Não se atreva a insultar a Sra. Zingaro. E vale dizer que minha agenda social está cheia no momento.

— Ah, sim? — seu tom mudou instantaneamente. Oliver sempre foi protetor, mas ainda mais no ano passado. Em um momento de fraqueza, confessei sobre Luke, e essa confissão incitou algum gene superprotetor no homem. Embora nós brigássemos mais frequentemente do que deveríamos, ele nunca falhava. Desde Luke, só piorou.

— Não se preocupe, irmãozão. Estou sendo cuidadosa.

— Preciso conhecê-lo — exigiu Oliver.

— É coisa recente.

— Bree já o conheceu?

— Sim.

— Tudo bem, mas se for durar, quero ser apresentado.

— Se isso durar? Diz o homem que tem um livrinho preto com uma lista de virtudes que quer destruir.

— Meus livrinhos pretos também estão desatualizados, irmã. Tenho que correr. Vejo você às oito.

— A festa começa às sete! — disse quando ele desligou na minha cara.

Senhorita Conserta Tudo. Eu odiava aquele apelido, mas quando me vi sentada, olhando para o horizonte, percebi como era verdade. Fui assim a vida toda. Sempre rápida para tentar descobrir alguma solução, fosse por números ou por algo que eu pudesse encontrar para manter a paz. E a questão era levada para casa quando eu aumentava o dobro da minha carga diária de trabalho. Naquela noite, em minha caminhada para casa, eu me peguei procurando no mar de rostos, nas ruas de Wicker Park, por aquele em quem poderia obter conforto. Era inevitável que Cameron e eu nos acabássemos encontrando, sendo vizinhos. Seríamos forçados a violar as regras e a ideia de pular aquela etapa me dizia que eu estava ansiosa por isso.



Bito

Abbie

Xícara número vinte

Eu passei o dedo pela delicada pétala do lírio que me esperava sobre a mesa e murmurei um "obrigada" a Cameron. Ele mordeu o lábio e piscou. Meus pensamentos se desviaram quando alimentei a ideia de seus dentes mordendo meu lábio.

Mac de Cameron: O que você está pensando?

Mac da Abbie: Como foi crescer nas Cataratas do Niágara? Eu nunca fui lá.

Mac de Cameron: NÃO é isso que você estava pensando.

Franzi meus lábios.

Mac de Cameron: Foi calmo. Na verdade, eu cresci fora de lá, mas é mais fácil descrever às pessoas de Niágara. Cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo... esse tipo de coisa. As cataratas eram bem legais. Quero dizer, você precisa olhar muitas vezes para elas antes de se acostumar. E você nunca quer esquecer algo tão bonito. Foi culpa minha. Consegui meu primeiro emprego lá aos dezesseis anos. Ajudava em eventos e trabalhava em uma loja de presentes. Mas odiava cada minuto. Não sou fã de trovoadas ou chuva por causa disso.

Mac da Abbie: Isso é criminoso. Eu amo chuva e tempestades.

Mac de Cameron: Sim, bem, todo mundo gosta se estiver dentro de casa, seco e aquecido, sem ser atingido por raios.

Mac da Abbie: Vou mudar de ideia a respeito disso. Vou fazer você apreciar a chuva novamente.

Mac de Cameron: Não é possível.

Mac da Abbie: É uma promessa.

Mac de Cameron: Sem promessas que não possamos cumprir, lembra?

Mac da Abbie: Que bom que você estava prestando atenção nas regras, mas estou disposta a apostar que posso influenciá-lo. Qual foi a pior coisa que já aconteceu com você?

Os olhos de Cameron encontraram os meus brevemente antes de ele digitar.

Mac de Cameron: Minha mãe morreu há quase cinco anos. Ela venceu o câncer anos antes e depois ele voltou e a devorou. Foi muito abrupto. Ainda não superei.

Mac da Abbie: Sinto muito. Não consigo imaginar perder minha mãe. Essa foi uma pergunta profunda para a primeira xícara do dia, não foi?

Mac de Cameron: Tudo bem. Eu amo falar sobre ela. Ela era tão incrível. Eu sou filho único e éramos muito próximos. Quando decidi me mudar para cá, ela arrancou meu pai de Nova York só para ficar perto de mim. Não posso dizer que não vivi uma vida boa.

Mac da Abbie: O mesmo comigo. Minha mãe é minha heroína. Ela é uma fotojornalista incrível e, mesmo assim, sempre esteve presente. Meu pai é muito solidário a ela. Ele nunca se importou em assumir as responsabilidades por causa carreira dela. Era ele quem sempre me levava para a escola e fazia o jantar quando ela viajava. Até tentou costurar minha roupa para uma peça uma vez. Foi um desastre total. Chamava-se The Harvest Moon e meu papel era acender uma lanterna em uma abóbora. Tudo o que eu tinha que fazer era girar minha saia na hora. Acabei exibindo minha calcinha estampada com moranguinhos no palco para toda a quarta série.

Sua risada profunda eriçou todos os pelos do meu corpo. Nós éramos os dois últimos clientes na cafeteria e estávamos lá há horas. Eu sabia que estava quase na hora de fechar, mas ignorei o relógio para saborear cada minuto com ele.

Mac de Cameron: Eu adoraria ter visto isso.

Mac da Abbie: Foi gravado, mas você nunca verá. Não foi culpa do meu pai eu ter feito meu primeiro striptease na escola. Eu o amo pelo tanto que sempre se esforçou. E quanto a você? É próximo do seu pai?

Mac de Cameron: Temos um relacionamento decente. Ele teria voltado para casa se não tivéssemos enterrado minha mãe aqui. Acho que ele ficou principalmente por causa desse fato. Não o vejo tanto quanto deveria. O Natal é estranho. É como se estivéssemos tentando recuperar algo que não podemos ter.

Mac da Abbie: Desculpe. Mas fico feliz que você tenha me contado.

Mac de Cameron: Eu te contei por que quis. Porque eu quero que você me conheça.

Outro longo minuto nos encarando. Uma necessidade desesperadora me inundava, e eu podia sentir o mesmo emanando dele. Era uma igual quantidade de prazer e tortura, e eu tinha certeza de que ele podia ver o desejo em meus olhos. Mas Cameron não pressionou. Ele nunca pressionava, o que era fascinante e frustrante. Não podia deixar de ficar feliz por ele não fazer *isso*. No entanto, ao mesmo tempo, esperava que o fizesse.

Mac de Cameron: Eu poderia ter te contar sobre o dia em que quase beijei um homem.

Meus olhos se arregalaram quando ele começou a digitar.

Mac de Cameron: Sim. Eu estava bêbado em uma boate, e Max me puxou pelo colarinho e me salvou de anos de terapia.

Mac da Abbie: Você e Max parecem próximos. Ele parece ser gente boa.

Mac de Cameron: Ele é o melhor. E olha que eu sei ser chato às vezes. Pouquíssimos homens me salvariam desse tipo de

constrangimento. Ele salvou minha pele algumas vezes na faculdade.

Mac da Abbie: Foi na faculdade que conheci Bree. Ela era muito louca. Ainda é. Só que ela vive atrás do escudo da profissão de enfermeira para justificar o resto de seu comportamento.

Mac de Cameron: Ela parece ser uma boa pessoa. Fala um pouco alto, no entanto.

Eu balancei minha cabeça furiosamente e revirei os olhos.

Mac da Abbie: É a melhor. E a que fala mais alto. Acho que ela precisava ir a um otorrino. Seria terrível descobrir todos esses anos depois que ela tem problemas de audição e que eu não fui uma amiga boa o suficiente para descobrir. Mas tenho certeza de que é só porque ela é da Geórgia.

Eu ri disso, e os olhos de Cameron se ergueram para me observar.

Mac de Cameron: Como está o café? *Escuro como a sua alma?*

Mac da Abbie: Delicioso. E devo elogiá-lo por sua escolha de caneca. Não é todo dia que um homem pode admitir que *Tudo pode ser um vibrador se você tiver coragem suficiente.*

Ele soltou uma risada intensa quando ergui meus dedos, pressionei-os nos lábios e os lancei em sua direção.

Eu tinha acabado de lhe enviar um beijo?

Não sei por que fiz isso. Ele ficou rígido, e seus olhos brilharam enquanto observava acontecer. Seus dedos se moveram lentamente

sobre as chaves enquanto eu esperava, com sangue pulsando nos meus ouvidos.

Mac de Cameron: Você ficou envergonhada? Fofa.

Mac da Abbie: Podemos não falar sobre isso?

Mac de Cameron: Tudo bem, mas não vou aceitar isso como um primeiro beijo. E, Abbie, haverá um primeiro beijo.

Olhos esmeralda encontraram os meus enquanto arrepios corriam pelo meu corpo.

Mac da Abbie: Eu também quero isso.

Mac de Cameron: Esse seu experimento me fez pensar como um adolescente novamente.

Eu dei a ele uma careta profunda.

Mac de Cameron: Ouça-me antes de começar a imaginar filmes pornô e meias grudadas no cesto de roupa suja. Estou falando sobre outras coisas. Eu realmente penso em você. Eu me pergunto o que você está fazendo, por que não posso enviar uma mensagem para perguntar. Eu me pergunto o que você pensaria ou diria sobre algo que estou lendo. Passei a desejar sua opinião e essas conversas. As coisas podem ficar muito previsíveis quando você conhece alguém e tudo o que se tem é algo físico.

Eu queria saber mais, mas mudei de assunto. Essas eram as regras. *Minhas* regras.

Mac da Abbie: Quantos anos você tem?

Mac de Cameron: Trinta e quatro.

Mac da Abbie: Não acredito que não havia perguntado isso antes. Você não vai me perguntar?

Mac de Cameron: Sem parecer um idiota, eu não ligo. Eu sei que você gosta de números, mas seja qual for a sua idade, não tem problema para mim. Tudo o que eu realmente quero saber é se você quer tomar outra xícara de café comigo.

A sinceridade em seus olhos me mostrou que ele estava falando a verdade.

Eu assenti.



Nove

Abbie

— Sra. Zingaro, estou muito atrasada — eu disse enquanto ela me cumprimentou quando eu estava fechando a porta.

— Ok, querida, eu só queria oferecer um pouco do meu ziti. Sei o quanto você gosta. Vou separar um pouco para você. — A culpa instantaneamente me destruiu quando ela me olhou. Tinha passado cada vez menos tempo com ela no último mês. — E pela centésima vez, por favor me chame de Jenny. Você parece diferente. Conhece um novo rapaz?

— Acho que sim — respondi.

— Bom para você, Abigail.

— Obrigada. Eu sinto muito. Não quis ser rude. Só não quero me atrasar.

— Compreendo. Eu tenho ocupado muito do seu tempo — ela disse suavemente antes de se animar. — Espero que dê certo com este.

— Esperamos.

Ela demorou mais um momento. Era óbvio que tinha recentemente pintado seus cabelos grisalhos; a linha do seu cabelo estava manchada de roxo. Fui eu quem a ajudara nas últimas vezes em que fizera isso. Daquela vez, ela nem pediu.

— Jenny, eu realmente tenho que correr. Passo para pegar o ziti quando voltar para casa.

— Não se preocupe. Vai estar te esperando quando você puder.

— Ela cuidadosamente desceu os degraus enquanto eu a observava lutar com os próprios pés. Eu não sabia quanto tempo mais ela seria capaz de se sustentar sozinha. Eu teria que conversar com seu filho sobre isso em um futuro próximo. Pensar em vê-la partir deixava meu coração dolorido. Mas, em vez de oferecer minha companhia e fazer uma promessa para mais tarde, fiquei de boca fechada. A Senhorita Conserta Tudo tinha um encontro.



Minutos depois, após entregar a nota de vinte a Bennie do lado de fora do café, passei por Cameron com minha caneca *Eu queria ser Felícia. Ela está sempre indo a algum lugar* e abri meu Mac.

Mac da Abbie: Olá. Desculpe pelo atraso. Fui encurralada pela minha inquilina novamente.

Ele franziu a testa para a tela, enquanto eu me ajeitava até ficar confortável. Seus lábios se contraíram em um pequeno sorriso quando ele leu minha mensagem e depois olhou para mim.

Mac de Cameron: O que você teve que fingir consertar dessa vez?

Mac da Abbie: Nada. Acontece que ela só queria me dar um pouco de comida, e eu fui um pouco grosseira antes mesmo que ela oferecesse. Passei muito tempo lhe fazendo companhia no ano passado e a tenho negligenciado ultimamente. Fiquei mal por isso. Mas tenho que parar antes que ela me peça para entrar no seu grupo de tricô, sabe?

Mac de Cameron: Tenho certeza que ela entende. E eu tenho que dizer, acho legal que cuide dela assim. Mostra que você se importa.

Embora estivesse mais quente naquele dia, ele estava empacotado com um capuz e usando um boné novo. Ele parecia exausto e, pela primeira vez, um pouco desanimado. Algo estava... *errado*.

Mac de Abbie: Quando cheguei aqui e te olhei, as coisas não pareceram muito bem. Está tudo certo? Você está ficando doente?

Ele me deu uma piscadela enquanto me avaliava lentamente, da ponta das minhas botas até o topo da minha cabeça. Eu não sabia como ele conseguia fazer isso apenas com um olhar, mas quando terminou, eu me senti venerada. Vínhamos tomando café todos os dias durante a última semana e tinha que admitir que estava ficando cansada das minhas próprias regras.

Mac de Cameron: E agora você está preocupada comigo? Está tudo bem, nada que um pouco de sono não consiga consertar. Além disso, as coisas estão muito mais interessantes aqui.

Mac da Abbie: Aceito isso como um elogio.

Mac de Cameron: Deveria mesmo. Porra, você é linda.

Embora o céu estivesse cinzento, eu me senti coberta pelo sol.

Mac da Abbie: Você faz isso com todas as mulheres que corteja?

Mac de Cameron: Isso o quê?

Mac da Abbie: Dizer coisas assim?

Mac de Cameron: Não tenho histórico de cortejo. Suas regras e cortejar? Quero dizer, eu sei o que é cortejar, mas ainda é uma palavra adequada para 2017?

Mac da Abbie: É a melhor palavra. E eu diria que você a está trazendo de volta bem pra caralho.

Mac de Cameron: Uma boca tão suja em uma mulher cortejável pra caralho.

Embora seus olhos estivessem iluminados pela brincadeira e seus lábios curvados me dissessem que estava feliz em me ver, era o cansaço em sua postura que me levou à minha próxima pergunta.

Mac da Abbie: Me conte o que há de errado.

Ele pairou sobre o teclado e eu o vi tomar a decisão.

Mac de Cameron: Não posso.

Mac da Abbie: Você tem certeza? Algo que eu possa ajudar?

Mac de Cameron: Não com isso.

Mac de Abbie: Tão ruim?

Ele deu ombros.

Mac de Cameron: Apenas um dia de merda. Eu preciso de férias

Assim que ele falou isso, seu telefone tocou na mesa. Ele dirigia um negócio, e eu sabia mais do que ninguém como isso poderia ser desgastante. Cameron silenciou o telefone sem olhar para ele e o colocou no bolso.

Mac da Abbie: Tem certeza de que não posso ajudar?

Cameron balançou a cabeça como se a pergunta o irritasse, e eu parei minhas mãos sobre as teclas. Foi a primeira vez que vi esse lado dele e fiquei receosa. Desconfortável e pronta para dar uma desculpa, comecei a digitar.

Mac de Cameron: Desculpe. Nem pense em me deixar aqui. Estou ansioso para te ver o dia todo.

Quando fiquei quieta, ele falou.

— Abbie, olhe para mim.

Olhei por sobre nossos Macs e vi seus olhos arrependidos.

— Me desculpa.

Mac da Abbie: Tudo bem. Eu não deveria ter pressionado.

Mac de Cameron: Esta é uma das coisas que mais gosto em você. Gosto da senhorita Conserta Tudo. OK? Me desculpa. Estou estressado e cansado, e tudo o que quero fazer é ir até aí e assaltar os seus lábios.

Eu teria dado qualquer coisa para passar meus dedos pelos cabelos dele e afastar seus pensamentos ruins. Torci silenciosamente para que ele realmente me beijasse. Significou vida ou morte para mim.

Mac da Abbie: Você beija bem?

Mac de Cameron: Não tive queixas. Mas por que você não levanta essa bunda linda e vem aqui descobrir?

Mac da Abbie: Você me beijaria pela primeira vez em uma cafeteria?

Mac de Cameron: Diante de Deus e de todos. Nesse momento, eu te beijaria em qualquer lugar que você permitisse. Você está pronto para isso, Abbie? Porque assim que tiver acesso à sua boca acho que eu vou devorá-la inteira.

Mac da Abbie: Parece promissor e doloroso.

Mac de Cameron: Um beijo pode ser uma introdução, uma declaração ou promessa. Eu pretendo fazer os três quando você me deixar.

Estremeci com suas palavras. Ele estava direto naquele dia. Mas já estávamos vivendo aqueles encontros há um mês. Às vezes me perguntava se ele iria desistir. Como se pudesse ler meus pensamentos, ele enviou outra mensagem.

Mac de Cameron: Mas posso esperar. Eu vou esperar. Conte-me sobre o seu dia.

Mac da Abbie: Mais do mesmo. Nada a declarar. Os números não mentem – nunca. São tão exatos que às vezes me pergunto o que estava pensando com minha escolha de carreira.

Mac de Cameron: Entediada?

Mac da Abbie: Preciso de um desafio. Um quebra-cabeça que não consiga desvendar. Preciso estar envolvida, e o projeto no qual estou trabalhando vai terminar em breve. Eu só preciso do fogo que vem com um novo trabalho.

Mac de Cameron: Então, ele vai chegar. Você apenas tem que ser paciente.

Ele sorriu, porque a resposta servia para o assunto anterior, para o qual também precisávamos de paciência. Cameron sabia me interpretar bem, e eu amava esse fato.

Mac da Abbie: Minha mãe diz que eu era a criança mais inquieta e ansiosa do planeta. E ela afirma que eu me dava mal as provas de soletrar, porque não tinha paciência.

Sua sobrancelha se ergueu quando ele curvou novamente os lábios.

Mac de Cameron: Você provavelmente ia mal por isso.

Mac da Abbie: Sim, Cameron, eu sou I M P A C I E N T E. Fui muito mal em ortografia na segunda série. Eu era uma péssima criança.

Mac de Cameron: Perfeccionista?

Mac da Abbie: Não, mas eu queria ser. Muito. Ganhar elogios da minha mãe era tudo o que eu desejava.

Dei uma leve risada enquanto digitava.

Mac da Abbie: O amor pela minha mãe me tornou uma idiota.

Mac de Cameron: Adoro quando você se desconstrói. Quando ri de suas próprias merdas. É adorável.

Mac da Abbie: Sério?

Mac de Cameron: Sério. E você nem é divertida.

Ergui o dedo do meio para ele. Isso me rendeu uma risada.

Observei o pomo-de-adão dele enquanto ele ria, ansiosa para encostar meus lábios nele, e foi quando vi o arranhão profundo em sua pele.

Mac da Abbie: O que diabos aconteceu com seu pescoço?

Mac de Cameron: A pit bull de Max, Veronica. Ela dá uns abraços violentos.

Mac da Abbie: Que péssimo.

Mac de Cameron: Não está doendo. E não se preocupe, ela fez questão de se desculpar cagando no meu Nike.

Ele sorriu e passou a língua pelo lábio inferior. Minha respiração tornou-se entrecortada quando deixei minha imaginação voar.

Mac de Cameron: Quer tentar um chupão melhor? Eu tenho todo o lado esquerdo livre.

Mac da Abbie: Chupões são para adolescentes e você está me dizendo que uma pit Bull é minha concorrente?

Mac de Cameron: Você não precisa chupar, eu não me importo se usar apenas seus lábios e língua.

Seu sorriso tornou-se diabólico enquanto ele digitava.

Mac de Cameron: E eu conheço Veronica há mais tempo, ela provou sua lealdade.

Mac da Abbie: Ai.

Mac de Cameron: Quer que eu vá até aí e cuide disso? Apenas me diga onde dói.

Uma onda de calor subiu ao meu rosto enquanto seus olhos me analisavam.

Mac de Cameron: Você está sem café.

Por dentro, suspirei quando ele se levantou e caminhou para pegar minha xícara. Ele se inclinou e a pegou, então nossos olhos ficaram no mesmo nível. Foi a primeira vez que ficamos cara a cara desde que nos conhecemos, e eu me senti afundar no assento enquanto seus olhos verdes e quentes esquadrihavam meu rosto.

Senti, então, a química inegável, o acúmulo de atração que fluía entre nós como uma corrente elétrica. Isso me obrigou a pigarrear. Ele pegou o copo e esperou, pelo que, eu não tinha certeza. Lambendo meus lábios, concentrei-me em sua boca, meu coração batendo forte quando ele se inclinou um pouco mais e depois um pouco mais. Um centímetro e nossas bocas se encontrariam.

Meu coração disparou quando o sangue começou a fluir por toda parte, circulando e se avolumando entre minhas coxas. Eu queria o seu beijo. Queria mais do que desejava recuperar meu fôlego, aquele que ele roubou quando se inclinou para frente. O tamanho dele era atraente por si só, sem contar o cheiro intoxicante de couro e masculinidade que flutuava em minhas narinas. O homem usava uma colônia criada especificamente para me deixar entorpecida.

Naquele momento, eu precisava sentir aqueles lábios cheios e cor de cereja que esperavam no pequeno espaço entre nós. Assim que comecei a diminuir a distância, ele se levantou, destruindo minhas esperanças enquanto se afastava com uma piscadela.

Ele estava brincando comigo.

Meu rosto corou com pensamentos luxuriosos dos meus lábios, sua pele, meu coração, seu pau, meus dentes e sua língua invadiram minha cabeça enquanto eu tentava me recompor. Eu estava despedaçada, e tudo o que ele fez foi brincar comigo.

Putá merda.

Abster-se do físico tornava um relacionamento mais significativo? Talvez, mas em pouco tempo, era inevitável que você acabasse como Cameron e eu, contornando as situações estranhas que se recusavam a desaparecer. Nosso relacionamento não era baseado em sexo, mas chegamos a uma encruzilhada. Nossa imaginação nos dominava, e nós dois estávamos com sede.

Estava na hora de tomar um gole?

Tome um gole, vadia.

—Obrigada, Bree — murmurei.

Minutos depois, Cameron colocou minha xícara sobre a mesa, e eu olhei para sua bunda firme antes que ele se sentasse, longe demais de mim. Quando ele estava acomodado, olhou para mim e leu minha postura. Eu estava totalmente excitada, e ele não tinha feito quase nada. Mas o calor em minhas bochechas me dizia que eu estava vermelha e engolindo em seco sem parar. Eu o queria, e era evidente.

Refletida em seus olhos havia uma combinação mortal de sexo, desejo desesperado e necessidade intensa. Eu não sabia lidar com isso, e a única solução era dar um passo em sua direção. Eu queria

lamber o pomo de Adão dele, sentir seu peso em cima de mim. Eu estava completamente perdida.

Mac de Cameron: Um centavo por seus pensamentos.

Mac da Abbie: De jeito nenhum.

O telefone de Cameron vibrou na mesa, e eu balancei a cabeça.

Mac da Abbie: Quer atender? Está zumbindo há uma hora.

Brinquei com as pétalas da peônia rosa que ele me deixou e depois olhei timidamente para ele. Seu queixo ficou tenso enquanto ele me observava. Cameron não se mexeu.

Mac de Cameron: Diga-me, Abbie.

Era uma exigência da parte dele, e eu não podia culpá-lo. Eu estava igualmente intrigada.

Mac da Abbie: Diga-me você.

Ele novamente me olhou.

Mac de Cameron: Tem certeza de que deseja a verdade franca?

Eu lentamente assenti.

Mac de Cameron: Quero fazer você gozar.

Fechei os olhos enquanto meu corpo tremia com a sua confissão.

Mac de Cameron: Quero provar você de todas as maneiras que um homem pode provar uma mulher, saborear você na minha língua e engolir seu gosto.

Mac de Cameron: Estou morrendo de vontade de saber como irá gemer o meu nome. Estou morrendo, Abbie, só para te beijar.

Mac de Cameron: Mas eu posso esperar. Eu vou esperar. Vou esperar o tempo que for necessário para você me olhar e tomar uma decisão.

Mac da Abbie: Por que eu?

Mac de Cameron: Por que não você? Não estou interessado em mais nada. Nada. Só. Você. Isso, você e eu, é tudo pelo que eu espero. Isso aqui que temos é melhor do que qualquer coisa que veio antes. Quer um pouco mais de verdade?

Jesus, eu poderia lidar com mais? Porra, sim, eu poderia. Assenti.

Mac de Cameron: Toda noite, enquanto estou na cama, toco meu pau pensando em você. E tem sido assim todas as noites nas últimas duas semanas. Desde que você começou a me olhar dessa maneira.

Mac da Abbie: De que maneira?

Mac de Cameron: A maneira como você está me olhando agora. Jesus, estou excitado, e cada vez mais pensando no beijo que você quase me deu.

Mac da Abbie: Você se afastou.

Mac de Cameron: Não vou me afastar na próxima. Sua vez. E não se contenha.

Minha boca se abriu, minha pulsação irregular me deixou feliz por estar sentada. Cada membro do meu corpo vibrava com as possibilidades.

Mac da Abbie: Eu tive um orgasmo que valeu por cada letra do seu nome ontem à noite.

Seus olhos estavam sombrios quando ele leu as palavras e depois olhou para mim.

Mac de Cameron: Quando sairmos daqui hoje, quero que você faça exatamente a mesma coisa. Quero que você vá para casa, tire sua calcinha e se toque enquanto pensa em mim.

Mac da Abbie: Ok.

Mac de Cameron: Mostre-me o dedo que você usará.

Levei meu dedo aos meus lábios e o chubei.

Mac de Cameron: Porra. Eu preciso ir. Abbie, eu tenho que ir.

Mac da Abbie: Não vá.

Mac de Cameron: Não posso ficar mais um minuto e respeitar as regras.

Ele olhou para mim, seus olhos me levando ao limite. Eu tinha certeza de que precisava trocar minha calcinha. E fiquei ainda mais frustrada por não conseguir fechar meu Mac e nos tirar daquela angústia.

Mac de Cameron: Eu não posso ficar. Mas vou continuar esperando, Abbie. Eu prometo. Me encontre aqui amanhã?

Mac de Abbie: Sim.

Meus ombros caíram quando ele arrumou sua bolsa. Quase protestei, mas meus lábios não se moveram. Ele balançou a cabeça com firmeza. Nós realmente íamos permitir que precisássemos apenas nos tocar naquela cama?

Estávamos em um impasse silencioso. Era apertar o gatilho e ceder ao físico ou esperar um pouco mais. Meu coração me pedia para confiar no meu instinto, tentar confiar nele, mas minha cabeça não estava pronta. Suspirei e peguei minha bolsa e meu Mac. Cameron ficou parado, esperando pacientemente que eu fosse embora.

Foi cruel para nós dois, mas ainda estávamos seguros. Todas as nossas boas intenções em relação ao outro foram mantidas intactas. Nossa situação permanecia respeitável, embora os pervertidos que existiam sob nossas peles tivessem vencido a guerra naquele dia.

Arrastei-me para casa, meus membros queimando de dor, minha pele pegando fogo e o coração batendo forte com o fato de que ele sabia que eu estava correndo para casa para gozar com o nome dele nos meus lábios. E ele faria o mesmo.



Dez

Abbie

Mac da Abbie: Olá. Desculpe o atraso.
Mac de Cameron: Você ainda está atrasada. Eu não estou te vendo.
Mac da Abbie: Estou aqui, mas, por favor, não me procure!
Mac de Cameron: O quê?
Mac da Abbie: Fique onde está. Estou aqui. Só não venha me procurar.
Mac de Cameron: Por quê?

Sem fôlego, comecei a digitar freneticamente.

Mac da Abbie: Estou tendo um péssimo dia e não tinha o seu número para avisar que não conseguiria vir. Não queria

cancelar.

Antes que eu pudesse enviar, sua mensagem chegou.

Mac de Cameron: Você é o esquilo mais bonito que eu já vi.

Lágrimas de dor e humilhação encheram meus olhos. Abaixei minha cabeça, puxando meu gorro para baixo enquanto ele estava em todo o seu esplendor, olhando para mim, covinhas em destaque. Ele colocou sua xícara *Crie, Descubra, Faça de novo* ao lado da minha e, em seguida, abriu o Mac na minha mesa antes de se sentar à minha frente. Eu estava escondida atrás de uma planta, próxima à sessão de xícaras mais velhas e menos usadas. Ele estendeu um botão de rosa suave em minha direção, e eu peguei a flor. Movimentei-me para digitar um *obrigada*, mas ele parou minhas mãos.

— Obrigada, ub... Denbista. — Consegui falar por entre o maldito algodão.

— Dentista? Dente do siso? — ele sussurrou, sua voz cheia de preocupação.

Apressadamente, assenti e digitei na tentativa de silenciá-lo.

Mac da Abbie: Esqueci que tinha uma consulta. Mas não precisamos quebrar nossa rotina. Por favor. As coisas estão indo tão bem.

— Abbie — ele implorou, comandando meus olhos antes de lentamente se esticar sobre a mesa, puxando minha mão do teclado. Fechei os olhos quando ele entrelaçou nossos dedos, seu toque me fazendo estremecer. Eu sabia que parecia a morte — pálida, mandíbula latejando e boca cheia de gaze ensanguentada.

Queixo tremendo de dor porque estava passando o efeito do remédio mais e mais a cada segundo. — Você está sofrendo. Tomou alguma coisa para a dor? — Balancei minha cabeça e tentei puxar minha mão para longe do toque dele, para que eu pudesse explicar. — Não — disse ele, condenando-me enquanto acariciava minha pele com os dedos. — Hoje, não. Me dê seu telefone — ele ordenou. Tirei-o da minha bolsa quando ele pegou um guardanapo do dispenser na mesa ao lado de nós e limpou um pouco de baba que escorria da minha boca. Senti-me impotente contra a lágrima induzida pela dor que escorreu pela minha bochecha.

— Eu não *tibe têpo* para pegar minha *presquição*. Não queria não *apaêcer* e você *pensá* o pior. — Balancei minha cabeça em frustração com a minha incapacidade de finalmente falar com ele. — Falar está cruel. Vamos *diitar*.

Ele riu enquanto limpava suavemente os cantos da minha boca.

— Abbie, há uma fenda na nossa armadura, ok? Precisamos afrouxar um pouco as regras. — Ele pegou meu telefone, estendeu-o para mim para desbloqueá-lo e, quando o fiz, digitou suas informações. Quando o devolveu, esforcei-me para esconder minha careta. — OK?

— *Otay* — eu disse, sentindo-me em total desvantagem.

Ele pegou minhas duas mãos e deslizou os dedos lentamente pelos meus. Meu coração se agarrou apenas ao toque dele, mas o olhar em seus olhos foi suficiente para que o meu começasse a lacrimejar novamente, mas por um motivo diferente.

Estava tudo lá. Era como se eu fosse a garota dele e estivesse com dor, e ele sofria ao me ver assim. Foi o que vi, senti e soube.

— Posso te levar para casa? — ele perguntou enquanto deslizava as pontas dos polegares por cima das minhas mãos.

Balancei minha cabeça.

— Eu não *móo* longe. Bree está *vino*.

— Vou esperar com você.

Minutos depois, e impulsionado pela necessidade de me aproximar, eu estava confortavelmente descansando no colo de Cameron, escondidos atrás da planta. Era um mundo diferente daquele onde nós dois nos sentíamos à vontade. Sua colônia me

cercava enquanto eu me sentava, aninhada em seu corpo forte. Eu me encaixava perfeitamente em seus braços musculosos, com uma mão apoiada em seu peito, a cabeça inclinada para baixo enquanto ele sussurrava baixinho comigo.

Ele me poupou de falar, contando um pouco da semana dele. Conhecera alguns de seus atletas favoritos, que estavam filmando um comercial para uma nova linha de roupas esportivas que suas lojas vendiam. Eu não gostava muito de esportes, mas era uma delícia ouvir o homem falar com entusiasmo infantil sobre suas estrelas do rock.

Também me disse que começou a assistir o Mindhunter – um programa sobre dois agentes do FBI que investigavam mentes de assassinos. Eu sabia que meu sorriso lento, cheio de baba, parecia pateta, mas não consegui, nem pela minha sobrevivência, impedi-lo. Ele estava se interessando por algo que me fascinava. Ele manteve o tom baixo, e seu profundo sussurro de barítono era tão suave quanto a mão que cobriu a minha em seu peito. O timbre de sua voz me embalou em um estupor enquanto eu tentava manter minha boca dolorida e esticada fechada. Cameron acariciou meus dedos delicadamente enquanto eu olhava para ele. Cabeça inclinada para trás, memorizei a plenitude de seus lábios, notei uma leve cicatriz branca na borda de sua têmpora e o leque de seus cílios escuros. Ele era, sem dúvida, o homem mais atraente que eu já tinha namorado.

Eu me vi precisando ter certeza de que era esse o caso. Eu queria mais. Estava pronta. Meus instintos, meu coração e minha mente, pela primeira vez em um ano, estavam de acordo. E eu queria que ele soubesse que nosso relacionamento se transformara em mais. Por qualquer motivo, não queria que aquilo fosse menos do que o começo de algo entre nós.

O desejo estava rapidamente se transformando em necessidade enquanto ele me embalava e parava sua história para avaliar minha expressão. Ele devia estar enxergando tudo em meus olhos, mas decidi tentar verbalizar de qualquer maneira.

— *Cambon...*

Eu murmurei:

Obrigada por esperar.

Você é tão perfeito.

Te quero tanto.

A sensação está sendo boa para você também?

Segurando delicadamente minha mandíbula, ele se inclinou e falou, a um centímetro dos meus lábios, e se dirigiu aos meus pensamentos não ditos.

— Eu também. — Ele esfregou o polegar no meu lábio inferior. — Mal posso esperar para levá-la daqui, para qualquer lugar. — Seus profundos olhos verdes vasculharam minhas feições e pousaram ansiosamente na minha boca quando tirou meu gorro e passou os dedos pelos cabelos na parte de trás do meu pescoço. — E beijar esses lábios.

Eu sabia que estava horrorosa, mas o homem estava me tratando como se eu fosse de cristal.

— OK.

Ele riu.

— OK. — Ele se inclinou e beijou minha bochecha e depois o canto da minha boca.

Contente em seu colo, minha felicidade foi interrompida pela chegada da minha escolta que iria me levar para casa.

— Bem, você não está assim *tão* na merda. Vocês dois parecem confortáveis — disse Bree enquanto se aproximava da nossa mesa com um sorriso caloroso. — Cameron, bom te ver. Não ouvi nada além de coisas boas. — Sua voz baixa, e em um aviso brincalhão, acrescentou: — Continue assim.

Seus olhos encontraram os meus, e ela estremeceu ao olhar para minha boca inchada.

— Ah, querida. Vamos medicá-la e levá-la para casa. — Ela pegou a receita que eu pedi para ela pegar e me entregou duas pílulas enquanto falava com Cameron. — Essa coisa vai deixá-la inconsciente em minutos. Teremos que fazer isso rápido.

O corpo de Cameron enrijeceu-se sob de mim quando eu coloquei os comprimidos na minha boca e bebi da garrafa de água que tinha na minha mesa. Ele olhou cautelosamente para o frasco de comprimidos enquanto eu os colocava na minha bolsa.

Bree notou sua reação.

— Apenas algumas doses baixas de Percocet para aliviar o estresse — ela assegurou. — Deixe-me tomar um café e vou te levar para casa. Assenti para ela, ainda extasiada com a sensação de proteção que o homem que estava me segurando proporcionava. Afundei-me ainda mais sob seu feitiço antes de vê-la se afastar.

Bree, onisciente, olhou para nós enquanto eu tentava me recompor. Eu tinha certeza de que parecia carente e desesperada, como uma adolescente apaixonada, aninhada no colo de Cameron.

Inevitavelmente comecei a imaginar ter acesso labial a cada centímetro de sua pele. Enrolei meus dedos em sua camisa, enfiando-os sob as costuras para tocar sua pele. Ele deixou escapar um tom baixo quando seus olhos divertidos encontraram os meus no momento em que fomos deixados sozinhos. Havia muita luz neles. Eu esperava que o que vi fosse um reflexo do que ele podia sentir de mim.

Naquele momento, eu era transparente e sabia disso. Não estava fazendo nada para impedir. Não tinha medo. Eu queria, queria a nós. Pertencer, não apenas a um homem, mas ao homem que estava me abraçando. Um calor se espalhou por meus membros quando meu corpo estremeceu com a necessidade provocada. A dor era ínfima em comparação com a reação de seu toque, suas palavras, o olhar em seus olhos.

— Gostaria de saber o que você está pensando — ele disse suavemente.

— Feliz — eu consegui dizer claramente enquanto meu coração batia a centímetros do dele, na tentativa de comunicar o que sentia.

Seus olhos se fecharam brevemente e, quando ele me agradeceu com eles novamente, vi uma pitada de vulnerabilidade.

— Abbie — ele sussurrou, sua voz tensa. Meu coração bateu contra o meu peito quando ele se curvou e deu um beijo quase inexistente nos meus lábios abertos. Com medo do meu hálito, balancei a cabeça, avisando-o. Eu podia sentir o gosto do cobre na minha língua e tentei fechar minha boca mutilada. — Não se preocupe. Também não aceitarei isso como nosso primeiro beijo. E você vale cada segundo da espera.

Muito cedo, Bree estava de volta com seu café e fui forçada a sair do meu casulo de Cameron. Relutantemente, ele se levantou, mantendo-me perto enquanto nos acompanhava até a porta do café. Minha mente estava começando a nublar quando as pílulas começaram a fazer efeito. Eu era fraca quando se tratava dos efeitos de qualquer medicamento.

— Vou mandar uma mensagem hoje à noite — ele sussurrou antes de dar um beijo na minha têmpora e depois se despedir calorosamente de Bree.

Nossos dedos foram as últimas coisas a se separarem



BnZe

Abbie

Acordei com o som de um caminhão de lixo, sentindo-me como se o referido veículo tivesse recuado em alta velocidade e jogado sua carga na minha boca. Flexionando minha mandíbula irritada, senti como se ainda estivesse em uma névoa induzida por drogas. Eu estava tentando me convencer a tirar minha bunda preguiçosa da cama quando meu telefone tocou na minha mesa de cabeceira.

Cameron gostaria de conversar por Facetime.

— Oh merda — gritei quando puxei meu edredom para me cobrir. Meu dedo ficou pairando antes que eu decidisse ir para o inferno e

destravasse a tela para atender. Cameron apareceu no que parecia ser sua cozinha.

— Ei, linda, como você está?

— Uma merda — eu disse sinceramente. — Sinto muito por não ter respondido ontem à noite. O remédio me derrubou.

Ele assentiu.

— Está bem. Eu tinha certeza que isso iria acontecer.

Rapidamente corri minhas mãos pelos meus cabelos. Eu sabia que devia parecer uma bagunça.

— Acho que estou horrível.

— De forma alguma, você parece confortável — disse ele enquanto seus olhos me analisavam, fazendo meu coração dançar.

— Então, este é o seu canto? — perguntei.

— Sim, estou em casa. Estava prestes a sair para encontrar Max e lhe dar uma canseira na quadra.

— Alguém é competitivo, então?

Eu me sentia péssima por dormir tanto tempo. Precisava de um banho e uma escova de dentes. Ainda assim, fiz o possível para parecer casual, embora a visão de seu rosto, enquanto estava deitada na minha cama, me deixasse um pouco quente sob os lençóis. O homem era uma glória esculpida, e eu mal podia esperar pelo meu primeiro beijo de verdade. Eu era como uma adolescente tonta que recebeu a ligação do garoto que ela estava esperando.

Exceto que não era um garoto. Ele tinha um metro e oitenta de perfeição.

— Claro que não. Eu só gosto de zoar o Max toda vez que ganho. Eu vivo para irritá-lo.

— Quero conhecê-lo um dia — eu disse com um sorriso. — Ele vai me contar todos os seus podres.

— Nunca vou apresentar vocês dois — disse ele, brincando.

— Me mostra a sua casa? — pedi, curiosa. Imaginei que a casa de Cameron fosse um verdadeiro celeiro de maturidade. Ele tinha um gosto impecável em roupas, então assumi que teria o mesmo gosto para móveis.

E eu estava certa. Ele tinha uma sala grande e aberta, com uma vista distante do parque, o que significava que morava a apenas

alguns quarteirões de distância. Eu nunca tinha perguntado a ele especificamente onde morava. Mas ver era crer e, de alguma forma, isso o fez parecer mais real para mim. Para a minha surpresa, a casa dele estava pouco mobilhada, mas o que vi foi uma mistura de madeira escura e couro. Havia algumas caixas espalhadas.

— Quando você se mudou? — perguntei.

— Há tempo demais para ainda ter caixas fechadas. Só não tinha certeza se ia ficar.

— Sério? Por quê?

Ele deu de ombros.

— Eu não tinha certeza se queria chamar isso aqui de lar.

— E agora?

Um canto da boca dele se curvou.

— Agora tenho um incentivo para ficar por aqui.

— Você me lisonjeia.

— E você me deixa rendido.

Suspirei, feliz, sem mais medo de me esticar na minha cama enquanto me aconchegava mais no conforto dela e de suas palavras. Ele praticamente conseguia me tocar do outro lado da tela.

Ele ergueu o queixo em minha direção.

— Mostre-me a sua casa. Quero ver o que você fez com ela.

— Eu não estou decente. Sinto-me nojenta, preciso de um banho e estou com muito preguiça no momento.

Ele se animou.

— Você sabe que podemos continuar com o Facetime enquanto você estiver no chuveiro. Isso não me incomodaria.

Eu ri e depois estremeci.

Ele esticou o lábio inferior em um beicinho.

— Talvez quando você estiver se sentindo melhor.

— *Você me faz sentir melhor.*

Seu sorriso iluminou meu quarto, mesmo este estando de cortina fechada.

— Obrigado por ontem. Não tenho ninguém além de Bree e minha mãe cuidando de mim há algum tempo.

— Eu não fiz nada — ele dispensou.

Eu queria tocá-lo através da tela. Estava ansiosa para passar meus dedos por suas mechas escuras. Ele estava usando um capuz, e eu odiava não poder ver mais.

— Você ficou comigo e se importou. Isso é mais do que suficiente. Retornarei o favor em algum momento.

Algo sombrio cruzou suas feições enquanto ele falava.

— É uma coisa tão básica, não é? Apenas querer que alguém fique com você em momentos difíceis. Tantas pessoas têm isso e não dão valor.

Eu queria perguntar há quanto tempo ele estava solteiro, perguntar pelo que passou e arrancar aquela pitada de tristeza de seus olhos. Mas perguntar significava ter que contar sobre mim também.

— Nós vamos dar valor — garanti.

— Sim, nós vamos — ele concordou.

Era surreal falar com ele, vê-lo em seu ambiente. Eu tinha certeza de que ele estava pensando a mesma coisa.

— Vou deixar você ir para a quadra.

— Preferia sair com você — garantiu. — Te ligo hoje à noite?

Eu assenti.

— Por favor.



Doze

Abbie

A neve voava com o vento como aglomerados de flocos de algodão enquanto eu caminhava em direção ao café. Meu sorriso aumentou quando o chão afundou embaixo de mim. O clima de Chicago poderia ser brutal. Não fazia nem um mês que o outono tinha acabado, e o bom e velho inverno já tinha chegado na festa. Mas em raros dias em que o frio não era tão cruel e a neve caía sobre a cidade como um cobertor macio... bem, eu amava aqueles dias.

Excitação percorreu todos os meus membros ao pensar no que estava por vir. O calor se espalhou quando me aproximei do café e de Cameron. Eu não o via há mais de uma semana devido aos nossos horários conflitantes.

No fim de semana, fui a uma entrevista para um emprego em Milwaukee, que começaria após o término do meu contrato na Preston Corp. A comissão foi a única razão pela qual não fui

aprovada no cargo, mas fiz questão de encontrar algo com viagens limitadas. Porque, pela primeira vez no que parecia uma eternidade, eu tinha outra pessoa com quem dividir meu tempo e não queria perder um minuto.

Era um sentimento muito estranho torná-lo parte da minha vida. Meus pensamentos sobre o futuro estavam pendendo um pouco na direção dele, mas julguei ser saudável tornar meu novo relacionamento uma prioridade. A intimidade fora nosso último obstáculo real. Nós lançamos as bases e tornou-se uma coisa bonita de se fazer parte, à medida que se desenrolava. Era assustador e libertador ao mesmo tempo. Eu confiava nele até certo ponto. Só tinha que lhe entregar o resto dessa confiança. E eu decidi que antes de sair pela porta e deixar meu Mac em casa, daria um passo adiante com ele. Ele fora paciente para ganhar um encontro, um beijo.

E se eu tivesse sorte e ele fosse receptivo, Cameron estava prestes a ganhar a recompensa por isso.

Quando vi Cameron me esperando do lado de fora do café, não consegui impedir meu sorriso. Vestido com jeans azul escuro e um suéter por sobre uma blusa polo com a gola para fora, ele parecia irresistível enquanto mantinha seu ar de confiança, soprando nas mãos para aquecê-las. Parei meus passos para observá-lo.

— Tudo bem, Abigail — falei comigo mesma em um sussurro quando Cameron me viu atravessando a rua. — Só porque ele parece um príncipe na calçada, parado sobre monte de neve, olhando para você com olhos honestos e um sorriso lindo, não significa que ele é o cara. — Ele esfregou as mãos e me deu sua piscadela. — Ok, então ele idolatra a mãe, respeita suas opiniões e é bom no dirty talk. Mesmo com tantas coisas boas, não significa que você precisa entregar seu coração a ele.

Seu sorriso se aprofundou quando eu acelerei.

Eu estou tão fodida.

Sorri quando diminuí a distância entre nós, meus olhos buscando os dele. Foi só quando Cameron me afastou da porta, colocou as mãos na lateral do meu rosto e se inclinou que eu percebi que ele havia deixado o computador em casa também.

E então seus lábios estavam nos meus; e o gemido que ele soltou, e que quase me roubou o ar, dançou na minha língua quando eu ofeguei contra a sua boca. Para alcançá-lo, tive que ficar na ponta dos dedos dos pés para envolver meus braços em volta de seus ombros. Ele facilitou agarrando meus quadris e me erguendo do chão facilmente para que nos conectássemos.

E depois ele me beijou.

Seu beijo me deu vida e morte. O fim de tudo o que eu conhecia e o começo de uma necessidade, um desejo por ele, apenas ele.

Ele abriu minha boca com sua língua, e eu gemi em convite quando mergulhou fundo, me provando. Sentindo os dedos dos pés se curvarem, nossas línguas duelaram e deslizaram uma contra a outra, estimulando-nos a um frenesi. Ele se recusou a desistir enquanto dava e tomava, agarrando-me com força, alimentando-se até que nós dois estávamos ofegando.

— Cameron — arfei quando ele se afastou por um breve instante e depois recomeçou, querendo mais. No meio do Wicker Park, em frente ao meu café favorito, recebi o melhor beijo da minha vida. Sua língua se movia tão languidamente com a minha que eu estava faminta quando ele se afastou e me colocou no chão.

— Estou tão louco por você, mulher — gemeu Cameron enquanto traçava meus lábios com o dedo. — Você é tão linda. Dói olhar para você. — Ele mordeu o lábio. — Você se vestiu para mim?

— Claro.

Ele nos manteve frente a frente enquanto falava baixinho. Havia eletricidade entre nós, e eu estava totalmente conectada. Pude sentir o minuto em que a decisão foi tomada. Eu entregaria meu coração a Cameron. Só esperava que ele o pedisse.

— Estou me sentindo tão bem. Faz muito tempo desde que tive algo assim, Abbie. Algo *assim*. Faz muito... muito tempo.

— Continue pregando, irmão, aleluia — eu disse, e nós dois rimos. — Cameron, eu penso em você o tempo todo.

— Dia e noite — ele murmurou entre beijos na minha mandíbula. — Eu estava ficando cego com a necessidade de tocar em você. Eu quero isso mais do que qualquer coisa. — Ele se afastou e olhou para mim. — O que você quer?

— Você vai ter que me beijar novamente para descobrir.

E ele beijou. De novo e de novo e de novo. Eu queria me arrepender da espera. Queria muito me odiar por nos privar do que nós dois claramente queríamos, mas sabia que fora a decisão certa. Porque estava tudo lá. Tudo. Não havia nada de estranho, nem hesitações. Éramos simplesmente nós, e, definitivamente, o beijo fora uma introdução, uma declaração e uma promessa.

Quando ele se afastou, deslizou beijos cálidos pelo meu pescoço.

— Jesus, eu nunca quero parar de beijar você.

— Eu preciso que você me beije exatamente como fez, toda vez que me beijar.

Ele sorriu para mim, mas eu não estava sorrindo.

— Estou falando sério.

— Eu sei que você está — disse ele com um sorriso. — E agora eu tenho uma vantagem. Você ama a minha língua.

— Amo mesmo — admiti, inclinando-me para mordeu seu lábio inferior com o qual sonhei pelo que pareceu uma eternidade. Agora que eu tinha o toque de Cameron, nunca mais queria ficar sem ele.

— Garota safada — disse ele com uma voz rouca, antes que nossas línguas duelassem novamente.

Quando nos afastamos relutantemente, sussurrei para ele enquanto ele deslizava os nós dos dedos sedutoramente pela minha cintura.

— Onde *diabos* você estava, Cameron?

— De pau duro, na terra de ninguém, em outra mesa de cafeteria.

Ele estava exasperado por causa do espaço entre nós, e eu estava pronta para fazer aquela distância diminuir. E em questão de minutos, com os lábios nos meus, esse espaço se desintegrou. Nossa recompensa foi outra. Encantada, fiquei parada diante de seus olhos vigilantes enquanto nos deleitávamos.

— Mas, Abbie, valeu a pena — ele sussurrou. — Eu faria isso de novo. Faria tudo isso de novo.

— Eu também.

Nós compartilhamos um sorriso quando ele apontou o queixo em direção à cafeteria.

— Você quer entrar?

— De jeito nenhum. — Balancei minha cabeça. — Leve-me a qualquer outro lugar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você tem certeza disso?

— Positivo.

Ele pegou minha mão e nos levou em direção ao desconhecido.



Treze

Abbie

Cameron deslizou o polegar por cima da minha mão, antes que a apertasse.

— Você está pronta?

— De jeito nenhum. Não. — Balancei minha cabeça com firmeza. — Vou apenas esperar aqui por você.

— Não, nós vamos fazer isso — disse ele. Meu corpo inteiro tremia de medo, mas ele deu o primeiro passo em direção ao vidro.

— Oh, merda — chiei quando todos na fila atrás de nós riram da minha explosão. Saímos para o convés de vidro, a 1.353 pés no ar, enquanto eu mantinha meus olhos bem fechados.

— Estamos fora — disse ele. — Abra seus olhos, Abbie. — Eu abri um e dei uma espiada hesitante.

— Ok, já é suficiente, certo? — disse, ansiosa para voltar para o prédio.

— Não — disse ele enquanto nos levava para o Skydeck, e eu relutantemente o seguia.

Estávamos no topo da Willis Tower, que todos ainda chamavam de Sears Tower. Minha pulsação errática se intensificou quando Cameron se inclinou para frente, colocando a testa no vidro, deixando-o suportar todo o seu peso.

— Ah, você é louco — eu disse, dando um passo para trás. Ele me puxou para frente com nossas mãos entrelaçadas.

— Se você vai fazer isso, é melhor fazê-lo até o fim.

— Estou enjoada — eu disse, engolindo em seco.

— Vamos, bruxinha — ele respondeu, cruelmente divertido.

Enfrentei outro olhar no vidro entre meus pés e vi que os carros em movimento abaixo de nós tinham sido reduzidos ao tamanho de formigas.

Risadas seguiram atrás de nós, e eu olhei para as duas mulheres que tinham praticamente babado por Cameron, enquanto o elevador nos levava lá para cima. Eu não poderia culpá-las. Ele era lindo. Mas, naquele momento, tudo o que sentia era a adrenalina de estar enjaulada dentro do vidro que se movimentava ao lado do famoso arranha-céu.

— Você realmente vai mesmo me obrigar a isso?

— Sim — ele disse sem piedade.

Soltei um gritinho quando coloquei minha testa no vidro e deixei meu peso afundar nele.

— Se eu desmaiar — eu disse em aviso —, você vai ter que me carregar. Este prédio está se movendo, eu juro que sim.

— Está — ele disse, sem um traço de medo em sua voz.

— Jesus.

— Não acredito que você mora em Chicago há tanto tempo e nunca fez isso — disse ele enquanto sorria para o chão, muito abaixo de nós.

— Eu evitei, e por boas razões. — Mordi os dentes que batiam sem parar.

— Para ser sincero, também não tinha feito isso antes. Minha mãe me trouxe aqui na primeira vez que vim.

— Mulher corajosa. Ela fez você ficar assim?

— Não — ele disse com uma risada. — Ela plantou bananeira.

— Ela o quê?! — disse, com os olhos arregalados enquanto tremia, assustada, enquanto observava o mar de arranha-céus abaixo de nós.

— Sim, eu tenho uma foto disso — disse, olhando para mim. — Eu estava muito assustado na minha primeira vez aqui em cima também. — Ele olhou para baixo e soltou um suspiro. — Ela me trouxe aqui para me contar que estava morrendo.

Sentindo o coração afundar no peito, olhei para ele. Naquele momento, apertei sua mão.

— Pensei que tinha sido cruel na época, mas se você pensar bem, é uma maneira muito legal de dizer ao seu filho que você está morrendo, certo? Suspenso em um lugar em que você está aterrorizado, para que a gravidade não o atinja com tanta força. — Ele fez uma pausa, engolindo em seco, em evidente sofrimento, e eu esperei. — Ela disse que queria que eu soubesse como era.

— Como era estar doente? — perguntei baixinho, meu coração se partindo por ele.

— Não, como seria deixar o filho em um mundo que ela não tinha certeza se era seguro. Ela disse que não tinha medo de morrer. Só estava com medo por mim, de me deixar. Que era assim que se sentia.

— Cameron, sinto muito.

Ele assentiu, seus lindos olhos abaixados, uma sombra cobrindo suas feições.

— Ela ensinava ioga seis dias por semana, aos sessenta anos. Tratou seu corpo como um templo e ele se voltou contra ela. Eu vivo com isso todos os dias, Abbie. Pensando se poderia ter feito mais. Diferentes médicos ou tratamentos. Não me envolvi, porque tinha certeza de que ela e meu pai tinham tudo coberto. Eu era egoísta com a minha dor. Só pensava em mim, no quanto precisava dela, e não conseguia enxergar além do meu próprio medo para garantir que fizéssemos tudo. — Ele engoliu em seco novamente, depois parou de falar.

— Tenho certeza de que eles fizeram tudo o que podiam.

Ficamos em silêncio por um momento, de mãos dadas e olhando o mundo abaixo de nós.

— Me desculpe. Não quis trazer isso à tona. Ultimamente tenho sentido muita falta dela.

— Ei — eu disse enquanto ele olhava para mim. — Estou feliz que tenha me contado.

Ele me deu uma piscadela.

— Estou feliz por ter voltado aqui com você.

— Eu também.

Cameron pegou o celular e apontou para nós dois por baixo. Era o pior ângulo possível.

— Não se atreva a tirar essa foto — avisei, forçando um sorriso de qualquer maneira.

— Olhe para baixo — disse ele, apontando o aparelho para nós. — Feito.

Ele se afastou do vidro, e eu segui o exemplo, levemente distraída pela história dele, mas trazida para o presente enquanto contemplava a vista da cidade e a extensão do lago Michigan.

Ele estudou a foto enquanto caminhávamos para fora do convés.

— Ficou boa — disse ele, estendendo-a para mim. Gesticulei para que ele a afastasse de mim.

— Aceito a sua palavra.

Ele sorriu.

— Não é fã de tirar fotos suas?

— Não. Eu não sou fotogênica. É uma maldição. Toda vez que tiro uma, meus olhos estão fechados ou perto disso, porque meu sorriso é muito amplo.

Ele inspecionou a foto, e eu pude perceber que fora esse o caso quando ele riu.

— Sim, mas, ainda assim, ficou boa.



Acabamos andando pelas ruas do centro da cidade, nos perdendo em conversas entre os arranha-céus, falando sobre tudo e nada.

Quando procuramos um refúgio entre edifício, por causa do vento brutal, Cameron aproveitou a oportunidade para nos aquecer. Ele me beijou em todas as chances que teve, sem hesitar, e eu amei cada segundo.

Deliciava-me em senti-lo, em ter seu corpo grande me cercando, o jeito como suas mãos sempre pareciam quentes, e sua voz, suave como a seda – uma voz da qual me privei por muito tempo. Embora estivéssemos nos vendo há mais de um mês, tudo isso era novo.

Pairando em uma ponte no Riverwalk, ele tirou outra selfie de nós, na qual eu relutantemente sorri. Ele apertou os lábios quando a analisou, e eu soube que era outro desastre.

Devido ao implacável vento que batia na água, o rímel em meus olhos estava escorrendo. Cameron se inclinou e segurou meu rosto, limpando as manchas com os polegares.

— Vamos lá, vamos levá-la a algum lugar mais aconchegante — disse ele após outro beijo roubado.

Fortemente abraçado a mim, ele me protegeu do frio. Depois de alguns minutos caminhando em silêncio – tudo estava vazio – acabamos aninhados em uma mesa no *Howl at the Moon*, um piano bar em West Hubbard.

— Já veio aqui? — ele perguntou enquanto eu tirava meu casaco.

— Não, primeira vez também — respondi com um sorriso.

Quando o garçom apareceu, Cameron pediu um balde de Moscow Mule para dois enquanto eu examinava o bar. Além dos pianos em um palco, o salão iluminado por neon era escuro e íntimo.

— É isso que eu amo em Chicago. Você nunca sabe o que esperar.

— Sim — ele concordou. — Na maioria dos dias, fico feliz por ter conseguido meu primeiro emprego como treinador aqui depois de me formar.

— E os outros dias?

— Os outros dias não são verão e estou congelando — disse ele com uma piscadela. — Já sofri por invernos suficientes, por isso estou acostumado. Não me vejo morando em outro lugar.

— Eu também — concordei.

— Max vai aos jogos do Bears de short. Na verdade, você não conseguiria fazê-lo usar calças nem em temperaturas abaixo de zero.

— Isso é estúpido — eu disse, revirando os olhos.

Cameron deu de ombros.

— Eu costumava pensar que ele era louco e fazia isso para aparecer, mas acontece que ele se sente confortável dessa maneira. Ele é de Wisconsin, então...

— Isso explica tudo — eu disse, dando-lhe uma piscadela.

— Tem alguma coisa em seus olhos, Abbie?

Eu brinquei:

— É a primeira e última vez que flerto com você esta noite, treinador.

— Isso foi um flerte? — ele perguntou com um sorriso.

Eu estreitei meus olhos.

— Vou ao banheiro. — Levantei-me e fui puxada para o colo dele. Tive que conter um gemido quando ele se inclinou e roçou seus lábios no meu pescoço.

— Por que isso? — perguntei, minha voz rouca.

— Um beijo de desculpas é uma forma perfeita para lidar com essas coisas — ele sussurrou, lembrando-me de nossas conversas anteriores no café.

Nós estávamos finalmente arriscando em um relacionamento físico, e era tão bom, tão natural. Eu não podia acreditar que diferença um dia poderia fazer.

— Que música você quer ouvir? — sua voz estava muito próxima de um gemido.

Estávamos à beira da indecência quando ele chupou minha pele, deixando um rastro de arrepios com seus lábios macios.

Quando eu não respondi, ele perguntou novamente, daquela vez com suas covinhas em exibição total.

— Abbie?

— Qual foi a pergunta?

Ele me beijou profundamente, depois se afastou quando eu estava prestes a tirar a roupa.

— Surpreenda-me — sussurrei de volta quando ele relutantemente me soltou.

— Eu pretendo — ele disse com sinceridade enquanto nós dois fazíamos uma nova promessa com nossos lábios.



Um pouco depois da meia-noite, Cameron me deu boa noite na minha porta da frente. Eu estava ofegante quando me deixou, seu sorriso radiante quando fechou meu portão e olhou de volta para onde eu estava. Toquei meus lábios quando ele atravessou a rua, seus longos passos o levando para muito longe de mim.

— Meu Deus! — eu sussurrei antes de fechar a porta e suspirar. Imediatamente comecei a sentir sua falta. E antes que pudesse me repreender por isso, recebi uma mensagem.

Cameron: Algum plano para hoje?



Quatorze

Abbie

— Conte-me de tudo — pediu Bree enquanto desfilava em seu primeiro vestido.

— Nada de novo a relatar desde a última vez em que conversamos. Ele é maravilhoso, bonito e bom para mim. Muito bom para mim.

Cameron e eu estávamos inseparáveis desde o dia em que ele me beijou. Participei de um dos jogos de basquete de um time que ele treinava, o que deu início a uma série de fantasias nas quais ele era a estrela principal – onde eu o desejava enquanto ele montava em mim, todo vestido de couro em uma posição de dominador.

Naquela noite, embora ele treinasse basquete, e não futebol, eu o deixei marcar um primeiro gol. Ele conseguira extrair mais gemidos de mim do que eu pensava ser capaz. Deixou-me rouca e carente na minha porta da frente, e eu fui para a cama com minhas

fantasias repetindo-se em looping na minha cabeça e o nome dele nos meus lábios.

No dia seguinte, tivemos nosso primeiro jantar. Mais uma vez, acabamos na minha varanda, nos agarrando, um convite na ponta da minha língua, mas nunca escapando dos meus lábios. E ele nunca pressionava. Isso nos deixava frustrados, mas de uma maneira boa.

Na noite anterior, do lado de fora da minha porta, e sob a luz amarela artificial, ele sussurrou meu nome de uma maneira que quase me levou ao orgasmo só de ouvi-lo.

— Abbie — murmurou enquanto as pontas dos dedos traçavam a gola do meu suéter de malha. Eles passaram pelo tecido macio em uma carícia sedutora, enquanto seus olhos verdes prendiam os meus, azuis. Sem dizer nada – embora eu conseguisse enxergar um milhão delas em seus lábios, à espera – ele me beijou até me deixar sem fôlego, e depois me beijou mais uma vez, enquanto eu me agarrava e ele, nossos corpos presos um ao outro como se pertencessem um ao outro.

Fascinada pelo rei no ato de cortejar, ainda não conseguia acreditar que eu era a sortuda merecedora de sua atenção. Era, sem exagero, o namoro mais romântico da minha vida. Não importava o que estávamos fazendo, o afeto dele parecia sem limites, e eu o devorava ansiosamente, faminto por mais.

Eu estava muito apaixonada e me sentia muito bem em relação a isso; recusava-me a analisá-lo demais.

Bree sorriu com a minha expressão atordoada enquanto meu cérebro lutava com pensamentos acelerados a respeito do meu novo homem. Tentando manter o foco em meus deveres, examinei o vestido que ela estava usando.

— Este não é exatamente o seu estilo — eu disse. — Nem este lugar.

Estávamos em uma elegante boutique de noivas no centro da cidade. Anthony insistira em deixar seu *AmEx* com ela para que comprasse seu vestido. Bree era tão independente quanto eu, mas parecia não ter nenhum problema com isso.

Orgulhava-me dela por estar tão animada com seus planos. Ela estava organizando a cerimônia, mas concordara em deixar a recepção para o noivo. Para uma garota do sul, de uma família tradicional, era completamente atípico uma noiva desistir de opinar em tantas coisas, mas Bree era tudo menos típica.

Levantei-me para ajudá-la a sair do monte de tecido que o vestido juntou aos seus pés.

— Eu não vou encontrá-lo aqui. — Ela suspirou, entrando em outro vestido.

— Não, você não vai, mas foi um doce gesto dele. Há uma loja em Wicker que vende uns vestidos vintage — sugeri. — Deveríamos passar lá.

Ela sorriu para mim.

— Ele está amando tudo, o planejamento e os detalhes. É tão estranho, não é? Ele querer se envolver.

Balancei minha cabeça.

— Não é estranho, é incrível. E você não é a noiva estressada.

Ela sorriu.

— Estamos fazendo muito sexo.

Assim que as palavras passaram por seus lábios, a mulher que estava nos ajudando trouxe mais dois vestidos. Ela se encolheu com o comentário de Bree e pendurou as peças de seda e renda próximas a nós.

— Aqui estão mais algumas que podem ser do seu estilo.

— Obrigada — falou Bree, vasculhando a prateleira antes de olhar para a atendente e se aproximar de mim. — Este lugar é tão *Uma Linda Mulher* — disse ela com um sorriso diabólico. Um sorriso que eu conhecia e que me cheirava a problemas. — Ah, *querido* — ela falou, erguendo a voz antes de descansar o pé no pufe branco ao meu lado. — Acho que tem um fio solto na minha meia-calça — disse ela, passando a mão pela perna nua.

A atendente olhou horrorizada para Bree enquanto ela continuava, acrescentando seu toque sulista.

— Oh, eu, oh, meu... — ela demorou. — Eu não estou usando meia-calça — ela brincou, imitando as falas da cena de *Uma Linda Mulher*.

Bree, então, continuou com seus assuntos, como normalmente fazia quando queria me envergonhar.

— Por falar em sexo, quando você vai tirar o pobre homem da angústia?

A atendente saiu correndo da sala como se precisasse rezar o terço, e Bree manteve os olhos em mim. Enterrei minha cabeça em minhas mãos.

— Você poderia, pela primeira vez, tentar não me humilhar em todos os lugares em que vamos? Posso precisar vir aqui para comprar o meu próprio vestido algum dia.

— Ah, vamos lá. O que exatamente *ela* acha que acontece com esses vestidos na noite de núpcias?

— Eu não sei, mas provavelmente não fez anal para fazer o namorado propor.

Bree revirou os olhos.

— Você não é puritana, e este não é seu primeiro namorado. Você está nervosa?

— Não, eu te disse que estamos indo devagar. Ele é um cavalheiro e está me cortejando.

— Você se tornou uma mulher difícil — disse ela, vestindo o macacão de veludo.

— Eu não — disse, desviando os olhos.

— Tornou-se sim — ela insistiu enquanto verificava os vestidos, impressionada. — E tenho orgulho de você por isso. Por ter chegado tão longe. Vamos sair daqui.



No caminho para a loja de noivas em Wicker Park, Bree nos parou na rua.

— Vamos, já faz um tempo.

Percebendo onde estávamos, olhei para cima e encontrei a placa pendurada ao lado da tenda da cartomante.

— De novo? — eu disse, balançando a cabeça. — Isso é um desperdício de dinheiro.

Ela me cutucou antes de colocar a mão na porta.

— Você deveria fazer uma leitura. Ela acerta todas as vezes que eu venho.

— E você acredita nela. — Bufeí. — Ninguém pode prever o futuro, Bree.

— Sim, podem, e ela consegue. Ela previu que Anthony surgiria — ela disse enquanto abria a porta de vidro.

— Sempre vai surgir um homem — zombei enquanto a seguia pelas escadas. — Isso não é uma previsão. É uma progressão normal quando você é solteiro.

Bree era a única mulher que eu conhecia que ia a cartomantes regularmente. Eu pensava que aquilo era uma merda, mas ela acreditava no contrário. Bree achava que certas pessoas tinham a capacidade de olhar dentro de sua alma. Eu acreditava que certas pessoas treinavam para ler maneirismos e pistas para identificar antecedentes, sinais de saúde, estado mental, para se aproveitarem emocionalmente deles.

— Você é muito cética. Poderia tentar por diversão — ela propôs, dando dois passos de cada vez.

— Eu não acredito nisso — sussurrei quando nos aproximamos do topo da escada. — Acredito em números. Eles são absolutos. Não acredito em muitas outras coisas sem explicação.

— Você não pode calcular o amor — argumentou.

Dei de ombros.

— É verdade, mas você sabe que alguns cientistas acreditam que o amor é realmente apenas uma manifestação de atração, uma reação química que produz uma avalanche de endorfinas que te deixa chapado. E, eventualmente, essas reações fazem com que os sentidos se tornam imunes devido à exposição à mesma pessoa.

— Mas você é romântica — ela apontou, com seu tom incrédulo. — Uma romântica obstinada.

— Eu sou — concordei. — Sou viciada. Louca por isto.

— Você está partindo o meu coração — disse ela, olhando para mim. — Estou tendo uma reação química com o mesmo homem por dois anos, e você está dizendo que vai desaparecer? Você realmente acredita nisso?

— Sou mais cientista do que crente neste momento.

— Então, você está dizendo que meu casamento está fadado ao fracasso, porque, eventualmente, eu não vou mais me sentir entorpecida por ele?

— Ei, não coloque palavras na minha boca. É apenas uma teoria. E acho que Anthony é o único homem que pode deixá-la entorpecida por muito tempo. Não desacredito no amor. Eu o quero para mim.

— Bem, *eu* escolhi acreditar que a reação química é uma *besteira*.

— E por apenas cinquenta dólares, você pode ter certeza — eu disse, mostrando-lhe todos os meus dentes.

— *Você* precisa de uma reação química — disse ela, me dando uma cotovelada forte ao atravessar o portão.

Marisela — que eu tinha certeza de que nascera com um nome diferente, como Mary ou algo menos místico — nos cumprimentou quando entramos na sala, que também servia como uma sala de espera improvisada.

— Oi, Bree — disse ela em uma calorosa saudação. O apartamento de Marisela não estava decorado com cristais de cura e não cheirava a incenso. Parecia uma sala de estar tipicamente decorada. Marisela vestida com roupas casuais, sua aparência muito menina ao lado. Ela era o oposto do que eu esperava quando a conheci.

— Como você está? — Marisela disse, olhando para Bree antes de se dirigir a mim. — E você? Está finalmente pronto para ver seu futuro? — ela perguntou quando Bree se virou para mim, as duas sobrelanceiras erguidas.

— Comi um biscoito da sorte ontem à noite, então, estou satisfeita. Obrigada.

Bree fez uma careta para mim enquanto Marisela ria. Ela tentara me atrair para o covil muitas vezes, mas era bem-humorada com o fato de eu não acreditar em nada daquilo.

— Desculpe — eu disse, enquanto Bree atirava punhais com os olhos em minha direção. — Hoje não, Marisela. Talvez outra hora.

— Está bem. Ouço esses tipos de comentários com frequência. Sou rotulada como a louca. Não é novidade. — Ela me olhou e sorriu. — Às vezes eles chegam a me chamar de bruxinha. — Estudou minha reação. Não pude evitar. Meu queixo caiu quando seus olhos se iluminaram, vitoriosos. — Venha me ver quando estiver pronta. E diga à sua vizinha cigana que eu mandei um oi.

— Ok.

Eu não tinha ideia de quem ela estava se referindo, e a expressão em seu rosto me dizia que ela também sabia disso. Voltou os olhos, então, para a minha melhor amiga.

— Pronta, Bree?

Bree seguiu Marisela pelas portas francesas que levavam à sua sala de leitura. Estava genuinamente atordoada quando me sentei no sofá dela. Ela não poderia ter adivinhado o apelido pelo qual Cameron me chamava. Não havia maneira concebível. Eu não tinha contado nem a Bree.

Decidindo que se tratava de uma coincidência, peguei uma cópia da Rolling Stone da mesa de café e folheei um artigo sobre uma das minhas bandas favoritas, *The Dead Sergeants*. Eu estava babando na foto do vocalista quando o pequeno cachorrinho de Marisela se aproximou de mim. Eu não era muito amante de animais. Não nasci com o gene que tornava as pessoas capazes deixarem um cão te babar. E, exatamente como eu não gostaria que acontecesse, aquela merdinha subiu na minha bota nova e começou a se esfregar em mim.

— Oh não, não faça isso. — Balancei minha perna enquanto olhos redondos me encaravam. Eu poderia jurar que a bolinha de pêlo estava sorrindo. — Não vamos fazer isso. Xô! — eu disse, olhos fixos nas portas francesas, perguntando-me se Marisela sabia o que estava acontecendo.

Cameron: O que você está fazendo?

Balancei minha perna repetidamente, sem sucesso.

Não havia como falar com Cameron enquanto estava sendo usada como brinquedo sexual de um cachorro.

Seria a ironia doentia da vida ou minha pouca sorte no amor?

Eu precisava sair daquela sala. Levantei-me, e o cachorro permaneceu firme enquanto eu batia com o pé.

Não queria deixar Cameron esperando, então cruzei os braços e olhei para o monstrinho violador. O ato parecia criminoso vindo de um filhote tão fofo. Ele ignorou minha fúria e continuou, colocando a língua rosa para fora.

— Vamos lá, chega disso. Você não vai me ganhar pela insistência.

Depois de mais alguns minutos, desisti e o empurrei. Eu certamente iria para o inferno por isso. Retomando meu assento, e precisando de um cigarro e de um pedido de desculpas do cachorro que saiu como se eu não significasse nada para ele, peguei meu telefone.

Eu: Você não acreditaria em mim se eu contasse.

Cameron: Tente.

Eu: Estou esperando Bree, que está em uma cartomante, e um cachorro acabou de fazer amor com minha bota. Não me levou para jantar nem nada, apenas alimentou seus desejos e foi embora.

Esprei que digitasse, e eu sabia que ele estava rindo porque seu emoji, em resposta, me disse isso.

Cameron: Pobre bota. Você também vai à cartomante?

Eu: Não, não acredito nisso.

Enquanto esperava sua resposta, olhei para a foto acima da TV. Era um cartaz de filme antigo, com uma lua proeminente e estrelas em azul escuro acima do título *O Homem na Lua*. Pensei brevemente em como a astrologia e a astronomia eram baseadas em números ou no uso deles. Achava irônico que, se os matemáticos tivessem uma religião, seria uma dessas.

Cameron: Existem números na lua e nas estrelas.

Eu não podia acreditar no que estava lendo. Era como se ele estivesse na sala.

Eu: Uau.

Cameron: O quê?

Eu: Apenas muitas coincidências estranhas nos últimos minutos.

Cameron: Serão mesmo coincidências? ;)

Eu: Não comece. Eu disse a Bree que, do ponto de vista de uma cientista, o amor é uma reação química que deixa as pessoas entorpecidas, e ela ficou chateada.

Cameron: Você me deixa entorpecido.

Talvez eu ainda fosse um pouco cética, mas o homem tinha um arsenal completo de frases de cortejo e com elas acabava com qualquer argumento que pudesse manter dia após dia. Qualquer que fosse a ciência por trás do que eu sentia por ele, não importava. O que realmente importava era que ele me deixava entorpecida e da maneira mais maravilhosa possível. O tempo diria se iríamos durar, mas eu estava gostando do que ele me fazia sentir.

Bree apareceu da sala minutos depois com um sorriso.

— Pronta?

Eu sorri de volta.

— Acho que estou.



Quinze

Abbie

— **K**at, você está aí? — perguntei quando entrei no banheiro. — Odeio te incomodar, mas todo mundo já está na sala de reuniões.

— Sim. — Sua voz era instável. — Já vou para lá.

Ela abriu a porta da cabine, o rosto pálido, a testa coberta de suor.

— Você está bem?

— Foi o sushi que eu comi ontem à noite. Acho que estou com uma intoxicação alimentar. E minha cabeça está me matando.

— Ah, não. Podemos reagendar — ofereci, mesmo sabendo que seria difícil fazê-lo.

— Não seja ridícula — ela retrucou, abrindo a torneira e ensaboando as mãos. — Já estou indo.

— Tudo bem — eu disse, girando nos calcanhares.

— Há algo que você queira me dizer? — ela perguntou.

— Perdão?

— Eu acho — ela se virou do balcão e cruzou os braços contra o peito — que você tem alguma coisa em mente. Me diga.

Ela parecia pronta para um combate quando seus olhos azuis escuros analisaram minha aparência como se eu fosse inferior a ela.

Balancei minha cabeça.

— Não, só estou esperando para começar a reunião.

— É mesmo? Porque pelo que estou vendo parece que não é bem assim.

— Kat, será que eu estou interpretando alguma coisa errada? — disse, ao mesmo tempo irritada e atordoada com a agressão desnecessária. — Eu não estou com problema algum.

— Bom — disse ela enquanto passava por mim, mas a forma como falou estava repleta de desdém.

— Mas. Que. Diabos — murmurei, caminhando atrás dela.

Uma hora depois da reunião que Kat havia liderado, recebi uma mensagem.

Rei do Cortejo: Ei, linda.

Eu: Oi.

Rei do Cortejo: Como está o seu dia?

Eu: Uma merda. Cheio de merda. Um festival de merda.

Rei do Cortejo: Deixe-me melhorá-lo. Planos para esta noite?

Eu: Eu ia assistir a filmes de terror e desmaiar de tanto comer doces.

Sua mensagem de resposta foi emoji com o polegar para baixo.

Eu: Você tem um plano melhor?

Rei do Cortejo: Você consegue arrumar uma fantasia de última hora? Vai ter uma festa em um pub hoje à noite. Nada grande, mas eu adoraria se você pudesse ir comigo.

Eu: Acho que posso pensar em alguma coisa.

Rei do Cortejo: Passo para buscá-la às oito.

Eu: Te vejo, então.

— Abbie? — Ergui meus olhos para a expressão gelada de Kat, que fez o resto da sala voltar-se na minha direção.

Eu estava sendo repreendida como a garota distraída da sala de aula, o que eu era no momento, mas já tinha feito favores suficientes para ela para esperar o mesmo. Ela não era minha chefe, e talvez fosse a hora de deixar isso mais claro.

Para minha sorte, eu era multitarefas e enfrentei seu desafio.

— Implementaremos tudo no próximo trimestre, juntamente com o novo software. Está claramente delineado — lembrei-a, tornando-a redundante.

Ela continuou a reunião para a qual passei horas me preparando — preparando a *ela* também.

Seria um daqueles dias.



— Ok, mulher, eu estou aqui — Bree chamou do corredor. — Não tenho muito tempo. Preciso voltar ao trabalho e passar o ca... — suas palavras morreram quando ela viu a minha roupa.

— O que você acha? — perguntei, orgulhosa de mim mesma por ser capaz de encontrar a fantasia perfeita em tão pouco tempo.

— O que eu acho? Você está falando sério? — ela disse, pousando a bolsa e o jaleco manchado de sangue sobre o qual eu não queria conhecer a história por trás.

Bree me olhou com olhos selvagens.

— É um *encontro*, não um concurso de fantasias. Cadê a minha amiga sexy?

— Cadê o *quê*? Eu sou uma bruxa — respondi, embora isso estivesse claro por causa da capa de seda preta e o chapéu combinando que consegui comprar no último minuto.

A loja do outro lado da rua tinha um par de sapatos pretos com uma fivela em cima deles. Paguei apenas quatro dólares pelo complemento perfeito para minha roupa. Tive sorte.

— E este nariz? Jesus!

— Ei — defendi. — Levei uma hora para fazer minha maquiagem. É látex real, como eles usam nos filmes.

— Ah, você parece a Bruxa Má do Oeste — disse ela com uma risada.

— Então qual é o problema?

Bree balançou a cabeça, em descrença.

— Eu não sei, querida. Olhe no espelho e veja se você se acha irresistivelmente sexy.

— Sou uma bruxa. Bruxas não são sexy — falei lentamente, como se estivéssemos tendo um problema de comunicação. Talvez eu precisasse verificar sua audição. Virei-me e analisei o nariz com uma verruga gigante na ponta, e foi quando a verdade me atingiu.

— Ah, merda — soltei, percebendo o que ela queria dizer.

— Sim, você não vai precisar se preocupar com sexy esta noite. Pode usar uma fralda geriátrica sem problemas.

— Eu nem estava pensando nesse sentido — disse, impotente.

— Eu sei, querida. Mas é um encontro.

Meu rosto estava empalidecendo rapidamente sob a máscara verde. Em nenhum lugar da minha mente pensei em seduzir meu novo namorado com minha fantasia. Eu poderia ter escolhido qualquer coisa e tentado algo sexy, mas vi o chapéu de bruxa e julguei ser um achado. O nariz que colei no meu rosto com uma verruga gigante garantiria que eu permanecesse celibatária. Será que tinha feito de propósito?

— Ele estará aqui em vinte minutos! Não tenho maquiagem suficiente para refazer o rosto!

— Merda, garota — disse ela, deixando que sua gargalhada a consumisse. — Está bem. Basta tirar e nós vamos manter uma maquiagem simples nos olhos. Você tem algo preto e decotado aqui?

Ouvi o barulho de cabides na prateleira conforme ela passava pelas minhas roupas enquanto eu tentava remover o nariz.

Puxando-o sem sucesso, aproximei-me do espelho e vi um cabelo preto gigante pendurado na verruga. Amaldiçoando minha estupidez, mesmo na pressa de encontrar uma fantasia de última hora, comecei a entrar em pânico quando o nariz não saía.

— Ah, merda, Bree! Não vai sair! Eu usei muito adesivo! — A dor estava se tornando insuportável conforme eu puxava e repuxava o nariz, meus olhos lacrimejando e lágrimas deslizando pelas minhas bochechas. A lateral daquele negócio era a única coisa que se mexia, mas ainda estava orgulhosamente presa ao meu rosto. — Merda! Merda! Merda!

— O quê? — Bree disse, saindo do meu armário com um vestido preto extremamente decotado.

— Não consigo tirar. Acho que era por isso que estava com desconto. Veio sem o removedor!

Bree começou a rir histericamente enquanto eu vasculhava cada lata de lixo no meu quarto.

— Não, não está aqui! — eu disse, em pânico, quando ela se inclinou em meio a uma gargalhada. — Sua puta, pare de rir e me ajude!

— Eu vou — disse ela. — Juro por Deus, apenas me dê um segundo. — Ela se recompôs. — Tudo bem — disse ela, caminhando em minha direção antes de desmoronar novamente.

— BREE!

— Desculpe — disse ela, tentando manter a cara séria.

— Deus, eu te odeio agora — eu disse, meu queixo tremendo.

— Não se desespere, vamos resolver.



Vinte minutos depois, a campainha tocava enquanto Bree e eu estudávamos meu reflexo.

— Isso é uma loucura. Só diga a ele que tive um problema com a fantasia e que vou encontrá-lo no local.

— Você está bonita — disse Bree, sorrindo, mas eu podia dizer que ela ainda estava prestes a desmoronar.

Eu estreitei meus olhos.

— Meu rosto de bruxa está assustadoramente realista e meus seios estão escapando!

— Mas são seios incríveis — disse ela. — Você está bonita. Aceite.

— Eu nem quero aparecer na frente dele. Estou muito estranha. Por favor, vá até a porta e diga a ele que vou encontrá-lo lá.

— De jeito nenhum — disse ela. — Você está bonita. — Ela prendeu a capa em volta do meu pescoço e afofou a gola. — Viu?

Inclinei minha cabeça, girando meu nariz de um lado para o outro. Uma quantidade surpreendente de esperança surgiu.

— Apenas abra a porta.

— Estou orgulhosa de você, garota.

— Vá — rebati, bebendo o resto do meu vinho. Respirando fundo, entrei na minha sala de estar onde Cameron e Bree conversavam sobre seu trabalho.

— Fiquei distribuindo doces a noite toda. Embora eu não entenda o ponto. Hoje em dia, a maioria dos pais troca os doces que daria para os filhos, substituindo-os por coisas que comprem em loja. — Os olhos dela se conectaram com os meus. — Aí está nossa bruxinha.

Seus olhos se arregalaram quando ele me viu.

— Dane-se, eu não vou — eu disse, dando meia-volta.

— Ei, linda, aonde você vai? — As risadas leves de Cameron ecoaram atrás de mim quando ele me alcançou. — Não, você não vai fugir — disse ele, virando-me para que o encarasse. Seus olhos percorreram minha roupa. — Você está perfeita.

— Tem certeza? — perguntei enquanto Cameron olhava para o meu nariz monstruoso. — Não importa quantos banhos eu tome, o nariz não sai.

— Deixe-o, estou impressionado — disse ele, me examinando. — Você o fez?

— Não é? — Bree falou atrás de mim. — Ela arrasou. Está incrível, muito sexy mesmo — disse Bree antes de morder os lábios. Eu murmurei um "eu te odeio" quando ela cobriu a boca com a mão.

— Bem, vou embora daqui. Tenho muitos doces para entregar — disse.

— Um-quatro-três — ela gritou em minha direção antes de fechar a porta.

— Um-quatro-três, imbecil! — gritei de volta e a ouvi rir do outro lado.

— Um-quatro-três. Isso quer dizer “eu te amo” — disse Cameron atrás de mim enquanto eu pegava a minha bolsa.

— Sim, é uma coisa nossa — suspirei. Sentia-me humilhada e odiava que a noite estivesse começando daquela forma. Mesmo atrás da minha máscara, Cameron percebeu.

— Ei, ei — disse Cameron, forçando-me a olhar para ele. — Por que você está chateada?

— Porque eu pareço uma bruxa — eu respondi, não fazendo sentido algum.

— Você parece uma bruxa no Halloween, indo a uma festa de *Halloween* — disse ele, suas sobrancelhas perfeitas se estreitando. — Qual é o problema?

— Não é sexy — sussurrei, arregalando os olhos enquanto puxava minha capa, fechando-a ao redor do meu corpo.

— Ok, então você não será uma das milhares de mulheres que usam tanga e asas de fada. Confie em mim, já estou de saco cheio delas.

— Sério?

Ele se inclinou, tentando me beijar, e teve que inclinar a cabeça dolorosamente para alcançar meus lábios.

— Sim, sério, mas eu já odeio essa porra de nariz. — Ele me deu o máximo de beijo que conseguiu antes de se afastar e sorrir.

— Você está tão bonito — eu disse. Cameron estava vestido com uma blusa de gola alta preta, blazer e calça. — O que você é?

— Ted Bundy — ele respondeu com uma piscadela.

— Você só pode estar brincando comigo!

— Estou. Sou um bruxo — ele disse com uma risada enquanto eu revirava os olhos.

— Não é engraçado.

— É um pouco engraçado. E eu pensei que assassinos em série fossem seus heróis.

Eu me encolhi ao ouvir isso.

— Eles não são.

— Então que bom. Eu sabia que você se vestiria de bruxa esta noite — ele disse, me conduzindo escada abaixo. — Deveríamos pegar um táxi. Está muito frio para caminhar.

— Ok — eu disse, absorvendo-o, sabendo que meu pequeno colapso tinha atrapalhado uma apreciação mais completa quando ele chegou.

— Ei — disse ele, pegando meu olhar persistente e me dando uma piscadela.

— Ei — eu disse de volta.

Minha capa voou um pouco, e seus olhos fizeram uma leitura lenta do meu vestido.

— Definitivamente linda pra caralho, muito sexy.

— Você está dizendo isso para me fazer sentir melhor. Eu pareço uma boba com minha fantasia.

— Parece mesmo, mas não me importo de olhar para esses peitos lindos a noite toda.

Eu o empurrei usando a minha bolsa enquanto ele me puxava para ele com uma risada curta.

— Deus, você é uma coisinha e tanto.

— Uma coisinha e tanto?

— Sim — disse, mordendo o lábio. Ele se inclinou e virou a ponta do meu nariz para me beijar.

Eu estremeci.

— Ai.

— Ah, merda, isso realmente está colado.

— Sim — concordei, frustrada.

— Vou resolver isso — ele prometeu antes de gentilmente tocar meus lábios.

— Hummm — sussurrei quando ele se afastou.

Seus olhos brilhavam quando ele balançou a cabeça e me deu o sorriso que eu conhecia.

— O que foi?

— Você.



Com as mãos entrelaçadas, meu feiticeiro me levou a um pub com luz negra e nos guiou através de um mar de dentes brancos e brilhantes. Estávamos a meio caminho do bar quando ouvimos alguém gritar o nome de Cameron.

Assisti enquanto o homem se aproximava, vestindo uma roupa de laboratório químico com um sorriso enorme.

— Quem diabos você é? — Cameron perguntou quando eles apertaram as mãos.

— Quem você acha que eu sou, *vadia*? — ele respondeu com um sorriso de molhar calcinhas.

— Ah — eu disse, acenando com a cabeça enquanto ele estendia a mão para mim. — Ele é o Jessie de Breaking Bad.

O homem pegou a minha mão e a beijou.

— Ela é muito mais sábia que você — disse ele a Cameron antes de sorrir para mim. — Eu sou o Max.

Max era bonito por si só, um pouco mais baixo que Cameron, mas era igualmente forte. Enquanto Cameron era moreno, Max tinha cabelos mais claros. Os olhos dele eram de um lindo tom de castanho amendoado.

— Max, prazer em finalmente conhecê-lo. Ouvi muito sobre você.

— Digo o mesmo, Abbie, amei sua fantasia. Você fez tudo sozinha, não foi? — Cameron o cutucou seu lado, e Max olhou para ele com um: — O que foi?

— Está tudo bem — sussurrei para Cameron por sobre a música house bem alta. — Obrigada, Max.

— Quer um pouco de metanfetamina? Está matadora. — Ele tirou dois sacos de balas azuis dos bolsos.

— Legal — disse Cameron, balançando a cabeça com um sorriso. — E este homem trabalha para o governo.

— CIA — disse Max.

— Mentiroso — disse Cameron, revirando os olhos.

— Você nunca me deixa contar essa mentira, não é, imbecil? — Max gemeu de brincadeira.

— Antes de tudo, quem trabalha para a CIA não admitiria isso abertamente — disse Cameron. — E não há nada de inteligente em você. E eu sei bem, porque moramos juntos por seis anos. A coisa mais inteligente que você já fez foi colocar fogo na cama.

— Foi um acidente — respondeu Max.

— Sem mais perguntas — disse Cameron com uma risada.

Eles brigavam como Bree e eu, e me senti feliz por Cameron ter sua própria versão dela.

Cameron se inclinou e trocou palavras silenciosas com o amigo. Embora eu sentisse que estava me intrometendo, ele se recusou a soltar minha mão. Max assentiu e me olhou antes de dar um tapinha no ombro de Cameron.

— Relaxe, cara, é uma festa. Vou pegar uma bebida para vocês dois. O que você deveria ser afinal?

— Um bruxo — Cameron disse como se fosse óbvio — o que obviamente não era.

— Você se parece com o professor Hinkle — disse Max enquanto Cameron lhe dava o dedo do meio.

— Nós estudamos com Hinkle no nosso primeiro ano na Universidade de Chicago — explicou Max. — Hinkle sofria de um tipo raro de narcolepsia. Dizem que sempre que ele ria demais, ele apagava. Passei o meu primeiro ano inteiro tentando fazer isso acontecer.

— Você é um idiota. Provavelmente foi por isso que ele te reprovou — refletiu Cameron.

— Ele não me reprovou. Eu recebi uma nota melhor que você.

— Tá bom que eu acredito em você.

— Deveria mesmo, você passou quase todo o primeiro ano bêbado — disse Max.

Cameron olhou na minha direção com uma explicação.

— Eu estava com saudades de casa. Estava tentando lidar com as coisas.

— Sim, lidando. Você lidou bem — disse Max, rindo. — Afogando as mágoas em qualquer calcinha que aparecesse.

Com isso, o sorriso de Cameron foi apagado de seu rosto, mas o meu surgiu.

— Sério? — Eu arqueei uma sobrancelha quando Cameron olhou para Max, que pigarreou.

— Sim, esse cara era um filhinho de mamãe completamente. Pensei que ele ia chorar quando ela o deixou no dormitório no nosso primeiro dia. — Max colocou a mão no ombro de Cameron. — Mas eu amava aquela mulher. Emma era única.

Eles trocaram palavras não ditas, e eu sabia que Max era minha nova pessoa favorita. Qualquer um podia ler nas entrelinhas que, por trás das piadas e do jeitão brincalhão, havia respeito e carinho genuíno entre eles.

— Eu pensei que você ia pegar umas bebidas para nós — disse Cameron.

— Vou já fazer isso. — Max vagou pela multidão enquanto Cameron conseguia uma mesa vazia de dois lugares na esquina da pista de dança. Ele se sentou e me puxou para seu colo.

— Então — disse ele, traçando a barra do meu decote com o dedo antes de voltar os olhos para os meus. — Você tem um toque de recolher hoje à noite?

— Não. — Inclinando-me, cheirei sua colônia, o que era incrível, uma mistura de todas as coisas masculinas existentes.

— É bom saber — ele disse enquanto circulava meu pulso com os dedos. Meu coração começou a acelerar quando me inclinei para ele. Seus olhos se concentraram no meu decote. — Este vestido é cruel — ele murmurou. — Seria totalmente inapropriado se eu te sequestrasse?

— Sim — eu disse, passando as mãos pelos cabelos na parte de trás do pescoço dele. — Eu gosto de Max — revelei, acenando com a cabeça para ele, exatamente quando o vi olhando em nossa direção, sorrindo.

— O que ele faz para o governo?

— Trabalha por contrato, como você.

— Ele provavelmente está se divertindo mais do que eu no momento. Mal posso esperar para começar meu novo trabalho. O que eu tenho agora está se tornando um pé no saco, e eu tenho uma relação de amor e ódio com a equipe com a qual estou trabalhando.

— Fico feliz que você esteja pronta para seguir em frente.

— Meus olhos estão aqui em cima, treinador.

Cameron se inclinou, tentando focar no meu rosto.

— Qual é o problema de vocês, homens, com peitos?

— Você quer uma resposta inteligente do tipo Freud ou a verdade como eu a conheço?

— Existe uma resposta inteligente, professor Hinkle?

Ele me olhou de soslaio.

— Eu sabia que seria um problema apresentar vocês dois.

Olhei para Max.

— Eu te ia querer descobrir os podres. Afogando mágoas em calcinhas, hein?

Cameron estremeceu.

— Eu era solteiro — disse ele, olhando para mim através de suas grossas pestanas negras. — É comum, não é?

Eu torci meu nariz de dez centímetros e ele me puxou para mais perto.

— Isso te incomoda?

— Não. Claro que não. Sempre imaginei isso, na verdade.

Ele franziu a testa.

— E por que?

— Seu comportamento. E um homem não se torna tão confiante quanto você é sem ter tido muitas escapadinhas.

Ele me mostrou seu sorriso branco perolado.

— Escapadinhas?

— Você era o cara mais popular da fraternidade?

— Talvez — ele disse enquanto nos virava e se inclinava. — Abbie, foi há muito tempo.

— Eu sei. Estou tranquila com isso. Apenas curiosa.

Ele tentou me analisar, para perceber se eu estava com ciúme, mas não encontrou nada disso. De qualquer maneira, achei melhor

explicar.

— Na verdade, eu não sou do tipo ciumenta. Tive um momento ou dois quando mais jovem, mas amadureci. Acho que quando você atinge certa idade, percebe como é inútil.

— Bem, se isso ajuda, parei de pensar com meu pau há muito, muito tempo atrás.

— Tenho certeza que sim. Mas aposto que quando era mais saquinho, ainda era um cavalheiro.

— Eu era — disse ele com um torcer de lábios.

— Deixe-me adivinhar, você enxugava suas lágrimas com calcinhas, depois do discurso de 'não é você, sou eu', mas, ainda assim, preparava o café da manhã para elas.

— Eu faço bons waffles — ele assegurou com um sorriso irônico.

— Eu amo waffles — eu disse com um suspiro.

Ficou claro que ambos estávamos muito dispostos a comer waffles juntos.

Eu olhei para ele quando tirou meu chapéu pontudo e passou as mãos pelos meus cabelos. Seus dedos atenciosos deslizaram pelos meus fios enquanto ele simultaneamente esfregava minhas costas.

— Você é realmente bom nisso.

— Em quê?

— Me fazer sentir bem.

— Abbie, você não é uma garota de uma noite só.

— Eu sei e tenho orgulho disso. Mas não posso dizer que não passei por isso. É provável que você tenha sido apenas uma fase para elas também.

Surpresa cobriu suas feições.

— Você está advogando por elas?

— Claro que sim. Talvez eles tenham usado você por uma noite. Não estamos todas em busca de flores e romance. Estou disposta a apostar que, quando a maioria delas escolheu as calcinhas que você tirou, elas não estavam pensando em ir à missa. Elas sabiam exatamente o que estavam fazendo. E isso te deixava rendido, não é?

Ele me puxou mais forte para ele.

— Sim.

Max voltou com dois copos de ponche e colocou um na minha frente.

— Obrigada — eu disse, virando-me para Cameron, que tomou um gole dele e balançou a cabeça antes de tirar o copo da minha mão. — Uh, não toque nessa porra de copo. O que tem nisso, Max?

— Chama-se Pia da Cozinha — gritou Max. — Não faço a menor ideia. Depois do primeiro gole, desce como água.

— Não diga. — Cameron olhou para mim, intencionalmente. — Não beba isso.

— Solte as rédeas, treinador. Nós estamos dirigindo. — Peguei o copo da mão dele e jurei que estava engolindo fogo. — Uau! — eu disse com os olhos arregalados.

— Não é melhor ficar só no primeiro gole?

Eu assenti.

Max mal nos ouviu enquanto examinava a multidão.

— Eu pedi para a Rachel vir. Vou procurá-la. Ela disse que viria de diabinho.

— Ela não vai aparecer. Você está tentando pegá-la há um ano — disse Cameron.

— Oh, homem de pouca fé — disse Max, inclinando-se para garantir que eu o ouvisse. — Não dê ouvidos a ele. Ela me ama.

— Não tenho dúvida — eu disse honestamente.

Cameron e Max atraíam olhares atentos e a atenção de todas as mulheres de pernas longas e seios grandes no bar. Peguei algumas deles olhando e sorri quando notei que elas estavam usando collants, asas e tangas. Abracei Cameron com um pouco mais de força e, embora ele não soubesse o porquê, retribuiu o carinho e me abraçou com mais força também. Sendo do tipo ciumenta ou não, ele mal *olhava* para elas, e eu me apaixonei um pouco mais por causa disso.

Max se inclinou com uma expressão ameaçadora.

— Tenho que avisá-la, quando este homem bebe, ele tende a ficar muito afetuoso.

— Isso é uma alusão ao dia em que ele quase beijou um homem? — perguntei.

O queixo de Max caiu.

— Ele te contou? — Ele gritou para Cameron: — Você contou para ela?!

— Sim — disse Cameron enquanto olhava para mim com uma mistura de orgulho e diversão.

— Porra, cara, você ameaçou minha vida para que eu mantivesse segredo. — Max virou-se para mim. — Olha, ele deve mesmo gostar de você.

— Não sou tão perversa quanto pareço. — Os dedos de Cameron pressionaram meu quadril.

— Fofa — disse Max. — Vou rodar. Se vocês virem uma diabinha pequenininha com uma bunda incrível, segurem-na aqui, se não se importarem.

— Pode deixar — Cameron e eu dissemos em uníssono.

Max se afastou, e eu perguntei a Cameron.

— Por que você acha que ela não vai aparecer?

— Max é o chefe dela — disse ele. — Ela não vai cruzar essa linha.

— Ele claramente não quer apenas sexo — eu disse, examinando a multidão em busca da diabinha.

— Como você sabe?

— Se ele está esperando há um ano, obviamente está apaixonado por ela — eu disse com um encolher de ombros.

— Eu também acho. É uma situação de merda. Ele não pode demiti-la só para poder sair com ela.

— Isso é péssimo. Meu irmão pode lhe dar algumas dicas. Ele dormiu com toda a sua equipe cirúrgica — falei secamente.

— E como funciona para ele? — Cameron perguntou, tomando um gole de seu ponche.

— Ele ainda está vivo.

— Vocês dois são próximos?

— Ele é um bom irmão, tanto poderia ser. Um pouco superprotetor. Tenho certeza de que em algum momento ele vai tentar te ameaçar. Ainda brigamos como quando éramos crianças, e ele ainda me deixa envergonhada.

— Nesse caso, mal posso esperar para conhecê-lo.

Nós compartilhamos um sorriso, o que estava se tornando rotina para nós.

— Vou te poupar por ora, enquanto ainda gosto de você.

Eu estudei o rosto dele.

— Você tem uma mancha verde na boca.

Limpei-o quando ele olhou para mim.

— Quando eu te conheci, seu rosto estava com uma mancha assim.

— Você percebeu? — Maldita máscara facial noturna. — Bem, era dia do lixo.

— Dia do lixo?

— Sim, sem maquiagem, sem dieta. Dia de só sair da cama e escovar os dentes, no máximo.

— Onde eu assino para participar?

— Você nunca conseguiria ficar um lixo, Cameron. Você é bonito demais.

— Sim, mas esse blazer não me faz parecer gordo?

— Há Há — eu disse enquanto ele me segurava com força.

— Dance comigo, bruxinha — disse ele enquanto me colocava no chão.

Mal cabíamos no espaço pequeno. Cameron começou a mover seus quadris sutilmente, e eu o segui.

Depois de alguns minutos de silêncio, ele me puxou para perto e sussurrou em meu ouvido.

— Você pode não ser do tipo ciumenta, mas eu odeio a porra do pensamento de mais alguém tocando em você.



Algumas horas depois, meu corpo estava zumbindo junto com a música. Apesar dos protestos de Cameron, bebi dois copos de Pia da Cozinha e nada mais importava. Mantive meu juízo enquanto a festa começava, assim como aumentava o calor pelo número de corpos no pub. Cameron ficou colado ao meu lado, sempre atento, certificando-se de que eu estava feliz e confortável. Ele até esperou

do lado de fora do banheiro por mim como um verdadeiro cavalheiro.

No final da noite, Max e eu tínhamos nos tornado amigos, e Cameron e eu estávamos morrendo de tédio um pelo outro depois de horas esfregando nossos corpos na pista de dança. Eu não era muito boa dançarina, mas sabia fingir. O homem adorava dançar. Não só isso, ele tinha ritmo – muito. Não era um exibicionista, mas era bom.

Peguei mais algumas mulheres olhando para ele, o que fez meu peito inflar de orgulho, mas ele manteve os olhos fixos no meu nariz hediondo. Depois de suar, finalmente consegui tirar o látex, e este foi parar em um dos copos vazios em nossa mesa.

O bar estava sufocante quando saí do banheiro depois de lavar meu rosto completamente. Meu cabelo estava um pouco emaranhado, e eu me esforcei para penteá-lo com as mãos. Eu me sentia um desastre, mas meu acompanhante não parecia dar a mínima quando me viu novamente.

— Aí está a minha garota — ele sussurrou, segurando meu queixo antes de dar um beijo no meu nariz. — Está pronta para ir?

— Sim.

— Com fome?

— Faminta, na verdade.

— Vamos. — Cameron nos guiou bar enquanto procurávamos Max para dizer adeus. Ele estava em uma conversa séria com uma pequena diabinha e nos deu um meio aceno.

— Acho que vamos ter que conhecê-la outra hora — disse Cameron com um olhar por cima do ombro.

— Você acha que ele está bem? — perguntei, olhando Rachel antes que Cameron me puxasse pela porta. Ela era linda e, pelo que pude ver, parecia chateada. Max parecia estar à beira das lágrimas. — A conversa não parecia muito boa. Espero que esteja tudo bem.

— Vou falar com ele mais tarde. — E eu sabia que ele faria mesmo. Cameron era aquele tipo de amigo.

— Talvez devêssemos voltar. — Fiquei paralisada, sentindo-me assombrada pela quantidade de dor nos olhos de Max em comparação com seu sorriso de momentos antes.

— Você não pode consertar aquele problema. Eles têm que resolver sozinhos, Abbie.

— Eu sei, é só... Ele me contou mais sobre eles quando você foi pegar nossas bebidas. Ela tem um filho, e Max o adora. Eu só gostaria de poder ajudar.

Os olhos de Cameron brilharam para mim.

— O que foi?

— Adoro o jeito como você se importa com as pessoas. É uma coisa tão boa. É como se seu coração fosse grande demais para você.

— Então, eu não sou uma bruxinha?

— Claro que é — disse ele com um sorriso. — Você quase arrancou minha cabeça quando te acordei no sábado.

— Era cedo.

— Era meio-dia, sua *poser*. Quando nos conhecemos, você chegava toda arrumada, mesmo sendo cedo, para nossos encontros na cafeteria — ele disse com uma risada enquanto saíamos para descobrir que estava chovendo. O ar fresco nos atingiu e nós dois suspiramos dando-lhe boas-vindas. — Espere aqui, vou chamar um táxi para nós.

— Ok, bom, porque eu estou derretendo, *derretendo*! — Cameron revirou os olhos para minha encenação de Bruxa Má do Oeste e correu para a rua, sinalizando com sucesso para um táxi. Depois que ele me fez um sinal, comecei a correr para encontrá-lo.

Cameron sorriu quando o encontrei na porta.

— Isso foi fofo.

— O que foi fofo? — perguntei enquanto deslizava no assento para dar espaço para ele.

— Essa dancinha que você acabou de fazer.

Mordi o lábio quando ele fechou a porta, sentindo meu cabelo coberto de água.

— Oh.

— Oh? — ele disse, confuso. Então, falou com o motorista. — Hollywood Grill.

Partimos como um tiro para longe do meio-fio enquanto eu falei baixinho:

— Eu não estava dançando.

— O quê? — Cameron perguntou. — O que você estava fazendo?

Meh. Próximo assunto.

— Eu amo o Hollywood Grill. Eles têm um bom bife frito com frango, embora Bree tenha dito que é uma merda, mas ela é extremamente exigente. — Eu bufei ao lembrar.

— Não mude de assunto. O que foi aquilo lá atrás?

Eu fiz uma careta. Malditos drinques.

— Eu estava correndo.

— Você estava o quê?

— Eu estava correndo.

Apesar do meu olhar de aviso, o riso dele não parou até chegarmos ao restaurante.



O Hollywood Grill era um restaurante dos anos 50 e o melhor lugar para uma noite de bebidas no Wicker Park. Quando Bree e eu nos mudamos para o bairro, costumávamos frequentar a lanchonete depois de nossas baladas. Fazia anos desde a última vez em que estive lá. Senti falta da minha amiga e mandei uma mensagem para ela, enquanto eu me sentava com o meu cara favorito, que ainda estava sorrindo para mim.

— Então, aquilo foi uma corrida?

— Dá para parar? — desprezei. — Acho que já nos divertimos o suficiente esta noite às minhas custas.

— Sim, mas não há uma única chance no inferno de eu desistir do assunto.

— Eu sinto aflição quando corro — eu disse, bebendo minha água.

— Aflição? — ele repetiu, sua expressão mostrando que não estava acreditando.

— Sim, *aflição* — eu reiterei, me escondendo atrás do meu menu.

Cameron encarou a parede na tentativa de conter sua risada, e eu o chutei debaixo da mesa com meu sapato pontudo.

— Ai — ele disse, me lançando um olhar cauteloso.

— Você mereceu.

— Então, me diga... as pessoas precisam chamar uma ambulância quando isso acontece?

— Cameron — eu repreendi quando ele explodiu em outra gargalhada. — Você é tão idiota. Fui ridicularizada pelo modo como corro a minha vida inteira.

— Sinto muito — disse ele, sóbrio. — Bem, não sinta aflição, linda. Correr é uma das coisas nas quais eu sou bom.

— Você já me disse — eu falei, fingindo analisar o menu. — Alguns de nós não são tão graciosos.

— Ninguém é quando começa — disse ele sinceramente.

— Minhas pernas são um pouco tortas. Sempre foi difícil para mim — admiti, meu rosto em chamas.

Ficamos em silêncio. Não olhei para ele.

— Você sabe para correr existe uma postura. Podemos treinar seu corpo novamente.

Isso despertou meu interesse, e eu ergui os olhos do meu cardápio.

— Sério?

— Sim — ele disse, tirando o blazer. — Se você quiser, posso fazer isso. Treinar você.

A garotinha dentro de mim, que assistia corridas de revezamento do lado de fora da quadra e sonhava em ser escolhida como parceira de alguém apenas uma vez, se animou.

— Eu não sei. Sou muito preguiçosa de manhã.

— Eu também posso mudar isso. Você pode correr sua primeira maratona na primavera.

Eu olhei para ele com ceticismo.

— Eu duvido disso.

— Então deixe que essa seja a minha promessa para você. OK?

— OK.



Prendendo ambas as minhas mãos acima da minha cabeça, Cameron inclinou-se e sugou no meu pescoço antes de capturar a minha boca, investindo com sua língua profundamente, me beijando como se disso dependessem nossas vidas. Seu corpo sólido se remexia contra o meu enquanto me segurava firmemente embaixo dele.

Tudo dentro de mim estava pedindo por alívio quando ele arqueou seus quadris e pressionou sua ereção contra a minha barriga.

— Abbie — ele murmurou, deslizando a palma da mão pela lateral do meu rosto, no meu peito, segurando meu seio enquanto mantinha seus olhos nos meus. Eu pude ver minha respiração no momento em que ela atingiu seus lábios carnudos. Saía em jorros rápidos. Sua mão se afastou ainda mais, e ele parou, seus olhos fixos nos meus em busca da permissão que eu dei em silêncio pouco antes de ele tocar meu sexo através do tecido da minha calça.

Gemendo em boas-vindas, ele passou os dedos pelo tecido, e eu inclinei minha cabeça para trás.

— Você está molhada para mim? — Cameron murmurou contra a minha garganta quando as coisas começaram a ficar indecentes na minha varanda. Colocando a mão entre nossos corpos, segurei seu pau através de sua calça e ouvi um grunhido enquanto ele mexia seus dedos, adicionando pressão. — Devo fazer você gozar aqui na sua varanda, para que pense em mim toda vez que vier aqui?

— Cameron — choraminguei.

— Isso não é uma resposta — ele advertiu enquanto enfiava a mão na minha legging e passava um dedo pela borda da minha calcinha. Remexi meus quadris antes que ele deslizesse um único dedo para dentro da peça de seda que cobria minha intimidade que estava encharcada. Ele foi de um lado para o outro lentamente, brincando comigo enquanto eu me arqueava na direção dele,

desesperada por atrito. — Jesus, você está encharcada — disse ele enquanto esfregava um dedo por sobre a barreira e a invadia. Ele praguejou quando enterrou o nariz no meu cabelo e mordeu meu ombro antes de enfiar os dedos dentro de mim e começar a remexê-lo. Ofegando com a sensação, *quase* gozei quando começou a estocá-los enquanto eu segurava seus ombros.

— Alguém vai ver — eu consegui dizer, me esfregando nele para buscar minha liberação enquanto ele chegava mais fundo. — Eu vou gozar — anunciei como se ele não pudesse sentir meu corpo começar a tremer.

— Goze — ordenou enquanto me masturbava. Sucumbi à onda de calor que tomou conta de mim. Ele se endireitou, olhando para mim enquanto eu convulsionava com os lábios entreabertos, sem dizer nada quando o êxtase percorreu minhas veias. Olhar para o rosto dele apenas aumentava a sensação – seus olhos ardiam enquanto sua mandíbula pulsava. A tensão em seus traços parecia uma mistura de prazer e dor enquanto ele me observava desmoronar sob seu toque. — Assistir você gozar... é melhor do que qualquer coisa que eu imaginei — sussurrou enquanto diminuía as estocadas e me beijava suavemente antes de endireitar meu vestido. Meu desejo foi apenas moderadamente aplacado pelo orgasmo com o qual me presenteou. Eu queria mais e queria naquele momento. Agarrei seu blazer e me joguei em um beijo, que ele retribuiu com a mesma febre. Ele me ergueu para poder pressionar lentamente seu pau duro entre minhas coxas. Eu já estava à beira da insanidade novamente enquanto a língua dele brincava com a minha.

— Nós não podemos fazer sexo na minha varanda — eu disse enquanto ele tomava meu lábio em seus dentes.

Eu estava excitada demais para ficar envergonhada com a nossa pequena indiscrição e, pelo olhar em seu rosto, ele também não dava a mínima. Mas minha varanda não era o lugar e a palavra "entre" se recusava a sair.

Relutantemente, ele se afastou devagar, colocando-me de pé antes de abrir um sorriso tenso.

— Está tarde — sussurrou. — Tenho que ir. — Ele se inclinou e buscou meus olhos. Depois que chegou a uma conclusão, afastou-se.

Eu já estava de luto por sua partida, meu corpo doía querendo mais.

— Esta noite foi incrível — eu disse. — Obrigada.

— Te vejo amanhã? — Assenti.

Eu estava prestes a falar quando ele me venceu.

— Boa noite, linda.



Às seis horas da manhã seguinte, ouvi uma batida na minha porta. Quando a abri, encontrei um treinador lindo a sorrir para mim. Prontamente bati a porta na cara dele. Ouvi sua risada antes de abri-la lentamente. Daquela vez, ele segurava duas caixas.

— Ok, só dormimos cinco horas. O treinamento pode esperar até amanhã?

— Não há momento melhor do que o agora.

— Quando eu disse que sim, não quis dizer hoje — eu disse, dando uma desculpa rápida.

— Então, quer começar amanhã? — ele perguntou.

— Seria ótimo. Vou poder comprar umas roupas apropriadas.

— Imaginei que esta seria a sua desculpa. Mas já resolvi tudo.

Grunhi. Claro que ele tinha feito isso.

— Tamanho trinta e seis, Nike. Vai te ajudar com a sua aflição — ele disse docemente. Não me senti ofendida enquanto pegava os sapatos.

— São lindos — falei — e caros. Cameron, você não precisava fazer isso.

— Eu quis. Tem roupas na outra caixa. Gosto de te ver de rosa.

Precisei me esforçar muito para não pular no colo dele bem na entrada da minha casa.

— Uau — eu disse enquanto pegava a calça rosa e a camisa combinando. Havia mais algumas roupas, além de um top esportivo.

Eu fiquei sem palavras.

— Quando você conseguiu essas coisas?

— Ontem à noite, quando deixei você em casa, fui assaltar a minha própria loja — disse ele. — Vá se trocar e depois nos alongaremos.

— Tudo bem — eu disse, olhando para ele do corredor, sentindo uma estranha emoção. Depois de escovar os dentes, amarrei o cabelo e lavei o rosto. Tudo o que ele levou para mim coube perfeitamente, e eu adorei o visual.

Saí e o encontrei na entrada da minha casa.

— Sexy — disse ele, mordendo o lábio.

— Obrigada — eu disse, inclinando-me para beijá-lo. — É estranho que eu esteja meio empolgada?

— De modo algum. Estou feliz que você esteja, especialmente a essa hora do dia. E você vai passar a adorar quando encontrar seu ritmo.

Queria confessar a ele que estava vinha lutando contra meu ritmo a vida inteira, literal e figurativamente. Mas estava lutando mais ainda contra a emoção que seu gesto me causou. Ele nunca saberia o quanto significava para mim.

— Ok, vamos fazer isso.

Cameron me levou por vários trechos. Ele me disse que por causa do meu ritmo, teríamos que fazer alguns exercícios extras para cuidar das minhas coxas. Aparentemente, ele tinha estudado sobre o assunto. Eu fiz o mesmo na última noite e assisti a alguns vídeos sobre a arte de correr antes de desmaiar. Deitei-me na cama, sonhando em ser uma daquelas mulheres que eu invejava por poderem correr graciosamente, confiantes. Eu queria isso mais do que ele poderia imaginar.

— Vamos fazer um quilômetro hoje — disse Cameron quando chegamos à calçada. — Mas vamos começar devagar.

— Um quilômetro. — Eu assenti. Um não parecia tão difícil. Ensaio mentalmente tudo o que aprendi, comecei a me empolgar enquanto Cameron me dava mais algumas dicas.

— Lembre-se de respirar. Não prenda o ar. Inspire e expire.

— Entendi.

— Mantenha seu próprio ritmo, não o meu. Se você se cansar, tente continuar respirando e, se começar a doer, pare.

— OK.

— Vamos. — Partimos enquanto eu tentava forçar os meus pés, manter os braços fechados, mãos em punhos e a respiração equilibrada. Cameron tinha uma passada longa e parecia gracioso em seu traje de corrida.

Eu o imitei o quanto pude. Mas menos de cinco minutos depois, tudo o que aprendi foi direto para o inferno. Eu estava ofegante e quase vendo tudo preto. Cameron olhou para mim quando eu fiquei para trás, e meus braços mais pareciam os de um T-Rex. Ele parou, me vendo lutar comigo mesma e riu.

Algo em sua risada me destruiu. Meus olhos ardiam, e um nó se formou na minha garganta. Talvez tivessem sido os anos de bullying que eu sofri ou o fato de ter contado a ele sobre o problema na noite anterior, mas doeu vê-lo rir de mim. Meu coração despencou quando suas covinhas apareceram.

— Ei, eu vou voltar para a minha casa.

Seu sorriso foi substituído por confusão.

— O que foi?

— Sim, obrigada.

— Abbie...

— Me mande uma mensagem mais tarde ou algo assim — gritei por cima do ombro enquanto seguia na direção da minha casa. Segundos depois, fui pega pela cintura e impedida de continuar caminhando, enquanto Cameron sorria para mim, mas este sorriso desapareceu quando ele olhou nos meus olhos.

Com as mãos nos quadris, encarei-o.

— Isso é o que você chama de me ajudar? Gargalhando?

Cameron examinou meu rosto.

— Você está realmente chateada?

— Só esqueça. — Passei por ele, mas fui novamente impedida.

— Abbie...

— Está tudo bem, tudo bem — eu rebati. — Sabe, eu sei, estou acostumada com isso.

Afastei-me, determinada a voltar para minha casa sem derramar uma lágrima, quando o ouvi rugir atrás de mim.

— Ei, moça!

Algo em seu tom me fez parar e me voltar em sua direção. Passos longos o colocaram na minha frente em segundos, e ele parecia... chateado. Pairou sobre mim quando cruzei meus braços.

— Abbie, nos últimos dois meses em que conversei com você, gosto de pensar que descobri muitas coisas, e uma das coisas que descobri é que você sabe tirar sarro de si mesma e pode aguentar ser zoada. Então o que está acontecendo?

— Você já viu demais.

— Garanto que não.

— É como se eu fosse uma piada para você.

— Eu garanto que você não é.

— Então, quando você estava rindo de mim naquele momento, isso não significava nada, certo? E o que acontece acordar às seis da manhã para explorar a minha fraqueza?

— Explorar sua fraqueza? Abbie, você não pode estar falando sério — ele disse, as sobrancelhas se estreitando.

— Como eu disse, estou acostumada. Todo mundo que eu amo tira sarro de mim.

Seus olhos acenderam em chamas, e sua mandíbula se contraiu enquanto ele me estudava.

— Esqueça. Te mando uma mensagem mais tarde. — Novamente me pus a caminhar, dando a volta por ele e fui pega pelo pulso.

— Espere um minuto. Se eu estava rindo, era porque acho alguns de seus movimentos histéricos, e eles realmente são. Você é engraçada na maioria das vezes e às vezes, não, o que, estranhamente, ainda é engraçado. Cheguei na sua casa às seis da manhã porque não conseguia dormir. E não consegui dormir porque não conseguia parar de pensar em estar ao seu lado novamente e precisava de uma desculpa para vê-la. Eu respeito os limites que você é tão insistente em manter, porque me *importo* com você.

Quanto à corrida, vi como seus olhos se iluminaram ontem à noite quando falei sobre isso. Então, em vez de me masturbar pensando em você e a necessidade de tocá-la, pensei em matar dois coelhos e me exercitar com você ao meu lado. Estou me controlando demais neste momento porque você é a mulher mais sexy que eu já conheci. E caso não esteja claro agora, quando se trata de fraqueza, você está se tornando a minha. Então, se gritar comigo na rua te faz sentir melhor, não vou ser contra, mas preferia estar fazendo muito, muito mais, e pela expressão em seu rosto, você também preferiria.

Eu fiquei atordoada. Ele se aproximou quando meu coração começou a cantar.

— Eu não quero te pegar, Abbie. Estou me apaixonando por você.

O sol escolheu aquele momento para rastejar no horizonte, atingindo nós dois. Eu me joguei nele, escalando-o como uma árvore até que nossas bocas se tocaram. Cameron me segurou, agarrando minha bunda antes de tocar meus lábios suavemente enquanto eu afundava nele, minhas pernas tremendo. Ele deslizou sua língua cheia de desejo ao longo do contorno da minha boca, e eu a abri para ele. Ofeguei quando pressionou e me beijou sem fôlego. Senti meus joelhos começando a ceder quando ele se afastou.

— Sinto muito, baby

— Não se desculpe...

— Juro por Deus que nunca te magoaria intencionalmente-

— Eu só estava envergonhada.

— Você não precisa ficar, Abbie, nunca comigo —

— Você estava apenas tentando ser bom para mim, e você é tão bom para mim, Cameron — murmurei enquanto observava suas feições e cruzei minhas mãos em volta de seu pescoço, deslizando meus polegares pelos cabelos em sua nuca.

Nossas bocas se fundiram novamente, apagando todas as dúvidas. Sua necessidade combinava com a minha. Peito contra peito, nossos corações acelerados se encontraram e se moldaram. Dar e receber, éramos implacáveis em nosso desejo um pelo outro.

Tudo o que eu sentia, expressava com meu beijo, e o dele era demais para aguentar. Nós só nos afastamos quando ouvimos um carro se aproximando, mas mantivemos nossas testas juntas.

— Isso é muito melhor do que...

— Não acredito — eu disse ao mesmo tempo em que nos afastávamos.

Ele se inclinou de novo, e o próximo beijo pareceu fazer o tempo parar, deixando nossos passados para trás, nos levou a avançar e durou pelo tempo de um coração rendido à eternidade. O mundo era um borrão enquanto nos satisfazíamos, perdidos em nossa bolha. Ele era tudo o que eu via, tudo o que sentia, e era incrível.

Eu estava voando alto quando ele afastou os lábios, mas nos manteve perto.

— Eu preciso disso. Eu precisava tanto disso — ele declarou antes de fechar os olhos com força. Quando eles abriram, estavam cheios de emoção. — Diga-me que posso ter tudo isso, diga-me que posso ser feliz. Diga-me que posso ter você.

— Sim — eu sussurrei. — Estou nervosa — disse honestamente.

— Eu não estou. Eu quero isso, Abbie.

Normalmente essas palavras me assustariam e, no passado, me assustaram, mas as dele pareciam certas. Não eram egoístas. Ele estava dando e recebendo. Um presente. E percebi que nunca quis tanto algo na minha vida. Eu estava perdida, mas não era apenas eu, éramos parte de um *nós*.

E eu nunca mais seria a mesma mulher sem ele.

Percebi que tinha tudo a perder quando o puxei mais forte para mim.

— Nunca me senti assim tão bem. Leve-me para casa, Cameron.

Ele se afastou e balançou a cabeça.

— Não, Abbie. Eu não deveria ter dito isso e não vou te pressionar.

— Eu precisava disso, Cameron, você não vê? Precisava de você.

Secando uma lágrima melancólica da minha bochecha com o polegar, ele mergulhou de novo e de novo, deslizando as mãos

quentes em volta da minha cintura por baixo da minha blusa e me puxando impossivelmente para mais perto.

Com esse beijo, nos selamos, juntos, nosso destino, em Wicker Park.

— Me leve para casa.

— Ok — ele disse antes de depositar um beijo reverente na minha testa.

Puxei sua mão, liderando o caminho, e ele me seguiu, seu sorriso radiante aumentado pelo sol nascente atrás dele. Sem palavras, apenas nos encaramos com intensidade correspondente enquanto caminhamos em direção ao meu apartamento.

Demos passos mais longos quando nos aproximamos de casa e depois entramos correndo assim que passamos pelo portão. Na minha varanda, ele me imprensou na porta da frente e me beijou quase me sugando a vida inteira. Recuando, ele colocou as mãos em ambos os lados do meu rosto enquanto olhava para mim, seus olhos cheios de luxúria.

— Eu posso ir embora agora, Abbie. Mas não poderei fazer isso se passar por essa porta.

Ele se inclinou enquanto chupava meu lábio inferior em sua boca antes de pressionar sua ereção contra meu estômago.

— Fique — eu gemi quando ele deslizou seu beijo pelo meu pescoço e depois me afastei para enfrentar seu olhar. Eu me abaixei e segurei seu pau, fechando meus dedos ao longo do contorno rígido. Meu corpo inteiro ficou tenso quando medi o tamanho dele.

Aleluia.

Minha boca salivou com a necessidade de se alimentar dele. Eu estava morrendo de fome, e ele era o único que eu queria devorar. A estrela de todos os sonhos que tive desde que nossos olhos se conectaram naquele café. E estava prestes a acontecer. Não importava que tivéssemos tanto a descobrir, que ele não sabia de todas as minhas verdades e que eu não soubesse muito sobre o seu passado pessoal. Nada disso poderia nos tocar. Passamos do nada para tudo em poucos meses. Não era apenas atração. Era muito mais, não dito e admitido. E tão certo quanto minha presença naquela varanda, eu queria que ele soubesse.

— Eu quero isso. Eu quero você.

Uma vez lá dentro, ele me empurrou contra a minha porta e tirou meu Nike antes de lentamente tirar minha calça. Ajoelhou-se e deslizou os dedos por dentro das minhas coxas.

— Se fizermos isso, não haverá mais ninguém. Quero deixar isso claro. — Apertei sua cabeça quando ele deslizou minha calcinha antes de introduzir um dedo em meu sexo enquanto olhava para mim.

— Isto é meu a partir deste minuto

— Sim — sibilei quando ele esfregou um dedo nas minhas fendas.

Remexendo-me contra a mão dele, arqueei meus quadris ansiosamente. Ele enganchou minha perna por cima de seu ombro, sua respiração atingindo meu clitóris.

— Eu não sei o quão lento eu vou conseguir aguentar ser — ele sussurrou antes de soltar a língua e me lambe suavemente de baixo para cima. Meu gemido ecoou quando ele me abriu e me devorou. Minhas pernas dobraram quando seus ardentes olhos verdes encontraram os meus. Ele gemeu enquanto girava a língua. Rebolando contra sua boca, segurei-o por apoio enquanto ele me destruía.

Ele poderia estar de joelhos, mas era eu que estava à sua mercê.

A força dos braços de Cameron era a única coisa que me mantinha em pé enquanto ele lançava sua língua perversa pelo meu clitóris com lambidas lentas e vagarosas. Ofegando quando o orgasmo atingiu, segurei seu cabelo, montando-o até ficar completamente relaxada contra a porta. Ele se levantou, tirando a camisa e jogando-a no chão. Ele paralisou enquanto me observava, nua e carente por ele.

— Porra, nunca vou esquecer a sua aparência agora — ele sussurrou.

Eu me senti linda e adorada, de uma forma que somente ele poderia me fazer sentir.

— Eu não quero mais ninguém.

— Vou me esforçar para que continue assim — ele garantiu enquanto tirava a camiseta de baixo.

Ombros largos e definidos levavam a um peito ainda mais demarcado, e nenhuma parte dele era menos esculpida. As calças pendiam de sua cintura, acentuando o belo V pelo qual eu sabia que ele malhava bastante. O homem se cuidava, e isso era demonstrado em cada centímetro de pele definida. Pelos escuros e grossos desciam pela borda de sua cueca, e eu lambi meus lábios em antecipação. Lábios sensuais e cheios se curvaram antes que ele tirasse as calças e as cuecas, deixando-as caírem no chão. Ele ficou à minha frente, magnificamente nu, e ficamos nos olhando com desejo e apreciação. Ele me observou quando eu estendi as mãos com confiança e as pousei em seu peito antes de guiar meus olhos aos dele.

— Diga-me o que você está pensando — disse ele, movendo as duas mãos para as minhas costas, prendendo meu cabelo contra a minha pele e massageando para cima e para baixo.

— Prefiro te mostrar. — Peguei sua mão e puxei-o pelo corredor para o meu quarto. Paramos ao pé da minha cama. O cheiro das rosas brancas frescas que ele me enviou permaneceu no ar enquanto eu deslizava beijos cheios de língua ao longo da crista de seu peito. Seu belo pênis saltou entre nós, e eu o agarrei firme na minha mão. Acariciei-o, deslizando meu dedo pela cabeça sedosa. Com mãos gananciosas, ele explorou minha carne nua, acariciando minha barriga, as laterais do meu corpo, segurando meus seios e esfregando o polegar em meus mamilos. Meu centro pulsou quando seus olhos vagaram, absorvendo todos os detalhes. Um toque de sorriso curvou seus lábios antes que ele segurasse meu rosto.

— Quarto legal.

Cameron não tirou os olhos de mim uma única vez. Soltei uma risada nervosa quando nos beijamos novamente. Ele se afastou, mas eu fiquei cercada por seu calor.

— Não fique nervosa — ele sussurrou. — Você me deu uma nova razão para te querer todos os dias.

— Cameron, não preciso que seja perfeito. Nada disso. Eu só preciso de você — sussurrei.

Ele assumiu o controle quando me ergueu do chão, fazendo minhas pernas envolverem sua cintura. Minha cabeça caiu para trás ao sentir sua espessura contra o meu centro. Uma vez na minha cama, ele se inclinou sobre mim, suas palavras afetando diretamente o meu núcleo.

— Você e eu não exigimos perfeição em nada, lembra? Somos espertos demais para isso.

—Ok — eu concordei enquanto beijava sua mandíbula.

— Nada além do que somos — ele sussurrou enquanto puxava meu lóbulo em sua boca. — E sem mais esperas.

— Sem esperas — ele repetiu.

— Eu quero agora. Agora — gemi quando ele me deitou na minha cama. Sua risada suave apenas amplificou minha ansiedade. Eu o queria demais. Ele olhou para mim com tanto desejo que senti meus olhos lacrimejarem.

— Eu esperaria por você por toda a eternidade pela chance de te tocar. — Ele passou a língua nos meus lábios enquanto seus dedos me abriam e me penetravam. Minhas costas se arquearam da cama. — Jesus — ele murmurou quando seus olhos percorreram meu corpo e ele viu seus dedos afundarem em mim. — Mas se algum dia decidirmos procurar a perfeição, eu diria que isso é o mais próximo possível.

Ele estocou novamente, deslizando os dedos para dentro e para fora, invadindo a parte mais profunda de mim, me esticando. Investiu de novo e de novo antes de sua cabeça mergulhar, e seus braços circundarem minhas coxas.

Ansiosa por ele, olhei para baixo e ele me ancorou em seus braços. Não querendo me libertar de seu olhar, ele se inclinou e me viu reagir ao golpe de sua língua. Agarrei-me seu toque, meu corpo se inflamando. Ele me bebeu com golpes lentos e precisos enquanto eu segurava seus cabelos grossos nos dedos e me contorcia embaixo dele. Puxei os fios de seda enquanto ele gemia, sua excitação chegando com a urgência. Ele agarrou minhas coxas, levantando meu corpo para combinar com os movimentos de sua língua. Lamber. Chupar. Lamber. Chupar. E então minha vista ficou

embaçada quando o calor me atingiu e meu corpo inteiro ficou tenso.

— Cameron — eu gritei roucamente com uma voz encharcada de tesão.

Torcendo seus dedos dentro de mim, sua língua afastou todo o meu nervosismo, e eu me despedacei novamente. Ele ficou de joelhos, observando meu corpo tremer com a minha libertação. Nosso olhar impenetrável, dei a ele todas as minhas reações, descaradamente e completamente vulnerável.

Seu membro estremeceu com a minha resposta ao seu toque enquanto ele retirava os dedos e se erguia para pegar minha boca. Eu sabia que ele estava satisfeito, seu beijo me dizia isso. Nunca estive tão pronta.

Sem dizer nada, ele pairou sobre mim e depois se inclinou para tocar sua boca na minha. Um beijo lento, e depois outro, e depois outro, e todos me deixaram tonta.

Envolta completamente por seu calor, ele se posicionou na minha entrada, e eu entrelacei minhas pernas em sua cintura em convite.

— Chega de espera — sussurrei quando ele afastou o cabelo do meu rosto com mãos gentis. Com os olhos conectados, ele me penetrou lentamente, centímetro por centímetro, me esticando. Minha boca se abriu em um O silencioso quando seu lindo queixo caiu com a sensação de nossa conexão.

O único som eram nossas respirações misturadas quando a necessidade assumiu o controle, e ele se afastou só para investir com mais força.

Eu choraminguei.

— Porra, Abbie, Jesus Cristo.

E então nos deixamos levar – nossos corpos assumiram o controle quando me preencheu até o fundo. Peitos brilhando, nossas mãos unidas sobre a minha cabeça, ele se remexeu dentro de mim, então eu senti cada centímetro de seu membro antes que ele girasse os quadris e fizesse de novo. Ele investia fundo a cada golpe, certificando-se de tocar em todos os lugares em que eu precisava ser tocada.

Meu corpo tornou-se seu escravo, e eu me desfiz quando seu nome passou pelos meus lábios. Era o nome dele que estava escrito no meu coração; eram os olhos dele que falavam com a minha alma. Era Cameron.

Eu me perdi, confiando nele a cada minuto. Aquele sexo foi minha ruína. Sua carne queimava quando ele se empurrou até a parte mais profunda de mim.

— Abbie — ele grunhiu, sua voz cheia de desejo quando eu assenti com mais permissão de que ele não precisava. Cameron soltou minhas mãos e nos puxou para ficarmos sentados, então eu montei em seu colo. Por instinto, comecei a me mexer contra ele, enquanto ele arqueava os quadris para cima, um de seus braços em volta de mim como uma tábua de salvação, e o outro agarrando meus cabelos, apertando, para que pudesse controlar o meu olhar.

Com nossos olhos cheios de luxúria conectados, rangi os dentes quando ele golpeou fundo e me puxou para baixo. Mordendo o lábio, senti a pressão enquanto observava suas feições se contorcerem com a liberação, olhos cheios de calor e êxtase.

Ele investiu de novo quando gozou, e eu cheguei no limite enquanto ele se derramava dentro de mim. Estávamos bêbados de desejo, envoltos em prazer, exaustos pela sensação um do outro quando desabei em seus braços, o peito arfando.

A luz do sol infiltrou-se pelo meu quarto enquanto Cameron nos deitava, quando nossas respirações se igualaram. No meu quarto silencioso, apenas nossos corações soavam conforme ele me mantinha presa a ele. Envolvendo minha coxa em torno de sua cintura, eu me delicieei em seu abraço, sorrindo contra sua pele.

Minutos depois, conforme a névoa se dissipava, passei meus dedos por seu peito.

— Uau — murmurei, abraçando-me a ele com apreciação. Seu corpo era sólido como uma rocha, nem uma única falha, e eu tinha certeza de que, se houvesse, não as veria.

Sem palavras, ele olhou para mim como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Tudo que vi foi necessidade, desejo, luxúria, e rezei para não confundir o que parecia ser amor. Porque na minha ganância, eu também queria isso.

Por favor, que seja amor.

Arrepios irromperam na minha pele quando ele preguiçosamente acariciou minhas costas com as pontas dos dedos. Inclinei-me e beijei-o, minha mente enevoada enquanto nossas respirações sincronizavam.

Não precisávamos de mais palavras. Já tínhamos dito o suficiente. Contentes, ficamos rodeados pelo nascer do sol, nenhum de nós se mexendo quando ele me fez adormecer com seu toque, seu calor me puxando para o mais perto que era possível estar.



Muitas horas depois, mas apenas alguns segundos depois de nos afastarmos, os dedos de Cameron traçaram as linhas do meu corpo enquanto eu assistia pela janela a queda da neve. Em um silêncio confortável, passei meus dedos pelos cabelos encharcados, enquanto ele mantinha seu carinho na minha pele. Era um novo tipo de céu.

— Abbie? — Ouvi gritos da minha porta da frente e saí da cama. As únicas duas pessoas que tinham a chave da minha casa eram Bree e...

— Sra. Zingaro! — chiei quando Cameron saiu da cama também. Revistamos o tapete em vão. Nossas roupas ainda estavam na entrada da sala.

— Oh... bem, querida. Eu estava preocupada. Sei que você me disse para usar essa chave apenas em emergências, mas ouvi alguns barulhos muito altos. E... Oh, querida. Vejo que você não está sozinha. Sim, essas são roupas masculinas. Eu sinto muito.

A porta se fechou com um baque quando Cameron e eu ficamos nus em lados opostos da cama. Meu queixo tremia antes de nós dois começarmos a rir. Mas fui interrompido quando pensei na sra. Zingaro.

— Merda, merda. Sempre me preocupo quando neva e ela sobe as escadas. — Corri para o meu closet e vesti um vestido qualquer.

— Deixa que eu faço isso — Cameron falou, de fora do closet.

— Ela vai te bater até a morte antes que você chegue perto dela.
Confie em mim.

— Eu acho que posso lidar com ela.

— Tem certeza disso? — perguntei, olhando para ele, parando para observá-lo nu bem no meio do meu quarto.

Meu Deus do céu.

— Gosta do que está vendo?

— Meh — disse em resposta.

— O que é isso?

Agarrei o músculo crescente entre suas coxas.

— Eu disse meh.

— Mas você não está falando sério. — Ele mordeu meu lábio e meus olhos se arregalaram com a dor.

— Ai!

— Vou verificar se ela está bem.

— OK.

Quinze minutos depois, eu estava vestida e caminhava lá para fora. Ouvi o tom de barítono profundo de Cameron do outro lado da porta da sra. Zingaro. Pobre homem. Ela conseguira amarrá-lo.

Bati na porta e, segundos depois, a porta foi aberta por um Cameron sorridente.

— Ei! — eu disse com falso entusiasmo, meus olhos arregalados. — Precisa que eu te salve? — sussurrei conspiratoriamente.

— Nem um pouco — disse ele, abrindo a porta. Jenny estava na cozinha, cozinhando.

— Ela está fazendo o jantar para nós

— Ótimo — eu disse, mostrando todos os meus dentes.

Ele riu e beijou minha testa.

— Está tudo bem.

Eu olhei para ele.

—Você tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Eu só quero ficar com você. É isso que vocês, garotas, fazem, certo?

— Muito engraçado — eu disse, cutucando-o no estômago com o cotovelo antes de entrar.

A casa de Jenny era completamente renovada e moderna, exceto a decoração. Eu não pude deixar de rir em silêncio, porque ela parecia ter voltado no tempo. Seus móveis eram antigos, e ela tinha plantas em todos os espaços disponíveis.

Estremeci pelo frio e caminhei em sua direção com Cameron. Em seu roupão e chinelos acolchoados, a Sra. Zingaro estava segurando uma espátula sobre uma panela no fogo e parecia estar presa em um de seus momentos de morta.

Eu cutuquei Cameron.

— Por que você não pergunta se ela precisa de ajuda?

Cameron obedeceu e entrou na cozinha casualmente. Quando se aproximou dela e falou, ela se assustou e lhe deu um tapa no peito com uma colher cheia de molho de tomate.

Eu gargalhei quando ele olhou para mim e estreitei os olhos enquanto Jenny se desculpava profusamente. Cameron disse a ela para não mexer assim que ela abriu a porta do armário sob a pia da cozinha e pegou o desinfetante ao invés do removedor de manchas e começou a borrifar o peito dele.

Cameron olhou para mim, desamparado.

— Sim, é assim que fazemos.



— Isso está maravilhoso — disse Cameron, empilhando mais espaguete no prato.

— Eu adorava cozinhar para o meu Roberto.

— Italiano? — Cameron perguntou.

— Sim. Fui criada aqui, mas Roberto foi criado na Itália. Eu aprendi a falar italiano por causa do nosso filho Michael. Roberto era um verdadeiro italiano, adorava a língua e a cultura. Manteve muitas de suas manias, mesmo depois de se mudar para a América. Ele nunca quis nada além dos mesmos alimentos básicos para o jantar. A mãe dele me ensinou todas as suas receitas favoritas antes de morrer — disse ela, fazendo uma pausa para o sinal da cruz. —

Tenho que admitir, eu costumava ousar fazendo cachorros-quentes e batatas fritas durante o nosso casamento.

Relutantemente, Cameron fez a pergunta.

— Quando Roberto morreu?

Jenny suspirou, o azul de seus olhos tornou-se um pouco mais sombrio.

— Doze anos atrás. Passamos sessenta juntos. Você acredita nisso? É difícil até para mim.

Os olhos de Cameron se suavizaram quando ele olhou para ela. Seus cabelos eram finos e estavam amarrados em um coque. Ela parecia um pouco mais pálida quando falava do marido falecido.

— Ele era um dos seguranças no dia em que Kennedy foi baleado — disse a Cameron. — Era um dos homens que caminhava ao lado do carro.

— Sério? — Cameron disse. — Uau.

— Sim, não tão uau — disse Jenny. — Isso arruinou a vida dele por vários anos. Ele se aposentou e nos mudamos de DC para Chicago. O emprego que ele arrumou depois foi muito menos honorário — ela murmurou.

— E o que foi?

— Numa lavanderia — eu disse com uma piscadela em direção a Cameron, que usava um suéter de malha dois tamanhos pequeno demais que dizia: — Ho, Ho, Ho.

Eu me sentei, pegando minha comida, pensando no sabor de sua pele e na sensação dele dentro de mim. Cameron parecia estar pensando em algo muito parecido quando piscou para mim antes de dar uma garfada em seu macarrão.

— Eu tenho alguns vídeos do meu Roberto — Jenny ofereceu. — Talvez possamos assistir um depois do jantar.

— Parece perfeito — disse Cameron enquanto se virava na minha direção. — OK?

Dei de ombros, contente, enquanto comia meu macarrão, com fome, cansada, saciada e mais feliz do que eu jamais conseguia me lembrar de estar.

Meia hora depois, estávamos sentados no sofá quando Bree mandou uma mensagem.

Bree: O que diabos está acontecendo? Você não me ligou quando chegou na noite passada. Ainda está brava comigo?

Eu: Não.

Bree: Ok, você está trabalhando?

Eu: Não.

Bree: Ok, porra, eu desisto. O quê?

Eu: ;)

Bree: Meu Jesus! Oh, garota. Estou tão feliz. Puta merda! Então, como foi? Ele é bom? Por favor, não me diga que o homem não sabe usar o pênis.

Meu telefone foi arrancado dos meus dedos, e Cameron começou a digitar, deixando-me mortificada. A pobre Jenny estava explicando um vídeo que nenhum de nós estava assistindo – mas, em minha defesa, já o tinha visto uma dúzia de vezes – enquanto esperava a morte certa.

Cameron devolveu meu telefone e afundou no sofá com o braço em volta de mim. Horrorizada, olhei para a tela para ver o que ele havia digitado.

Eu: Eu só tive sete orgasmos. Ligo para você amanhã.

— Sete? — sussurrei em choque. Eu sabia que a contagem era alta, mas não tinha idéia de quantos.

— C-A-M-E-R-O-N — ele se inclinou e sussurrou, seus olhos ainda no vídeo antes que voassem para o meus e sorrisse. Minhas bochechas queimaram quando ele me puxou para mais perto, enquanto Jenny tagarelava.

Acabamos assistindo mais três vídeos até Jenny adormecer em sua poltrona, com a boca aberta. Cameron e eu lavamos a louça e depois subimos as escadas.

Ele soletrou seu sobrenome naquela noite, de uma maneira que eu nunca esqueceria.

C-A-M-E-R-O-N.



Dezesseis

Abbie

Na semana seguinte, Cameron e eu só conseguimos nos encontrar de manhã e mantivemos nossos dias cheios de mensagens, mas perdemos todas as oportunidades de ficarmos juntos depois devido à minha carga de trabalho e sua programação como treinador.

Eu estava cada dia mais perto de terminar meu trabalho na Preston Corp, mas as reuniões de última hora tornaram meus dias duas vezes mais cheios. Kat voltou da Flórida um pouco menos nervosa, ou pelo menos parecia estar. Estávamos nos dando bem, mas eu estava me desgastando dos dois lados.

Estava desesperada para uma pausa e sabia que o cronograma só ficaria mais cansativo se eu terminasse meu contrato a tempo. O único consolo era que eu estava na esperança de passar o final de semana com Cameron. Estava no café tentando atualizar meu trabalho quando recebi a mensagem dele.

Rei do cortejo: Ei, linda. Onde você está?

Eu: Na nossa casa.

Rei do cortejo: Como está a sua segunda-feira?

Suspirei e fechei meu Mac, colocando-o na minha bolsa. Ótimo. Ele deve estar enrolado até segunda-feira. O fim de semana também seria uma merda.

Eu: O pior dia da semana.

Rei do cortejo: Não desta vez. Apresse-se e saia da cafeteria. Vou buscá-la hoje.

Seguindo as ordens, deixei minha xícara no balcão e vesti meu casaco enquanto empurrava a porta com minha bolsa na mão.

Do lado de fora do café, Cameron esperava em um terno azul-marinho e estava lindo, em pé, na frente de um Audi SUV escuro, as mãos nos bolsos com duas xícaras de café no capô. Ele estava vestido para impressionar e tinha um brilho perverso nos olhos.

— O que é isso?

— Somos nós escapando da cidade — ele disse com um tom esperançoso em sua voz. — Eu preferiria você de biquíni no México, mas isso é tudo o que pude conseguir de última hora, com pouca imaginação, além de vê-la nua a cada minuto possível. Vem cá.

Fui saltitando na direção dele, rebolando meus quadris quando ele gesticulou depois do “vem cá”. Em segundos, estava envolvida em seus braços enquanto ele tomava minha boca em um beijo possessivo.

Quando nos afastamos, esforcei-me ao máximo para me controlar e ao meu coração trovejante.

— Cameron, não quero nada além de desaparecer com você, mas tenho que trabalhar na segunda-feira.

— O seu Mac está nesta bolsa?

— Sim mas...

— Você pode trabalhar remotamente, certo?

— Sim, mas...

— Leve com você. Podemos fazer uma pequena *fiesta* enquanto você o usa.

Sentindo-me excitada e quase optando por seguir em frente, eu ainda tinha reservas, mas apenas citei algumas:

— Não trouxe roupas nem escova de dentes, e para onde iremos?

— Muitas objeções — disse ele, pegando minha bolsa e guardando-a no SUV.

Meu Deus, ele era uma tentação. Especialmente quando se elevou sobre mim com seus brilhantes olhos verdes.

— Não diga não.

— OK.

— Isso é um sim?

— Bem, eu não posso dizer não.

— Quero você fora desta cidade. OK?

— OK.

Minutos depois, estávamos a caminho, passando facilmente pelo trânsito de sábado. Ele se recusou a parar no meu apartamento para me deixar pegar qualquer coisa, o que lhe rendeu um sermão. Enviei uma mensagem para Kat dizendo-lhe que tiraria a segunda-feira de folga. Ela devia estar no telefone porque mandou uma resposta imediatamente.

Kat: Não tem problema. Te devo uma. Divirta-se.

Eu não tinha conversado com Kat sobre o "cara do café" desde sua volta. Ela estava um pouco mais distante, e nossa carga de trabalho

só havia aumentado. Embora eu quisesse compartilhar minha felicidade recém-descoberta, ela estava passando por problemas suficientes com seu casamento.

Cameron mantinha-se dirigindo enquanto nos guiava para a liberdade. Fiz uma última ligação para Michael, que me garantiu que iria cuidar da mãe.

O Audi era aconchegante, e olhei para o homem ao meu lado enquanto tirava minhas luvas das minhas mãos e buscava as dele sobre o console. Ele rapidamente a levou à sua boca e a beijou com lábios macios e um pouco de língua. Só esse ato fez meu estômago palpitar em antecipação.

— Leve-me embora para qualquer lugar — eu disse enquanto tirava meus sapatos e descansava meus pés no painel. — O carro é seu?

— Sim — ele disse com um sorriso enquanto olhava para a minha postura. — Acabei de comprar. Você dirige?

— Não, eu corro — eu disse com orgulho enquanto olhava para ele. — Bati dois quilômetros sem parar esta manhã, mas senti falta do meu treinador.

Ele apertou meus dedos e os levou aos lábios para outro beijo.

— Estou orgulhoso de você. Também senti sua falta. Você está confortável?

— Sim — eu disse, sentindo qualquer peso que pudesse haver nas minhas costas ser tirado de mim enquanto trocávamos sorrisos.

Cameron soltou minha mão, e eu senti seus dedos quentes nas minhas costas enquanto ele os subia até minha espinha, e meu sutiã se soltou em segundos.

— Puta merda — eu disse, atordoada quando senti meus seios livres e pesados.

— Assim é melhor — disse ele em um sussurro sexy.

— Sério, essa é uma habilidade inspiradora. E é meio assustador você ser tão bom nisso.

— Bolas de basquete. Costumávamos colocar sutiã em torno de bolas e praticar. Sim, é um talento.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Mais algum que eu deva saber?

— Tudo no devido tempo — ele prometeu enquanto levantava a frente do meu suéter e passava os dedos pelo meu estômago. Lamentei a ausência de sua mão quando ele a afastou para segurar o volante.

Cameron tamborilou os dedos no painel, enquanto ouvíamos "The Face", do Kings of Leon, parados no sinal.

— Deus, eu amo essa música. Juro que a voz de Caleb soa a sexo. — Comecei a cantarolar enquanto Cameron seguia em frente. Senti-me relaxada quando fui capturada pelo momento e comecei a me remexer no meu assento. Aumentei a música e balancei a cabeça.

Foi só quando ouvi o riso estridente de Cameron por sobre a música que me virei para olhar para ele.

Parei de mexer minhas mãos quando percebi que estavam tocando uma guitarra imaginária, enquanto ele dirigia, rindo abertamente de mim.

— O que foi?

Ele embicou o carro rapidamente. Quando paramos – em um estacionamento de supermercado –, olhei pela janela confusa. Eu estava prestes a perguntar o que ele estava fazendo quando fui tirada do banco do passageiro para o colo dele.

Soltei um grito quando ele olhou para mim com um novo sorriso. Um que eu nunca tinha visto.

— O que você está fazendo, treinador?

— Eu? *O que eu estou fazendo?* Jesus, mulher, você deve ser a coisa mais sexy que eu já vi. — Sem nenhuma explicação além disso, ele pegou minha boca tão possessivamente que eu tive que empurrar seu peito para respirar um pouco.

— Isso foi um beijo — eu disse com um sorriso.

— Isso foi um *show*. Diga-me, bruxinha, você sempre rebola assim dentro do carro?

Envergonhada, percebi que tinha mesmo perdido a cabeça, olhei para ele por baixo dos meus cílios.

— Agi como uma doida, não foi?

— Um pouco, mas foi incrível pra caralho. — Sua voz era baixa quando ele empurrou minha blusa por cima do ombro e puxou meu

mamilo em sua boca. Inclinei minha cabeça para trás em um gemido.

— Cameron — arfei quando ele chupou meu mamilo até que eu estivesse pulsando de desejo. — Ei, meio que estamos em um estacionamento. — Ele ignorou meu protesto e chupou mais. — Cameron, e se alguém nos vir?

— Espere, baby. — Ele se remexeu atrás do meu assento e puxou um refletor solar para nos proteger de olhares indiscretos. — Eles teriam que olhar com muita atenção — disse ele, arqueando seus quadris contra o meu clitóris, "com força".

A música, o homem, a antecipação. Era tudo tão perfeito.

Segundos depois, eu estava olhando para o pau rígido de Cameron quando ele o libertou. Eu podia ver sua excitação escorrendo pela ponta, sua respiração pesada enquanto ele fodia minha boca com a língua. Seu beijo aprofundou-se conforme ele agarrava meu pescoço com uma mão e puxou minha blusa com a outra.

Uma vez livre, eu o vi reagir, seus olhos se transformando em poças de líquido ao ver a calcinha de seda que eu usava. Eu podia imaginar o destino delas enquanto rapidamente as deslizei pelas minhas pernas.

Sua voz estava rouca e sexy.

— Deus, eu daria qualquer coisa para me deliciar com você agora.

Agarrei seu pau firme na minha mão antes de me afundar lentamente nele. Nós dois explodimos em movimento.

— Porra, sim, assim! — ele disse enquanto mordida meu lábio.

Eu me deixei levar, guiada pela necessidade e atordoado por suas palavras quando ele me deu mais – mais dele, mais de nós, mais de tudo o que importava.

— Você é tão gostosa. Monte meu pau, baby.

— Siiiiim — eu sibilei enquanto ele me invadia com seus olhos e me conquistava com seu corpo.

Seus olhos se incendiaram enquanto ele apalpava meus seios e me observava rebolar em cima dele. Eu estava repleta e frenética enquanto me aproximava do meu clímax. Nós éramos um caos

emaranhado de bocas e membros antes de ele investir com mais força e agarrar meu rosto enquanto eu me equilibrava com uma mão na porta e a outra no console. Revirei meus quadris e vi seus olhos escurecerem ainda mais.

— Porra, porra, Abbie, você é tão gostosa. — Ele beliscou minha pele, incapaz de controlar sua força. Precisando de mais, eu o montei mais rápido enquanto ele empurrava seus quadris, me segurando tão perto que não tive escolha a não ser suportá-lo todo.

Aquilo era carnal, mas permanecia pessoal enquanto ele resmungava e murmurava palavras de louvor e adoração. Eu estava murmurando besteiras, seu ritmo enlouquecedor, mas constante. Meu centro deslizava ao longo do comprimento de seu pau enquanto ele me preenchia, suas palavras me estimulando.

— Não pare — implorei quando inclinei minha cabeça para trás e saltei ao longo de suas coxas, me esfregando o mais forte que pude, arfando com a plenitude dele. Espalhei-me mais em seu colo, e nós dois respiramos profundamente quando atingimos outro orgasmo.

— Se entregue para mim — ele ordenou enquanto olhava para onde nos conectamos. Seus olhos brilharam enquanto ele me via transar com ele. Com um impulso forte, inclinei-me em seu colo, cavalgando o mais forte que conseguia, quando ele grunhiu e gozou dentro de mim.

— Vai ser um bom fim de semana — eu disse, sem fôlego, contra a cavidade de seu pescoço antes de deslizar minha língua ao longo de sua pele com perfume de colônia e me aninhar em seu colo como um gato.

— Sim, se conseguirmos sair de Chicago — ele murmurou com um beijo na minha têmpora.

— Nós vamos chegar lá. Estamos em um bom ritmo.

— Sim, nós estamos — ele sussurrou, acariciando minhas costas com os dedos.

Ficamos pelo máximo de tempo daquele jeito antes que eu conseguisse voltar para o meu assento e pegasse um lenço. Saí do colo dele, e Cameron se enfiou de volta nas calças. Nós estávamos uma bagunça, quentes, ambos cheios de sorrisos. O meu

desapareceu quando vi a preocupação começar a escurecer seus traços.

— Nós não usamos nada, Abbie. Nós nem conversamos sobre isso. Não sei o que estava pensando.

— Estou segura no departamento de procriação — assegurei. — Fiz exames há um ano e não transei com mais com ninguém desde então.

— Faz muito tempo para mim. Faz *muito* tempo — ele admitiu, e eu fiquei boquiaberta.

— Sêrio? Voce?

— Sêrio — ele sussurrou, segurando meu queixo e trazendo seus lábios aos meus. — Eu me sinto possuído — disse ele enquanto puxava meu lábio. — E eu nunca fiz sexo em um estacionamento. — Balançou a cabeça e mordeu meu lábio antes de chupá-lo em sua boca. — Droga, baby, você me deixa louco.

— Louco o suficiente para fazer isso de novo? — Arqueei minhas sobrancelhas.

Um canto de sua boca se ergueu quando seus olhos me disseram que ele aceitava meu desafio.

— Farei qualquer coisa com você duas vezes. Então, acho que vai ser esse tipo de fim de semana?

— Você não é o único que está morrendo de fome. Acho que podemos administrar um final de semana perfeito para um cartão postal, com um lado digno de pornografia — assegurei enquanto esfregava o nariz no dele.

— Você não ouvirá nenhuma reclamação minha — ele murmurou contra meu cabelo enquanto me envolvia em seu abraço e tomava meus lábios em um beijo sedutor. Apertei-o com força enquanto ele me explorava lentamente antes de se afastar.

— O que você está fazendo comigo? — ele sussurrou. — Esqueça, eu sei o que está acontecendo.

Eu me deixei fazer a pergunta. Tinha que saber

— Você quer que isso aconteça?

— Mais do que tudo. Espero que você acredite em mim.

— Eu acredito em você se é isso que você quer.

— Bom. Porque eu quero você.

— Você me tem.

— Então estou seguindo na direção certa — disse ele, passando os dedos pelos meus cabelos. No estacionamento lotado, senti como se estivéssemos em nosso próprio mundo enquanto ele enrolava algumas das minhas madeixas nas pontas dos dedos. — Alguém me disse uma vez para imaginar algo sem o qual eu não posso viver e depois buscar alguma coisa que superasse isso, então eu saberia a verdade do que mais importa para mim.

— O que me supera? — perguntei quando seus olhos verdes cristalinos me perfuraram. Ele inclinou a cabeça para trás, pensando, enquanto eu o olhava com indignação. — É melhor você não dizer um jogo dos Bears.

Ele torceu o retrovisor para que eu pudesse ver nosso reflexo. Nós dois parecíamos sem fôlego, um pouco desganhados e... felizes.

— A única coisa que pode superar você hoje, Abbie, é você *amanhã*. E não quero ficar sem você amanhã.



Nossa escapada aconteceria em uma cabana particular em Rockford, a cerca de noventa minutos fora da cidade. O problema era que não conseguimos encontrá-la. E quando a noite começou a surgir, tudo ficou pior quando o serviço de telefonia celular tornou-se irregular no meio de uma nevasca.

— Então, você nunca esteve aqui? — eu perguntei enquanto olhava pelo para-brisa do SUV. Estávamos chegando a quase zero de visibilidade, e a única coisa que me mantinha calma era que Cameron estava calmo.

— Não, mas o GPS disse que não estávamos longe. Bem — ele falou com uma risada —, isso quando estava funcionando.

— Merda — eu disse, girando no meu assento, tentando obter algum sinal.

— Não se preocupe, nós vamos encontrá-la — garantiu Cameron enquanto segurava minha coxa e a apertava.

- Está ficando assustador, sabia?
- É aqui que entra a sua paranoia com serial killers?
- Sim — eu disse intencionalmente.
- Mantenha-se firme.
- Não acredito que você decidiu me trazer para a floresta.
- Surpresa? — ele disse com uma risada.

Foi a primeira vez que eu quis segurar seu pau, mas não para lhe dar prazer.

Cameron diminuiu a velocidade quando viu uma entrada de automóveis.

- Provavelmente é aqui.
- Graças a Deus. Eu preciso de um banho quente.

— Isso vem com um convite? — ele perguntou, olhando para mim enquanto seguíamos a pequena entrada por entre as árvores e chegávamos a um beco sem saída, sem cabana à vista. — O que diabos? — Ele saiu do carro enquanto os limpadores de para-brisa rugiam. A neve não nos deixava ver nada naquele momento, e eu mal conseguia distinguir o corpo dele quando comecei a tremer. Eu estava prestes a tocar a buzina quando ele abriu a porta e entrou enquanto eu levava um susto.

Ele avaliou minha reação e balançou a cabeça.

— Ok, então não é isso. De fato, não é nada. Uma entrada de automóveis. Nada mais.

- Vamos embora, Cameron — eu disse o mais calma possível.
- Vou tirar você daqui, baby.

Derreti-me com o seu termo carinhoso enquanto ele colocou o carro em marcha à ré, mas este engasgou... e não nos mexemos.

— Merda — ele murmurou baixinho, conforme eu dizia a mim mesma para não entrar em pânico.

Ele acelerou novamente, e o SUV saltou como se estivesse livre e depois girou os pneus.

— Você não tem pneus de neve?! — eu perguntei em calma observação.

- Abbie, querida, não grite. Está tudo bem.
- Eu não estou gritando! — gritei.
- Você está em pânico.

— Não estou em pânico! — Eu entrei em pânico.

— Estamos bem, Abbie.

— Estou bem!

Eu estava quase hiperventilando. Tinha que confiar em Cameron. Ele era um homem viril. Definitivamente podia nos defender em um bosque.

— Por que você me trouxe aqui?

Cameron suspirou quando acelerou novamente, mas nada aconteceu. Ele socou o volante.

— PORRA!

— Estamos presos? — perguntei quando ele abaixou a cabeça e assentiu lentamente.

— Eu tenho algumas coisas no porta-malas — disse ele, olhando para mim. — Vou nos tirar daqui.

— Ok, eu posso ajudar?

Eu já estava tremendo quando ele se inclinou.

— Abbie, não surte, ok? É um teste, e nós vamos passar. De fato, vou apostar com você aqui e agora que dentro de uma hora vou estar cozinhando o melhor bife da sua vida e vamos rir disso no banho quente que você tanto deseja. Usaremos pijamas de flanela iguais e você vai se aconchegar no meu colo enquanto assistimos a filmes e depois ficaremos nus porque quero te ver gozar. Nossa noite será assim, ok?

Eu assenti.

— Confia em mim?

— Sim — eu disse com um suspiro. — Apenas se apresse e me tire daqui.

— Como você gosta do seu bife?

Antes que eu pudesse responder, ele estava fora do SUV, levantando a tampa do porta-malas. Tudo o que eu podia ouvir era o uivo da tempestade e o metal estalando atrás de mim.

Ergui minha voz de volta para ele em tom de aviso.

— Se você está pensando em fazer piadas agora, à minha custa, como meramente fingir que se machucou ou de que está em apuros de alguma forma, aviso logo, vou fazer você chorar e arrancar um de seus testículos.

— Essa é a minha bruxinha. — Ele riu quando ouvi o barulho de ferro e alguns grunhidos.

Grunhidos viris.

Porque Cameron era todo homem. Mas meus nervos não se acalmaram quando ele entrou no SUV.

Poucos minutos depois, com alta confiança, Cameron colocou o carro em marcha ré. Uni minhas mãos em uma oração silenciosa quando ele pisou no acelerador.



— Cara, está realmente nevando — disse Cameron enquanto eu olhava para o lateral de sua cabeça. Nós estávamos no carro há horas e a neve não parava. Ele vinha evitando meus olhos durante a última hora, enquanto ficávamos sentados no escuro, presos em uma rua sem saída no meio de uma tempestade de neve, na floresta.

Minhas costas estavam coladas ao meu assento, eu olhava continuamente pelas janelas, verificando e checando duas vezes as fechaduras para garantir que ninguém pudesse abrir a porta. Eu deveria me sentir segura com Cameron, mas mesmo que ele se multiplicasse em dez e rodeasse o veículo com artilharia pesada, eu estaria apavorada.

— Abbie...

— Nem tente. Você nem pense em sair eu aqui. Isso não vai acontecer.

— Abbie, ouça...

— Se morrermos, morreremos juntos.

Cameron riu.

— Eu sei que você tem que ir ao banheiro. Já fui duas vezes.

— Estou bem.

— Abbie.

Eu me virei para ele com o que tinha certeza de que eram raios laser saindo das minhas retinas.

— Por quê? Por que você me trouxe para a floresta?

— Não me sinto seguro o suficiente no momento para responder a essa pergunta.

— Por quê?

— Eu não sei. Acho que foi porque pensei que, de alguma forma, eu poderia fazer você gostar se nós...

— Se nós o quê?

— Se construíssemos boas lembranças aqui. — Ele deu de ombros.

Mordi meus lábios na tentativa de manter a resposta amarga na minha língua.

— Sinto muito — ele disse sinceramente.

— Foi um gesto legal — eu disse. — Errado, mas legal.

— Você está irritada?

Eu me virei para olhá-lo e vi a decepção em suas feições. Subi no colo dele pela segunda vez naquele dia. Ele sorriu enquanto apalpava minha bunda.

— Não. Quero dizer, sim, é o meu pior pesadelo vindo à tona. Mas, ei, medos são feitos para serem vencidos, certo? Por favor, diga-me qual é o seu pior medo para que eu possa retribuir o favor e torná-lo romântico para você algum dia. — Bati meus cílios e seu corpo tremeu com sua risada.

— Vou levar em consideração.

— Eu tenho que fazer xixi.

— Eu sei.

— Depois que fizermos isso — avisei —, não há como voltar atrás. Toda a doce etiqueta do nosso relacionamento será apagada. Você vai me ver agachada e fazendo xixi.

— Eu vou virar as costas. Mas posso viver com isso.

— Acho que não posso.

— Vamos. — Ele se moveu para abrir a porta.

— ESPERE! — gritei.

— Tudo bem — disse ele, tirando a mão da maçaneta.

— Só me dê um momento. Me conte algo. Qualquer coisa.

— Bears venceram.

— Algo mais.

— Ainda estamos sentados sobre três quartos de um tanque de gasolina.

— Maravilhoso.

— Não vamos morrer de frio.

— Isso é reconfortante de uma maneira aterrorizante — eu disse, engolindo em seco.

— É uma possibilidade real se não dermos o fora daqui.

— Cameron, por favor, não tente me deixar aqui sozinha.

Ele assentiu.

— Não podemos estar longe da cabana. Verifique se há sinal no seu telefone.

Puxei meu telefone do bolso e vi que ainda estava zerado.

— Nada. E o seu?

Ele pegou o telefone e balançou a cabeça.

— Como diabos eu conseguiria trabalhar aqui?

— Me disseram que tinha WI-FI. Abbie, se eu conseguir chegar à estrada principal...

— Você não vai sair em uma nevasca com visibilidade zero. Isso não vai acontecer. Eu não sou uma namorada mandona, prometo, mas não vou permitir essa merda.

— Tudo bem — ele disse com uma risada.

— OK.

Ele apertou os lábios, tentando reprimir uma risada.

— O quão brava você está?

— Em uma escala de um a dez?

— Sim.

Olhei pela janela e balancei a cabeça.

— Eu realmente não estou. Só quero que passemos por isso e tenhamos nosso fim de semana. Quero muito comer um bife.

— Eu sinto muito.

— Sem mais desculpas. Se tenho que ficar presa aqui, prefiro estar com você. Você sabe disso.

— Sei agora.

— Cameron — eu disse com um suspiro.

— Sim?

— Isso foi muito fofo. Mesmo que eu possa morrer nesta floresta.

Ele estendeu a mão e afastou alguns cabelos do meu rosto.

— Eu não vou deixar nada acontecer com você. Juro.

— Eu acredito que você acredita nisso.

— Você não acha que seja verdade?

— Eu acho que você faria todo o possível para me proteger. Mas você não pode me prometer que algo de ruim não irá acontecer. Não está em seu poder.

— Você está certa.

— Eu não quero estar — eu disse em um sussurro —, mas sei bem.

— Bem, eu posso te prometer uma coisa — ele sussurrou de volta. — Posso prometer a você que nunca vou trazê-la para a floresta novamente como uma surpresa e que nunca mais acabaremos presos em uma estrada assustadora, sem saída, em uma tempestade de neve.

Eu ri e o puxei para mim.

— É o suficiente.

— Deus, você cheira tão bem. O que é?

— Meu xampu, eu acho. Não sei. Eu tenho um balcão de banheiro inteiro cheio de porcarias.

— É gostoso pra caralho.

— Gostoso?

— Sim, o seu cheiro é tão bom que eu te devoraria.

Meu estômago roncou.

— E você está com fome — disse ele, agarrando o volante e balançando-se para frente e para trás, me embalando em seu colo.

— Olhe para você — eu disse com uma risada —, ficando todo mal-humorado. Aposto que você fica sexy irritado.

— Apenas sinto que poderia estar fazendo mais. No que diabos eu estava pensando? Eu moro em Chicago e me esqueci de colocar pneus de neve! Em minha defesa, comprei o carro fora do estado.

Eu ri quando ele olhou para mim, exasperado.

— Estou dizendo, treinador, as pessoas não têm que sair da civilização. Nada de bom acontece na floresta. É aqui que os loucos vêm se reunir, multiplicar e tramar.

— Você realmente não acredita nisso, não é? — Cameron perguntou. — Você acha que a selva de concreto que chamamos de lar é mais segura?

— Acho que se estivéssemos em Chicago agora, não seríamos alvos no meio da floresta.

— Mesmo assim, Chicago é a cidade mais perigosa dos EUA. A segurança nos seus números é mera ilusão.

Dei de ombros.

— Você não está seguro em lugar algum, com ninguém — eu disse com uma mordida. — O assassino do BTK era casado. Casado, feliz e ninguém sabia que escondeu um lado psicopata por mais de uma década. Sequestrava, torturava, matava e voltava para casa para comer bolo de carne antes de ler uma história para as crianças. Isso não te confunde? Como se pode realmente conhecer alguém?

— Você tem que confiar nas pessoas.

— Confiar não significa conhecer, duas definições distintas — eu disse um pouco mais irritada.

— Abbie?

Balancei minha cabeça.

— Desculpe, eu não deveria ter mencionado isso.

— Mas você mencionou, então me diga.

— Não — eu disse, fingindo um sorriso.

— Este sorriso é falso. Tem algo em sua mente. Converse comigo sobre isso.

— Isso não faz parte do nosso acordo — eu disse, voltando para o meu lugar antes de começar a mexer nervosamente nas saídas de ar.

— Por quanto tempo vamos fazer isso? — ele perguntou, virando-se no banco para me encarar. — Por que eu não posso saber?

— Nós concordamos.

— Isso foi antes — ele pressionou. — Nosso relacionamento não é um jogo.

— Nunca foi um jogo para mim — defendi. — E eu te disse isso.

— Tudo bem, um experimento — ele cedeu. — Não vou brigar com você. É a última coisa que eu quero.

— Então vamos deixar isso de lado. OK? — Eu já estava assustada o suficiente por um dia. A última coisa que eu queria era falar de Luke.

— OK.

O clima havia mudado entre nós, independentemente da nossa trégua. Eu odiava isso. Detestava. Sempre quando as coisas ficavam pesadas era quando tudo mudava. Era por isso que eu lutava o máximo para manter afastadas as velhas mágoas e ressentimentos. Não havia lugar entre nós.

— Quer jogar um jogo? — perguntei quando ele agarrou o volante novamente. Ele olhou para mim e leu a minha expressão. Eu estava implorando para ele me ajudar a consertar o clima danificado entre nós.

— Eu trouxe um pouco de bebida. Quer que eu pegue? — ele ofereceu.

— Por que diabos você não disse nada antes?

Ele sorriu quando pulou para fora do veículo e abriu o portamalas. Segundos depois, estava de volta ao banco do motorista com a vodka favorita.

— Perfeito! — eu disse, pegando a vodka. — Vamos fazer isso.



— Isto. É. Louco — Cameron rugiu histericamente. — Não acredito que ficamos tomando café esse tempo todo, quando tudo o que eu precisava fazer era te dar vodka!

Eu sorri para ele e revirei os olhos.

— Você age como se eu nunca tivesse te dito isso.

— Ver para crer, querida — disse ele, inclinando a garrafa de vodka e tomando um gole. Bebemos muito e estávamos sentindo os efeitos.

— Uau, uau — disse ele enquanto me observava desamarrar a gravata e libertar minhas mãos.

Minutos antes, tirei sua gravata marrom e pedi para ele amarrar minhas mãos nas costas. Aparentemente, para Cameron, o fato de eu ter dupla articulação era a coisa mais fascinante que ele já viu.

Eu tinha a capacidade de passar as mãos amarradas sobre a cabeça, então decidi tornar as coisas mais interessantes fazendo com que ele usasse a gravata em mim. Basicamente, se eu quisesse me profissionalizar, poderia ser o Houdini das algemas.

— Isso é foda — ele disse enquanto balançava a cabeça.

— Sim, minha mãe gritou na primeira vez em que fiz isso na frente dela.

— O que mais você sabe fazer?

— Você não gostaria de saber — eu disse, erguendo as sobrancelhas.

— Estou tão excitado.

Eu balancei minha cabeça.

— Claro que você está.

— Ei, não use esse tom comigo. Foi você que colocou ideias na minha cabeça.

— Seu porco.

— Oink — disse ele, me puxando para seu colo. — Sua pequena esquisita.

— Ei, você não sabe fazer nenhum truque especial? — perguntei, enquanto ele roçava o nariz no meu.

— Me falta talento nesse departamento. Por que você não me deixa compensar isso com meu entusiasmo? — Ele arqueou os quadris para cima e eu pulei em suas coxas.

— Hummm, você vai precisar se esforçar um pouco antes de conseguir isso. — Fiz um gesto para mim mesma. — E eu não acredito que você me viu fazer xixi na neve. Esta é uma das milhares de razões pelas quais eu odeio a floresta.

— Eu não vi. Você gritou, e eu não tive escolha a não ser olhar — ele disse, beirando uma ofensa.

— Bem, eu senti algo.

— Claro que sim — disse ele, divertido.

Eu tracei sua mandíbula com o dedo.

— Eu aposto que você era popular no ensino médio. Você joga futebol americano?

— Sim, Srta. Aleatória. E futebol também, mas quando era mais jovem.

— Namorou uma líder de torcida?

— Sim.

— Rei do baile?

Ele mordeu o lábio.

— *Sério?* Rei do baile também?

Ele assentiu.

— Uau.

— O quê?

— Eu nunca dancei no meu baile. Meu acompanhante era um idiota. Ele só queria ir à festa para transar comigo.

— Ele conseguiu?

— Nããão. Ele era um babaca. Eu não sou uma estraga prazeres. Mas eu gosto do truque do bocejo falso, aquele que o cara faz só para colocar o braço em volta do ombro da menina, e agora as coisas não são mais assim. O rei do baile nunca olhou para mim.

— Eu teria olhado para você, Abbie.

— Você está dizendo isso porque não me conhecia. Confie em mim, naquela época eu não fazia seu tipo e você provavelmente não fazia o meu.

— *Sério?* — ele disse com um sorriso. Levando a mão ao peito, ele fingiu bocejar, alongando-se e colocando os braços ao redor de mim.

Ele executou o movimento perfeitamente, então eu me inclinei e o beijei.

— Dance comigo — ele perguntou com suavidade. — Agora, aqui no mundo real, onde nada disso importava. Onde tudo o que realmente importa é o que você pensa de mim agora.

— Vamos fazer isso quando não estivermos presos na floresta — eu disse, passando os dedos pelos cabelos macios de sua nuca.

— Tudo bem, dance comigo.

— Você quer que eu dance com você? Na floresta?

— Sim — ele pediu, pressionando os dedos nos meus quadris.

— Hum, não.

— Vamos lá, foi você quem disse que o romance está morto. Estou disposto a tentar provar que essa teoria está errada. — Sem esforço, ele me colocou de volta no meu assento e pegou o telefone.

— Cameron, eu não vou dançar com você na floresta.

— Você está realmente com medo? — ele perguntou com um toque de sorriso enquanto vasculhava suas músicas. Olhei em volta e agradei à vodka pela coragem que me deu nas últimas horas.

— Não, graças à vodka, estou me sentindo bem relaxada.

— Tudo bem então — disse ele, escolhendo uma música e ligando o telefone no console. O baixo pesado e o gemido de "Witchy Woman" dos Eagles começaram a tocar.

— Engraçadinho — eu disse enquanto suas covinhas brilhavam através da luz fraca do carro. A luz interior iluminava o resto do seu sorriso quando ele abriu a porta e passou pelos faróis para chegar à minha.

— Eu não estou nem perto de terminar de cortejá-la — ele sussurrou enquanto me conduzia para ficar na frente das vigas altas.

Minhas mãos nas dele, ele beijou cada um dos meus pulsos antes de colocá-los em volta do pescoço e começar a se mover comigo, colada ao seu corpo. Segui sua liderança com facilidade enquanto ele balançava os quadris. Sem espaço entre nós e roupas demais, enterrei-me em seu calor.

Destacados por seus faróis altos no meio do nada, ele deslizou as mãos para cima e para baixo dentro da minha jaqueta, acariciando-me e enchendo-me de desejo. Lânguidos, flutuamos em uma nuvem de neve, totalmente imersos um no outro. Estávamos um pouco bêbados, mas mais consumidos por nossa conexão.

Cameron começou a se esfregar em mim lentamente enquanto dançávamos bêbados na neve. Remexendo meus quadris, fiz um pequeno show enquanto ele observava meus movimentos, e seu sorriso me fez acreditar que ele gostava do que estava vendo.

Uma coisa que eu sabia sem que ele precisasse me dizer era que Cameron adorava dançar. Eu amava isso nele. Adorava que ele

fosse tão confiante e sempre encontrasse uma maneira de me fazer sentir bem mesmo quando eu estava fora da minha zona de conforto.

Nós rimos quando tropeçamos um pouco em nossos pés, nossos corpos se movendo no ritmo. Mordi meus lábios enquanto me aproximava dele, e ele me virava, apoiando minhas costas em seu peito.

Quando dei por mim, estávamos no meio da floresta, dançando e tontos. Eu me sentia livre, me sentia importante e me sentia amada.

Aquele momento foi um dos momentos mais felizes da minha vida.



Quando a música terminou, tentei voltar para o SUV, mas ele me puxou de volta.

— Mais uma dança — ele disse quando “Hand Me Down”, de Matchbox Twenty, ecoou pelos alto-falantes. Cameron começou a cantar para mim, seu hálito cheio de vodka soprando meu pescoço, as palavras da música me tocando profundamente.

Eu segui sua liderança enquanto ele se movia sutilmente, mais concentrado em cantar do que em dançar. Cada segundo daquela dança cimentou-se no meu coração.

Se alguma vez o verbo cortejar teve um significado era a perfeita definição daquele homem idiota cantando para mim sobre o que eu merecia.

Tive que lutar contra as lágrimas quando seus lábios tomaram minha boca trêmula. Eu esperava que ele pensasse que era do frio, mas a verdade era que estava entregue. Eu queria o que tínhamos que *ser*. Queria que ele fosse o último homem que eu beijaria, o último homem a quem entregaria meu coração e corpo. E eu não queria que meu coração estivesse enganado. E apenas ele tinha poder para torná-lo realidade.

Ele disse que não deveríamos esperar mais do que prometemos, mas meu coração começava a discordar enquanto batia por ele.

Cameron estava me enchendo de esperança.

Eu estava me apaixonando.

E me apaixonando *de verdade*.

Eu não precisava de mais nada dele além do que já estava me dando. Mas isto já era muito mais do que eu esperava. Aninhei-me mais a ele, fazendo tudo o que podia para mostrar o quanto estava envolvida.

Porque Cameron me envolvera.

Não me deixe estar errada. Por favor, Deus, que eu não esteja enganada de novo.

Olhei em seus olhos de jade e guardei na mente a expressão em seu rosto.

— Não me engane — sussurrei para ele em um apelo.

Ele parou de dançar e olhou para mim com uma mistura de emoções.

Eu balancei minha cabeça com um sorriso.

— Mas você não pode prometer que não vai.

Ele me apertou com mais força.

— Não é tão difícil acreditar em mim, é? Quero dizer, você está dançando na floresta.

Eu sorri.

— Eu estou, não estou?

— Você está — disse ele quando o vento aumentou e nós trocamos palavras por um beijo.

Somente palavras transformavam pessoas em mentirosos.

Cameron disse que beijos eram promessas não ditas, e então ele me beijou até eu entender as dele.

Nossas bocas se tornaram urgentes, e eu usei seu beijo como garantia. Agora que eu o tinha, estava com muito medo de perdê-lo. Se não tomasse cuidado, acabaria arruinando o presente com a ameaça do desconhecido.

Eu tive que me soltar.

Eu tive que deixar a vida acontecer.

E assim, por mim e por Cameron, decidi me soltar.

E ele ainda estava lá, me beijando, me tocando, sendo meu.

Se o karma e o destino realmente existissem, eu abriria uma exceção e acreditaria neles por nossa causa.

— Eu quero você — sussurrei enquanto o agarrava mais forte a mim. O desespero atou-se à minha voz enquanto eu pressionava meu corpo ao dele. — Quero que me foda, rei do baile.

Seu gemido de resposta retumbou em seu peito quando suas mãos agarraram minha bunda.

O som de neve sendo esmagada e faróis em movimento nos fizeram pular como dois adolescentes culpados. Eu gritei quando um caminhão grande se aproximou e Cameron rapidamente me colocou dentro do Audi.

Eu gritei para ele entrar também quando fechou a porta. Eu estava sendo irracional, e sabia disso, mas não pude evitar a onda de pânico que me inundou quando Cameron iniciou uma conversa com o motorista.

Ao invés do alívio que deveria estar sentindo por ele, fiquei mais preocupada e irritada por terem arruinado nosso momento com a intromissão. Quando Cameron saiu do caminhão, ele sorriu na minha direção enquanto corria.

— Estamos a salvo. Esse cara é na empresa de administração que aluga a cabine. Quando não fizemos o check-in, eles vieram nos procurar. Disse que isso acontece o tempo todo. Ei, ei, o que há de errado?

— EU... EU...

Você está sendo irracional, louca e está apaixonada por ele. Loucamente apaixonada por ele.

— Ei — ele disse, inclinando-se — Eu estou bem. Nós estamos bem.

Assenti, com a mente girando e meu coração palpitando de preocupação. O alívio finalmente chegou, pois percebi que não nos tornaríamos manchete de jornal.

Era uma coisa boa também. Eu seria uma mulher muito irritada nos portões perolados do céu. As coisas estavam melhorando.

— Desculpe, acho que ainda estou um pouco tensa — sussurrei timidamente.

—Vamos lá — disse ele, apontando com o queixo em direção ao caminhão. — Eles vão mandar um reboque quando a tempestade amenizar. Vamos preparar aquele bife.



Um pouco depois da meia-noite, finalmente chegamos à cabine e não era nada menos que perfeita para um cartão postal. O telhado e a varanda estavam cobertos por neve fresca, os jardins ao redor imaculados e polvilhados com o inverno.

Nós agradecemos ao motorista quando saímos do caminhão e seguimos a curta caminhada que levava à varanda.

— É lindo — eu disse, agradecendo quando ele pegou a minha mão e me ajudou a subir as escadas. — Como você a conseguiu?

— Um amigo meu é o dono. Mas normalmente é alugada nesta época do ano. Tivemos sorte.

— Eu gostaria que você tivesse me dado mais tempo ou me deixado arrumar uma mala. Nem trouxe escova de dente.

— Eu trouxe uma extra para você.

— Não vou jogar Scrabble nua — desprezei quando ele abriu a porta.

— Então vai ser um péssimo final de semana — declarou. — Ainda vou te convencer a isso — disse ele enquanto me conduzia pela porta.

A cabana tinha um piso plano aberto e no centro havia uma lareira de pedra. Os móveis pareciam novos, mas acolhedores.

As paredes estavam livres da taxidermia esperada, e o local tinha um toque feminino. Mantas macias e confortáveis, além de travesseiros multicoloridos, estavam espalhados por toda parte.

Cameron descarregou suas malas no balcão da cozinha ao lado de um aconchegante recanto de jantar e abriu a geladeira, pegando uma cerveja.

— O que você quer fazer primeiro? — ele perguntou quando vi uma combinação de lavadora e secadora na despensa da cozinha, aliviada pelo menos por poder lavar o que estava vestindo.

Era óbvio que Cameron não era muito versado no que uma mulher considerava necessário para a sua sobrevivência.

— Um chuveiro.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Quer companhia?

— Não — eu disse, apagando suas esperanças. Eu tinha uma limpeza íntima para fazer, e independentemente de quão sexy ele pensasse que seria, eu não achava nem um pouco. Sexo no chuveiro não era o meu favorito. Alguém sempre acabava congelando.

— Eu tive um incidente sexual no chuveiro — expliquei. — Começou com sabão e rapidamente se transformou em arder em lugares onde nunca mais quero arder. Não vai acontecer — falei enquanto seus lábios se contraíam. — Além disso, eu ainda não estou tão a fim de você para arriscar.

— Vou te castigar por isso — disse ele sem se ofender antes de beber sua cerveja.

— Contanto que não seja no chuveiro.

Ele retirou o casaco com um sorriso.

— Claro, não vai acontecer no chuveiro.



— Cameronn — eu choraminguei, meus olhos revirando quando seu peito flexionou e ele investiu mais uma vez, me atingindo tão profundamente que meu corpo inteiro tremeu. — Eu vou gozar — murmurei quando ele fechou a boca em volta do meu mamilo enquanto a água caía em cascata pelas suas costas.

— Abbie, não posso mais — ele resmungou enquanto me segurava. Pressionou sua testa contra a minha, os lábios abertos antes de estocar mais uma vez com um rosnado.

Sexo no chuveiro é maravilhoso!

Exausta, permaneci relaxada contra a parede enquanto Cameron desligava a água, antes de secar meu corpo e depois o dele. Observei seus músculos flexionarem quando ele esfregou as

gotículas de seu abdômen sarado e tive que me impedir fisicamente de dar uma mordida em sua bunda incrível.

Se houvesse um prêmio por bundas, Cameron poderia reivindicá-lo com razão.

Um sorriso malicioso por conta da minha incapacidade de não fazer sexo no chuveiro apareceu em seu rosto enquanto ele olhava para mim. De bom grado, concedi-lhe a vitória, pois minha imaginação foi à loucura com as possibilidades para o resto do fim de semana.

— Só para constar — eu disse com uma voz cheia de luxúria — também não faço sexo em mesas, no sofá, no quintal, na banheira de hidromassagem, nem na pia.

— Anotado — ele disse quando suas covinhas apareceram.



Mais tarde naquela madrugada, sem nenhuma vergonha, fiquei observando Cameron dormir. Uma mecha de seu cabelo escuro formava em uma leve onda em sua testa e seus lábios cheios me provocavam. O fato de ele parecer tão perfeito sem esforço, bem... isso me irritava. Cabelos despenteados, pele impecável, ele parecia recém fodido, mas de uma maneira que o tornava digno de uma cena de filme, enquanto eu parecia apenas... *fodida*. Era totalmente injusto.

Eu nunca fui a garota que passa maquiagem de manhã para enganar um pobre sujeito desavisado com uma falsa realidade futura. Mas quando acordei, me esgueirei correndo para escovar de dentes e enxaguar com um pouco de Listerine que encontrei em sua mala de viagem de couro.

Depois de umedecer meu cabelo, que mais parecia ter tomado um choque, para domá-lo, peguei um pouco de seu gel e passei meus dedos pelos fios.

Meus lábios estavam rachados pelo frio e machucados por seu beijo, então eu passei um pouco de protetor que acabou parecendo um pouco com brilho labial colorido.

Na tentativa de manter as coisas limpas, usei um pouco do desodorante que mantinha na minha bolsa.

Vasculhei sua mala, encontrei uma camisa de flanela nova e a coloquei. Em um detalhe técnico, ele disse que tinha levado algumas coisas para mim. Arregaçando as mangas, olhei de volta para ele enquanto dormia.

O homem era um semideus, totalmente esculpido e completamente à vontade enquanto sonhava sonhos divinos. Se ele me dissesse que vivia uma vida perfeita, eu teria acreditado. Por mais errado que fosse o meu pensamento, eu tinha certeza de que sua aparência lhe rendera uma espécie de vantagem.

E pelo que pude coletar de informações, ele usou essa vantagem, especialmente com as mulheres. Mas havia uma diferença entre um homem de boa aparência e arrogante para um homem de boa aparência e conteúdo, e Cameron era o segundo.

Eu adorava que ele não se gabasse por seus dias de glória, embora eu tivesse certeza de que fora um pouco cafajeste. Era aquele sorriso.

Essas divagações só teriam me desanimado, com as histórias de um homem arrogante e inseguro, mas Cameron havia se livrado daquele estereótipo e se tornado um gigante gentil. Sua beleza estava além da fachada perfeita e, por trás dela, ele era todo coração.

Apaixonada, fiquei observando-o por um minuto, como uma stalker, enquanto seu peito subia e descia, inspirando e expirando. Mesmo dormindo, ele era demais para absorver.

A atração que sentia por ele só se intensificava quando eu pensava na sensação de seus lábios carnudos nos meus e em como seus olhos brilhavam quando ele olhava para mim. Eu não conseguia superar isso, por mais que tentasse parecer indiferente. Tudo nele me atraía - seu tamanho, sua força, sua beleza, e/e inteiro.

Enquanto esperava Cameron acordar, decidi vasculhar A minha bolsa, e foi então que passei um pouco de blush nas maçãs do rosto para garantir.

Só porque estava mexendo na minha bolsa, peguei meu perfume, passando-o nos meus pulsos – qual era o problema de me esforçar um pouco, não é?

E então eu comecei a cavar aquela bolsa e encontrei um par de brincos antigo de diamantes que eu amava em um bolso escondido. Não eram nada de especial.

Talvez tivesse brincado com meu telefone, girando minha cabeça em ângulos estranhos para garantir que ele não acordasse vendo meu queixo duplo imprevisível e oportunista. Em minha defesa, tal papada tendia a surgir como o pescoço de um lagarto sem aviso prévio. Eu não queria assustar o pobre homem.

Quando terminei de lixar as unhas das mãos e os pés com uma lixa que comprei meses atrás e esqueci dentro da bolsa, decidi que Cameron iria dormir para sempre, então peguei emprestada sua gilete e raspei minhas pernas um pouco.

Quando terminei de *não* me preparar para Cameron, me sentia frustrada e ainda mais perturbada pelo sorriso lento que cobria seu rosto quando me sentei confortável de volta na cama.

— Você não é humano — sussurrei, rezando para ver um fio de espinafre nos dentes, restante do banquete da noite passada. Ele cozinhou para nós bife e espinafre.

Vamos lá, só um defeitinho!

— Você se arrumou toda para mim? — ele perguntou, sua voz sexy cheia de sono.

Eu *bufei* e arruinei todas as chances de parecer sexy e sofisticada.

— Não, é assim que eu acordo todas as manhãs. — Essa era a minha verdade, e eu iria me agarrar a ela.

— Entãaaaao, você não escovou os dentes, arrumou o cabelo, colocou um pouco de merda no rosto, usou minha gilete para raspar as pernas e posou para vinte fotos que não tirou?

Encostei minha testa na dele, com olhos arregalados, procurando.

— O que você está fazendo? — Ele riu quando subi em cima dele e o olhei de perto.

Eu tinha certeza de que parecia uma personagem de desenho animado enquanto fazia o que estava fazendo.

— Estou procurando seu terceiro olho, seu lagarto!

Ele riu e com um giro, me prendeu embaixo dele. Foi então que notei que sua única falha era uma contusão leve no queixo.

— O que foi isso? — perguntei quando arqueei as costas para pressionar meus lábios contra os dele.

— Max me deu uma cotovelada na quadra — disse ele, afastando-se dos meus lábios — e não mude de assunto.

— Ótimo. Eu não quero que você me veja feia — resmunguei enquanto minhas bochechas ardiam de vergonha.

— Fui forçado a olhá-la por muito tempo antes de tocar em você. Eu me tornei bom nisso. E também não gosto muito dos seus “não quero”. O sexo no chuveiro também parecia muito definitivo.

— Seu poder de persuasão não funcionará em mim, senhor. Isso foi um acaso.

Seus belos lábios se contraíram.

— Um... acaso.

— Seu trabalho é conquistar, não influenciar opiniões — lembrei.

— Bem, depois de todo o esforço que você acabou de fazer para se vestir, eu *vou* cortejá-la, senhora.

Ainda um pouco envergonhada, balancei a cabeça e olhei para o teto.

Ele deslizou os lábios do meu pescoço até a minha orelha.

— Adoro que você tenha se esforçado tanto por mim. Adorei ver você se arrumar. Fiquei de pau duro quando você lixou suas unhas. Abbie, você é linda sem todo esse esforço, mas me envaidece saber que fez tudo por mim.

Puxando-me para que eu ficasse sentada, ele pegou uma das rosas recém-cortadas do pequeno vaso de vidro ao lado da cama e me entregou. Eu sabia que os arranjos em rosa pálido colocados estrategicamente por toda a cabine não eram uma coincidência. Cameron havia enviado algumas dúzias de rosas no mesmo tom para a minha casa nas últimas semanas. Minha casa constantemente tinha aquele doce aroma.

— Obrigada — eu disse antes de encostar a flor no meu nariz e cheirá-la. — Eu queria perguntar a você, com tantas flores que deixou na minha mesa, por que decidiu enviar rosas?

Ele esfregou uma das pétalas delicadas entre os dedos.

— Foi a primeira flor que você pegou, em vez de hesitar, antes de sair da cafeteria. Eu soube que eram suas favoritas.

— Eu nem sabia que eram as minhas favoritas. — Suspirei quando ele traçou meu pescoço com seus lábios. — Você realmente é o rei do cortejo.

— Rei do cortejo? — ele repetiu de forma indagadora, um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

— Sim — eu disse suavemente —, você venceu. Então, quais são os planos para hoje?

— Bem, primeiro vou estragar todo o seu trabalho duro — disse ele, pegando os botões da minha camisa e abrindo-os antes de deslizar lentamente o tecido para que ele escorregasse dos meus ombros. Olhos atentos nos meus, meu mamilo se enrijeceu sob as carícias cuidadosas de seu dedo.

— Rei do cortejo — ele disse suavemente, seu sorriso fazendo cócegas e mostrando as covinhas nos cantos de sua boca. — Gosto disso.

Eu disse o nome dele em uma oração quando tomou o bico duro em sua boca.

Sem palavras, ele gentilmente me colocou debaixo dele e se afundou entre minhas coxas. Entrelacei minhas pernas ao redor dele enquanto se alinhava na minha entrada e segurava seu peso acima de mim. Seu peito esculpido em exibição, meus dedos gananciosos explorando-o.

Penetrando-me devagar, ele assistiu minha reação a ele conforme o zumbido entre nós aumentava.

— Merda — ele grunhiu quando me apertei em torno dele. Seus lábios se abriram quando investiu ainda mais. — Eu sabia.

— Sabia o quê? — murmurei conforme ele me pressionava contra o colchão, certificando-se de que eu sentisse cada centímetro dele.

— Talvez eu não soubesse, mas tive um pressentimento — ele sussurrou antes de sua boca capturar a minha. Nenhuma explicação adicional foi necessária.



Dezessete

Abbie

Eu estava fazendo isso. Estava correndo na floresta, e não era porque estava sendo perseguida por um assassino em série, o que era um enorme bônus. Cameron me vestira naquela manhã com um de seus suéteres grossos que pendiam dos meus joelhos. Também me colocou perneiras, casaco, cachecol, luvas e botas de neve. Eu parecia ridícula, mas estava quente e ficando mais quente enquanto corríamos pela floresta.

Depois de apenas uma semana, com o incentivo de Cameron, eu estava chegando ao ponto de conseguir manter o ritmo apesar do passo mais lento, apesar de ter certeza de que ele fazia concessões. Mas eu caminhei rápido por Chicago por um pouco mais de dez anos, então já tinha uma quantidade razoável de resistência. E isso ajudou. Eu estava me tornando uma corredora, e saber disso me deixava feliz, principalmente quando ele olhou para mim com um sorriso.

Não nos aventuramos muito. Cameron me disse que não estava apostando na sorte. Mas me fez parar sob a árvores e me levou a uma vista deslumbrante de um grande lago. Cercada por um país das maravilhas do inverno, apreciei tudo sobre o silêncio que nos envolvia. Era um tipo de isolamento perfeito para um livro de histórias com a única pessoa no mundo com quem eu gostaria de compartilhá-lo.

— Não é tão ruim, é? — ele perguntou, olhando para mim enquanto eu vasculhava a visão diante de nós.

— É lindo — respondi, recuperando o fôlego antes de caminhar em direção a uma pequena doca.

— Há um pequeno barco no galpão ao lado da casa. Eu vi ontem à noite quando estava cozinhando. Vou te trazer de volta aqui neste verão e você pode ler poesias ou Jane Austen, enquanto eu remo.

— Não vamos começar a sonhar demais, Casanova.

— Tarde demais — disse ele enquanto seus olhos me analisavam. — Tarde demais. — Ele puxou minha mão, aproximando-me dele. — Você não pode correr muito nessas botas. Não é bom pra você.

— Eu sei. Só não quero quebrar a rotina.

— Estou orgulhoso de você. Nem parece mais querer me matar quando eu apareço na sua porta de manhã.

— Ah, mas eu ainda quero — eu disse enquanto compartilhamos um sorriso.

— E é apenas o começo. Espere até você executar seus primeiros 5km — ele disse com uma piscadela.

Uma onda de emoção tomou conta de mim quando olhei para ele.

— O que você está pensando?

Engoli em seco.

— Tudo bem — ele disse, brincando. — Agora eu tenho que saber.

— Eu não sei como dizer isso sem parecer uma idiota.

— Abbie, você pode me dizer qualquer coisa.

— É só que... — Eu fiz uma careta para impedir que meu queixo tremesse, mas as lágrimas surgiram de qualquer maneira.

— Baby, o que foi? — ele perguntou, suas mãos segurando meu rosto.

— É como quando as pessoas dizem que não sabem nadar, é difícil acreditar nelas porque sempre foi algo natural para mim. Algumas pessoas têm pavor da água, e correr parece algo simplista. Quero dizer, não é exatamente como nadar, mas serve ao propósito. Para a maioria, é como um reflexo natural. Mas entrar na água não é como nadar.

— Tudo bem — disse ele, mordendo o lábio.

— Ok, então, merda. — Uma lágrima caiu, e antes que eu pudesse limpá-la, ele se inclinou e a pegou com os lábios enquanto meu coração se inchava no peito.

— Sinto que, antes de conhecer você, estava só pisando na água e... Deus, estou fazendo algum sentido agora?

— Perfeitamente — ele disse suavemente.

— Não é apenas sobre correr, Cameron. É sobre nós também.

— Sinto o mesmo, mais do que posso explicar. Mais do que você jamais poderia saber. — Ele buscou meus olhos. — Por que não te conheci há dez anos? — ele adicionou, me pegando de surpresa. — O que você estava fazendo quando tinha 23, Abbie?

— Faculdade, então trabalho – muito trabalho. Eu trabalhei muito.

— O mesmo aqui. Não posso dizer que fiz uma coisa significativa na minha vida, além de me tornar treinador. E ver você agora é algo grandioso. Adoro ver o seu progresso. Você me agradece, mas foi você quem fez todo o trabalho duro.

Eu balancei minha cabeça.

— Não, você não entendeu. Eu costumo desistir das coisas. Sem você, eu não teria pensado duas vezes. Nunca pensei que poderia ser aquela mulher. Esta mulher. Parece simplista, mas é tudo menos para mim. Correr foi meu calcanhar de Aquiles a vida toda. *Toda* a minha vida — eu disse, enquanto meu queixo tremia e mais lágrimas ameaçavam. — Então, obrigada.

— Isso — ele disse suavemente. — É por isso que eu amo fazer o que faço. O olhar no seu rosto. Eu amo levar as pessoas além do limite, além do que elas pensam que são capazes. Como seu

namorado, acho que você está se saindo bem e tenho orgulho de você. Mas como seu treinador, mal posso esperar para ver aonde você vai chegar.

— Você realmente ama, não é? Ser treinador.

— Sim. Eu amo. É tudo para mim. Não me interprete mal, fico feliz por me aventurar em algo diferente nas lojas. Treinar em meio período em uma escola particular não paga muito, mas treinar sempre foi o meu sonho.

— Não jogar profissionalmente?

— Não. Quero dizer, acho que poderia ter acontecido, mas treinar sempre foi o que me atraiu mais. Eu gosto das táticas. E tive sorte com muitos dos meus treinadores. Eu tinha um no ensino médio, o treinador Bryant. Ele era um mentor. Eu tinha tanto respeito por ele e pela maneira como falava com as pessoas. Ele perdia a cabeça, como qualquer outro homem apaixonado por jogo, mas sempre teve dignidade. Havia algo sobre ele que parecia inadequado para a sociedade moderna. Não se brincava com ele, ninguém brincava. Era muito bom em seu trabalho. Eu meio que aspirava ser igual a ele.

— O que faz você pensar que não é?

Cameron balançou a cabeça.

— Eu nunca poderia ser ele.

— Como você sabe?

— A vida me disse isso. — Seu rosto tornou-se sombrio brevemente e depois sumiu. Eu deveria tê-lo pressionado mais naquele momento. Poderia ter dito a ele que exalava todas essas qualidades em massa. Estava na ponta da minha língua dizer isso, mas, em contrapartida, mostrei a ele deixando que agarrasse a minha mão enluvada e me conduzisse pelas árvores.



— Merda! — Cameron exclamou da varanda no momento em que saí do quarto, depois de tomar banho. Abri a porta de vidro e vi a churrasqueira coberta de chamas.

— Ah, merda! — eu disse enquanto ele tentava dar um tapa nela com sua espátula de ferro. — O que você precisa?

— Uma reforma — ele disse com uma risada enquanto fechava a tampa para sufocar o fogo e depois desligou o gás. Quando a abriu novamente, o frango estava preto. Ele esfaqueou a carne queimada com um garfo grande e a segurou em minha direção. — O jantar está pronto — anunciou.

Eu torci o nariz.

— Acho que vou passar. Vi algumas coisas no armário. Deixa que eu faço o jantar.

— Você considera isso impróprio para consumo, mulher?!

Eu beijei sua bochecha.

— Você não precisa cozinhar sempre. Posso nos alimentar. Me dê meia hora.

— Ok, mas você está perdendo.



Minha mãe era uma cozinheira incrível. Ela poderia pegar qualquer coisa nos armários e transformar em um banquete de rei em questão de minutos. Minhas habilidades eram inferiores, na melhor das hipóteses. Eu realmente nunca tive tempo para assisti-la e aprender com ela. Mas tinha certeza de que conseguiria algo mais comestível do que frango carbonizado. Depois de cinco minutos estudando os armários, decidi enviar um SOS e ligar para minha mãe enquanto Cameron estava sentado na sala assistindo futebol.

— Mãe, eu preciso da sua ajuda — disse em um sussurro, uma vez que ela respondeu.

— O que há de errado, querida? Você não atendeu ontem à noite quando liguei.

— Eu sei, me desculpe. Estou com alguém.

— Oh? — ela perguntou.

— Para encurtar a história, estamos saindo há um tempo. Ele é incrível, e vou te contar tudo sobre ele em breve, mas preciso de alguns conselhos sobre culinária.

— Ok, dê um passo para trás e fuja enquanto é tempo.

— Não é engraçado — eu disse com uma mão no quadril que ela não podia ver.

— Eu acho que é — disse ela com uma risada leve. — Tire sua mão do quadril, pirralha. Vou te ajudar.

— Não estamos em condições de ir ao mercado, e este lugar está cheio de tudo, mas não consigo pensar em nada para fazer.

— Ok, me dê uma chance.

Eu listei tudo nos armários, geladeira e freezer.

— Por que você está sussurrando?

— Porque não quero que ele pense que não sei cozinhar.

— Você não sabe cozinhar. Aposto que você gostaria de ter ajudado mais na cozinha do que choramingado.

— Mãe, fico feliz que você ache isso engraçado, mas eu gosto muito, muito dele. OK?

— Por que eu não soube dele até agora?

— Porque eu não tinha certeza, e os pais não precisam saber de todos os acidentes ou fracassos da vida amorosa das filhas. Para não se magoarem. Eu queria ter certeza de que seria legal antes de contar. Então, você vai me ajudar?

— Claro, você pode trazê-lo para jantar na próxima semana.

— De jeito nenhum. Cedo demais.

— Mas podemos negociar — disse ela com um tom brincalhão.

— Não, não vamos. Mamãe. Me ajude, ok? Não tenho tempo para procurar receitas e quero impressioná-lo — sussurrei.

— Este homem tem um nome?

— Para você? Ainda não.

— Tudo bem, mas quero jantar com você. Semana que vem.

— Feito — eu disse. — E eu teria ido de qualquer maneira.

— Vou enviar uma receita para você.

— Obrigado mãe. Eu te amo.

— E, Abbie?

— Sim? — sussurrei enquanto olhava para Cameron, que estava sentado na beira do sofá, com os olhos fixos na TV. Sonhei brevemente com um futuro onde dias como aquele se tornariam um ritual.

- Se tudo mais falhar, adicione mais manteiga.
- OK.



Mais minutos do que a prometida meia hora depois, comemos o frango com alecrim cremoso da minha mãe, com macarrão e uma salada. Fiquei feliz com a execução, e Cameron parecia estar gostando tanto que fechou os olhos na primeira garfada.

— Isto é incrível.

— Obrigada — eu me gabava enquanto ele mastigava um bocado de macarrão.

— Então, acho que está na hora de você passar a fazer o jantar — disse ele com uma piscadela.

— Você acha? — disse, em pânico. Eu poderia pedir à Sra. Zingaro que me passasse sua receita de ziti. Isso me faria ganhar uma semana.

As próximas palavras de Cameron cortaram meus pensamentos.

— Como está a sua mãe?

— Ela está... — comecei. — Você é um idiota, sabia disso? E como ouviu nossa conversa?

— Você estimula sua audição sendo treinador no ensino médio. E, Abbie — disse ele enquanto mordida uma torrada com alho —, é bom saber que você *realmente* gosta de mim.

Meu rosto começou a arder quando ele devorou o frango em seu prato e pegou outro pedaço da frigideira de ferro fundido. Eu me levantei da mesa para pegar a garrafa de vinho. Ele circulou minha cintura com o braço e me puxou para seu colo de surpresa.

— Onde você vai?

— Pegar um pouco de vinho. Quer? — perguntei quando ele afastou o cabelo do meu ombro e descansou o queixo no meu pescoço.

— Não. — Ele girou o garfo, pegando uma porção de macarrão e o levou à minha boca. Abri e peguei, mastigando enquanto ele repetia o movimento.

— Eu tenho o meu próprio prato, treinador.

— Sim — disse ele, movendo a mão livre sob a minha blusa flanela emprestada antes de deslizar os dedos preguiçosos ao longo da minha barriga. — Mas ainda não terminei de cortejar.



— De volta à realidade — eu disse, lamentando o final de nosso longo fim de semana enquanto Cameron fechava a porta da cabine. Passamos cada segundo na cama naquela manhã até não termos outra escolha a não ser tomarmos banho e sair. Meu coração estava afundando no peito.

Ele me agarrou em seu abraço forte.

— Ok, então este não é o nosso cotidiano — disse ele, prendendo meus olhos —, mas haverá muito disso em nosso futuro pelo tempo que você quiser.

Eu o beijei profundamente na boca.

— Considere isto o meu RSVP. Não acredito que estou dizendo isso, mas sentirei falta da floresta.

— Nós voltaremos. Não será a última vez, ok?

— OK. — *Você é ridícula, Abbie.*

Ele deu um beijo gentil na minha testa e me conduziu pelos degraus, com a mochila na mão quando dei uma última olhada na cabana. Brincamos de casinha por um fim de semana e foi mais do que agradável. Foi o paraíso.

— No que você está pensando? — ele perguntou quando abriu a porta do lado do passageiro e eu entrei no Audi.

— Só que estou feliz por termos esperado. E agora estou feliz por termos parado de esperar.

Prendi o cinto de segurança.

Suas mãos descansavam em ambos os lados do batente da porta.

— Foi um inferno não poder tocar em você, mas eu não mudaria nada.

Quando eu estava confortável, ele fechou a porta e deu a volta pela frente do capô enquanto eu temia a casa vazia esperando por mim.

Seguimos no SUV em marcha lenta por mais um momento antes de Cameron colocar a mão no meu encosto de cabeça e girar o corpo para ter uma visão clara da saída da garagem. Quando o perfume de sua colônia e sua proximidade me deixaram sem sentido, pressionei meus lábios no pomo de Adão e os mantive lá. Ele parou o carro na beira da garagem e olhou para mim por um bom tempo e de forma intensa antes de falar.

— Eu sei que algo aconteceu. Algo que você não quer me contar ainda. É dolorosamente óbvio, mas quero que saiba que nada acabou entre nós, sem chance disso.

— Eu sei.

Ele se inclinou.

— Você tem certeza? Porque sinto que você não tem.

— Sinto muito por fazer você se sentir assim. — Afundei no meu assento, odiando o fato de precisar de tanta segurança. Mas Cameron era consistente desde o início. Eu não tinha motivos para duvidar dele. Desviei os olhos, meu coração batendo forte.

— Olhe para mim — ele sussurrou. — Estou contigo.

Não pude deixar de lembrar que Bree declarou que ela e Anthony atingiram outro nível na Escócia. Eu também me sentia assim com Cameron ao olhar em seus olhos sinceros.

Ele pegou minha mão e a pressionou contra seu peito antes de se inclinar e tomar meus lábios. Seu beijo foi lento, completo, e eu soltei um murmúrio feliz e sorri quando ele se afastou.

— Você é um excelente treinador.



Dezoito

Abbie

— Feliz dia de Ação de Graças — disse Cameron enquanto eu estava sentada na mesa da cozinha da minha mãe, olhando para ele através da tela do celular.

— Feliz Dia de Ação de Graças — eu disse, levantando-me para subir para o meu antigo quarto para ter um pouco de privacidade. Pedi a Cameron que fosse comigo a Naperville, mas ele quis ficar com o pai, apesar do peso que sentia na casa sem a mãe lá.

Nunca negligenciei familiares e amigos devido a um novo namorado. Era uma das minhas novas regras de vida, por mais perfeito que fosse esse namorado. Quando você acidentalmente namora um sociopata, aprende uma lição sobre coisas assim. Luke constantemente me fazia desmarcar planos com Bree e minha família para manipular meu tempo, me manipular.

Por mais feliz que estivesse fazendo parte de um nós com Cameron, eu arranjava tempo para Bree e meus pais, mesmo que o

relacionamento fosse de longe o mais saudável da minha vida adulta.

Mas eu tinha que admitir, ver o homem sorrindo para mim na tela dificultou o fato de estar sem ele. Acostumei-me a acordar sentindo seu braço jogado sobre mim.

Nossos sábados consistiam em assisti-lo jogar com Max antes de passarmos o resto do dia perambulando pela cidade ou pelo Wicker Park. Quando o tempo permitia, corríamos todas as manhãs e, quando não, compensávamos no meu quarto. Eu percorria três quilômetros por dia e estava começando a ser perceptível. Estava na melhor forma da minha vida.

Cameron era definitivamente um cara que se divertia. Raramente havia um momento de tédio. Até noites tranquilas em casa, que passávamos principalmente com a sra. Zingaro, eram felizes.

Fechei a porta e me joguei na minha cama velha.

— Como estão as coisas? — perguntei.

— Estranho e solitário. Eu odeio isso. Não sei o que fazer. É como se ele tivesse parado de viver quando minha mãe morreu. Já tivemos um problema de comunicação.

— Tudo o que você pode fazer é tentar conversar com ele — ofereci. — Você sabe que a senhora Zingaro foi assim comigo por um tempo. Ela era um pouco esquiva quando nos conhecemos. Sei que não é a mesma coisa, mas você não vai conseguir ir adiante com ele se for apenas educado. Pode ter saído pela culatra um pouco para mim, mas não posso dizer que ela não vale a pena. Fale com ele, tente *realmente* conversar com ele.

— Vou tentar — ele disse suavemente.

— Fale sobre a sua mãe. Ele pode hesitar no início, e talvez seja esse o caminho, mas não vai doer.

— Eu vou.

— Promete? — perguntei. Foi a primeira vez que lhe pedi algo assim. Odiava a culpa e a dor que cobriam seus traços, então fui egoísta com o meu pedido, mas eu via aqueles sentimentos com mais frequência do que queria. Mesmo que eles não fossem próximos como pai e filho deveriam ser, eu sabia que Cameron ansiava por isso.

Percebi sua hesitação e pedi desculpas.

— Sinto muito, não cabe a mim pedir isso.

— Eu prometo — disse Cameron. — E cabe a você, sim. Você pode me pedir qualquer coisa, Abbie. Estou falando sério.

Meu coração acelerou. Era tão óbvio o quanto estávamos chegando longe. Era muito difícil para mim, não poder verbalizar como me sentia toda vez que olhava para ele. Ainda éramos recentes, e aprendemos a ter paciência um com o outro. Eu poderia esperar.

— Então, o que há no menu da casa Bledsoe?

— Vou assar um peru — disse ele com um sorriso.

— Parece delicioso.

— E você?

— Duvido que comamos até mais tarde. Oliver não vai aparecer até que queira, então teremos que esperar sua alteza chegar.

— Sua alteza está aqui, pentelha — Oliver falou enquanto entrava no meu quarto. — Com quem você está falando?

Arregalei os olhos para Cameron.

— Pega no flagra — disse ele na tela.

— Não é da sua conta — eu disse quando meu irmão se sentou na minha cama ao meu lado.

Cameron olhou para Oliver e deu a ele um aceno de cabeça.

— E aí, cara.

Oliver olhou para mim.

— Quem é?

— Este é meu namorado, Cameron.

— Sério? — Eu ia matá-lo.

— Bledsoe, prazer em conhecê-lo — acrescentou Cameron.

— Ela não me falou de você — disse Oliver, mal olhando para a tela.

— Abbie gosta de me manter em segredo — respondeu Cameron sem perder o ritmo. — Mas acho que sou o único namorado dela neste momento. Acho que posso dizer isso, não posso?

— Você é — eu falei, prometendo minha lealdade.

— Não me diga — disse Oliver, recostando-se no meu travesseiro antes de jogar um pedaço de croissant na boca.

Meu irmão e eu nos parecíamos muito, exceto que ele tinha o cabelo loiro encaracolado do meu pai, que cortava cada vez mais curto à medida que envelhecia. Tínhamos a mesma boca e olhos.

— Cameron, este é meu irmão, o Sr. Babaca.

Oliver revirou os olhos antes de pressionar minha cabeça com a palma da mão, implicando comigo. Dei um tapa em seu pulso quando ele levantou a ponta do meu nariz, me fazendo parecer com um porco, torcendo minhas feições. Lutei com Oliver quando a risada de Cameron soou no meu telefone.

— Droga, amadureça, idiota — irritei-me quando deixei o telefone cair e dei dois socos no braço de Oliver enquanto ele ofegava de tanto rir.

Recuperando meu telefone, apontei para a porta, depois me endireitei e ao telefone para que eu pudesse ver Cameron enquanto meu rosto ardia.

Oliver saiu do quarto com um:

— Depois nos falamos, Cameron.

— Com certeza, cara — respondeu Cameron enquanto eu voltava minha atenção para ele sem minha dignidade intacta.

— Ele é um merda.

— Se você está dizendo...

— O homem é uma criança de 35 anos.

— Ele parece muito divertido.

— Ele é um idiota. Chega de falar do meu irmão, sinto sua falta.

— Deus, eu estava tão perdida. Ergui minhas sobrancelhas. — Tudo de mim sente a sua falta.

— Estarei à sua porta no minuto em que você chegar em casa. E no próximo Dia de Ação de Graças — Cameron acrescentou, melancólico — passaremos juntos. OK? Sinto como se fôssemos adolescentes se escondendo.

— Está bem.

Com o coração transbordando, girei minha nova pulseira de ouro no pulso. Um presente de Natal antecipado que Cameron me deu antes de eu ir para a casa dos meus pais.

— Eu amo a minha pulseira.

Cameron sorriu.

— Está gravada. Eu estava esperando que você notasse, mas você não notou.

Eu a tirei e olhei lá dentro. Dizia: *Você me enfeitiçou de corpo e alma.*

Era uma citação de Orgulho e Preconceito. Meus olhos brilharam com lágrimas de felicidade.

— Agora eu amo ainda mais. O que você quer de Natal?

Os olhos de Cameron se fecharam rapidamente.

— Eu diria que o Papai Noel chegou mais cedo este ano. Consegui o que queria há alguns meses.

— Ah, e o que seria?

— Estou olhando para ela.

Meus olhos lacrimejaram quando ele se inclinou para o telefone, seus olhos cheios de carinho.

— Abbie...

— Ei, Jezebel! — Oliver chamou do topo da escada. — Você acha que pode abandonar o seu novo brinquedo por tempo suficiente para ajudar a mamãe na cozinha, para que possamos comer hoje?

Eu olhei na direção do meu irmão enquanto Cameron ria.

— Suas mãos estão quebradas?

Revirei os olhos e olhei para Cameron.

— Sinto muito.

— Está tudo bem, vá alimentar o Sr. Babaca. Te vejo amanhã.



Dezenove

Abbie

Rei do cortejo: *Ei, linda, você está quase pronta?*
Eu: *Sim, estarei pronta em cinco minutos.*
Rei do cortejo: *Estarei aí em quatro.*

Ele iria ser o anfitrião do baile de inverno na escola em que treinava e me convidou para ser sua acompanhante. Eu tinha que admitir, exagerei um pouco quando fui comprar meu vestido.

Mas as borboletas no meu estômago não eram de uma garota do ensino médio. Eles pertenciam a uma mulher que havia beijado muitos sapos de sarjeta e finalmente conhecera seu príncipe na calçada.

Todos os meus medos estavam sendo afastados diariamente. Eu não era mais uma mulher com medo. Eu era uma mulher apaixonada.

Tinha uma conexão inexplicável com alguém que não tinha nada a ver com trabalho, amizade ou família. A conexão que faz seu coração bater forte e mantém sua garganta seca em antecipação. Finalmente eu tinha um homem para quem eu tinha prazer de me arrumar.

Apliquei uma camada de batom, depois me afastei e admirei meu vestido. Tinha escolhido um rosa pálido longo – a cor favorita dele em mim – e cacheei meu cabelo vermelho antes de prendê-los.

Fiel à sua palavra, minha campainha tocou quatro minutos depois. Do outro lado, Cameron estava de smoking – ostensivo demais para um baile de escola – seus cabelos escuros penteados para trás, segurando um delicado buquê para o meu pulso.

Seus olhos foram dos meus calcanhares até o topo dos meus cabelos.

— Abbie... — Ele não precisava dizer mais do que isso. Eu me senti tocada por dentro e por fora.

— Obrigada — sussurrei.

— Me dê sua mão — disse ele, abrindo a caixa transparente e deslizando o a pequena pulseira de rosas no meu pulso.

— Ainda se usa corsage?

— Nós usaremos — respondeu ele, colocando o meu casaco em mim.

Eu não pude deixar de pensar que o convite para o baile era devido à conversa que tivemos na nossa escapada de fim de semana.

Quando vi a limusine estacionada no meio-fio, olhei para ele.

— Você foi um pouco longe demais — repreendi gentilmente quando o motorista abriu a porta para nós.

Depois que estávamos lá dentro, em segurança, ele me deu um sorriso perverso, fazendo um sinal com o dedo que dizia 'venha para cá'. Seu colo se tornou minha cadeira favorita, e ele parecia achar apropriado para qualquer ocasião. Então, me vi aninhada nos seus braços, meu lindo vestido caindo em cascata por suas longas pernas.

Embora eu tivesse dito a ele que tinha ido longe demais, passei o dia sendo mimada no spa algumas ruas adiante.

Fiz todos os tratamentos disponíveis, e Bree passou algumas horas recebendo uma massagem enquanto conversávamos sobre seu casamento. Aproveitei para contar a ela sobre as últimas semanas com Cameron.

No minuto em que nos afastamos do meio-fio, os olhos de Cameron mergulharam no meu decote exposto enquanto ele se inclinava e pressionava um beijo suave no meu pescoço.

— E como foi seu dia? — perguntei com uma risada leve enquanto seus dedos vagavam sob o meu casaco. Ele continuou em silêncio enquanto beijava cada centímetro de pele que o tecido não cobria. Lábios, língua, dedos... ele massageou minha panturrilha enquanto mordiscava o local atrás da minha orelha. — Eu também senti sua falta — murmurei enquanto ele continuava sua doce exploração, me transformando em uma poça em seu colo.

— Ei, treinador — eu disse, na tentativa de chamar sua atenção. Pelo retrovisor, pude ver rugas no canto dos olhos do motorista enquanto erguia suavemente a jaqueta de Cameron.

— Que bom, hein?

Minhas respirações ficaram mais pesadas conforme seus lábios vagavam pela minha pele.

Uma excitação perigosa instalou-se entre nós enquanto seu beijo viajava junto com sua mão para deslizar pela minha coxa enquanto simultaneamente pressionava o botão para erguer a barreira entre nós e o motorista.

— Você faz isso comigo, Abbie — ele sussurrou traçando minha mandíbula com os lábios. — Está tão bonita — murmurou, enquanto arqueava os quadris mostrando sua ereção. — Você me deixa entorpecido pra caralho.

Ele segurou meu rosto e me beijou tão profundamente que pensei em me afogar nele. Afastando-se, pressionou sua testa na minha.

— O que você quer, Abbie Gorman? Me peça qualquer coisa.

— Você — eu disse facilmente. — Eu quero você. Não é só mais um encantamento, Cameron.

— Eu sinto o mesmo — ele sussurrou suavemente. — Você mudou tudo para mim.

O suave aumento de sua voz me fez procurar seus olhos, que transmitiam muito. Senti a mudança da parte dele, senti as palavras que não estava dizendo. O carro parou e, infelizmente para nós, o mesmo aconteceu com o momento. Cameron suspirou enquanto eu saía de seu colo e procurava minha bolsa para retocar meu batom.

Com a mão entrelaçada na de Cameron, andamos pelos corredores da escola e notei vários banners que diziam *All in All* Loja Esportiva.

— Você patrocinou o baile?

Ele apertou minha mão, um sorriso cheio de orgulho sussurrando em seus lábios.

Nenhum homem poderia ser tão perfeito.

— O que você fez, treinador Bledsoe?

A música nos recebeu, vinda de trás de um conjunto de portas duplas quando um grupo de estudantes passou por nós.

Cameron olhou ao nosso redor e depois para mim.

— Não posso beijar você lá dentro, mas saiba que quero.

— Tenho a sensação de que você me compensará. Você vai responder à minha pergunta?

Eu recebi minha resposta quando ele me conduziu ao salão intrincadamente decorado e percebi o quão longe ele tinha ido. Rosas flutuantes estavam penduradas no teto, junto com uma grande iluminação de globo. As mesas estavam todas cobertas por rosas em redomas de vidro. Grandes livros de histórias estavam empilhados nos quatro cantos do salão quadrado.

— O tema é o romance atemporal — disse Cameron, parado ao meu lado. Meus olhos se voltaram para os dele, que se virou para mim com um sorriso orgulhoso. — Não está morto, Abbie.

— Cameron — eu disse suavemente, observando os infinitos detalhes que preenchiam os quatro cantos do salão —, há quanto tempo você vem planejando isso?

Ele apertou minha mão.

— Quanto tempo? — exigi.

— Algum tempo — disse ele, com um olhar inabalável.

Ele queria que eu soubesse, mas não se gabava disso. Enquanto ainda estava atordoada devido ao seu gesto, tirou nossos

casacos.

Algum tempo.

Meses, provavelmente. A verdade estava nos detalhes, e havia muitos.

Embora eu tivesse certeza de que tinha dado muito trabalho, ele era específico em cada detalhe. Eu não conseguia parar meus olhos errantes quando ele pegou minha mão e me levou para a pista de dança.

— Você não é o anfitrião?

— Sim — disse ele, ignorando as risadas de alguns dos estudantes. — Mas foi apenas uma desculpa para você chegar aqui.

— Tá bonitão, treinador — disse um dos caras quando passamos por eles, na pista.

— Obrigado, Raffert — disse ele sem olhar em sua direção.

Dançamos ao lado de uma pilha enorme de clássicos – *Romeu e Julieta*, *Grandes Esperanças*, *Orgulho e Preconceito*.

Embora a escola fosse de elite, eu tinha certeza de que eles não possuíam orçamento para tanto. Muito provavelmente Cameron financiara quase tudo.

Ocorreu-me, então, que eu nunca tive um homem que tivesse ido tão longe para me fazer acreditar no amor. Ninguém nunca chegou perto.

Sentindo-me leve, agarrei-me a ele. Sentia como se estivesse flutuando enquanto nos movíamos pela pista de dança. Precisei me esforçar ao máximo para não desmoronar.

— Cameron — eu disse, incapaz de expressar em palavras o que estava sentindo. Em vez disso, enterrei minha cabeça em seu ombro. — Onde diabos você esteve?

— Em qualquer lugar, menos onde precisava estar — ele sussurrou suavemente.

Be Still, de The Killers, soava quando ele me puxou para si e começou a se mover. Cameron acenou com a cabeça em direção ao DJ.

— Esta é uma música linda — eu disse, olhando por cima do ombro, encontrando os olhos de uma mulher, que parecia muito concentrada em nós.

— É a música dos veteranos de 2018 — disse Cameron com um sorriso.

— Oh, Deus, eu me sinto tão velha — eu disse, com os olhos arregalados.

— Eu não. Nunca gostaria de passar pelo que eles estão prestes a passar mais uma vez — disse ele com desdém. — Estou ótimo assim.

— Verdade — eu disse, refletindo sobre o que ele disse. — Por um segundo, esqueci o quão difícil foi.

— Não é? Foda-se isso — disse Cameron, tentando manter um espaço respeitável entre nós. — Eu odiava a escola.

— Atleta típico — murmurei. — Eu amava.

— Eu não tenho dúvidas. Deixe-me adivinhar, você se formou com honrarias no noroeste?

— Sim. Mas eu não fui oradora da escola.

— Segunda na fila? — ele disse, seus olhos me dizendo que sabia que isso era verdade.

— Sim, Michelle Chen. Eu era mais festeira se comparado ao quanto ela estudava. Eu me considerava um pouco mais equilibrada. — A sobrelha de Cameron se ergueu. — Eu nunca disse que não era popular. Disse que fui convidada para o baile. Saí da linha. Não passei minhas noites de sexta-feira trabalhando em projetos de feira de ciências. Estudava muito, depois escapava e festejava mais. Você supôs que eu era uma nerd.

— Não suponho nada quando se trata de você, Abbie. Sei muito bem que não posso fazer isso.

— Então, você não fez isso tudo para mim?

— Não — ele disse suavemente. — Fiz para mim. Porque se pudéssemos voltar no tempo, eu teria te acompanhado ao baile.

Parei meus passos e tropeçamos um pouco. Cameron me aproximou novamente de seu peito e voltou a nos conduzir.

— Você só me deixa... — Balancei minha cabeça.

— Feliz — sussurrei.

— Te assustaria se eu dissesse que quero continuar te surpreendendo contanto que você permita?

Balancei minha cabeça.

— De modo algum.

— Bom — disse ele, segurando meu quadril com mais força.

Meus olhos flutuaram sobre seu ombro novamente e eu fiquei tensa.

— Eu acho que você tem uma admiradora — eu disse. — Três horas. Ela parece desanimada.

Sutilmente acenei em direção à mulher que estava nos observando e parecendo bem irritada. Ela olhava para Cameron como se ele fosse celestial, mas depois olhava para mim como se eu estivesse roubando-o dela.

— Essa é a Bianca — ele disse sem olhar para ela. — Eu a dispensei no ano passado algumas vezes. Ela tem a impressão de que sou viúvo. Nunca a corriji porque queria que ela pensasse que ainda estava sofrendo. Acho que ela entendeu agora.

— Destruidor de corações — eu disse com uma careta. Sua angústia era visível em sua postura. — Ela está arrasada. Sinto-me mal.

— Olhe para mim — ordenou. — Pela primeira vez na vida, senhorita Conserta Tudo, você não vai se preocupar com mais ninguém além de si mesma. Eu nunca dei esperanças para ela, nem por um único minuto. A única mulher que me interessa desde que comecei nesta escola é a que está nos meus braços. Não temos muito mais tempo para dançar até que eu tenha que abandoná-la para cumprir o meu papel, então mantenha esses lindos olhos em mim enquanto penso em maneiras de como arruinar sua virtude quando chegar em casa.

— Isso é uma suposição — eu disse, erguendo uma sobrancelha. — Não pretendo ser tão imprudente com a minha virtude.

— Eu vou ser zoadado por todos os garotos a quem treino. Confie em mim, eu vou conquistar você.

— Você já conquistou — eu disse, acariciando sua nuca com a palma da minha mão.

A vontade de beijá-lo era avassaladora, mas apenas continuamos nos movendo pela pista.

— Espero que isso valha pela parte das comédias românticas dos anos 90 — disse ele com uma risada.

— Acho que fui um pouco irracional com minhas exigências — eu disse timidamente.

— Se você acha que não merece tudo isso, está errada — disse ele enquanto esfregava o polegar na minha cintura. — Quem ficou você antes de mim não souberam valorizar o que tinham.

— Então, este não é o grande final?

— Nunca — ele disse enquanto me puxava com mais força e me guiava pela pista de dança. — Além disso, acho que se dermos um exemplo bom o suficiente para a geração do milênio, talvez eles nos sigam.

— Bem, eles definitivamente estão observando — eu disse, deslizando meu polegar ao longo de sua mandíbula.

— Bom, então eles podem ver o que acontece quando duas pessoas tomam café juntos.

Eu ri.

— Eu me pergunto o que eles pensariam se soubessem o que você fez com sua namorada no caminho até aqui.

— Não me lembre. Se eu ficar de pau duro agora, nunca mais vou conseguir treinar ninguém de tanta vergonha. Droga, mulher! — ele disse enquanto fechava os olhos com força. — Dois treinos diários de futebol, Trent Marcum com o nariz quebrado, Sloppy Joes.

— Sloppy Joes? — Ri novamente quando ele me girou. — São coisas que te enojam?

— Você não tem ideia. Há uma história por trás disso.

— Sempre existe.

— Tornaria esta noite menos romântica se eu te contasse.

— Outra hora — eu disse quando a música terminou, e Cameron me tirou da pista de dança.

— Minha vez, treinador — disse um jovem que parecia ter cerca de dezesseis anos e me olhou de maneira inadequada.

— Sem chance, Marshall — disse ele, enquanto nos acompanhava em direção à mesa de bebidas, passando pela moça irritada — que estava me comendo com os olhos.

Embora Cameron tivesse me incentivado a ser egoísta, não pude deixar de rezar para que ela tivesse a chance de dançar com seu próprio príncipe algum dia.



Mais tarde naquela noite, depois de algumas horas assistindo Cameron acompanhar um grupo de adolescentes angustiados, apartando duas brigas e dando um sermão simpático a um dos jogadores que lhes custara o jogo da semana passada, saímos de braços dados do colégio.

— Adorei assistir você nesse papel. Você é um ótimo mentor. Deveria ver como aqueles meninos olham para você.

Cameron ficou quieto quando entramos na limusine.

— O que houve?

— Nada — disse ele, olhando pela janela enquanto estávamos sentados no tráfego leve.

— Puta merda — eu disse, agarrando sua mão. — Desculpe, essa foi minha versão de Bree.

Cameron assentiu.

— Ok, você não riu e eu *fui* engraçada — argumentei. — Desabafe.

Desvencilhando-se da minha mão, ele afrouxou a gravata e abriu o botão superior.

— Não me interprete mal, eu não trocaria isso por nada, mas odeio que quanto mais velho fico, mais me aproximo da minha vida de negócios, treino cada vez menos. Eu não... Eu sei que as coisas poderiam ser piores. Poderia não estar treinando. Pelo menos minhas lojas estão indo bem, certo?

— Ei — eu disse quando ele se virou para olhar para mim. — Você pode treinar o quanto quiser. Se é uma coisa que gosta, não há nada de errado com isso, certo? Só porque não aconteceu da forma como você queria, não significa que não pode acontecer. Apenas não desista e sempre haverá a possibilidade.

— Esta noite não é minha — disse ele. — Eu não deveria ter mencionado isso.

— Discordo, treinador. — Puxando sua gravata, eu montei em seu colo e abri mais alguns botões. — O resto desta noite será *todo seu* — sussurrei, inclinando-me para ele enquanto apertava o botão da divisória da limosine antes de cair de joelhos entre as pernas dele.

Uma de suas sobrancelhas perfeitamente esculpidas se ergueu quando eu esfreguei seu pau através do tecido de sua calça. Sua reação foi imediata quando abri o zíper e o segurei firmemente na minha mão.

— Sloppy Joes — sussurrei com um sorriso e seu pau pulou. Inclinando-me, lambi a ponta dele. Seus olhos se fecharam, e ele soltou uma série de xingamentos. — Eu posso ver você agora vestido em um terno, cabelos grisalhos, mantendo essa sua cara sexy de jogador pôquer — disse enquanto masturbava seu pau grosso e prendia seu olhar atento antes de tomá-lo inteiro na boca.

Cameron sibilou quando eu o retirei dos meus lábios com um estalo e voltei a bombeá-lo vigorosamente com a minha mão. Ele sorriu para mim.

— Essa é a sua fantasia ou a minha?

Sorri de volta.

— Talvez um pouco dos dois?

Ele grunhiu quando coloquei meus lábios de volta nele e o levei até o fundo da minha garganta.

— Você também não é uma treinadora assim tão ruim — ele murmurou, segurando meu cabelo.



Vinte

Abbie

Mac de Abbie: Por que exatamente você chamou para um encontro aqui, senhor?

Cameron estava sentado confortavelmente em outra mesa, à minha frente, enquanto eu observava sua roupa. Ele estava lindo em um suéter creme, jeans escuro e botas marrom claras.

Juro por Deus que o homem parecia pronto para ser fotografado, não importava o dia.

Seu cabelo tinha crescido um pouco mais e combinava com ele.

Mac de Cameron: Porque passamos muito tempo na cama. Preciso de você a uma distância segura.

Inclinando minha cabeça, lancei-lhe um olhar incrédulo.

Mac de Abbie: Você está mesmo censurando seu pau agora? Acho que posso me controlar, Cameron Bledsoe.

Mac de Cameron: Bem, eu não posso. Que tal maçãs? E você me chamou por nome e sobrenome, bruxinha?

Mac de Abbie: Você acabou de usar uma fala de Gênio Indomável comigo, treinador Bledsoe?

Nós dois digitamos ao mesmo tempo.

Mac de Cameron: Talvez.

Mac de Abbie: Talvez.

Cameron curvou os lábios e depois os lambeu. Eu poderia dizer que ele estava pronto para diminuir a distância irritante entre nós. Qualquer que fosse a razão pela qual ele nos colocara em lados opostos da mesa, estava evidente em sua testa.

Talvez estivéssemos mesmo gastando muito tempo venerando o corpo um do outro, mas estávamos compensando os dias intermináveis que passamos nos observando e tentando viver nossas fantasias.

E aqueles dias tinham valido a pena. Dois de nossos meses juntos foram passados atrás de nossos Macs.

Ultimamente, eu passava muito tempo no escritório correndo dia a dia, enquanto Kat preparava a equipe em reuniões intermináveis para implementar nossas mudanças. Estávamos no limite e mal

tínhamos conseguido compartilhar uma xícara de café desde o Ano Novo.

Cameron estava terminando a temporada de basquete.

Embora dormíssemos na mesma cama, não nos víamos tantas vezes quanto queríamos, o que só nos deixava com mais fome. Eu não via nenhum problema nisso, então, decidi argumentar através de uma mensagem.

Mac de Abbie: Estamos discutindo agora sobre o quanto amamos fazer sexo?

Mac de Cameron: Estou mais atraído por você do que qualquer mulher com quem já estive, do que *qualquer* mulher. Sou viciado em seu gosto, seu cheiro, os sons que você faz quando estou tocando em você. Mas não foi assim que nos tornamos quem somos. Não quero que o físico supere nossa conexão.

Eu o analisei e depois estreitei os olhos.

É aqui que as coisas esfriam? Será que ele está querendo me dar um pé na bunda gentilmente?

Mac de Cameron: Não há razão para suspeitar. De verdade. Quero nos manter no chão. Não quero perder o que temos.

Mac da Abbie: E o que temos?

Mac de Cameron: Nada que eu esteja disposto a proclamar, em vez de te contar em particular. Mas rima com incrível pra caralho.

Eu sorri com isso.

Mac de Abbie: Ok, Cameron. Sou toda sua.

Balancei a cabeça e vi um pouco de alívio em seus olhos.

Mac de Cameron: Bom, era exatamente isso que eu queria ouvir. Eu também sou todo seu. Mas você sabe que em algum momento precisaremos falar sobre o que não falamos. Estou pronto. Há um bom tempo.

Eu balancei minha cabeça e murmurei um “não”.

Ele disse “sim”.

Foi nesse momento que percebi que não queria nada entre nós. Eu estava muito viciada na felicidade que sentia com ele. Era um jogo perigoso, porque não sabia o quanto os nossos passados nos afetariam ou como ele veria a minha história com Luke – o que parecia menos difícil de contar conforme passávamos mais tempo juntos.

Digitei minhas palavras lentamente, não pronta para a resposta.

Mac de Abbie: Isso mudará as coisas entre nós?

A expressão de Cameron era mais a solene que já vi.

Mac de Abbie: Então, não.

Mac de Cameron: As coisas já mudaram.

Mac de Abbie: Mas elas não precisam mudar.

Mac de Cameron: Eu quis dizer para melhor.

Meus dedos pairavam sobre as teclas.

Eu sabia que ele me amava.

Dizer que estava apaixonado não era a mesma coisa? Será que dá para parar depois que começamos? Nunca achei isso possível, especialmente não com o homem sentado à minha frente.

Eu sabia que não importava qual era a sua bagagem, eu estava apaixonada por ele, e isso não mudaria. Optei pelo seguro e rezei para que o que ele escondia não tivesse um preço que eu não podia pagar.

Olhei para ele, de forma longa e profunda. Cameron não era o tipo de homem que possuía tendências doentes. Mas eu pensei o mesmo de Luke.

O que quer que ele estivesse tentando confessar, pensei que era mais importante para ele do que para mim. Por outro lado, eu era covarde demais para descobrir.

Ele era tudo o que eu queria. Honesto, altamente inteligente, auto-suficiente, bem-sucedido, atencioso e muito sexual, tudo o que eu não sabia que precisava até encontrá-lo.

Se pudéssemos continuar um pouco mais sem que nossas cicatrizes nos sobrecarregassem, eu sabia que nosso relacionamento ganharia mais força. Fazia apenas alguns meses. Apenas alguns meses com ele, e toda a minha vida mudara. Fora virada de cabeça para baixo, atingida com força por um amor que sabia que sentiria por toda a vida.

Ainda assim, não pude deixar de digitar as palavras.

Mac da Abbie: Conte-me.

Eu apaguei cada letra, uma por uma, e enviei a resposta covarde.

Mac de Abbie: Ainda não. Por favor.

Sua postura me dizia que ele percebera a troca e que eu ainda não estava pronta para mostrar minhas cartas. Eu não tinha vergonha do que aconteceu. Nem tinha medo de falar sobre isso, mas não queria.

Nosso relacionamento era perfeito demais. Muito certo.

Que Luke se fodesse. Ele não tinha lugar em nossas vidas. Nós éramos felizes. Aquele era o nosso presente e futuro; o passado só poderia atrapalhá-lo.

Mac de Abbie: Hoje, não.

Mac de Cameron: Ok.

Mac de Abbie: Ok?

Ele me deu um pequeno sorriso, apesar de seu rosto demonstrar preocupação.

Mac de Cameron: Adoro sua xícara.

Ergui a caneca que dizia *Você é o cara mais sortudo do mundo. Eu adoraria estar namorando comigo* e abri um sorriso melancólico.

Mac da Abbie: Não me culpe por passarmos tanto tempo na cama. Você sabe que nunca ninguém me excitou tanto. Você me mudou.

Mac de Cameron: Tenho orgulho de minha nova namorada ser insaciável. Quem poderia imaginar que você era tão

pervertida?

Mac de Abbie: Sua língua perversa fez isso comigo. Tenho que dizer que estou tão surpresa quanto você.

Mac de Cameron: Abra um pouco as pernas, querida.

Meus lábios se abriram com sua audácia, mas não hesitei em mostrar a ele minha calcinha rosa rendada.

Mac de Cameron: Linda.

Mac da Abbie: Ficaria melhor no chão do meu quarto.

Cameron examinou o café. Nós estávamos praticamente sozinhos. E aqueles que estavam ao nosso redor tinham suas cabeças enterradas em seus dispositivos.

Mac de Cameron: Afaste-as um pouco.

Mac de Abbie: O que aconteceu com a nossa volta ao início?

Os olhos de Cameron ficaram mais sombrios quando ele ajustou seu pau dentro da calça e começou a digitar.

Fiquei completamente paralisada quando ele manteve os olhos colados na minha mão, que deslizava por baixo da mesa antes de eu afastar minha calcinha.

Mac de Cameron: Pooooorra.

Fiquei tentada a digitar com uma mão.

Mac de Abbie: Você só precisa dizer uma única palavra e estaremos na minha casa em minutos.

Mac de Cameron: Abbie...

Mac de Abbie: Fiquei pensando naquela noite, nos fundos da limusine. Eu quero repetir.

Lambi meus lábios para mostrar de qual parte da referida indiscrição eu estava falando.

Mac de Cameron: Jesus. Você será a minha ruína. Comporte-se.

Mac da Abbie: Que pena.

Desde o inverno, não fazíamos nada além de nos banquetearmos um do outro, e, mesmo no domingo do Super Bowl – dia que Cameron tirava de folga –, o jogo ficara em segundo plano com a nossa sede.

Conseguimos pegar o final do jogo no Pint – um pub local na Milwaukee Ave e o favorito de Cameron – com Bree e Anthony. Mas, após nossa chegada desgrenhada, ambos sabiam o que estávamos fazendo.

Com a minha família, o domingo do Super Bowl era tradição devido aos fãs do meu pai, e meu irmão estava mais do que irritado quando contei a ele meu paradeiro.

— *Todos aqueles sermões sobre manter tradições de família e você se livra de tudo isso para que a gente vá para uma espelunca?*

— *É um pequeno pub em Wicker. O favorito de Cameron.*

— *Você está tão apaixonada — Oliver lamentou.*

— *Ei, pela primeira vez eu estou agindo errado. E estou bem com isso.*

— *Eu ouvi isso — minha mãe gritou ao fundo.*

— *Divirta-se, criança — meu pai gritou depois. Meu pai sempre foi o encorajador.*

— *Tire-me do viva-voz, Sr. Babaca.*

— *Traga-o aqui — disse Oliver com autoridade.*

— *Ainda não. Em breve.*

— *Sim, foi o que você disse da última vez — alertou.*

— *Não faça isso, Oliver. Você precisa confiar em mim. Já passei bastante tempo remoendo as coisas.*

— *Tudo bem. Bree gosta dele?*

— *Sim — disse com um sorriso enquanto observava Bree e Cameron conversarem enquanto eu estava em um canto mais calmo no canto do pub. Eu estava vestida com uma camisa com a qual Cameron me presenteara horas antes. Só que, assim que me vesti, ele decidiu retirá-la.*

— *Então acho que vou passar. Mas, Abbie... só tenha cuidado.*

— *Ele não é como Luke. Nem chega perto.*

— *Acredito em você.*

— *Ótimo.*

— *Vou livrar sua pele desta vez, mas você fica me devendo.*

— *Não devo nada a você, Oliver, e estou não me importaria nada em te lembrar datas e motivos do porquê.*

— *Tanto faz — ele disse com uma risada.*

— *Te amo, tchau.*

No momento em que encerrei a ligação, Cameron olhou em volta do bar, me procurando, e, quando seus olhos encontraram os meus, ele me fez o sinal de 'venha aqui'. Eu amava aquele gesto, a mão e o homem ligado a ela.

Passamos a segunda metade do jogo bebendo cervejas e chamando a atenção um do outro. Eu sabia que era a fase de lua de mel do nosso relacionamento. Eu não era idiota, e pretendia devorar cada parte dela.

E, sentada em frente a ele no café, tudo o que conseguia pensar era na sensação de tê-lo perto, tão perto.

Eu sabia que Cameron estava pensando a mesma coisa, enquanto eu corria o dedo pela borda da minha xícara e lambia o caramelo, com minhas pernas abertas.

Seu olhar cáldo pairava em minha mão, e suas expressões estavam repletas de desejo. Eu me sentia poderosa.

— Fica difícil não olhar para você sentada aí assim, sozinha.

Minha alma praticamente saiu do meu corpo ao ouvir a voz à minha esquerda. Fechei minhas pernas e olhei para Cameron, que estava tão perdido no movimento que demorou a erguer a cabeça.

Seus olhos confusos congelaram enquanto ele apunhalava o homem que falava comigo.

— Eu adoraria te pagar uma xícara de café — ele disse, enquanto eu girava minha cabeça da forma mais educada que consegui.

Os olhos de Cameron brilharam de raiva quando dei atenção ao intruso, que estava alheio à tensão no ar.

— Eu sou Patrick — disse ele, sentando-se ao meu lado. — Estava te admirando e quis ver se você estaria interessado em mais um pouco de café ou talvez almoçar?

Abri um sorriso sincero. Ele parecia um cara legal. E há quatro meses, eu poderia ter considerado.

Ele era um contraste às feições sombrias de Cameron – cabelos loiros, olhos azuis e pele pálida como a minha.

Mas ele não era Cameron, então não fazia o meu tipo.

— Muito obrigada pela oferta, mas estou saindo com alguém.

— Esse cara tem alguma ideia de como você é linda?

Mac de Cameron: Vou estrangular essa merda de babaca com a própria gravata dele. Diga a ele para se foder, Abbie.

— Ele me disse algumas vezes — falei a Patrick com um encolher de ombros.

Mac de Cameron: Eu te disse ontem à noite, antes de enfiar minha língua entre suas pernas e você me chamar de Jesus.

Mordi meus lábios para não rir.

Os olhos de Cameron dispararam e suas narinas se dilataram. Ele nunca foi tão possessivo, mas nunca teve motivos para ser.

Mac de Cameron: Não faça joguinhos, livre-se dele. Meu pau está tão duro agora que mal posso suportar, mas vou, mulher. Vou mostrar ao café inteiro minha ereção. Você quer isso na sua consciência?

— Então, vocês dois são sérios? Porque eu odiaria saber que não está te tratando mal — disse Patrick cuidadosamente. Deixei sua arrogância de lado quando o homem à minha frente começou a apertar sua mesa.

— Sabe, não tenho certeza. Nós estávamos conversando sobre isso. Ela acha que nosso relacionamento é muito baseado em sexo.

Mac de Cameron: Bela reviravolta, Abigail. Eu vou bater na sua cabeça com esse pau, te jogar nos meus ombros e tirá-la desta cafeteria, se você continuar assim.

Soltei uma risada alta e joguei minha cabeça para trás. Os olhos de Cameron brilharam novamente enquanto ele examinava Patrick e arrastou sua cadeira em desafio.

Ele fechou o laptop e o guardou na bolsa de couro. Nossa conversa tinha terminado. Era uma jogada de poder e um

movimento macho alfa claro da parte dele. Achei sexy como o inferno, embora redundante.

Mas ele me queria. Estava deixando claro. E, de maneira alguma, eu não queria estragar nosso relacionamento com qualquer tipo de joguinho.

— Estou apaixonada por ele — disse a Patrick enquanto falava diretamente com Cameron. — Nunca estive tão profundamente apaixonada por ninguém. Eu não conseguiria aceitar seu convite nem por um segundo. Então, novamente, obrigada, Patrick, mas é muito sério.

Cameron levantou-se, então. Nossa brincadeira terminou quando Patrick olhou entre nós, compreendeu os sinais, pediu desculpas timidamente e foi ignorado por nós dois enquanto se afastava.

Os olhos de Cameron se fixaram em mim, onde eu estava sentada, enquanto ele rapidamente pegava sua bolsa e se aproximava da minha mesa.

— Vamos lá — ele disse enquanto eu arrumava minhas coisas. Tentei ler sua expressão e tudo o que vi foi vazio.

Eu não sabia dizer se ele ainda estava com raiva enquanto me seguia, com a mão possessivamente apoiada na parte inferior das minhas costas, me guiando. Quando saímos do café, ele agarrou a minha mão e começou a caminhar em direção à minha casa.

Ele deu passos largos, e eu me esforcei para acompanhá-lo. Seus passos decididos e seu silêncio me davam agonia, então fiz um apelo enquanto tropeçava.

— Cameron? O que há de errado?

Ele me ignorou e continuou se movendo enquanto o frio, tanto no ar quanto em seu comportamento, me deixava sóbria.

O que eu tinha feito de errado? Será que tinha julgado mal seus sentimentos, suas palavras? Ele quase confessara seu amor e intenções em relação a nós.

— Cameron, por favor, diga alguma coisa — implorei enquanto dava dois passos para acompanhar um dele. Ele nos levou pelo meu portão e subiu os degraus.

— Sinto muito se...

— Abra a porta, Abbie — ele ordenou enquanto eu pegava minhas chaves, sentindo meu coração pesado.

Estúpida, estúpida. Eu nunca deveria ter confessado como me sentia. Mas será que tinha estragado tudo?

Não parecia possível com tudo o que aconteceu entre nós.

Ele chutou a porta enquanto eu corria pela minha sala de estar em direção à minha cozinha. Recuperando-me da mudança de comportamento, abri minha geladeira e peguei uma água, engolindo-a enquanto ele ficava do outro lado do balcão, com as mãos nos bolsos.

Meus olhos azuis foram tragados pelo intenso brilho verde dos dele, e eu engoli o líquido enquanto o suor secava na minha testa.

— Diga de novo.

— Cameron — implorei, aterrorizada com o tom de sua voz. — O momento passou, você não acha?

— Não — ele argumentou rapidamente e balançou a cabeça. — De modo algum. Diga.

— Talvez eu não queira — eu disse com uma voz trêmula. — Claramente, tive a impressão errada.

— Claramente, você não sabe o quão longe eu chegaria para ouvir você me dizer aquelas palavras novamente, Abbie. Diga.

— Não — eu disse com desprezo. — Talvez você pense que estou levando nosso relacionamento de forma leve, mas não estou. Isso não é um jogo para mim. Fiquei um pouco empolgada lá no café, mas de maneira alguma você deveria me punir por dizer como me sentia naquele momento.

— Eu não estou te punindo.

— Parece que sim — eu disse, ouvindo minha pulsação cada vez mais forte.

— E como você está se sentindo agora?

Cruzei os braços na frente do meu corpo e falei baixo.

— Da mesma forma.

Ele expirou audivelmente.

— Então diga aquelas palavras para mim.

Eu fiz uma careta para ele.

— Em que tipo de viagem você está?

— Por que você não pode simplesmente fazer isso?

— Porque eu falei *sério*, ok? E você também está agindo um pouco... você está me assustando.

Eu estava tremendo, e ele podia ver. Ele se aproximou enquanto falava e segurou meus ombros.

— Você está assustada?

— Sim — sussurrei.

— Bom, porque eu me sinto de muitas formas por você. Sou muito louco por você, então estou muito aterrorizado, sou muito possessivo e isso é novo para mim. Estou perigosamente apaixonado, tanto que vou perder a cabeça, se você não me disser novamente que sente o mesmo. Porque eu amo você, Abbie. Desde quando confessei que estava apaixonado e guardei isso por tanto tempo que foi uma agonia esperar por você. Então, por favor, diga.

Meus lábios se abriram, e as palavras saíram facilmente.

— Eu te amo. Amo mesmo, muito — eu disse quando ele diminuiu o espaço entre nós e colidiu sua boca na minha.

Cativa em seu abraço, ele me beijou sem piedade, sua língua deslizando sobre a minha em golpes longos e lânguidos. A sedução ficou em segundo plano com um beijo cheio de emoção. Senti a hesitação em seu toque, o que me fez acreditar na sinceridade de seu coração, a julgar pela protuberância em suas calças. Nossa conexão só virou fogo quando me afastei.

— Por favor, me toque, Cameron. É tarde demais para impedir que nos queimemos — implorei enquanto agarrava a parte de trás de sua cabeça e passava os dedos por seus cabelos.

— Eu te amo — murmurou enquanto deslizava um beijo suave na minha mandíbula. — Porra, eu preciso de você. — Ele levantou minhas mãos acima da minha cabeça e segurou-as lá. — Só não quero estragar tudo.

— Você não fará isso se me tocar — prometi enquanto ele levantava meu suéter por sobre minha cabeça antes que seus lábios impacientes encontrassem os meus. Bocas fundidas, abri suas calças enquanto ele tirava minha legging até o meio da coxa antes de me virar de frente para o balcão.

Ele empurrou minha cabeça para baixo, pressionando meus seios enquanto se colocava completamente dentro de mim. Nós dois nos afundamos, uma vez conectados.

— Sou sua, Cameron. Toda sua.

— Foda-se, sim, você é — ele disse enquanto esticava a mão e pressionava um dedo no meu clitóris enquanto eu ficava na ponta dos meus pés. Empalada, adorei cada segundo disso, principalmente quando ele se afastou e estocou mais fundo do que nunca.

Eu me senti dobrar então, meu corpo convulsionou quando ele acelerou seus impulsos, suas coxas poderosas me ancorando enquanto pressionava e investia tão profundamente que eu lutei com as estrelas que vi.

— Sim — ele sussurrou agressivamente, como se estivesse com raiva por eu não ter esperado por ele.

— Por favor, mais, por favor — implorei quando ele foi mais fundo e depois se afastou, me pressionando novamente e investindo. Meu orgasmo surgiu em ondas, e minhas pernas tremeram com sua penetração profunda.

— Meu Deus! — gritei quando meu corpo explodiu de dentro para fora.

— Isso é possessão, baby. Esta é a parte que eu preciso possuir além daquela que bate no seu peito. Mas eu também quero todo o resto — ele sussurrou antes de lambe a pele das minhas costas enquanto passava os lábios pela trilha que deixou molhada.

Eu ainda estava tremendo do meu orgasmo quando ele recuou, pressionou o dedo no meu clitóris e investiu novamente. Minhas pernas cederam sob mim, e Cameron me pegou pelos quadris enquanto eu agarrava meu balcão como alavanca.

Não consegui parar a resposta do meu corpo. Eu continuava me desfazendo a cada novo golpe forte, e ele se recusava a desistir.

— Cameron — implorei quando ele entrou precisamente, deixando-me saber que sabia exatamente o que estava fazendo, em sua intenção de me reivindicar. Ele sempre soube. — Eu não posso. Eu não posso.

— Goze — ordenou enquanto estocava outra vez, acabando comigo novamente. Minha mente explodiu, percebi que era sua última carta a jogar e ele esperou usá-la porque eu significava mais para ele do que o ato sexual.

E ele poderia facilmente ter usado esse lado como incentivo. Nosso sexo sempre foi íntimo, quente, incrível, mas algo na forma como ele possuiu naquela noite era primitivo, animalesco. Ele era um especialista neste quesito e se recusara a usar seu coringa para obter o que queria, mas, ao jogá-lo, reivindicou tudo de mim.

— Eu te amo — sussurrei por entre os dentes quando ele me possuía uma e outra vez, quebrando meu controle sobre a realidade enquanto eu me perdia em seu amor e seu corpo.

Eu lhe pertenceria daquele momento em diante, seria irrevogavelmente dele.

Nós afundamos no chão da cozinha depois de intermináveis minutos de sexo alucinante, e eu me enrosquei em seu colo, nossas roupas ainda parcialmente vestidas enquanto recuperávamos o fôlego.

Seu rosto ainda estava atento quando ele olhou para mim em seu abraço.

— Abbie, eu não tinha ideia do que seria isso. Você tem que acreditar que eu não sabia que era você que eu estava procurando. Isso, para nós, significa tudo para mim. Eu não esperava.

— Nem eu.

Ele me abraçou com força e me beijou novamente, tomando tudo de mim.



Vinte e Um

Abbie

— Cameron, seu telefone — falei com um gemido. Ouvi o chuveiro enquanto olhava para a mesa de cabeceira. — Cameron — eu disse um pouco mais alto.

Olhei para o aparelho e vi vinte chamadas perdidas do mesmo número piscando, juntamente com alguns textos de notificação, então o levei para o banheiro.

— Cameron — repeti, irritada, quando ele abriu a porta do chuveiro, e seu corpo bonito me distraiu.

— É cedo — disse ele. — O que você está fazendo acordada?

— Seu telefone está tocando desesperadamente outra vez. Coloque essa coisa maldita no silencioso como pessoas normais.

— Eu normalmente faço isso, sinto muito. — Ele olhou o telefone enquanto ele tocava na minha mão.

— É um código de área local — disse. — Você quer atender?

Ele desligou o chuveiro e começou a se secar.

— Eu ligo de volta.

— O que você está fazendo acordado? São... — olhei para o relógio no telefone — quatro horas da manhã.

— Eu tenho uma reunião às sete horas — disse ele, pressionando um beijo nos meus lábios antes de recuperar o telefone. — Volte para a cama.

— Nós acabamos de ir dormir — eu disse, resmungando antes de ir para a cama e puxar meu edredom sobre meu corpo.

Cameron saiu alguns minutos depois, ajeitando a gravata. Eu adorava vê-lo se vestir para o trabalho. Eu me divertia com o pacote que ele apresentava ao mundo e o fato de eu ser a única mulher que o despia todas as noites.

— Você deve estar tão cansado — eu disse, sentindo minha própria exaustão.

— Eu estou bem — disse ele, inclinando-se sobre mim, fazendo-me sentir o cheiro de seu perfume celestial antes de dar um beijo na minha testa. — Tenho reuniões o dia todo, mas voltarei à noite. Jantar?

— Claro — eu disse.

— Estou lhe dizendo agora, hoje à noite, conversamos.

Daquela vez eu não me opus. Apenas assenti.

— OK.

— Eu te amo, Abbie, muito, pra caralho — ele murmurou enquanto unia seus lábios aos meus.

Ele me transformou em uma mulher saciada e cheia de esperança.



Acordei mais tarde naquela manhã com um sorriso preguiçoso e grande. Não fizemos nada na noite anterior, mas fizemos amor em todos os sentidos da palavra. E no meio da noite, em meio a um cochilo, procuramos um ao outro com a necessidade para ficarmos conectados. Ele me possuiu várias vezes enquanto nós nos emaranhávamos em meus lençóis, encharcados.

Eu estava fisicamente exausta, mas tinha a promessa de muito mais para me fazer sobreviver à minha rotina matinal. Entre os lençóis, Cameron tinha muito mais a oferecer do que eu poderia ter sonhado, mas a evidência de seu apetite ardia entre as minhas pernas enquanto agarrava o travesseiro cheio de seu perfume e inspirava.

Eu me apeguei a essas promessas. Elas me diziam que eu tinha uma nova vida pela frente, uma cheia de nós em vez de apenas eu. Uma lágrima feliz escorreu pela minha bochecha enquanto eu pensava em dançar com Cameron no casamento de Bree.

Visões futuristas inundaram minha mente sobre abrir presentes juntos na manhã de Natal na casa de seu pai, de jantares na casa da sra. Zingaro, de outro beijo de Ano Novo.

Eu já tinha essas memórias com Cameron, mas queria mais. E não perdemos um dia juntos desde o início do ano.

Pela primeira vez desde que começamos a namorar, me atrevi a sonhar com coisas maiores. Naquele momento, eu não me importava se algum dia iríamos nos casar, não estava sonhando com nossos filhos futuros. *Ainda*. Fazia apenas meses, e isso era muito pouco importante em comparação com o quão desesperadamente estávamos apaixonados.

Mas eu sabia, sem dúvida, que qualquer vida com ele como meu melhor amigo e amante seria suficiente, não importava o que se tornasse. Um dia eu iria querer mais, sonhar com mais, mas no momento eu estava contente com a esperança de um nós e como era estar com ele.

Eu queria fazê-lo sorrir, fazê-lo feliz. Esse era o meu único desejo. E precisar dele era uma bênção.

Eu precisava de Cameron, e ele também precisava de mim. Ele estava tão faminto por entregar seu coração, e foi só depois de estarmos certos que tínhamos que demos o salto com fé e confiança de ambas as partes.

Às vezes, acho que dei muita importância ao fato de ter o que achava que estava perdendo. Mais uma vez, minha mãe estava certa.

Pela primeira vez na minha vida, eu queria o que tinha.

Era um doce alívio.

Tê-lo encontrado.

Bem, tecnicamente, ele me encontrou.

Mas eu não estava contando.

Sorri para o meu reflexo enquanto fazia meu ritual da manhã, escovava os dentes e, hesitante, lavava o cheiro dele da minha pele.



No trem para o trabalho, revivi cada minuto do nosso tempo juntos.

Andando pela rua em direção a Preston Corp, balancei meus quadris enquanto "Closer", dos Chainsmokers, fazia serenata na minha jornada, embora a ideia da grande revelação que aconteceria naquela noite estivesse afetando meu humor. Mas se ele tinha certeza de que poderíamos resolver tudo, eu tinha fé.

Quando saí do elevador, Kat olhou para mim do escritório e leu meu rosto. Eu não estava conseguindo esconder.

— Oh, uau, *uau* — ela comentou enquanto eu sorria para ela por sobre a mesa.

— Sim, eu estou totalmente apaixonada.

— Estou tão feliz por você — disse ela com um sorriso genuíno.

— Um pouco invejosa, mas feliz.

— Esta costumava ser a minha fala — eu disse enquanto deixava minha bolsa cair sobre a minha mesa e entrava em seu escritório.

— Então o que aconteceu?

— Nós apenas confessamos. Quero dizer, já sabíamos há um tempo, mas meio que abrimos os portões e foi tudo. Ele é tão perfeito.

Ela balançou a cabeça.

— Isso é ótimo, Abbie. Você merece.

— Porra, mereço, sim. Chega de ir a casamentos sem acompanhante.

— Talvez você tenha o seu próprio — ela disse suavemente. Vi, então, o cansaço.

— Não se preocupe hoje, ok? Eu cuido de tudo. Veja como apenas mais uma reunião.

Ela assentiu solenemente.

— Eu preciso de uma mudança. Se eles me demitirem, talvez seja um sinal.

— Não pense assim. Você ama isso aqui. É fácil ver. Nós vamos resolver tudo. Você viu os relatórios. Molezinha, ok?

Ela assentiu antes de me entregar uma xícara de café, do jeito que eu gostava.

— Então, me diga o que está acontecendo.

Antes que eu tivesse a chance, vários executivos saíram do elevador. Kat visivelmente se encolheu com a chegada deles e sussurrou para mim.

— É isso mesmo, não é? Depois de hoje você estará livre, não é?

Eu a segui em direção à sala de conferências.

— Aqui, sim, mas ainda tenho algumas coisas para resolver de casa.

Ela jogou os ombros para trás e olhou para mim seriamente.

— Eu só quero que isso acabe.

— Estamos juntas — eu jurei, tão confiante quanto estava no dia em que nos conhecemos.

Nove horas depois, saímos daquela reunião com sorrisos iguais.

— Eu não acredito. Você não apenas salvou o meu emprego, mas também me fez parecer boa. Você é uma milagreira, Abbie.

— Eu te disse. Você é capaz de administrar a divisão. Isso era apenas uma questão de tempo.

— Me acompanha? — ela perguntou enquanto pegava sua bolsa.

— Claro — eu disse, checando meu telefone em busca de uma mensagem de Cameron.

Ele estava quieto naquela tarde, mas sabia que era um dia importante para mim no escritório. Enviei uma para ele.

Espero que seu dia tenha sido tão bom quanto o meu, treinador. XO

— Eu realmente não sei como te agradecer — disse Kat quando saímos do elevador.

Quando passamos pelo pesado conjunto de portas duplas, saindo no frio congelante, olhei para ela.

— Talvez possamos nos encontrar algum dia?

— Com certeza — disse ela, embora pudesse apostar que a resposta dela era automática.

Tive muitas amizades em escritórios que duraram apenas pelo tempo do meu contrato. Nosso relacionamento fora muito unilateral para durar.

— Droga, aí está meu marido.

— Você não veio dirigindo hoje?

— Não, eu queria pegar algumas coisas que comprei, foi por isso que pedi para ele vir me buscar, mas é claro que ele não consegue fazer isso direito e aparece no meu carro! Ah, a incompetência do homem não tem limites. Então, eu te ligo? — Ela perguntou enquanto caminhava em direção ao meio-fio e a um sedan chamativo.

— É claro — eu disse enquanto ela me deixava com a promessa de um telefonema e me abraçava. Eu a abracei, surpresa, enquanto ela falava.

— Obrigado por, bem... tudo. Te mando uma mensagem. Juro.

— Ótimo. Boa sorte — falei. — Por tudo. E tente não matá-lo.

Ela riu e deu um passo para trás antes de abrir a porta e atacar.

— Jefferson, eu *disse* para você vir com o SUV.

Curiosa, espreitei para dentro do carro, vendo o sorriso nervoso no rosto do pobre homem que provavelmente estava sendo humilhado e tratado como criança.

Em algum lugar da minha imaginação, esperava ver um homem prematuramente careca ou algo menos desejável e fiquei agradavelmente surpreendida quando avistei seu casaco de lã, o terno bem ajustado, mas congelei ao encontrar seus olhos verdes da cor do oceano.

Não.

Meus olhos traçaram a sombra de uma barba que antes deixara marcas em meus seios, entre minhas coxas e meu pescoço.

O homem olhou para mim, atordoado, enquanto sua esposa entrava no carro e o repreendia enquanto meu coração se despedaçava na calçada.

Não.

Minha garganta ardeu quando minha alma se rasgou e ameaçou despedaçar-se.

— O que você está esperando? — ela retrucou, seguindo o olhar dele para encontrar o meu. — Ah, sim, Abbie, este é meu marido, Jefferson. Jefferson, Abbie.

Com os olhos fechados, tossi um soluço quando meu peito gritou de dor.

Nenhum de nós disse uma palavra quando ela fechou a porta depois de murmurar um:

— Eu ligo para você, ok? Mais uma vez obrigada, Abbie.

Eu podia ouvi-la reclamando incessantemente, mas abafada, enquanto Cameron estava sentado atrás do volante, seus olhos ainda fixos nos meus.

Não.

Não.

Este não é ele. Este não é o homem que eu amo.

O que temos não pode estar errado. Não pode estar errado. Eu não estava errada.

Outro soluço que não pude segurar escapou quando me deixei despencar no cimento. Não havia como me salvar, ninguém para me pegar quando eu caí, desamparada e partida em milhões de pedacinhos.

E cada uma dessas peças o amava.

Larguei minha bolsa e olhei para minhas mãos, esperando que estivessem imundas. O que eu tinha feito? O que ele fez comigo? Por quê!? Um grito ficou ocioso na minha língua.

Balancei minha cabeça febrilmente, recusando-me a acreditar que o homem no carro era meu. Porque ele não era. Ele nunca foi.

O sangue escapou do meu rosto quando a porta do motorista se abriu e ele se levantou para me encarar por cima do capô do carro.

— Abbie, olhe para mim.

Desamparada, olhei para o meu amor e melhor amigo em busca de ajuda. Mas estava tudo errado, porque ele era o responsável pelo meu sofrimento.

Eu me dei outro segundo egoísta na rua para tentar entender isso.

— O que você fez? — perguntei em um sussurro. — Oh, meu Deus, o que você fez? — eu disse enquanto punha minhas mãos no meu peito. — O que você fez?!

Cameron se moveu para fechar a porta e meus olhos se voltaram para o lado do passageiro enquanto Kat gritava com ele.

— Jefferson, o que diabos você pensa que está fazendo? Você está me envergonhando! Entre no carro!

Ela não podia ver o rosto dele, e eu só queria que ela parasse de gritar. Eu tive que fugir.

Peguei minha bolsa e deixei meu instinto correr.

— Abbie!

Jefferson. Eu nem sabia o nome verdadeiro dele. Não sabia nada de verdade sobre ele.

Era tudo uma mentira.

Uma.

Enorme.

Mentira.

Ele nunca foi meu. Não foi feito para mim. Nem minha alma gêmea, nem minha outra metade. Não era a peça que falta. Ele era o marido de outra pessoa.

Um mentiroso, um trapaceiro, uma invenção maldita da minha imaginação hiperativa.

E eu nunca seria a mesma mulher sem ele.



Vinte e Dois

Cameron

Eu a vi terminar conosco. Vi isso acontecer. Esforcei-me para endireitar os ombros e voltar para o carro. Levei segundos para desfazer meses da confiança que construímos. Naqueles instantes, toda a esperança para a minha estrada recém-pavimentada havia sido destruída pela bomba-relógio que era minha esposa.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Kat cuspiu enquanto eu olhava na direção em que Abbie fugia enquanto Kat reclamava. Só havia uma razão para eu ir atrás dela, e me explicar não era parte disso.

Abbie se foi em todos os sentidos da palavra. Não adiantava tentar alcançá-la. Ela nunca me perdoaria. E eu não poderia culpá-la. Eu era egoísta por levar nosso relacionamento adiante.

Meses de indecisão para avançar e fazer a coisa certa tinham arruinado tudo. Apesar de seus pedidos para manter as coisas

como eram, eu deveria ter me preparado e exigido que contássemos nossas verdades.

Ainda assim, eu sabia que aquela que eu escondia seria muito mais um divisor de águas do que a dela. Eu nunca seria capaz de fazê-la entender. E ver Kat e eu juntos, como um casal, mesmo que fosse uma mentira – a mentira de Kat – causaria mais danos.

— Jefferson, eu disse para você trazer o SUV; eu disse que precisava pegar algumas coisas. — Limpei a palma da mão no meu rosto.

Estive tão perto do inatingível, do impossível. De respirar a vida novamente, de tê-la. Tudo o que eu precisava ter feito era ser sincero, mas a honestidade não poderia ter me salvado. Ela me julgou parada na calçada. Ela rompeu nossa conexão e ergueu uma parede, deixando os dois de pé em lados opostos, sem volta. Fiquei calado no minuto em que ela me viu, mas isso não significava nada para o meu coração.

Eu lutaria com cada grama do meu ser para recuperá-la. Eu a faria entender, não importava quanto de orgulho me custasse, não importava o que tivesse que lhe revelar.

Mesmo com essa mentalidade, mesmo enquanto tentava me convencer de que podia contar qualquer coisa a Abbie, sabia que lhe contar toda a verdade seria a coisa mais difícil que teria que fazer.

— Mais uma vez você não me ouviu. Esqueça. Deus, você é inútil. Apenas me leve para casa — Kat retrucou. — Estou tão cansada disso.

Eu a ignorei, enquanto procurava algum sinal de Abbie. Quando os gritos de Kat não podiam mais ser ouvidos, respirei fundo e tentei me recompor.

— Hoje você vai assinar esses papéis, Kat. Estou cansado de pedir. Estou falando sério — falei calmamente. Ela gesticulou e abriu a bolsa. Peguei o frasco de comprimidos da mão dela e os joguei para a traseira do carro, para fora de seu alcance.

— Pare este carro agora — ela retrucou. — Jefferson! — gritou.

Eu não atendia mais a esse nome. Este era um apelido que uma mulher dera a um homem que ela amara quando ele lhe era

conveniente. Meu nome do meio, um nome que nunca mais quis ouvir. Um nome que significava ira, vício e ódio. A piada não era engraçada há anos.

— Eu não sei quem diabos você pensa que é — Kat retrucou enquanto girava em seu assento na tentativa de alcançar o frasco, então, eu agarrei seu casaco pelo bolso e a puxei de volta para que se sentasse.

Procurei amargura nas minhas palavras e encontrei resolução.

— Eu não sou ninguém. Fui seu marido por alguns anos e seu saco de pancadas por mais alguns. Chega. Nós nos separamos há um ano. Sua negação acabou. Vamos oficializar isso.

Ela zombou.

— Eu não estou em negação. É você quem precisa de uma verificação da realidade.

— Quero minha vida de volta, Kat. Está na hora de você ficar sóbria.

— Ah, foda-se — ela sibilou. — E o que foi aquilo lá atrás, hein? Como você conhece Abbie?

— Não faça perguntas para as quais você não quer a resposta — avisei. — Vou seguir em frente e não voltarei na próxima vez que você ligar ou em qualquer outro momento depois. A única razão pela qual vim te buscar foi para ver você assinar esses papéis.

Kat ainda estava avançando se inclinando em direção ao banco de trás quando eu a assustei com a agressão na minha voz. Parando devagar diante da luz, estudei seu perfil hostil.

— Olhe para mim, droga. — Seus olhos azuis se voltaram para os meus e depois se estreitaram. — Kat, chega.

— Eu não sei o que aconteceu com você, mas você precisa se organizar.

Mal consegui soltar uma risada irônica enquanto pisava no acelerador e decolava como um tiro. Ela era a imagem perfeita da negação, assustadoramente bonita, sem alma para vender.

— Você concederá meu divórcio *hoje*. Peça o que quiser, Kat. Pode me roubar tudo. Leve tudo, você já tem a casa, pegue o resto. Pegue metade das minhas lojas. Pegue tudo o que acha que tem direito, mas não fique com o resto da minha vida.

Os olhos dela nublaram com raiva, sem medo ou arrependimento, sentimentos que eu esperava e rezei para que se manifestassem nos intermináveis meses em que tentei salvar minha esposa e meu casamento.

— Você não está falando sério. Você está apenas... tenso.

Pela primeira vez em anos, eu explodi.

— PORRA, EU QUERO ME DIVORCIAR! Você é viciada em drogas e me esmola a todo momento desde a noite em que se machucou. Eu não te amo mais. Nosso casamento acabou. Você nos transformou em algo muito enigmático para descobrir. Eu não posso mais fazer isso. E não vou.

— Oh, eu fiz isso? — ela disse com um tom acusador. — Eu?

— Jesus Cristo, não comece com o jogo da culpa novamente.

— Você foi quem machucou minhas costas!

— Tudo bem, a culpa é minha, mas sua carreira já terminou. Você fez terapia e teve várias maneiras de ficar mais saudável desde que eu te machuquei. Mas foi você quem negou a fisioterapia e se transformou nessa merda.

Minhas palavras ficaram entre nós quando o punho dela acertou meu queixo, e eu pulei no meu assento, examinando a estrada para me orientar. Eu estava meio consciente de onde estávamos quando ela deu o segundo golpe.

— Kat, estou dirigindo. Pare! — Mas ela não parou.

Os golpes continuaram chegando, e eu tive que nos forçar a sair da rua movimentada, cortando dois carros, na tentativa de fazê-la voltar ao controle. Jogando o carro no acostamento, eu fui pego de surpresa quando ela atingiu minha têmpora.

— Jesus, Kat, pare! — rosnei quando ela veio até mim com força total. Toda a sua raiva concentrada. Ela atacou mais algumas vezes antes que eu a agarrasse com força e a sacudisse. — Porra, pare! Acabou... Pare! — Ela olhou para mim, seus olhos cheios de ódio.

Nunca era de mim que ela sentia culpa. Nunca era a mim que ela queria magoar, mas era eu que passei a lidar com ambos depois que ela perdeu a última das suas esperanças de ter mais vícios do que ferimentos, e quando isso se transformou na desculpa perfeita.

Quando conheci Kat, ela era cheia de vitalidade mesmo aos trinta e quatro anos e tinha o mundo na ponta dos dedos. Era uma ginasta aposentada com grandes sonhos de abrir uma cadeia de academias. Ela usava seu futuro em seu sorriso. Tínhamos sonhos semelhantes, apetites insaciáveis pela vida e luxúria mais do que suficiente entre nós dois.

Dois anos depois de nosso casamento, ela machucou as costas depois que ficou bêbada e alegou que eu a deixei cair enquanto estávamos fazendo sexo no barco de Max. A verdade é que ela havia perdido toda a mobilidade quando veio até mim seminua, e eu não estava sóbrio ou alerta o suficiente para pegá-la quando voou para mim. Eu assumi a culpa, dando-lhe uma chance de protegê-la do constrangimento. Nós até fizemos uma piada sobre isso no hospital, enquanto ela esperava, conectada ao soro com morfina antes de receber a notícia de que a cirurgia era inevitável.

Ela me culpou desde então pela agonia que sofrera depois. Em um ano de inferno inimaginável, ajudei-a em tudo, a cirurgia, a dor com a qual lidava diariamente e a fisioterapia, mas a reabilitação de que ela realmente precisava nunca veio.

Kat mal me deixou tocá-la após o acidente, cirurgia e recuperação. E quando sua raiva veio à tona, acabou para nós. Ela passou a tomar pílulas para se entorpecer e eu tentei ficar ao seu lado até precisar me preservar.

A terapeuta com quem eu me consultava – na qual Kat nunca se preocupou em aparecer – disse que ela estava em um estado mental de paralisia. Como sua mente não podia aceitar as limitações de seu corpo, ela abusava das pílulas para se sentir capaz de novo e sem dor. Meses depois de sua cirurgia, Kat desistiu de seu sonho de orientar outras ginastas devido a essas limitações. Ela torcera o nariz para todas as minhas soluções.

E ainda assim ela me culpou, e eu a deixei, mas nada ajudou. Sua raiva só aumentava, e meu ressentimento começou.

Tudo o que ela via quando olhava para mim era alguém para culpar e tudo o que via quando a olhava era uma mulher que tinha que usar drogas para funcionar. E a parte assustadora era que ela estava funcionando, com uma imagem perfeita para quem não

chegava perto o suficiente para ver as rachaduras. Mas essas rachaduras só eram ampliadas por sua ira e eu fui o escolhido para lidar com tudo.

Cansei de fingir que nosso casamento não havia terminado na primeira vez em que ela tomou uma dessas pílulas para se drogar e escapar da realidade de sua vida comigo. Cansei de fingir que queria que as coisas continuassem as mesmas, afundar em seu poço de desespero com ela e parar de viver. Egoisticamente me deixei viver enquanto ela se afogava, esperando que pudesse fazer isso por nós dois. Mas eu estava vazio. Tão completamente vazio.

Três anos depois do meu casamento, percebi que minha esposa era uma mulher mimada e que precisava que seus problemas fossem consertados por todos os outros para se sentir segura. Eu não poderia consertá-la, então ela me quebrou primeiro com suas palavras e depois com os punhos.

E Abbie... Abbie era uma evidência muito necessária de que a vida ainda valia a pena. Eu queria ter contado a ela sobre Kat antes de partirmos para um relacionamento físico, mas fui pego em nosso turbilhão e nunca quis sair. Estar com Abbie me deu clareza. Não queria trazer nada da bagagem com Kat para o novo relacionamento, e não foi em vão.

Descobri mais de quem eu era sem as cicatrizes de batalha do meu casamento embaçando a minha visão. E me senti melhor, embora nunca pudesse negar minha vida antes de Abbie, e tinha toda a intenção de compartilhar essa parte com ela. Mas sem esse fardo da verdade, eu me senti livre para ser o homem que queria estar com ela, o que ficou paralisado por anos com Kat.

Eu já tinha me separado da minha esposa de todas as maneiras. A negação de Kat era tóxica, tanto que minha tentativa final de terminar o que comecei quando a deixei resultou em uma perda da qual eu nunca me recuperaria.

Eu tinha perdido a Abbie.

Droga!

Kat implodiu no assento ao meu lado quando eu a impedi novamente de recuperar o frasco do banco de trás.

— Você pode — eu murmurei enquanto limpava um pouco de sangue do corte fresco no meu lábio e estudava as bolinhas roxas escuras ao lado do meu olho no retrovisor, sem dúvida um resultado da conexão do seu anel de casamento — falar comigo por uma porra de um minuto como uma adulta? Eu fui bom para você, Kat, mesmo quando não deveria ter sido. Isso não significa nada para você?

— Eu te odeio — ela gritou enquanto fazia o possível para me irritar.

Derrotado, fiquei mudo até parar na casa que costumávamos compartilhar antes que ela surtasse. Eu sussurrei a verdade baixinho.

— Eu também te odeio.

Disquei o número do pai dela enquanto ela falava e esmagava as palmas das mãos contra a janela do passageiro. — Destrave a porra do carro!

Não adiantava. Se eu não lhe desse os comprimidos, ela iria vagar por algum bairro sombrio para conseguir uma solução em questão de minutos. Kat bateu a porta do carro depois de recuperar seu frasco e foi direto para a casa.

Quando ela abrisse a porta, veria o pedido de divórcio no balcão. Eu não tinha dúvida de que os papéis seriam deixados de lado como eram há meses. Ela tomava alguns comprimidos e se ocuparia até tomar mais dois Xanax, completando-os com um copo de uísque para desmaiar. De manhã, ela tomava mais duas pílulas antes de seus se levantar e mais duas com sua caneca de café às dez horas.

Com Kat em segurança, saí do carro quando o pai dela atendeu.

— Cameron?

— Billy.

— Você terminou — disse ele com um suspiro.

— Acabou. Não sei o que ela disse, mas a deixei um ano atrás. Eu não posso mais fazer isso. Não vou mais fazer isso. Ela é viciada. Precisa da sua ajuda. E acho que esta noite vai ser ruim.

— Você não pode apenas aguentar...

— Ouça-me — eu gritei. — Chega. Já sangrei o suficiente por essa merda, Billy. Cansei de persegui-la pelas ruas. Não atendo mais às ligações dela. Chega. Se você se importa com sua filha, peça ajuda a ela. Ajude-a a se limpar.

— Sinto muito, Cameron. Estou saindo do escritório agora.

Andando até a caixa de correio, joguei as chaves de Kat lá dentro antes de entrar no meu SUV. Meu plano era simples. Pegá-la sem lhe dar chances de escapar e fazê-la enxergar a realidade. Mas meus planos eram tão ilusórios quanto Kat. Amanhã ela me ligaria sem pensar duas vezes. Não era esse telefonema que eu tinha medo de evitar. Era o que eu evitaria que poderia salvar sua vida.

Tossi minha emoção quando quatro anos de minha vida foram jogados fora e lágrimas de culpa encharcaram meu rosto, por Kat, por Abbie e pela abominação que se tornara minha vida, meu casamento e minha nova busca pela felicidade.

Todas as luzes da casa se acenderam quando Kat começou a se mover em outro rompante de raiva induzida por comprimidos. Eu podia ouvi-la gritando comigo de dentro da casa, me desafiando a pôr os pés lá dentro.

Limpei o sangue coagulado do lábio antes de olhar para a casa lembrando o dia em que nos mudamos. Muita coisa havia mudado, exceto o número do lado de fora da caixa de correio na varanda.

Nos primeiros anos do nosso casamento, esse número significava vida e o resto da minha. O número era agora a desgraça da minha existência. Ele zombava de mim e me dizia que eu era um tolo, embora um certo nível de alívio me inundasse ao saber que nunca mais precisaria vê-la novamente.

Não importava o que aconteceria com Kat a partir daquele momento, eu não estaria lá para testemunhar. Não podia.

Tinha que deixar o medo de lado e tentar o meu melhor enquanto me afastava.

Eu pensei que tinha atingido o fundo do poço na primeira vez em que Kat me bateu. Eu estava errado.



Tremendo em minha jaqueta, eu a observei se aproximar. Ela parou quando me viu do seu portão.

— Abbie — eu disse, movendo-me para chegar à varanda dela, minha respiração soprando em nuvens visíveis de arrependimento à minha frente. Era bem depois da meia-noite, e eu odiava estar ansioso para descobrir onde ela estava. Odiava o hipócrita que era, mas com ela não conseguia racionalizar nada do que sentia.

Parecia uma situação tão surreal. Nunca me senti tão fora de controle por amar alguém. Fiquei aterrorizado e, quando confessei isso, e ela confirmou que era recíproco, foi a coisa mais linda que já senti. Naquele momento, me sentia amaldiçoado, como se tivesse perdido todo o direito de saber algo sobre ela.

Foi o suficiente para me fazer estocá-la, agarrá-la e implorar por qualquer migalha que me desse. Na lembrança desse sentimento, por uma fração de segundo, fui de um homem com um pedido de desculpas a um homem implorando por sobrevivência. Ela fazia isso comigo. Eu tinha que fazê-la entender que sufocaria sem ela. Que não sabia respirar da forma correta antes de nos conhecermos.

Limpei meus olhos da emoção que ameaçava enquanto ela tentava passar por mim. Gentilmente agarrei seus ombros e a forcei a me encarar. A pele de suas bochechas estava manchada de vermelho e repleta de lágrimas.

— Abbie, por favor. Eu ia te contar tudo hoje à noite. Eu tentei. Juro por Deus, só precisava estar com você primeiro. Porra, está saindo tudo errado.

Engoli em seco, rezando para que as palavras certas surgissem. Lágrimas nublaram sua visão, e ela não fez nada para esconder sua mágoa. Cada respiração entrecortada, cada gemido angustiado se infiltravam no meu peito. Sua dor evidente me arruinou. Muito. E eu não tinha como alcançá-la sem a permissão que ela nunca me daria. Nenhuma quantidade de súplica serviria, mas continuei assim mesmo, com o vislumbre de esperança que nosso relacionamento me trouxe. Tudo o que construímos. Tudo o que sabíamos sobre o outro.

— Por favor.

O olhar em seus olhos me desanimou quando sua dor se transformou em raiva e meu medo se instalou dentro do meu peito.

— Não há nada que você possa dizer — ela choramingou. — *Nada*.

Sua voz estava rouca quando falou, a centímetros de distância, mas poderia muito bem estar a quilômetros.

— Vá embora e não volte. Eu nunca mais quero ter notícias suas. Por favor, respeite isso. Por favor, me deixe em paz.

— Só me deixe falar com você. Deixe-me explicar.

— Qualquer desculpa que você tenha, não importa qual seja, nunca será boa o suficiente. Acabou. Está tudo acabado. — Ela engasgou com suas palavras quando meu peito afundou com o peso delas.

— Não somos nós, Abbie. Nós não lidamos com coisas absolutas. Não é disso que se trata.

Os lábios dela se abriram, os olhos incrédulos.

— Essa sempre vai ser a sua desculpa? Isso é diferente, e você sabe disso.

— Não é. — Se eu tivesse alguma chance de chegar até ela, conseguiria convencê-la. — É exatamente disso que se trata. Preciso que você esqueça todas as conclusões que tirou por um segundo e lembre-se por que começamos isso. Tudo o que está acontecendo agora é *passado*. Deixei-a e pedi o divórcio oito meses antes de conhecer você. Só foi prolongado devido à sua saúde mental. Abbie, ela é viciada em drogas e mentirosa. Eu sei que isso soa como uma desculpa, mas é a verdade. E quase posso garantir que qualquer coisa que possa ter dito sobre mim é uma mentira. Cometi um grande erro ao não contar antes, mas juro por Deus que tudo acabou entre nós. Já acabou há anos. Kat se recusou a reconhecer, e é por isso fui buscá-la hoje à noite. Eu queria o nosso divórcio de vez. Então nós, você e eu, poderíamos ser livres para ser o que somos. Para o nosso futuro. Essa é a única razão. Por favor, acredite em mim. Eu não sou esse tipo de homem, e sei que você não acredita nisso. Eu sei que você não *quer* acreditar. Posso provar que todas as palavras que digo são verdadeiras. Posso tirar

essas dúvidas de você. Posso fazer você acreditar em mim; acreditar em mim novamente.

Eu não sabia se era a verdade e me odiava por lhe contar coisas que poderiam resultar em mais mentiras, mas queria acreditar, porque ela me fez acreditar. Seu amor me fez sentir como um rei, um deus, mesmo que eu fosse o Judas da nossa história.

Olhei em seus olhos vermelhos. Ela me amava, sem dúvida, mas era a dor neles que eu temia. Eu sabia do que era capaz. Sempre foi a dor que transformou o amor em uma tragédia. As expectativas arruinavam o resto.

— Os telefonemas — disse ela — desta manhã... Eram dela? — Sem admitir, ela se afastou, o olhar em seus olhos corroendo-me a cada segundo. Era muito familiar para mim e estranho para ela.

Ela estava me despedaçando, pedaço por pedaço, com sua raiva, e isso só poderia nos destruir. Eu sabia muito bem. Já tinha vivido isso.

— Eu estava tentando te dar o que você queria. Você não queria saber. — Ela não podia me ouvir, não conseguia ouvir uma única palavra que eu estava dizendo. Nunca me senti tão desamparado. Mesmo depois de tudo pelo que passei com Kat.

— Eu não te conheço — ela sussurrou. — Eu não te conheço.

— Isso não é verdade, você sabe que não é verdade.

— De todas as perguntas que eu deveria ter feito — ela disse fracamente, enquanto uma lágrima escorria por seu rosto, a luz da varanda destacando seus olhos enquanto dilacerava meu peito. — A pergunta que eu deveria ter feito... — ela disse com uma risada sem humor. Seus olhos ardiam nos meus, aço azul gelado. — Diga-me que você não é casado, Cameron. Por favor, diga-me que você não é casado.

— Abbie, eu queria te contar, eu tentei te contar.

— Você se escondeu atrás do nosso acordo. É a mesma coisa que mentir, e você mentiu para mim esta manhã! Você mentiu para mim e disse que me amava!

Engoli em seco, minhas costas pressionadas contra a rocha que era meu coração e o lugar difícil no qual me forcei a entrar.

— Diga-me que você não é casado, Cameron.

— Eu sou casado. — Só deixei essa verdade descansar por meio segundo. — Separado e...

Foi o tapa e o som deste se conectando ao meu rosto que distorceu tudo. A sensação alterou todas as intenções que eu tinha ao aparecer na porta dela. O olhar desafiador em seu rosto trouxera à tona uma parte de mim com a qual não me identificava, mas que assumiu o controle naquele momento. O choque foi absorvido e tornou-se a única coisa na qual me concentrei até a raiva se manifestar.

Os pedaços de mim, dos quais eu mais me orgulhava, escaparam do meu alcance enquanto eu me sentia quebrar por dentro.

E então eu perdi o controle.

— Nunca mais coloque sua mão em mim com raiva! Controle suas malditas mãos, está me ouvindo!? — Eu peguei a mão dela pelo pulso. — Nunca mais!

Abbie deu um grito de surpresa e se encolheu de medo, enquanto me observava de pé conforme eu fervia de indignação. A dor que irradiava por conta do tapa reverberou até o meu peito, vazou e pingou como ácido queimando um buraco dentro de mim.

Eu me senti como o monstro que seus olhos me acusavam de ser. A raiva me tomou por todos os lados quando meu amor por ela se derramou sobre o meu rosto e a incredulidade pelo que ela acabara de fazer. O sal escorria pelo corte no meu lábio quando minha ira se libertou, junto com anos de raiva incontrolável.

Ela gaguejou um pedido de desculpas.

— C-Cameron, eu não deveria ter feito isso — disse ela, olhando para mim como se eu fosse um estranho.

Fechei meus olhos com força quando ela choramingou de medo. Quando os abri, já estava fora de mim. Com os punhos cerrados, caídos nas laterais do meu corpo, cuspi.

— Porra! Porra! Vá para o inferno! Acredite no que diabos você quer acreditar. Eu não fiz nada além de te amar desde o minuto em que te conheci!

Saí como uma tempestade, meus olhos nublados e meu coração apático quando ela soluçou meu nome atrás de mim para... o quê?

Para me fazer parar? Eu nunca saberia, porque fechei a porta na nossa cara, bloqueei o resto do caminho para ela, para nós dois. Pensei que minha angústia tinha terminado, mas com o tapa, eu acabei com tudo.



Olhando pela janela, observei a rua onde ela morava. O endereço onde construí algumas das melhores lembranças da minha vida. Era justo que eu observasse de longe. Congratulei-me pela névoa na qual me perdi enquanto bebia da garrafa que tinha em mãos, e a acidez se infiltrou em meu estômago, compensando o calor do qual sentia falta.

Mas era uma substituição falsa.

O que não importava. Eu queria me livrar da comichão que roía o meu peito.

Eu tive quatro meses de algo próximo à perfeição que eu jurava que não existia com uma mulher que se encaixava perfeitamente em mim. Ela era o epítome de tudo que eu ansiava. E da mesma forma simples como entrou na minha vida e roubou a maior parte de mim, levou tudo com ela. Tudo o que eu queria quando a conheci era um pouco de paz. Eu ainda queria, mas só parecia encontrar com ela.

Do jeito que as coisas estavam, eu sabia que a paz estava perdida. E minha alma não ia descansar sem ela. Nunca me senti tão exausto na minha vida. Sem saber, ela me levou além dos meus limites. Eu não sentia mais nada, e senti tanto antes. Por ela. Porque ela me trouxe de volta à vida e tornou amor algo belo e simples. E eu aproveitei a chance de algo tão puro com ela.

Talvez fôssemos melhor como estranhos. Ela deveria me odiar. Eu era culpado de uma maneira irreparável. Odiava muito do que vi no meu reflexo do vidro através do qual eu olhava. Ainda podia sentir o tapa, mas não era o meu rosto que doía.

Na manhã de Natal, acordei em seus braços, sentindo seus dedos na minha nuca. Seu toque de cura, meu novo vício, seu

sorriso apagando os dias que passei sem ela. Os últimos anos da minha vida tornaram-se suportáveis pelos minutos ao lado dela.

Por que as melhores coisas da vida sempre tiveram prazo de duração tão curto? Eram boas em um minuto, e depois desapareciam em um piscar de olhos. Era sempre assim, especialmente quando se tratava das mulheres da minha vida.

A amizade e a súbita ausência de minha mãe, a verdade sobre quem minha esposa era e a perda da mulher que eu deveria amar tiveram o mesmo tipo de efeito. Um vínculo comum que todas compartilhavam para me informar que eu nunca estava no controle.

Tudo o que fiz foi lutar pela felicidade que queria merecer. Quando diabos seria a minha hora? E eu não tinha lutado o suficiente? Poderia jurar que já tinha pagado pelos meus pecados, mas, aparentemente, não havia derramado sangue o suficiente. Mas poderia suportar tudo se pudesse tê-la de volta. A ironia era que não havia acordo, ninguém com quem negociar, e eu sabia o porquê.

Daquela vez, eu mesmo me prejudiquei.

— Foda-se — murmurei para o desgraçado que me observava virar a garrafa. Era fingindo que eu conseguia me manter firme. A minha postura, o jeito que eu me vestia, o jeito como fingi não me importar, não precisar, quando era tudo o contrário. Eu era tão hipócrita quanto a minha esposa. Ela era a rainha dos mentirosos, e eu era o leal. Não importava o quanto eu pensasse que tinha me abalado no ano passado, ela me transformara ao ponto de não querer manter as aparências.

Quando minha mãe morreu, eu me mantive ocupado, usando amenidades para aliviar a dor. Fiz a mesma coisa quando Kat e eu começamos a ter problemas. Era mais fácil lidar quando você se ocupava fazendo perguntas sobre a vida de outra pessoa. Uma maneira de escapar da sua. Eu tinha uma necessidade constante de me conectar. Abbie tinha a mesma necessidade. Nada além de corações em comum.

'Paus e pedras' nunca foi o meu lema. A frase nunca fez parte do meu vocabulário. Não significou nada para mim. Nunca lidei com o tipo de coisas pelas quais passei nos últimos anos com Kat. Eu era o garoto de ouro, o garoto-propaganda. Um homem despreocupado

a maior parte da minha vida. Não tive nenhum problema em obter atenção, amigos ou mulheres.

Mas só me destaquei porque trabalhei duro para isso; às vezes em dobro. E eu recompensei aqueles que me pressionaram, fazendo o meu melhor. Fiz poucos inimigos e nunca tive medo das sombras, porque eu mesmo criei as minhas.

Eu poderia ter sido rotulado como perfeito, mas nunca pedi por isso. Era filho de um pai que não se impressionava facilmente e de uma mãe amorosa. No início, aceitei e competi pelo carinho dela, porque ela compensava a falta do que ele não me proporcionava. O fracasso era meu inimigo. Eu me destacava para ofendê-lo, embora nunca o tivesse odiado. Só queria me proteger do constrangimento de falhar na frente dele. E agora eu nunca poderia admitir que ele realmente conseguira, e eu falhei.

Meu pai tinha o amor incondicional e inabalável da mulher que eu mais amava no mundo... até que surgiu Abbie. Mas mesmo na pior das hipóteses, minha mãe permanecera amorosa e leal. Tolamente, eu pensei que poderia ter a mesma coisa. Eu amava as falhas, peculiaridades e imperfeições de Abbie. Mais ainda, sua vontade de admiti-las sem disfarçá-las com sedução e perfume. Foi o que me atraiu para ela.

Ela me deixou precisar dela. Deixou-me amá-la, e isso foi correspondido. Parei de me importar com o que acontecia ao redor. Precisava do amor dela acima de tudo.

Talvez eu não a merecesse como o homem que fui.

Mas eu a merecia agora.

Não merecia?

Eu joguei do jeito dela, pelas regras dela. Deixei meu passado de fora, porque funcionava para mim no mesmo nível que para ela.

Fui o homem que ela precisava que eu fosse, mas foi fácil, porque era a minha verdade. O homem que me tornei, apesar do meu passado. E estar livre desse fardo foi como uma bênção, quando tudo que queria fazer era esquecer.

Com a garrafa na mão, segui para o banheiro, estudando o corte no lábio e o hematoma roxo esverdeado no meu queixo. Eu estava mais uma vez coberto pela ira de Kat.

Jogando água no meu rosto, olhei para as evidências que não poderiam lavadas. Um dia ou dois e não haveria vestígios delas fisicamente, mas a raiva que se formava era o que me fodia. Não era uma raiva impotente, pelo menos não da maneira que costumava ser, algo que me prendia.

A raiva surgia quando pensava em como havia entregado a Kat a minha vida, meu tempo e atenção. Ela desperdiçou, desperdiçou nós dois. Passei o dedo pela cicatriz desbotada da têmpora, um presente de Kat – um lembrete diário de que ela existia.

— *Baby, já não chega por hoje?*

— *Estou sofrendo — ela murmurou, contando as pílulas distraidamente.*

— *Seu terapeuta disse que devemos fazer o máximo de atividade possível. Vamos sair hoje.*

— *Eu não estou com vontade — ela respondeu baixinho, seus olhos ressentidos encontrando os meus no espelho.*

— *Ok, vamos ficar aqui, então.*

Ela se sentou na penteadeira, passando uma escova pelos cabelos enquanto eu estava deitado na cama, observando-a. Na primeira vez em que ela fez aquele ritual matinal, achei estranho, como em algum filme antigo em que servas acabariam entrando para vesti-la. Ela foi criada como a realeza e, ao longo dos anos, passei a achar uma rotina reconfortante e estranhamente sexy. Eu a observava enquanto ela alisava seus fios escuros, seus cabelos caindo em cascata, sua pele de porcelana coberta de seda.

— *Eu sei de algumas coisas que podemos fazer em ambientes fechados — murmurei, enquanto afastava as cobertas e ia até ela para beijar seu ombro nu.*

— *Também não estou com vontade.*

— *Sinto sua falta — eu disse suavemente para ela, observando-a pelo espelho.*

— *Não seja ridículo. Eu estou bem aqui.*

— *Você está? — Soltei um suspiro e me ajoelhei na frente de minha esposa, pegando suas mãos. — Kat, você não me deixa te tocar há meses. Eu também estou sofrendo. — Deslizei meus braços em volta dela.*

Ela empurrou meus ombros enquanto eu me segurava para não cair.

— Jesus Cristo, Jefferson, você só pensa com o seu pau?

— Não, mas seria bom se minha esposa desse a mínima — eu disse da forma mais controlada que pude. Seus olhos brilharam, e eu balancei minha cabeça. — Esqueça, me desculpe. Vamos fazer alguma coisa hoje, o que você quiser.

— Eu tenho que trabalhar.

— Kat — raciocinei. — É domingo. O escritório pode esperar. — Ela empurrou meus braços e eu abaixei minha cabeça.

Continuou a pentear-se enquanto eu me sentava nos calcanhares.

— Você só pensa em você. O que espera de mim? Eu estou sofrendo!

— Bem, isso é surpreendente, considerando que você tomou meio frasco de pílulas.

Ela inclinou a cabeça, e seus olhos atiraram punhais em mim.

— Quem diabos é você para me dizer quando não estou com dor?

— Você não dorme, mal come, nosso casamento está sofrendo as consequências.

— Você quer dizer o seu pau — ela zombou.

— Quero dizer o nosso casamento! Não consigo trocar algumas palavras com você sem que as torça e jogue algo na minha cara. Você está sempre na defensiva. Precisamos conversar sobre isso — falei, pegando o frasco de Vicodin da penteadeira. — Essa merda está destruindo seu cérebro. Você não é mais você mesma.

— Devolva-os, Cameron. Não se atreva a jogar isso contra mim. Eu balancei minha cabeça.

— Eu quero falar sobre isso.

— Você é patético pra caralho, sabia disso?! O único problema aqui é você.

— Oh, eu sou patético? Eu sou o problema? Quando isso aconteceu? Não sou eu quem me entorpeço ao ponto de me tornar frígido. — O corpo dela ficou imóvel enquanto eu hesitava, porque suas palavras me feriam, e eu pude ver pela primeira vez nos olhos

de minha esposa algo que parecia ódio. Mas isso não poderia ser verdade. Kat não odiava... ninguém. — Pare — eu disse, estendendo a mão para ela —, vamos parar.

O choque foi registrado primeiro, não a dor. Mas não tive chance de me recuperar, porque Kat girou a escova de aço novamente e me atingiu na têmpora. Ela se levantou, pairando acima de mim, e deu outro golpe. Senti uma onda de náusea quando o sangue escorreu.

— Afaste-se de mim! Não me toque! É sua culpa! Eu odeio você todos os dias e acordo me sentindo assim! Tudo isso, a culpa é sua!

Cega pela dor e fervendo de raiva, levantei-me tão abruptamente que a joguei de volta na cadeira. Segurei minha mandíbula onde o último golpe me atingiu, antes de arrancar a escova da mão dela, quebrando-a ao meio e jogando-a no chão.

— Que porra é essa, Kat?

— Não aja como se você não merecesse — ela sussurrou. — O quê? Você não pode levar um soco, Astro Jefferson!? Há oito meses sofro porque você me deixou cair. Oito meses! — ela gritou quando recuei, enquanto eu caminhava para o banheiro com meu batimento cardíaco pulsando nos meus ouvidos. Até aquele momento, nunca soube que as palavras tinham a capacidade de arruinar carnes e ossos muito mais do que uma mão ou punho. Como cada sílaba poderia destroçar visões de futuro enquanto deixava cicatrizes invisíveis. Sentindo dor por toda parte, olhei no espelho e vi minha mandíbula inchar e um grande corte na têmpora sangrar livremente. Observei o filete de sangue percorrer um caminho abaixo da minha mandíbula e pingar no tapete. Vasculhei metade do seu armário para chegar ao antisséptico quando ela bateu a porta do quarto. Já prevendo o futuro, girei nos calcanhares e peguei o frasco do chão antes que ela voltasse para o quarto, pensando que eram os remédios que tiravam seu foco, não o marido. Balancei minha cabeça quando ela se moveu em minha direção.

— Isto tem que parar.

— Devolva-os para mim — disse ela, estendendo a mão.

— Jesus Cristo, Kat, olhe para mim! Você precisa pensar no que está fazendo!

— O que eu estou fazendo? Você está arruinando a minha vida!

— Estou apontando a porra do óbvio. Essa merda está te mudando.

— Devolva-os para mim! — Seu rosto era uma perfeição de porcelana e seus olhos ardiam na parte mais profunda do meu ser. Eles estavam cheios de ódio, e isso era o suficiente.

— Não.

Ela voou para mim então, os golpes cada vez mais rápidos, suas unhas arranhando minha pele, meu rosto, seus olhos selvagens. Era como se um interruptor tivesse sido acionado. Eu me preparei para detê-la, e isso apenas a alimentou. Ela acertou cada golpe, determinada a tirar o máximo de mim que podia, e eu me afastei antes da merda explodir. No momento em que a soltei, ela pegou o frasco. Com a cabeça pulsando pelos novos ferimentos, eu a vi abrir o recipiente e colocar uma pílula na palma da mão, engolindo-a para me irritar.

— O que diabos você acabou de fazer, Kat?

— Fique longe de mim, Cameron — ela avisou, com lágrimas escorrendo como se eu a tivesse machucado de alguma forma. — Você não sabe como é precisar disso, não sabe como é precisar de algo para respirar! Você não me ama. Não tem como me amar!

— Como você pode dizer isso? Passamos por isso juntos!

— Eu te odeio — ela soluçou. — Te odeio.

— Cameron — a voz de Max soou do outro lado da minha porta antes que batesse os nós dos dedos contra ela.

— O que você está fazendo aqui, Max? Está tarde.

— A porta estava destrancada. Por que diabos está tão escuro aqui?

Porra.

Fechei os olhos.

— Não está se sentindo bem, cara. Ligo para você amanhã.

— Nem você nem eu. Acho que levei um pé na bunda.

— Pé na bunda? — respondi, procurando nos meus armários uma maneira de cobrir as contusões, mas não encontrei nada.

— Sim, se é que posso chamar assim. Ela me deixou entrar e me expulsou. Olha, cara, por que estou falando através de uma porta? Tem algo mais forte que cerveja aí?

Pegando a garrafa, abri a porta para ver que ele estava uma merda. Não havia como pedir que fosse embora. Abaixei minha cabeça quando passei por ele, mas Max me seguiu enquanto eu seguia em direção à cozinha.

— Então, como foi com Kat?

— A mesma merda de sempre. Acho que vou conseguir me divorciar em breve.

— Vou brindar a isso — disse ele, arrancando a garrafa da minha mão antes de tomar um belo gole.

— Qual é a da iluminação assustadora? Por que estava no escuro?

— Acabei de chegar em casa.

Ele ligou o interruptor na cozinha, e eu me encolhi.

— Onde está Abbie? — Ele olhou para mim. — Que porra aconteceu com você?

— Minha maldita vida — eu disse sem rodeios e instantaneamente me arrependi.

Max ficou sério.

— O que aconteceu?

— Não — eu disse, balançando a cabeça. — Como eu disse, não estou com disposição.

— Não vim para fazer amor. Isso foi obra de Kat?

Fosse qual fosse a mentira que eu contasse, já sabia que ele não acreditaria.

Ele interpretou meu silêncio como uma confirmação.

— Então por que diabos você não está ao telefone com seu advogado? Ela não pode te tocar agora.

Olhei para a garrafa.

— Primeiro, porque são duas horas da manhã. E, segundo, porque não vale a pena.

— Jesus Cristo, cara — disse ele, aproximando-se de mim quando dei um passo para trás. — Kat já fez isso antes?

— Eu não disse isso.

— Nem precisa — disse ele, dando outro passo à frente.

Balancei minha cabeça, e minha voz soou como pedra.

— Saia de perto. Me deixa em paz.

— Há quanto tempo?

Um calafrio estranho percorreu minha espinha. A mesma parte de mim que havia atacado Abbie. Eu não conseguia controlar minha raiva.

— Eu não quero falar sobre isso. Porra! Nunca. Nós nunca vamos ter essa conversa.

Cerrei os dentes enquanto ele me observava de perto.

— Deixe para lá Máx. Ela se foi.

— Ok — ele advertiu. — Onde está Abbie?

— Também se foi — eu disse, arrancando a garrafa de suas mãos e terminando a bebida antes de falar. — Acontece que elas trabalhavam juntas.

Max ficou sem palavras, o que, sem dúvidas, era uma primeira vez.

— Eu sei — eu disse com uma risada seca, pegando duas cervejas da minha geladeira.

— Você é o cara bonito com a pior sorte que já vi.

— Sim — eu disse, jogando as tampinhas da cerveja na minha pia e entregando uma das garrafas para ele. — Pensei que minha sorte estava melhorando.

— Aparentemente você precisa encontrar Jesus — disse ele, dando um gole.

— Confie em mim, ele também não vai ouvir. — Max olhou meu queixo.

— Porra, estamos os dois uma bagunça. É como se estivéssemos de volta à faculdade, agindo como dois garotos ao invés de homens adultos. — Eu não disse nada até que seus olhos começaram a analisar o meu rosto.

— Pare de me olhar assim, cara. Se fosse outra pessoa, você já estaria me perguntando qual era o tamanho do cara que me bateu.

— Mas não era um cara, era sua esposa.

— Estou lhe dizendo para deixar para lá.

— Eu sempre a odiei. Ela era uma puta tão pretensiosa. Só me diga por que você a deixou fazer isso.

— Por que eu a deixei? — zombei. — Eu nunca a *deixei* fazer merda alguma — eu disse, tomando um longo gole. — E eu não quero falar sobre isso.

— E agora?

— Eu deveria ter um plano? Acabou — falei, odiando as palavras, desejando que elas se afastassem de mim. Mas estava tudo acabado. Mais do que nunca eu sentia isso.

— Ela te ama. É tão óbvio.

— Eu não quero uma conversa de autoajuda, tá ok? Isso é muito mais que isso. Não há solução. Eu estraguei tudo permanentemente. E não precisa dizer que me avisou.

Ele tomou um gole de cerveja.

— Eu não faria isso.

— Então você pode ficar.

Max olhou para mim do outro lado do balcão.

Tomei um gole de cerveja, tomando cuidado para evitar o corte no lábio.

— Conte-me sobre Rachel.

Max balançou a cabeça.

— Desculpe se estou insistindo muito. Não posso deixar isso passar, cara. Sei que é o que você quer, mas estou muito chateado. Me dê um bom motivo para não ligar para alguém e denunciar essa merda agora.

Minha resposta foi instantânea.

— Porque você vai acabar com a nossa amizade.

— Isso vai te salvar de mais problemas com o divórcio. Cameron, você não pode deixá-la impune.

— Esqueça isso. Acabou.

Max passou as mãos pelos cabelos enquanto pesava minhas palavras.

— Ela aproveitou o fato de que você não revidaria. Eu te conheço, Cameron, mas isso não é cavalheirismo. Isto não faz de você um homem maior.

— Se você realmente se importa comigo, vai ouvir o que estou prestes a dizer. Eu a deixei. Nosso relacionamento acabou. Ela não é mais uma parte da minha vida. Esqueça e nunca mais mencione isso.

Max assentiu. Fui até o meu armário, peguei um travesseiro e um cobertor, jogando-os no sofá antes de entrar no meu quarto e bater a porta.



Eu não dormi. Em vez disso, fiquei olhando para o teto até o sol iluminar meu quarto. Durante metade da noite, tentei descobrir como seguir em frente depois do que tivemos, durante a outra metade tive que resistir à vontade de ir até ela.

Nós nunca fomos estranhos um para o outro. O maior pedaço de mim a reconhecia como meu lar. Mas mesmo que chegasse à porta dela, não tinha defesa. E a outra parte de mim estava furiosa por ela ter me tocado de uma maneira que eu nunca esperaria. De uma maneira que não conseguia superar.

— Cameron — disse Max na minha porta.

— Sim, cara — eu disse, sentando-me, minha cabeça se dividindo ao meio enquanto me mexia para me sentar na beira da cama.

Max olhou para o chão.

— Eu ainda estou chateado e você está horrível.

Eu sorri.

— Eu também te amo, cara.

— Estou indo.

— Aonde você vai?

— Não vou jogar bola hoje. Estou com muita ressaca e tenho trabalho a fazer.

— Quando diz trabalho, está se referindo à Rachel?

— Porra, sim, não quero acabar como você. Com trinta e poucos anos, feio e sozinho. Mas volto mais tarde.

— Por que diabos?

— Alguém tem que te manter bêbado.
— Alguns argumentam que isso não é ser amigo, mas facilitador.
— Alguns diriam que eu sei o que é melhor para você, e outros podem chupar meu pau. — Ele sorriu com desprezo e fechou a porta atrás de si com um baque.

Eu ainda estava me culpando por ter admitido a verdade para ele. O BandAid fora retirado, mas tinha contado a ninguém sobre os abusos de Kat. Mesmo quando passava por isso constantemente, pegava-me em constante estado de negação de que ela realmente pretendia me machucar. Eu sabia que a mulher que estava me atacando não era a mesma com quem me casei. Esse era o meu estado de espírito na época.

No dia em que percebi que era, *sim*, Kat, eu a abandonei. Alguns meses depois da primeira vez, foi quando a deixei por completo, emocionalmente falando. Durante o resto do tempo, apenas tentei garantir que ela não se machucasse nem a ninguém. E quase toda vez em que fui ajudá-la, ela me atacou, verbalmente ou não. Era um ciclo vicioso, mas nunca consegui denunciá-la, principalmente porque não queria admitir isso para ninguém, muito menos para um advogado ou qualquer maldito juiz. Eu tinha um metro e noventa e a constituição de um atleta. Eu era muito maior do que Kat. Era ridículo pensar que ela conseguia me causar tanto dano.

Mas as mulheres *podem* ferir, elas *sempre* podem ferir, se você permitir.

E Max estava certo. Ela se aproveitou do fato de que eu não revidaria.

Era um pesadelo em um ciclo de rotação consistente e previsível.

Tolamente, chequei meu telefone e vi que não havia nada pelo que esperar. Em vez disso, olhei para o protetor de tela, uma foto nossa na varanda de Abbie no dia do Ano Novo, no dia em que ela alcançou sua meta de oito quilômetros. Era a minha foto favorita e teve o efeito oposto ao do dia anterior. Cru por dentro, cedi à tentação e chequei mais fotos enquanto meu coração batia forte como um martelo, lembrando-me que, de maneira alguma, tinha acabado para mim. Mesmo irritado com a recusa dela em me ouvir,

ou com o fato de ela ter me dado um tapa, eu não conseguia acreditar que tínhamos terminado. Mas eu precisava de paz. Era a única coisa que me mantinha são. E eu precisava de uma distração, porque Abbie estava com muita raiva e muito machucada.

Pela primeira vez, quando se tratava dela, não confiava em meu julgamento para fazer qualquer ligação.

Eu tinha trabalho a fazer. Minha única bênção.

Mal tirei a toalha do banho quando bateram na minha porta. Minhas esperanças de quem estava por trás dela ruíram quando a abri e dei um passo para trás.

— Pai?

— Ei, filho — ele disse casualmente, um sorriso tocando brevemente seus lábios. — Eu sei que é cedo. Esperava que você já estivesse de pé.

Ele perdera alguns quilos desde o Natal. Parecia menor em estatura, seu cabelo precisando de um corte. Também parecia perdido, como se estivesse desconfortável parado ali.

— Posso entrar?

— Desculpe, sim — eu disse, abrindo a porta para deixá-lo entrar.

— Lugar legal.

— Obrigado — eu disse, segurando a maçaneta enquanto o observava andar por minha casa. Ele parecia completamente deslocado na minha sala de estar.

— Eu teria vindo antes, mas não fui convidado — disse ele secamente, enquanto estudava uma foto minha, com minha mãe e Max, sentados a uma mesa.

Ignorando seu sarcasmo, fechei a porta.

— Tudo certo?

— Estou bem. O que aconteceu com o seu rosto?

Dei de ombros.

— Foi na quadra.

Ele me olhou com cautela, e eu fui em direção à cozinha. O tom sarcástico em sua voz era inconfundível.

— Não me lembro de o basquete ser tão físico.

— Merdas acontecem — eu disse com um encolher de ombros.
— Quer um pouco de água?

— Claro.

Empurrando o dispensador na geladeira, parei, relutante em deixá-lo dar uma boa olhada em mim. Andando até ele, entreguei-lhe um copo e dei uma desculpa rápida.

— Eu só vou vestir alguma coisa.

Meu pai assentiu enquanto continuava a inspecionar meu apartamento.

Minutos depois, vestido de moletom e com um boné que jurei que iria cobrir o hematoma próximo aos meus olhos. Juntei-me a ele na sala de estar. Entregando a bola para ele e esperei enquanto olhava pela janela observando o tráfego que passava.

— Você gosta de morar aqui?

— Gosto.

Distraidamente, ele sorriu com a minha resposta enquanto mantinha sua atenção do lado de fora.

— Pai, o que há?

— Você ainda está saindo com Abbie? — Quando fiquei ereto, ele se virou para mim. — Não?

Balancei minha cabeça, e ele não deixou de me olhar. Examinou-me perto demais, ao ponto de me deixar desconfortável.

— Isso é uma vergonha. Eu realmente gostei dela. Gostei quando você a levou à nossa casa no Natal. Foi... legal, diferente.

Abbie fizera funcionar entre nós três. Ela passou o dia todo na cozinha da minha mãe. Meu pai manteve-se perto dela, ajudando, rindo, contando histórias que eu nunca tinha ouvido. Por mais que odiasse admitir, ela fora o amortecedor perfeito entre nós. Assim como minha mãe fora.

— Sim, foi legal — concordei.

Seus olhos se concentraram no meu rosto.

— O que aconteceu?

Dei de ombros, sem saber se ele estava se referindo ao meu rosto ou a Abbie.

Escolhi a última opção.

— Não deu certo.

— Algo que você fez?

Balancei a cabeça colocando as mãos nos bolsos.

Ele sorriu.

— Em alguns momentos fica bem claro que você é meu filho. Eu estraguei tudo com sua mãe. Muitas vezes.

Franzi minhas sobranças. Sua visita já era chocante o suficiente, ter uma conversa pessoal era... completamente novo.

— Então, você precisa de alguma coisa?

Todo o seu corpo ficou tenso quando ele olhou para mim com desdém.

— Não, acho que não. — A raiva irradiava dele conforme balançava a cabeça de uma maneira que dizia que ele sabia mais do que eu.

— Vejo que você está ficando chateado, o que é normal, mas pode me ajudar aqui? Estou confuso.

— O que te confunde? — Ele falou rapidamente. — Eu tenho sessenta e cinco anos. Tenho um bando de merda nas costas. Estou aqui para cuidar do meu filho.

— Porque você prometeu a ela que faria isso — eu respondi.

— Porque sinto falta da minha família — ele respondeu com desprezo, antes de fechar as mãos ao lado do corpo e falar baixo.

— Sinto falta dela Cameron. E as coisas não estão ficando mais fáceis.

— Você não está feliz aqui — admiti. — Nunca foi feliz aqui. Você se ressentiu comigo por ter ficado. Mas não foi decisão minha.

— Não vou ser feliz em lugar algum — disse ele, ríspidamente. — Não foi apenas a decisão dela, você sabe. Decidimos juntos nos aproximar para continuar fazendo parte da sua vida.

— Certo — eu disse com secura.

— Não vou deixar você, por mais difícil que seja para nós.

— O quê?

— Você me ouviu — disse ele, caminhando em direção à porta da frente.

— Pai, me desculpe. Toda essa conversa está muito confusa. Não sei o que você quer que eu diga. — Ele soltou um suspiro e parou.

— Eu não fiz muitas coisas certas. Mas o Natal com você e Abbie foi a primeira vez que senti que as coisas estavam bem. Foi a primeira vez que me senti assim desde que ela morreu. Passamos quarenta anos juntos. Sei que não vou seguir em frente, mas não quero mais perder a *sua* vida. Porque não importa o que você pense, sempre estive ciente do que acontecia com você. Sempre. Sei tudo o que você disse a ela. Ela era sua melhor amiga, mas também era minha. Eu fui um pai de merda, e ela me fez ver isso. Não mereço nada vindo de você e compreendo isso, mas ainda quero saber.

— Você não era um pai de merda — eu disse, controlando a emoção que ameaçava explodir.

— Não vamos começar com mentiras — ele disse suavemente. — Tudo o que tenho para pensar agora são arrependimentos. Eu fui um enfeite no seu casamento e sabia qual pai você realmente queria lá. Não tinha ideia de que você estava se divorciando de Kat. Perdi todos os momentos do seu casamento. Não estava presente quando deveria estar. E me desculpe. Nunca serei ela. Mas não é a promessa da sua mãe que estou tentando cumprir. Sinto falta do meu filho. Quero saber das coisas. Mas somente quando e se estiver pronto. — Ele deu uma última olhada para mim. — Coloque um pouco de gelo nesse olho.

Senti-me atordoado quando ele fechou a porta atrás de si.



Vinte e Três

Abbie

Esperei muito tempo para conseguir correr e poder me perder no momento. Corri por muitos quilômetros para alcançar momento em que sentiria a adrenalina percorrer minhas veias. Confiante no meu ritmo, fiquei surpresa quando meu foco se tornou único e meu corpo passou a fluir em movimento, não mais forçado, mas voando. O sentimento foi interrompido pela constatação de que não podia compartilhá-lo com a única pessoa com quem eu queria compartilhar.

Três semanas se passaram desde que Cameron surgiu do lado de fora da minha porta e todos os dias daquelas semanas haviam sido pura agonia. Em nenhum deles consegui respirar uniformemente, em nenhuma daquelas noites dormi mais do que algumas horas. Cada passo que eu corria em qualquer direção parecia um a mais para longe de Cameron. Eu queria ignorar a

verdade. Queria esquecer o que estava nos separando e ser voltar à ignorância da felicidade novamente.

Mas não consegui, então deixei meu coração sangrar livremente e corri.

E senti que minha vida ainda não tinha acabado.

Não, a vida era um vampiro vilão que se recusava a desistir até me transformar uma concha vazia. Passei meus dias sentindo o peso morto do meu coração, segurando-o com força enquanto me exauria correndo por Chicago. A cada passo que eu dava, todos os meus pensamentos enquanto corria eram amplificados pela perda dele.

Vaguei sem rumo, ignorando minhas necessidades, com sede apenas dele. Eu me convenci de que era inevitável. Não estava pronta para isso. E não importava o quanto eu tentasse cobrir a ferida, ela emulou por todo o meu corpo. Perdida e incapaz de acreditar na recuperação, corri, procurando alguma ordem. Não havia números que eu pudesse entender, nem cálculos para facilitar a resolução, mas os números nunca mentiam.

Depois de um recorde de 10 quilômetros, peguei o trem sem direção, me perdi na realidade dos outros, observando aqueles por quem eu passava e depois afundando em mim mesma quando não conseguia mais imaginar uma nova realidade.

As primeiras notas de *Hand Me Down*, de Matchbox Twenty, começaram a soar em meus fones de ouvido e fui ao L, para passar mais uma noite sozinha com meus pensamentos torturados. Não procurei por Bree, apenas enviei mensagens suficientes para mantê-la afastada. Eu não tinha procurado ninguém. Não estava vivendo, não existia, fiquei presa naqueles minutos na minha varanda.

Mantendo-me como uma tola, pensei que finalmente era meu momento. De alguma forma, pensei que poderia ser a mulher que conquistara uma vida de sua escolha. Mas o amor era uma farsa cruel de corações incompatíveis, e eu já estava naquelas idas e vindas por tempo suficiente. Tudo o que restou foi um grande vazio. E eu recebi este vazio de volta como um velho amigo que

secretamente desprezava. Pelo menos, eu estava segura. Pelo menos já sabia o que esperar.

As palavras da música me atingiram com força quando meu rosto se encheu de lágrimas irônicas. O ferimento localizava-se muito fundo dentro de mim, eu não conseguia alcançar a hemorragia. Tornou-se ainda mais doloroso quando passei pelo Sunny Side. Incapaz de conter minha emoção, comecei a chorar abertamente no meio da rua, com o queixo enfiado na jaqueta, sentindo o frio e acolhendo-o de forma entorpecedora, o que me manteve correndo.

Um homem parou ao meu lado esperando na faixa de pedestres e eu limpei uma lágrima perdida, dando uma olhada na direção dele. Por mais rude que possa ter sido, assenti enquanto ele falava, sem saber o que estava dizendo, meus fones de ouvido cheios da serenata da minha morte – os maiores sucessos de Cameron e Abbie. Desesperada para começar a correr, para mascarar minha dor, peguei minha deixa e comecei a caminhar quando o homem ao meu lado voltou a se mover. Por hábito, olhei para cima e orei.

Você é uma vida cruel.

Cameron estava do outro lado da rua, com um moletom pendurado no ombro, uma bola de basquete apoiada no quadril oposto, os olhos esmeralda fixos em mim. Piscando furiosamente, tentei afastar a ilusão e congelei no meio do caminho, no meio da rua. Cameron se encolheu quando um taxista começou a buzinar, enquanto o homem ao meu lado bateu no capô, gritando que tínhamos o direito de passagem. Com os joelhos fracos e o coração batendo forte, comecei a caminhar novamente na direção de Cameron enquanto ele esperava, sua expressão solene.

Você queria saber se aquele amor de alma ainda existia, Abbie. Aqui está sua prova.

Somente um homem consegue fazer você sentir que tem o mundo inteiro em um minuto e roubá-lo de você no outro. E eles só têm esse poder porque nós o damos a eles.

Por mais que eu tivesse a intenção de passar por ele, Cameron estendeu a mão e agarrou a manga do meu casaco na tentativa de me parar, e eu deixei escapar um forte "não". Sua mão recuou

instantaneamente, e eu o olhei nos olhos brevemente, o que fez meu coração despencar. Lágrimas não derramadas surgiram, e eu balancei minha cabeça.

Dilacerada e destruída, soluçava abertamente enquanto corria para casa. Mas mesmo atrás da segurança da minha porta, fui inundada por novas lembranças e derreti como uma poça ali mesmo. Segundos depois, Bree apareceu da minha sala de estar, com desprezo escrito em todas as suas feições devido à minha comunicação de merda. Vi este sentimento desaparecer quando ela leu meu rosto e se agachou na minha frente.

Tirou meus fones de ouvido e agarrou as mãos que estavam em cima do meu joelho.

— Abbie, o que aconteceu?

Eu balancei minha cabeça, incapaz de falar. Eu estava muito crua, mesmo depois de tantos dias de sofrimento. Eu não podia me dar ao luxo de ficar entorpecida.

— Oh, Deus — chorei, antes que ela me puxasse em seus braços e chorasse comigo.



Vinte e Quatro

Abbie

— Você está linda — falei para Bree enquanto ela desfilava pelo vestiário do hotel, trajando um vestido de noiva vintage. Um adorno de borboleta dourada em seu cabelo — presente de seu noivo — sustentava a maioria de seus cabelos loiros enquanto o resto fluía em cachos soltos em V por suas costas. Era perfeitamente adequado para ela, assim como o noivo.

— Eu vou viver essa coisa de ser uma noiva — disse ela quando se virou para me encarar com as mãos nos quadris. — É como baile de formatura, mas não tenho medo de perder a virgindade desta vez. — Ela balançou as sobrancelhas.

— Essa é uma ótima maneira de enxergar o melhor dia da sua vida. E você não era virgem no seu baile.

— Eu era no ano em que fui a um, no meu primeiro ano, senhorita. Você está me julgando. E eu amo o Anthony. Ele é o

melhor na cama que já experimentei, tem um pau grande, e hoje eu vou me casar com tudo isso. As possibilidades são infinitas.

Eu ri a minha primeira risada de verdade em semanas.

— Deus, estou tão feliz que você vai ficar em Chicago. Não sei o que faria se você fosse embora.

Ela prendeu um brinco de diamante e falou, olhando para o meu reflexo.

— Ele deixou o cargo em Nova York, o que significaria uma aposentadoria precoce para mim, mas eu amo nossa vida aqui. Ele ficou com a parte ruim do negócio, mas não se importa. Vai morar comigo em Wicker para que eu possa ficar perto de você. Obrigada por dá-lo de bandeja para mim.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não o dei para você. Eu os apresentei.

— Mesma coisa. Anthony é lindo e tão travesso e perfeito. Por que você não tentou ficar com ele?

Peguei uma pétala solta de seu buquê e cheirei, meus olhos ameaçando lacrimejar.

O cheiro vai invadir sua memória, idiota.

— Tudo que eu conseguia pensar quando o conheci e conversei com ele pela primeira vez foi em você e como você se divertiria com as piadas dele e com o fato de que gosta de viajar. Todas as coisas que você adoraria nele. É estranho, né? Foi intuição.

— Bem, eu diria que valeu a pena — disse ela, virando-se para se olhar no espelho.

Não para mim.

Intuição era uma coisa. A confusão ainda me deixava cambaleando. Tudo, aliás, desde o momento em que o vi com Kat na calçada da Preston Corp, até o momento em que lhe dei um tapa, e a raiva e mágoa nas feições de Cameron. Era como se eu tivesse atirado nele. Qualquer explicação que ele poderia ter me dado foi arruinada pela minha raiva. E eu ainda estava sentindo a mesma coisa.

— Ele vai voltar.

Bree me olhou do espelho, e eu balancei a cabeça.

— Eu te disse que acabou. Não há como voltarmos ao que tínhamos. A nada.

— Por que você não pode tentar? — ela desafiou. — Por quê? Porque ele não é perfeito? Ele te disse que ninguém é. Ele também te disse que não é legalmente divorciado por causa do estado mental dela e que escondeu tudo de você porque queria uma chance de começar de novo, não de substituir um casamento horrível. As regras foram suas.

— Ele. É. Casado.

— Ela é *viciada*. E você me disse que ela agia de maneira estranha quando começaram a trabalhar juntas. Você acabou se acostumando com ela. Eu trabalho com viciados em drogas todos os dias. A maioria esconde isso como profissionais. E caso você não saiba, há uma epidemia em andamento. Chamo de a hora da morte de mães que tiveram suas prescrições de analgésicos retiradas e começaram a consumir heroína. Não é brincadeira.

— Eu conheço Kat. Acredito nessa parte. — Ajustei meu vestido e me girei na direção dela. — Não, nada disso, não vamos falar sobre isso hoje. É o dia do seu casamento — lembrei.

— E pretendo me casar. E será perfeito, mas agora estou sendo cruel e me distraíndo com seus problemas para não ficar nervosa. Agora, antes de eu me casar, vamos consertar você.

— Eu não quero ser consertada.

— Antes que você termine os estágios finais do luto — disse ela, virando-se para olhar para mim. — Só acho justo ressaltar agora que este é o seu homem, Abbie.

Atordoadada, olhei para ela.

— Eu soube disso desde o começo e ainda tenho certeza, assim como tenho certeza de que você vai deixá-lo escapar, e este será o maior erro da sua vida.

— Ele é casado, Bree. E ele era casado quando dormiu comigo. Será que eu sou a próxima?

Bree andou sobre o luxuoso tapete dourado e ficou na minha frente.

— Sessenta segundos da verdade. E estou falando sério, sem voltar atrás.

— Bree, por favor, não quero ficar chateada. — Acabei de chegar ao ponto em que consegui voltar a funcionar. O trabalho era meu refúgio e, por mais que eu odiasse admitir, voltei a passar minhas noites com a Sra. Zingaro. Nada havia mudado. Era como se ele nunca tivesse existido, exceto que existia. Seu smoking ainda estava pendurado no meu armário. Eu ainda podia sentir o cheiro de sua colônia, um lembrete assustador.

— Vamos fazer isso. Agora mesmo. Sessenta segundos.

Balancei minha cabeça.

— Não. Ou juro por Deus que vou estragar suas fotos de casamento. Vou colocar um vibrador em cada um deles.

— Posso me casar com Anthony novamente no próximo ano e tirar novas fotos.

— Eu te odeio — disse enquanto ela segurava minhas mãos.

Olhos castanhos instigantes comandavam os meus.

— Sessenta segundos começam agora.

— Não.

— Você o ama?

Nós duas tínhamos a mesma estatura, mas ela poderia ter assumido três metros naquele momento de tão pequena que eu me sentia. Usamos a mesma técnica na faculdade para analisar as coisas de forma mais profunda. Mas geralmente tinha a ver com eu comer ou não os assados de sua avó. O que eu poderia dizer? A mulher era uma deusa na cozinha.

— Venha comigo — disse ela, me pressionando. — Você o ama?

— Sim, muito. Você sabe que sim.

— Você quer que acabe?

— Não. Deus, não.

— Você acha que ele é um porco traidor?

Eu me encolhi com as palavras dela.

— Não.

— Você acha que ele estava dizendo a verdade?

— Sim.

— Por quê?

— Porque ele não é esse tipo de homem.

— Você vai dar uma chance a ele?

— Não.

— Você está arruinando suas próprias chances de felicidade com essa resposta?

— Sim.

— Por quê?

— Acabou o nosso tempo.

Ela agarrou meus ombros e os apertou.

— Por quê?

— Porque estou com medo de estar errada de novo.

— Você não está. Não desta vez. Não sobre ele. Me escute. Este. É. O. Seu. Cara.

Eu desmoronei em seu abraço enquanto ela falava, ignorando minhas lágrimas.

— Luke era um bastardo cruel que tomou sua inocência e fez você se sentir culpada depois. Você nunca passará por aquilo de novo e nunca será tão ingênua. Desta vez você foi cautelosa, e, por boas razões, mas conhece Cameron melhor porque esse cara só quer amar você. Deixe esse passado de lado, e vocês dois serão melhores. Não perca seu homem com base em algum princípio de que ele estava errado. Ouça-o antes de tomar uma decisão. Ou melhor ainda, não faça perguntas de uma só vez. Confie em si mesma e colha a recompensa. Você não precisa conhecer todos os detalhes sórdidos sobre alguém para realmente amar. A vida muda as pessoas em questão de segundos. Nós dois sabemos disso. Quem ele era há um ano não é quem ele é hoje. Talvez você o tenha mudado para melhor e o esteja machucando, fazendo-o se sentir pior. Você sabe quem você ama. Você sabe quem é Cameron. Não precisa saber quem ele era antes de amá-lo. Não seja tão preto e branco sobre tudo isso.

— Vou pensar — eu disse com o queixo tremendo.

— Apresse-se, Abbie. Não acabou para você, mas você só está prejudicando suas chances por querer andar com segurança.

— Eu estou assustada.

— Eu sei — disse ela.

— Agora é hora de me casar.

— Bree — eu disse com uma voz cheia de emoção.

— Eu sei. Você me ama, está feliz por mim. Blá, blá, guarde para o brinde.

— OK. Mas eu amo você.

— Te amo mais. — Ela respirou fundo e pegou seu buquê. — As rosas são tão tradicionais, você não acha? Não acredito que comprei tudo isso. Esperava mais de mim mesma.

— Essas também são as minhas favoritas. Eu não sabia disso.

— Oh? — ela disse, sentindo o cheiro celestial das flores. — Cameron?

Balancei a cabeça, pegando meu próprio buquê.

— Onde vai ser mesmo a lua de mel?

— Ainda não sei, porque Anthony planejou. Ele disse que vai me levar para um lugar onde nunca estive.

Uma batida na porta chamou a nossa atenção.

— Hora do show — eu disse com uma piscadela.

— Já estou indo, Pauzudo! — Bree gritou antes que eu a puxasse para um abraço.

O riso de minha mãe ecoou do outro lado da porta.



— Mantenha a venda, querida. — Anthony conduziu sua esposa pela porta enquanto todos nós ficamos em silêncio, esperando.

— O que está acontecendo? — Bree perguntou animadamente. — Fala logo, marido. A viagem de carro não foi longa o suficiente para chegarmos a O'Hare e nem cortamos o bolo! Todo mundo vai ficar tão chateado que perdemos nossa própria festa. — Anthony a guiou para fora enquanto todos nós segurávamos nossas risadas.

— Você confia em mim?

— As coisas estão prestes a ficar esquisitas? Se sim, querido, você precisa me deixar relaxar...

— Mantenha esse pensamento — disse Anthony, segurando a risada enquanto seu rosto ficava vermelho. Uma risada foi ouvida, e Bree parou de andar. — Acabei de ouvir minha avó rir. Anthony, o que está acontecendo?

Quando ele a centrou onde precisava que ela ficasse, deu um passo para trás.

— Ok, querida, agora. — Ela removeu a venda enquanto todos assistíamos.

Ela olhou para os rostos de sua pequena festa de casamento, analisou os convidados e inclinou a cabeça.

— Hum, bem... — ela disse com um sorriso fraco antes de olhar para o noivo. — Anthony?

— Eu disse que ia te levar para um lugar onde você nunca esteve antes.

Bree, fiel à sua personalidade, olhou para ele com irritação.

— Este é o meu quintal.

Ele riu quando a girou para a direita, e a multidão se dispersou.

Seu suspiro foi audível. Os olhos dela se encheram de lágrimas quando a fotógrafa deu alguns cliques e depois sorriu para eles.

— É o nosso lugar — disse ela, enquanto caminhava em direção à cascata e pelo caminho intrincado que lembrava a lendária trilha de pedras com água fluindo no centro.

— As piscinas de fadas — Anthony disse enquanto passava os braços pela cintura dela e beijava seu pescoço. — É lindo. — A multidão se separou novamente no lado esquerdo do quintal e os olhos de Bree se arregalaram. — Oh, meu Deus, Japão!

Anthony a guiou até a trilha da floresta e mostrou o jardim zen. Era impressionante. O Japão era o meu favorito. Ela se inclinou e deslizou os dedos ao longo do lago de carpas e olhou para ele, questionadora.

— Abril é muito frio para peixes. O chão mal descongelou o suficiente para fazermos isso. — Seus olhos se encheram de lágrimas quando a fotógrafa tirou algumas fotos e depois enxugou uma lágrima do próprio olho. Anthony admirou seu feito enquanto o grupo de convidados assistia Bree se voltar para o amor dela.

— Baby, como você conseguiu isso?

— Como eu disse, você nunca veio no seu quintal.

Todos riram enquanto ela apalpava a testa. Não era segredo que Bree não era muito dona de casa, muito menos jardineira. Mas tive

que admitir que era uma ideia genial, mesmo conforme Anthony falava.

— Nem sempre podemos fazer essas viagens incríveis. A vida pode atrapalhar. Teremos um bebê, talvez dois — acrescentou ele, esperançoso. — Mas teremos este local para nos ajudar a lembrar.

— Anthony — disse Bree, completamente atordoada. — Eu estou...

Ele se inclinou e beijou seu dedo anelar.

— Eu só queria que você soubesse que apenas ser o seu marido já é aventura o suficiente. E eu nunca vou voltar à Tailândia.

Todos riram quando ela voou em seus braços, que já a esperavam.

— Eu te amo muito — ela sussurrou antes de dar um beijo ardente em sua boca. — Isto é perfeito. Não preciso de mais nada.

— Então, posso cancelar nossa viagem à Espanha?

— Porra, não, quando vamos?



Oh, meu Deus, estou em outra festa de casamento, em um vestido de dama de honra, comendo o terceiro pedaço de bolo. Vá se foder, vida! De verdade, VÁ SE FODER!

— Você gostaria de dançar?

— Não — disse, sem olhar na direção do homem. Ele estava me olhando o dia todo. Eu sabia que iria se aproximar. Acho que o nome dele era Berry ou Harry ou Larry, e eu nem queria tentar acertar.

Após semanas intermináveis de choro e cinco martinis depois, o cinismo estava de volta e em pleno vigor.

— Eu realmente não quero dançar com você.

— Uau — Barry Harry Larry comentou sobre a minha sinceridade desagradável.

— Sim, uau, peço desculpas, mas esse é o meu padrão de comportamento agora. Não vou mudar. Poupe-se e saia correndo, cara, corra para salvar a sua vida! — sussurrei sarcasticamente.

Sua diversão com o meu sarcasmo me colocou no caminho errado. Ele não era Cameron, mas, ainda assim, Berry Harry Larry ficou lá sorrindo até que eu finalmente olhei para ele. Bonito, cabelos bem cortados, sorriso decente. Estreitei meus olhos.

Conheço bem o seu tipo, imbecil.

— Por favor, e eu quero dizer isso da maneira mais educada possível, vá se foder.

Minha mãe fez uma careta para mim ao longe, sempre me julgando, e eu ergui para ela dois polegares sarcásticos.

Eu estava de saco cheio.

— Jesus — disse o cara, lançando-me um olhar que dizia “você é uma puta”, que eu merecia, antes de fugir, mortificado. Olhei em volta rapidamente, sentindo o pânico de: *Será que arruinei o casamento de Bree?* A resposta era não, pois todos estavam sorrindo, dançando ou comendo bolo. E a maioria dessas pessoas provavelmente faria sexo naquela noite.

— Eu, não — murmurei enquanto aproximava o bolo do meu rosto enquanto rezava para que um raio me atingisse e acabasse com a minha angústia.

Tudo o que eu queria era fazer parte de um *nós*. Seria tão difícil?

Por que diabos todos os outros pareciam capazes de fazer isso, menos eu?

Autopiedade, ser solitária, lamber as próprias feridas.

Tomei cada taça de champanhe oferecida enquanto comia a festa inteira, furiosa com a minha situação.

Eu *tive* tudo. Encontrei um homem para amar, e ele era *casado*. Casado, um pouco cansado e que me fez de estúpida com sua omissão, mas eu o tive. Um homem de verdade, com um bom coração, que se doava tanto, não importava o que recebia em troca, que conheceu minha loucura, abraçou-a e a achou agradável. Um homem que enfrentou meu bafo de dragão depois de uma cirurgia bucal e me disse que eu estava bonita, um homem que era digno em todos os aspectos do meu tempo e atenção. Um homem que sabia que o clitóris não era um personagem fictício, mas um melhor amigo com quem eu podia conversar como um linguista

especialista. Um homem que dedicava sua vida à felicidade dos outros.

Ok, talvez isso fosse exagero, mas ele se dedicou a *me* fazer feliz. E eu bati nele por isso. Dei-lhe um tapa sem deixá-lo se explicar ou obter respostas que eu merecia para as perguntas que não fiz.

Bree estava certa? Nosso amor se criou em meio a uma área cinzenta? E será que éramos fortes o suficiente para enxergá-lo como ele realmente era quando veio à luz?

No nosso grande esquema, o passado dele não se encaixava. Ele o deixou do lado de fora e tentou mantê-lo lá, como fiz com o meu.

Talvez não fosse real, ou eu queria tanto que fosse que fechei os olhos para todo o resto, todas as pistas que ele me deu de que não era uma criatura surreal, vinda de algum conto de fadas místico, onde nada de ruim aconteceria. Mas tudo o que criamos se transformou em algo que se tornou a verdade de quem éramos juntos.

Nunca negamos quem éramos no momento em que fizemos nossas promessas. Não mudamos para nos adequarmos ao nosso relacionamento. Nosso relacionamento evoluiu a partir da versão mais real de nós. Criamos nosso próprio pequeno universo, onde poderíamos ser exatamente quem queríamos ser um com o outro.

Nós tínhamos tudo. E nós perdemos.

Entorpecer o gosto amargo da derrota, virei mais um pouco de vodka e champanhe, e enfiei uma massa folhada na minha boca.

— Oh, baby. Você vai vomitar — minha mãe sussurrou enquanto se sentava ao meu lado. — Você já ligou para ele?

— Não — eu disse, mastigando o salgado com molho de cebola. Ela estava certa. Em algum momento, eu iria vomitar. Enfiei mais um croissant na boca.

— É o momento de falar com ele. Já passou da hora.

— Estou apenas adiando. OK. Adiando o jogo. Tempo esgotado. Ainda estou tão magoada que não sei o que dizer.

— Diga como você se sente — disse ela, pegando o champanhe da minha mão antes que eu pudesse tomar outra bebida. Tinha

herdado meus olhos e minha boca da minha mãe, e os cabelos ruivos e o temperamento do meu pai. Minha mãe sempre foi razoável, uma característica que eu realmente gostaria de ter herdado geneticamente, especialmente em momentos como esses.

Enfiei outro croissant cheio de carne na boca.

— Diga xis, garota — minha mãe disse enquanto nos inclinávamos juntas e eu sorria para a câmera com um bocado de carne no dente. — Você está sendo cruel. E é velha demais para fazer essas coisas.

— Eu sei, mãe. Eu deveria ser mais refinada em casamentos, principalmente quando tem uma trança de pônei no meu cabelo — disse.

Olha ali, no corredor cinco, a velha e amarga mulher em um vestido de dama de honra.

— Ei — disse Anthony, insultado pelo comentário enquanto puxava sua esposa para o lado dele, a mesma que me deu um tapa na cabeça.

— Desculpe — eu disse timidamente, na tentativa de salvar meu rosto. — Eu só estava sendo chata com a minha mãe. Não reclamando da presilha. É linda.

— Obrigado — disse Anthony, inclinando-se para beijar minha bochecha. — Quero dizer, obrigado por hoje.

— O prazer é meu. Eu amo muito vocês dois — falei, na tentativa de melhorar meu humor.

Bree agarrou a mão da minha mãe.

— Nancy, dança comigo?

— Eu ficaria honrada — disse ela, saindo da cadeira enquanto Anthony se sentava ao meu lado. — Onde está seu irmão?

Revirei os olhos.

— Acho que o vi levar uma dama de honra para algum lugar levando um kit de sex shop.

Ele riu.

— O que é um casamento sem um pouco de amor?

— Não acredito que você deixou Bree escolher mini frascos de lubrificante e preservativos como lembrança do casamento.

Anthony estava bonito em seu smoking – com sua pele morena escura, os olhos castanhos, uma combinação perfeita com Bree.

— Eu deixaria que ela escolhesse coisas muito piores, mas não conte a ela que eu disse isso.

— Vou manter em segredo. — Bati continência.

Seus olhos focaram em mim enquanto eu brincava com um dos guardanapos de pano.

— Você está bem?

— Não, nem um pouco, nem um pouco. Nem vou dizer que vou melhorar com tempo ou amanhã, depois de uma boa noite de sono. Para isso não têm cronograma. Eu posso ser aquela bêbada que daqui a um ano vai contar muitas histórias de “você se lembra quando”, que diz que tempos bons já se foram, chora com os gatos e faz amor com almofadas.

— Essa é a coisa mais triste que eu já ouvi — disse Anthony com uma careta.

— Aquelas pobres almofadas — eu disse, pegando uma lágrima de ironia e tristeza. Eu tinha completado um círculo e estava oficialmente bêbada.

— Você vai dormir aqui esta noite — disse ele com firmeza.

— Minha mãe vai ficar comigo. HA! Isso é ainda mais triste! — proclamei quando algumas cabeças se viraram em nossa direção.

— Mais triste — Anthony concordou com um sorriso divertido. — O mais triste de tudo.

Anthony estremeceu.

— Ok, eu posso ver a luz dos seus olhos de noivo morrendo. Vamos te animar.

— Sinto muito, Abbie — disse ele, sinceramente. — Eu realmente gostei dele.

Fiz uma pausa na minha resposta sarcástica.

— Não faça isso. Não seja sincero e adorável com meu coração partido. Eu vou ficar bem.

— Sério?

— Não, estou mais arrasada do que poderia estar — disse secamente.

Nós nos encaramos por dez segundos inteiros com rostos sérios antes de cair na gargalhada.

— Eu pensei que você estava falando sério.

— Eu estou, venha dançar comigo.

Anthony olhou para mim com cautela.

— Você está louca.

— Nasci em um sanatório — aponte sem hesitar.

Ah, Cameron, como você me libertou.

— Explica muito — disse ele. — As mulheres mais bonitas frequentemente são as mais loucas.

Sequei outra lágrima perdida do meu olho.

— Isso explica por que sua esposa é maluca

— Bastante.

Senti o cotovelo de Bree afundar nas minhas costelas e soltei uma risada delicada quando ela passou por nós na pista de dança, cuidadosamente improvisada no meio do quintal, com minha mãe nos braços. Esta, apesar de não gostar do meu comportamento, me incentivou.

— Eu a amo mais do que você mesma neste momento.

— Vocês dois podem ir direto para o inferno — eu disse com um sorriso estampado no meu rosto.

Anthony me conduziu para a pista de dança com uma risada.

— Eu realmente amo vocês três juntas.

— Meh, só deixamos minha mãe entrar porque ela é uma boa cozinheira. Ai! — exclamei quando minha mãe me deu uma cotovelada. — Brincadeira, mãe. Merda, eu preciso respirar.

— Você poderia tentar agir como uma dama esta noite? — ela sussurrou em minha direção enquanto todos dançávamos no espaço apertado.

Recusei-me a deixar passar.

— Sua filha adotiva está distribuindo lubrificantes e camisinhas como lembranças de casamento.

— Os olhos de minha mãe se arregalaram quando ela sorriu para Bree com prazer.

— Ah, lembre-me de pegar um kit desses antes de sair.

— São sempre as loiras que se safam dessas merdas! — eu disse revirando os olhos.

— Cuidado com a boca — minha mãe repreendeu quando Bree mostrou a língua.

— Você ficou um pouco pior, marinheira — comentou Anthony.

— Eu sei — eu disse, lembrando como Cameron amava a minha boca suja. — Não é atraente, é?

— Nah, eu só queria te dar um sermão também, mas parece estar saindo pela culatra esta noite.

— Ei, eu deveria estar consolando você. Você já viu os pés da sua noiva? Jesus.

Senti duas bundas esbarrarem simultaneamente nas minhas quando *Shake Your Groove Thing* começou a tocar. Minha mãe parecia uma velha senhora tentando dançar, e eu não pude deixar de notar a idade dela, enquanto fazia o possível para que eu me juntasse a ela. Girando os calcanhares, desisti e me juntei às minhas duas mulheres favoritas no mundo, enquanto meu coração ainda se afastava de mim pedaço por pedaço, chamando como uma sirene, atraindo-me para o dono dele que desapareceu como se nunca tivesse existido.



Vinte e Cinco

Cameron

Pergunte a uma centena de pessoas o que o amor significa para elas e você terá uma centena de respostas diferentes. Eu suspeito que a maioria dirá que tem algo a ver com conforto ou segurança. Mas isso é falso.

É para isso que Deus serve.

Talvez, após a morte dos primeiros: primeiro olhar, primeiro beijo, primeiro ano, conforto e segurança entram em jogo, mas o sentimento inicial deve deixá-lo assustado e mais do que desconfortável. Perdê-lo deve ser aterrorizante.

A maioria das pessoas não sabe disso. De fato, aposto que apenas algumas dessas centenas já sentiram isso. O que faz com que aqueles que nunca sentiram tenham inveja, mas também podem ser perigosos.

Muitas pessoas cobiçam a liberdade, mas não têm ideia do que fazer com ela depois que a conquistam; depois que descobrem que

estavam melhor sem ela.

Eu acho que a mesma coisa se aplica ao amor. O tipo que pode mudar você e te transformar em uma pessoa melhor, tudo pelo carinho de outra pessoa. É um presente e uma maldição, e tem o poder de te exaltar e te tornar um indigente em segundos. Porque nada que seja tão bom poderia, deveria, nos fazer sentir tão mal. Mas é assim. É a mais poderosa das emoções; portanto, aqueles que são abençoados podem sofrer as mais intensas consequências, se forem deixados sem vigilância ou dados como garantidos.

E foi o que eu fiz.

A culpa foi minha. Tive muita fé em nosso relacionamento e ignorei a corrente ameaçadora para salvar a nós dois antes de nos perdermos.

Eu precisava dela. Precisava acreditar que havia mais para mim. Para nós dois.

Estava lidando com as consequências a cada respiração enquanto meus dias se tornavam turvos com a perda dela.

E, ainda assim, posso dizer que ela valeu a pena.

Porque ela valia.

A cada segundo, cada minuto que roubei com ela fez valer a pena o inferno no qual fui jogado de volta sem ela.

Ela me deu um tapa. A maioria dos homens não pensaria em nada, mas com ela foi o meu ponto de ruptura e não era segredo por quê. Pelo menos para mim. Abbie ainda estava no escuro.

Eu a assustei com minha relutância em dizer o porquê, quando tudo que eu queria fazer era destruir a parede antes que ela a erguesse entre nós.

Quanto eu estraguei tudo.

Quando eu tentei de tudo para salvar meu casamento, ele ainda entrou em colapso, assim como minha chance de felicidade com a recusa de Abbie em acreditar que eu era um homem digno. Um homem melhor do que apenas um idiota que não achava que uma mulher não era suficiente. Mas Abbie era o suficiente.

Ela era tudo.

Em toda a minha vida, tudo que eu queria era ser visto como um homem digno. Esse fora meu único objetivo, no meu casamento,

nos meus negócios, nas minhas amizades, como treinador e no meu relacionamento com Abbie. Isso foi insuflado em mim por minha mãe, eu fui criado assim.

Desde que era jovem demais para entender até o dia em que ela nos deixou. Eu precisava dela, e ela não estava lá. Precisava dela quando meu casamento se desfez, quando minha vida ficou fora de controle por causa disso. E eu precisava dela naquele momento, enquanto estava diante de seu túmulo, olhando para as letras gravadas em granito com o nome da mulher que era minha melhor amiga e bússola. Revivi o último dia em que estive com ela muitas vezes, mas não o suficiente para descobrir o que fazer quando não havia mais palavras. Nem direção. Eu me perguntava quantos outros órfãos de câncer perambulavam sem rumo, procurando respostas para perguntas que se esqueceram de fazer.

— *Você não pode entrar aqui, filho. Nós concordamos* — meu pai disse suavemente quando me aproximei da porta do quarto dela. *Naquele momento, eu o odiei por tentar tirá-la de mim. Mas quando olhei para ele, tudo o que vi foi um homem derrotado. Ele também a estava perdendo, e isso aparecia nas linhas que cobriam o rosto que o meu espelhava. Mas eu tinha os olhos dela e sabia que era doloroso olhar para mim. Eu era um produto da minha mãe e acho que, de certa forma, esse fato também o machucava. Mark Bledsoe era um homem cheio de orgulho e que se enfurecia rápido. A única ternura que revelava era quando se tratava de sua esposa. Apesar do fato de eu ter praticado todos os esportes principalmente em busca de uma aprovação equivocada, ela era o que tínhamos em comum. Era o nosso amor por esportes que nos manteve civilizados, mas sempre foi ela quem nos manteve unidos. O que seríamos sem ela?*

— *Eu nunca vou te perdoar por isso* — eu disse entre dentes. — *Se você fizer isso, nunca vou perdoá-lo.*

— *Não importa.*

— *Claro que não.*

Sua mandíbula apertou conforme ele me analisava.

— *Isso não tem nada a ver conosco.*

— *Eu sei.*

— Então respeite os desejos dela.

— Ela ainda está aqui — eu disse, engasgando com minhas palavras. — Jesus, pai, não tire isso de mim. Por favor.

— Você precisa ir.

— Mark — nós a ouvimos chamar por trás da porta. — Deixe-o entrar.

Ele soltou um suspiro pesado e me analisou antes de abrir a porta. A enfermeira do hospital pendurou outro soro, saiu rapidamente e meu pai fechou a porta atrás dela. Minha mãe estava sentada no meio do quarto, que parecia inacreditavelmente vazio, com apenas uma cama de hospital centralizada no meio. Tudo parecia errado.

Ela usava um gorro de malha amarelo, que sua irmã havia feito para ela, e seu roupão favorito. Seu corpo estava sem vida, magro, murchando sob o lençol fino que a cobria. Meus olhos ardiam quando ela estendeu a mão, os dedos esqueléticos. Mordi cada som que ameaçava escapar.

— Venha cá, Cam — ela disse enquanto eu me sentava ao lado dela e pegava sua mão fria coberta de ataduras, machucada pelas agulhas cheias de remédios que não a ajudavam e não podiam salvá-la. Todo o inferno pelo qual ela passou, por nada. Ela estava partindo, e meu peito afundava por saber que era a última vez que eu olharia para ela. — Olhe para mim — disse ela severamente. Ergui meus olhos em sua direção e, com toda a força que vi nos dela, vacilei. — Era por isso que eu não queria que você me visse.

Eu respirei tão fundo que queimou minha garganta.

— Mãe, pare de tentar me proteger. Sou velho demais para isso.

— Nunca. É meu direito e tem sido o melhor privilégio da minha vida. Acima de tudo, você é a coisa da qual mais me orgulho e sei que acredita nisso. Você sabe o quanto eu te amo. Eu me assegurei disso. Porque é o que se faz quando se vive para outra pessoa. Quando você tiver um filho, entenderá. — Balancei a cabeça, estudando seus dedos, incapaz de falar. — Cameron, nós concordamos. Eu não quero que você veja. Não vou deixar.

— Mamãe...

— Apenas seja um bom homem — ela sussurrou enquanto meu pai chorava abertamente ao seu lado. Ela apertou minha mão levemente antes de soltá-la. Senti a perda de seu calor e isso rasgou meu peito. Ela estava determinada. Mesmo em seus últimos dias, mantinha tanta autoridade. Sobre mim, sobre nós dois.

— Eu não sei como te deixar — sussurrei. Por saber que ela estava aterrorizada, eu me senti egoísta. Eu precisava de seu conforto. Ela me ensinou a amarrar meus sapatos, defender minhas ideias e cuidar de mim mesmo. Ela me ensinou a amar, nunca me ensinou a abandonar.

— Eu não tenho mais nada para você, Cameron. Não é que eu não queira que fique aqui, é que não posso lidar com isso. Por favor — ela sussurrou enquanto suas próprias lágrimas a dominavam. — Também não sei como agir. Não vou poder dar o meu último suspiro e ficar bem, sabendo que você está aqui e eu não. — Ela se virou para o meu pai. — Mark, nos dê um minuto. — Ele assentiu antes de sair do quarto, e a porta bateu suavemente atrás dele.

Eu examinei o espaço. Ela pintara as paredes de azul céu quando ficou doente. Disse que isso a faria se sentir mais livre nos dias em que a quimioterapia se recusava a deixá-la sair. Mas, de alguma forma, mesmo com o sol atravessando as janelas, a sala parecia ameaçador. Inspirei o perfume de sua loção ao lado de sua mesa de cabeceira, um perfume que eu sabia que nunca iria esquecer – não era um cheiro de conforto e nem chegava perto de me colocar de joelhos.

O câncer a despira, pegando a pele, os cabelos, a alegria e usara seu corpo como saco de pancadas. Ela sobrevivera uma vez. Não compreendi por que Deus pensou que ela merecia mais, mas perguntei a ele. Eu perguntei a ele todos os dias. E todos os dias ela ficava mais fraca até eu não ter escolha a não ser aceitar seu destino.

Eu não podia mais exigir respostas, mas orar de qualquer maneira, mesmo que Deus fosse cruel. Ela sentira dor, e eu rezei. E quando orar provou ser inútil, observei-a murchar, observei-a sufocar, observe-a gritar de dor, impotente, sem esperança; foi a

primeira vez que me senti abandonado e me senti humilhado ao ponto de não ter mais ego.

Deus quebrou a nós dois, e meu pai assistiu.

Olhei para minha mãe, como se ela fosse uma embarcação flutuante em uma concha que se recusava a abrigá-la. Havia tanta vida em seus olhos, mas ela estava presa em um corpo que não cooperaria. Eu sabia que, naquele momento, ela estava certa. Vê-la assim me alterou. Levou um pedaço de mim. Ela olhou para mim enquanto pesava suas palavras, como sempre costumava fazer, antes de falar enquanto eu orava uma última vez.

Sem mais dor. Deus, me ouça. Você vai levá-la, mas não permita que sinta mais dor.

— Cameron, seu pai e eu começamos essa vida juntos, e quero terminar as coisas com ele dessa maneira. Sei que isso parece egoísta, mas preciso dele comigo. Ele é a minha força, filho. Não importa como você o vê. Ele é meu. É um presente, se você pensar sobre isso. Vou devastá-lo e depois estou livre. Mas ele não estará. Vocês dois precisam descobrir como lidar com as coisas por conta própria. Me prometa que vai tentar.

— Eu vou — eu disse, enterrando meu rosto em seu cobertor. Dei a mim mesmo três segundos de angústia antes de encará-la. Três segundos para respirar o fogo do inferno – sem contar o fato de que eu podia respirar livremente, enquanto ela poderia sufocar. Senti seus dedos no meu pescoço enquanto lançava outro olhar para ela. E nos olhos dela, vi a mulher que me deu o melhor de si mesma. Vi uma mulher capaz de muito mais do que ser esposa de Mark ou minha mãe. Eu a vi pela primeira vez, uma mulher que foi capaz de escolher outra vida além de pertencer a nós. Mas nós fomos a escolha dela e eu me sentia agradecido. E assim, pelo sacrifício de minha mãe, eu fiz o meu.

— OK. — Agarrando sua mão, eu me inclinei e beijei seus dedos antes de me mover para pressionar meus lábios em sua testa. O gorro dela escorregou e eu a ouvi ofegar. Não vacilei quando puxei o tecido macio para baixo, segurando sua cabeça. Cada passo que eu dava para longe daquela cama se transformava em mais um tijolo no meu peito. Mas foi quando olhei para ela da porta que

percebi que também era a força dela. Então, dei a ela a única coisa que podia dar: — Você é a melhor amiga que eu já tive. Mesmo se tenha me castigado todos os dias.

Ela riu levemente e rapidamente puxou o lençol, desviando os olhos para que eu não pudesse ver a sua dor. Eu não podia mentir. Não podia dizer a ela que ficaria bem sem ela, porque não tinha certeza. Não poderia dizer que minha vida seria plena novamente algum dia sem ela porque sabia que isso não era verdade. Eu sentiria sua falta, a cada segundo de cada dia pelo resto da minha vida. Eu nunca estaria pronto para perdê-la.

Então, olhei para a mulher que me deu a vida e contei a verdade.

— Eu vejo você, Emma. — Ela parou de mover as mãos e olhou para mim. — Eu vejo tudo agora. Só gostaria de ter visto isso antes. Teria feito muito mais. Obrigado, mãe.

Eu ofeguei com a lembrança do rosto dela naquele momento quando fechei a porta. Morreu uma semana depois que a deixei naquela cama com meu pai ao lado dela. Meu peito se apertou insuportavelmente e tossi como se tivesse levado uma facada. E pela primeira vez desde que morreu, falei com ela como se ainda pudesse me ouvir.

— Estou treinando novamente. Eu sei que você estava chateada por eu ter parado depois que conheci Kat. É porque você sabia que isso me deixaria infeliz — engoli em seco. — Talvez você soubesse que ela não era a pessoa certa, ou talvez ela tivesse enganado a todos nós. Levantei-me e enfiei as mãos nos bolsos quando o vento aumentou. — Mas eu conheci a mulher certa. Ela me lembra um pouco de você. É tão bonita em todos os aspectos, tão despretensiosa. Só queria me fazer feliz. E era boa nisso. Ela é tão inteligente que me assusta, mas de um jeito bom. Como quando você pensa que alguém está muito fora do seu alcance, mas que sorte ela não percebe isso. Mas eu fui lá e mostrei a ela. Eu estraguei tudo, mãe. Não acho que vou poder consertar as coisas, não vou poder ser o homem que você queria que eu fosse. Deus, eu tentei tanto com ela. Pensei que, se conseguisse acertar apenas uma vez, talvez pudesse me sentir um pouco mais seguro de novo,

um pouco mais livre, com Abbie. Com ela, eu poderia ser ele. Seu filho, mas *eu* mesmo também. E isso seria o suficiente. Mas eu não a tornei minha prioridade. Não fiz isso. Não sei se algum dia serei esse homem.

Mesmo que meu casamento não estivesse desmoronando, não podia deixar de me perguntar se eu iria querer Abbie de qualquer maneira. Será que teria me desviado? Teria jogado fora meu casamento por apenas uma chance de chegar perto dela?

Tudo dentro de mim me dizia que eu teria, sim, feito isso, se significasse que eu poderia sentir um décimo do que senti quando estava com ela.

Talvez eu *fosse* esse tipo de cara. Porque eu sabia que venderia, trocaria, mataria ou roubaria minha alma para ter mais dez minutos de tudo que senti com ela e não me arrependeria de nada. Mas mesmo em silêncio, minha bússola me mostrou a verdade. O amor não era apenas estar ao lado da pessoa, era fazer sacrifícios. Era a única coisa que o amor exigia e que poderia me tornar o homem que eu precisava ser. Minhas necessidades teriam que vir em segundo plano. Foi onde eu errei. Onde sempre estive errado.

Sacrifício seria a minha penitência por usar sua confiança e silenciá-la para ouvir meus próprios batimentos cardíacos.

— Hey — Kat sussurrou fracamente atrás de mim. Suspirei enquanto limpava meu rosto e me preparava para o pior.

— Por favor, por favor, não, Kat. Agora não, não aqui.

— Sinto muito, mas você continua evitando minhas ligações e eu tinha que falar com você.

Eu me virei para encará-la e fiquei surpreso ao ver o pai ao seu lado, segurando sua mão. A mãe de Kat havia morrido antes de nos conhecermos, e era nosso vínculo. Minha mãe ficou doente enquanto estávamos namorando e faleceu cinco anos depois, em um dia em que me vi como dois estranhos em frente ao seu túmulo. Ela sabia que eu iria aparecer.

— Oi, Billy — eu disse com um aceno de cabeça.

— Você parece bem, Cameron — disse ele educadamente.

— Você é um péssimo mentiroso — eu disse, oferecendo minha mão. Nós compartilhamos um sorriso. Kat era parecida com o pai,

mas ele parecia ter envelhecido uma década desde a última vez em que o vi. Uma pequena parte de mim se sentia culpada por isso, porque sabia a causa. Mas ela não era mais o meu fardo.

— Não acredito que já faz cinco anos — disse Kat, baixinho, olhando para onde minha mãe descansava. Não consegui reconhecer sua sincera empatia. Eu estava entorpecido demais para isso. Eu já tinha passado por muita coisa quando se tratava dela. Ainda assim, não conseguia esquecer que houve um tempo em que a amei, que teria feito qualquer coisa por Kat.

Ela se virou para o pai.

— Papai, você pode nos dar um minuto?

— Certo. — Billy beijou sua têmpora, sempre o pai carinhoso, enquanto o vento soprava sobre nós e a deixava trêmula. Tirei o casaco e entreguei a ela.

Ela mordeu o lábio enquanto olhava para a foto da minha mãe.

— Ela era tão bonita.

— Era mesmo.

— Eu realmente a amava, sabe? Eu me sentia próxima dela. — Assenti.

— Vocês duas sempre foram boca suja.

— Aposto que ela me odiaria agora — ela fungou.

Eu mantive minha mandíbula cerrada.

— Meu pai... ele esteve... — Ela engoliu em seco. — Bem, nós temos conversado, e estou pensando em obter ajuda. Há um lugar onde fiz check-in na Flórida há alguns meses. Acho que pode ser bom para mim.

— Espero que você vá, e espero que continue — eu disse cuidadosamente, na tentativa de manter a paz. — Eu realmente espero, Kat.

— Estou chapada agora — ela disse com um encolher de ombros. — Não sei se vou conseguir me limpar. Você estava certo em me deixar.

Eu fiquei mudo. Aquilo chegava a me ressentir. Eu me resenti de tudo em relação àquela conversa pela qual tanto implorei, mas que parecia fluir tão facilmente naquele momento.

— E depois do que eu fiz para você — ela engoliu em seco. — A culpa é pior do que qualquer coisa que já senti. Quero que saiba que esse é um dos motivos pelos quais não parei de usar. Eu sei o que fiz. Sei o que fiz para nós, principalmente para você. Me desculpe, Cameron, com todo o meu coração, me desculpe. Você merecia mais.

Meu corpo inteiro estremeceu com a admissão dela. Engoli a emoção e a raiva que ameaçava me inundar.

— O que você quer, Kat?

— Eu queria dizer que sinto muito.

Não pude evitar a suspeita, porque ela era genuína.

— Isso é tudo?

— Tudo bem — disse ela antes de morder o lábio. — Eu sei que é difícil de acreditar. Mas não quero mais ser essa pessoa.

— Por que você não me disse isso antes? Tudo o que eu queria era que você dissesse que ainda estava lá.

— Eu não estava — disse ela solenemente. — Ainda não estou, Cameron. Eu poso para fotos que ninguém tira há tanto tempo que não tenho mais idéia de quem diabos eu sou.

Um longo momento de resolução silenciosa passou entre nós.

— Eu acho que nunca fui a mulher com quem você pensou que se casou — ela admitiu, com a voz baixa.

Seus cabelos chicotearam em torno de seu rosto pálido enquanto seus olhos azuis imploravam aos meus por qualquer coisa que eu oferecesse. Kat era surpreendentemente bonita, sempre fora. Mesmo com sua doença, essa beleza não havia desaparecido, o que era uma ilusão que fazia com que eu me sentisse mal. E ela admitir esse engano só me fazia sentir pior.

Fazia com que eu me sentisse um bobo. Controlado. E pela primeira vez desde que a deixei, vi que ela nunca quis que as coisas funcionassem entre nós. E talvez essa fosse a verdade para mim também. O nosso casamento foi de conveniência, e eu vivi um inferno enquanto ela ficava entorpecida e indiferente.

— Você poderá um dia me perdoar? — Seus olhos estavam nublados quando eu engoli uma resposta ácida e suspirei.

— Eu não quero mais te conhecer, Kat. Sei que isso parece cruel. Mas é a verdade. Sinto muito.

Ela assentiu enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Eu mereço isso.

— Eu simplesmente não posso — disse a ela. — Mas vou lembrar que te amei uma vez. E quero que você fique bem. Espero isso.

Ela chorou baixinho conforme eu reprimia qualquer necessidade humana de consolá-la, e não foi difícil. Endureci minha alma ao ponto em que eu não podia me importar. Eu não podia me dar ao luxo disso. O que restou do meu coração, minha lealdade, residia com uma mulher em Wicker Park.

Kat quebrou o silêncio desconfortável.

— Eu não contestarei o divórcio. Aceito seus termos, é o mínimo que posso fazer.

— Obrigado.

— E Abbie? — ela disse como uma pergunta, e eu confirmei com o meu silêncio. — Que mundo pequeno e fodido em que vivemos.

— Por favor, não fale sobre ela

Ela balançou a cabeça para me cortar.

— Eu gosto dela. Isso não é algo louco de se dizer? E eu gosto dela para você.

— Ela não sabia sobre você. Não... não a culpe. — Era a última conversa que eu queria ter com Kat. Ela assentiu enquanto mais compreensão se passava entre nós.

— Não tenho o direito de perguntar, Jeffers... Cameron, mas você pode falar com meu pai de vez em quando e dizer a ele como está?

— Vou pensar sobre isso.

Kat engoliu em seco e tirou minha jaqueta antes de devolvê-la para mim.

— Obrigada, Cameron. — Eu não sabia pelo que era, mas assenti em resposta. Ela olhou para mim com um sorriso forçado. Uma que eu conhecia depois de anos juntos. — Seja feliz. Você merece isso. E talvez um dia eu também mereça.

— Cuide-se, Kat. Boa sorte.

Ela desceu a colina estreita tropeçando em seus pés, e seu pai colocou-se ao seu lado em segundos. Ele a abraçou, e eu pude vê-la desmoronando em seus braços. Kat nunca me deixou ser seu conforto. Ela nunca quis que eu a visse tão profundamente. Uma parte de mim ficou aliviada por ela finalmente deixar outra pessoa enxergá-la. Eu tinha que superar a raiva. Kat era um quebracabeças cuja resolução não me pertencia.

Eu olhei de volta para a lápide de minha mãe, imaginando o que ela pensaria de mim, como eu me comportaria. Do que fiz. Ajoelhando-me, pressionei meus dedos nos lábios e depois no túmulo dela.

— Eu sinto sua falta.



Meia hora depois, eu estava andando até a sua porta da frente. Nada estava funcionando. Nada ajudava. Eu me senti vazio e completamente sozinho. Não tinha nada a perder, já tinha perdido tudo o que importava.

Exausto de lutar contra demônios, os de Kat e os meus, tudo o que me restou foi novamente lamentar a perda de Abbie. Mesmo com a confissão de Kat, não senti alívio. Sentindo-me caótico de uma maneira que eu não conseguia compreender, olhei para a porta da frente.

Um trovão ecoou ao longe, e gotas de chuva começaram a cair na varanda, pingando sobre a planta. Pensando melhor, comecei a recuar quando a porta se abriu.

— Cameron?

Paralisei em minha retirada e me virei para ver meu pai na porta, seus olhos procurando os meus.

— Filho? — Ele deu um passo à frente e colocou a mão no meu ombro enquanto eu vacilava.

— Ei, pai — resmunguei quando desmoronei na sua porta. Pela primeira vez na minha vida, deixei que ele visse o quanto eu precisava dele. — Que... que tal agora?



Vinte e Seis

Cameron

Naquela noite, sentei-me no bar para assistir a um jogo de hóquei. Minha conversa com meu pai surgia em mente em replay. Deixei de fora os detalhes sobre Kat, mas tinha certeza de que ele sabia. Poupou meu orgulho, mantendo-o para si mesmo enquanto eu falava, e ele ouvia. Foi, pela primeira vez em sua vida, cuidadoso com suas palavras quando se tratava de mim. Ele não deu sermão, não julgou, apenas ouviu.

E quando tudo estava dito e feito, eu me senti melhor. Era um começo. Depois que ele fechou a porta, percebi que tinha a mesma necessidade de se conectar do que eu.

— Parece que eles estão levando uma surra — a voz surgiu do assento recém-ocupado ao meu lado.

Murmurei um "sim", sem a menor idéia de a qual time ele estava se referindo e acenei para o barman enquanto recebia uma mensagem de Max.

Max: Droga, cara. Estamos todos aqui. Onde você está? Não faça isso de novo.

— Você é fã de hóquei? — o cara perguntou, indiferente à minha vibração.

— Claro — eu disse enquanto pegava minha carteira e me virava para falar com ele.

A semelhança era inconfundível.

— Oliver — eu disse enquanto meu coração batia forte.

— Sim — ele disse friamente, girando um palito no lado da boca. Ele estava de smoking, e a gravata estava solta no colarinho.

O pânico me inundou.

— Ela está bem? Abbie...

— Obrigado — disse ele quando uma cerveja foi colocada à sua frente, ele engoliu metade dela antes de voltar seu olhar ameaçador para o meu.

— Como você sabia que eu estava aqui? .

— Perguntei a alguém onde os babacas tomavam cervejas por aqui.

— Adorável — eu disse enquanto ele olhava para mim com clara acusação.

Oliver tirou o paletó e o pendurou no encosto da cadeira enquanto falava.

— Eu só queria ver o rosto do imbecil que destruiu a minha irmã.

Irritado, levantei-me e joguei algumas notas no bar.

— Você está aqui para tirar sarro de mim? Vá em frente, mas posso garantir que não vai se comparar com o próprio tapa que ela me deu.

— Por que você não diz isso a ela? — ele falou, não afetado.

— Por que estou me explicando para você? — eu disse entre dentes.

— Esse é um bom argumento, por que você não está se explicando para *ela*?

— Eu tentei. Ela sabe o quanto eu a amo, me certifiquei de fazê-la entender. E ela me conhece. Me conhece melhor do que qualquer outra pessoa nesta terra. E ela é a única.

— Mas isso não é verdade, é? Se você está se escondendo atrás de uma *esposa*.

— Obviamente você nunca se casou com a mulher errada. E não estou me escondendo atrás de merda alguma. Você não sabe nada, então fale logo todas as *merdas* que quer falar e vá se foder.

Oliver abriu os botões de seu punho e começou a arregaçar as mangas.

— Há apenas algumas coisas neste mundo às quais eu dou a mínima e minha irmã é a primeira, então você vai ter que se explicar a mim, *sim*, idiota. — Ele fez uma careta para mim com olhos da cor dos dela enquanto falava. — Abbie é uma boa mulher. Um pouco ingênua, um pouco louca, mas ela nunca machucou intencionalmente ninguém em sua vida e não sabe o seu valor. Suponho que você foi o único inteligente o suficiente para descobrir isso e mostrar a ela e, em seguida, burro o suficiente para deixá-la partir.

— Novamente, você não sabe nada sobre nós, Oliver.

Ele começou a arregaçar a outra manga, a voz gelada.

— Outra coisa que me interessa são as minhas mãos. Elas valem milhões, então podemos conversar como adultos ou eu posso bancar o irmão mais velho e te dar umas porradas para me fazer sentir melhor.

Eu era maior que ele em altura e peso. Ainda assim, eu sabia que deixaria que ele desse qualquer soco que quisesse. Mas foi o homem das cavernas em mim que falou:

— Se você gosta de apostar e quiser ceder a essa ilusão, Sr. Babaca.

Olhos azuis cristalinos, da cor dos dela, me analisaram, imperturbáveis, enquanto eu prendia a respiração até a dor passar.

— Eu preciso dessas respostas, Bledsoe, para que possa tentar descobrir como fazê-la erguer a cabeça.

Lâminas de barbear cortaram meu peito enquanto ele falava.

— Ela mal respira, cara.

Engoli minha emoção e passei a mão pelos cabelos.

— Quer outra cerveja?



Vinte e Sete

Abbie

— Ok, Abbie, você precisa disso. É hora de se juntar à terra dos vivos. Não há tempo como o presente, blá, blá, blá. Faça isso em passos de bebê. — Meu telefone vibrou no meu bolso, e eu verifiquei a tela. Era outra mensagem com imagem de Cameron. Eu o silencieei, não querendo olhar para ele até estar a salvo atrás de portas fechadas. Elas começaram há uma semana, em vez das mensagens de texto e das ligações às quais eu não estava respondendo. Era o jeito dele de me deixar saber que ainda estava presente. Fazia apenas alguns dias desde o casamento de Bree e eu ainda não conseguia controlar a raiva, então encontrei uma distração.

Correndo pela rua em direção ao pub, ouvi vagamente meu nome ser chamado. Bennie estava sentado ao lado da entrada da loja de charutos e acenou para mim do seu assento na calçada. Envolto em um casaco preto imundo, ele tinha vários cobertores

empilhados no colo. Lágrimas de culpa ameaçaram cair enquanto eu me aproximava dele e me agachava para cumprimentá-lo.

— Bennie, oi. Como você está?

— Vou indo, Abbie. Estava sentindo a sua falta.

Ele parecia terrível. Era óbvio que o inverno havia influenciado bastante. Seu rosto estava rachado, e seus lábios estavam descascando. Meu coração despencou ao pensar há quantas semanas eu não ia vê-lo no café.

— Oh, Bennie, me desculpe — eu disse, procurando na minha bolsa minha carteira e pegando todas as notas que eu tinha. Ele segurou minhas mãos.

— Eu disse que estava sentindo a sua falta, Abbie, não do seu dinheiro.

— Eu sei — eu disse com um queixo trêmulo. — Eu sei, Bennie. — Mesmo assim, estendi várias notas para ele. — Por favor, pegue.

— Pego apenas o que preciso, e você sabe que não é muito. Eu estive bem. Fiquei na igreja nas noites mais frias. Aquele homem, Cameron, vem me ver toda semana. Me dá comida, cobertores e muito dinheiro para os meus encontros.

Um nó surgiu na minha garganta quando meus olhos lacrimejaram. Eu tinha me esquecido de Bennie. Com meu coração partido, eu o abandonei completamente, mas Cameron, não.

— Ele parece tão triste quanto você. Acho que ele está entornando.

— Entornando?

— Bebendo um pouco. Eu o vejo sempre.

— Você vê?

— Sim. Eu o vi não faz muito tempo hoje.

— Sério? — Engoli em seco e olhei para Bennie. — Por favor, pegue um pouco de dinheiro — insisti, dobrando duas notas de vinte e fechando-as dentro de sua mão calejada.

— Obrigado, Abbie.

— Bennie, vou voltar esta semana. Eu prometo.

— Abbie — ele disse severamente. — Não se sinta culpada. Você não precisa me prometer nada. Eu sempre vou ficar bem.

— Você ainda está tomando seus remédios?

Bennie baixou os olhos quando eu o desafiei.

— Bennie?

— Eu vou ver a Bree amanhã.

— Você precisa desses remédios, Bennie.

— Eu sei. Eu sei.

Bennie tinha HIV. Ele me confessou semanas depois que o conheci. Conheceu e se casou com sua esposa alguns anos antes de descobrir. Ela milagrosamente não fora infectada, mas ao ouvir seu diagnóstico, tirou-o de sua vida, expulsou-o de sua casa e o deixou por sua própria conta.

O problema era que ele estava doente demais na época e acabou vendendo tudo o que tinha para tentar sobreviver.

Eventualmente, ele ficou sem nada.

Bree se encarregara de inscrevê-lo em um programa para mantê-lo abastecido com o coquetel de HIV. Ele não era religioso em tomá-lo e isso ficou claro pela maneira como estava definhando debaixo dos cobertores. Tudo sobre a situação dele me chocava profundamente. E eu odiava que ele estivesse desistindo.

— Bennie, eu vou chamar um táxi para você. Vou pagar. Vá até a Bree. Ela está trabalhando agora. Vou mandar uma mensagem e dizer que você está a caminho, ok?

— Abbie, eu estou bem.

— Bennie, por favor? — Ele ficou calado, com os olhos cansados. — Por favor?

— OK.

Bennie juntou as coisas dele enquanto eu chamava um táxi e falava com o motorista. Fiquei na porta enquanto ele se enfiava dentro do táxi e o motorista me olhava de canto. Ignorei quando Bennie agarrou a maçaneta e olhou para mim com seu sorriso desdentado.

— Abbie, vocês são boas pessoas.

— Bennie, você vai direto ao hospital, me prometa.

— Eu prometo.

— Vejo você no sábado. — Fechei a porta, e o motorista do táxi acelerou.

Depois de enviar uma mensagem rápida para Bree, corri para o pub e passei pela pequena multidão do happy hour até ouvir o meu nome.

— Abbie?

— Terry?

— Sim — nós dois dissemos em uníssono. Apertamos as mãos antes de eu me juntar a ele na mesa onde estava. Ele era bonito — como uma raposa prateada — e tinha olhos castanhos suaves.

— Desculpe estou atrasada. Perdi o trem e tive que pegar um táxi — ofereci, sabendo que estava causando uma primeira impressão de merda.

— Está tudo bem, é bom finalmente conhecê-la — disse ele, pegando meu casaco e pendurando-o na cadeira atrás de mim enquanto eu me sentava.

— Estou feliz que você tenha conseguido chegar tão rapidamente.

— Eu também. Eu estava ansiosa para conhecê-lo também.

Jurei que ouvi um som de escárnio atrevido atrás de mim.

— Não tenho certeza sobre este lugar. Não venho aqui há anos, foi o primeiro bar em que pude pensar na vizinhança quando você me ligou. — Isso era mentira, mas eu não ia levá-lo a lugar algum perto dos bares que Cameron e eu frequentávamos em Milwaukee.

— Está bem. Eu morei neste bairro anos atrás.

— Sério?

— Sim. Eu tinha um apartamento na mesma rua. Você é nova na área?

— Não, moro aqui desde que me formei no Noroeste. Eu moro na mesma rua, em um apartamento de três andares em frente ao Wicker, o parque de cães.

— Que coincidência, eu era de lá também.

— Mundo pequeno — eu disse.

— Sim, é — ele concordou.

— *Você vai dizer para ela que isso é um sinal?*

Nem Terry nem eu tínhamos dito isso e, ao procurar a fonte, olhei para trás e vi uma escada. Meu telefone vibrou em cima da mesa e pressionei IGNORAR antes de falar:

— De qualquer forma, é ótimo finalmente conhecê-lo. Ando lendo e devo dizer que estou impressionado com a sua biografia.

Terry sorriu.

— Obrigado. Só vou admitir agora, estou meio nervoso com essa coisa toda, queria que você soubesse que é a minha primeira. Vai ter que me guiar por essa coisa toda.

Remexi-me, ficando mais ereta no meu banquinho.

— Sou profissional nisso, neste momento, vou cuidar de você. Eu prometo.

— É bom saber. Estou ansioso para ter uma conversa mais profunda que não seja on-line e telefonemas. Deixe eu te pagar uma bebida. — Ele acenou para o barman e foi quando vi Cameron aparecer em uma mesa logo atrás da pequena escada.

— Profissional nisso, hein? Engraçado, tive uma impressão diferente — uma leve ofensa acompanhou suas palavras quando ele apareceu à vista.

Meu peito gritou quando senti o cheiro de sua colônia. Ele estava vestido com seu terno bem ajustado e um casaco de lã. Meus lábios se abriram quando ele olhou na minha direção, seus olhos cheios de fogo e acusação. Fiquei pálida quando ele arrastou uma cadeira livre até a nossa mesa e se inclinou sobre ela. Terry ergueu duas sobancelhas confusas enquanto eu ficava ali parada, momentaneamente sem palavras.

Eu não conseguia tirar os olhos de Cameron, que estava um pouco desgrenhado, com a gravata solta no colarinho. Ele parecia ter passado as mãos pelo cabelo várias vezes e não se barbeava há dias. Uma sombra aparecia ao longo de suas feições conforme afundei de volta no meu assento, minhas entranhas se desfazendo com sua proximidade.

Cameron continuou, seu olhar demorando-se em mim antes de se dirigir a Terry.

— Não pude deixar de ouvir e sinto muito pela interrupção — ele falou, daquela vez, com um tom de sarcasmo muito óbvio. — Mas preciso de uma opinião.

— Por favor, não — eu disse, inclinando-me, em um sussurro. Meu corpo inteiro estremeceu quando seus olhos verdes voaram

para os meus. — Oi. — Precisei de cada pedaço da minha força de vontade para não chorar.

— Entretenha-me, por favor — ele perguntou, voltando sua atenção para Terry. Parecia intimidador enquanto pairava sobre a mesa, o queixo firme, uma postura de pedra. — Por uma questão de argumento, eu adoraria desenhar um cenário para você e depois vou deixar que continue sua conversa com essa mulher ardente.

— Você quer dizer atraente? — Terry disse, parecendo tentar se informar da situação pela quantidade de tensão no ar. Embora eu estivesse mortificada, ele parecia estranhamente divertido quando seus olhos passeavam entre Cameron e eu.

— Então o que você me diz...?

— Terry — ele respondeu.

— Terry, obrigado Terry, prazer em conhecê-lo — disse ele, enquanto quase tropeçava na perna da cadeira, colocando-se confortável antes de estender a mão. Terry a pegou e eles se cumprimentaram.

— Cameron — eu disse em um latido —, este não é um momento apropriado.

Ele me ignorou completamente.

— Apenas me ouça — disse ele a Terry.

— Vamos ouvi-lo, Abbie — disse Terry, olhando para mim. Eu me encolhi. Os olhos de Cameron brilharam, mas ele continuou.

— Digamos que você conheceu essa mulher *atraente* e concorda em levar as coisas devagar, mas existem regras.

— Pode ir falando — disse Terry, cruzando os braços.

— Belo terno — comentou Cameron.

— Armani — disse Terry.

— É claro — disse Cameron secamente. — De qualquer forma, as regras são que vocês dois devem deixar o passado de fora. Sem histórias pessoais, sem conversas pesadas.

— Tudo bem — disse Terry.

— E digamos que essa mulher era tão bonita, tão envolvente que você não resistiu a ceder às exigências dela, mesmo que estas canalizassem a paciência da porra de um Buda, só por uma chance

de conhecê-la, porque, confie em mim, você precisaria da paciência dos desamparados por Deus para sequer falar com ela.

— Cameron — eu ranjo.

— Mas talvez nesse cenário — ele disse, tomando um longo gole de sua bebida —, você estivesse em um tipo de prisão.

— Prisão? — Terry perguntou enquanto eu apertava os dedos na borda da mesa.

— Sim, um inferno que você não consegue enxergar. E então essa mulher sorri para você e você pensa: 'talvez eu não seja um dos abandonados por Deus'. Talvez, apenas talvez, valha a pena viver a vida.

— Isso é bom? — perguntou Terry.

— Melhor do que você pode imaginar — disse Cameron pegando um pedaço de gelo do copo e triturando-o, fazendo um barulho desagradável. — Infinitamente melhor.

Apertei meus lábios para impedir que meu queixo tremesse.

— Tudo bem — disse Terry. — Mas você não pode dizer isso a ela?

— Sobre a prisão? Ah, não — disse Cameron, com um sorriso largo no rosto, então ele balançou a cabeça para Terry com os olhos arregalados. — Regras *dela*.

— Terry, temos que ir — eu disse, colocando-me de pé.

— Estou quase terminando — disse Cameron com a voz tão bruta que não consegui desviar o olhar. Ele continuou a falar com os olhos estreitos.

— E talvez você se apaixone por ela, porque ela é a coisa mais perfeita que você já conheceu. Seus segredos estão te matando, mas você finalmente encontrou sua felicidade, está finalmente chegando ao ponto em que pode tocá-la, saboreá-la, pode ver a vida de maneira diferente com ela.

— Esta mulher também é feliz? — Terry perguntou olhando diretamente para mim. Apertei meus lábios.

— Oh, definitivamente. As coisas são tão boas que nenhum de vocês pode imaginar a vida sem o outro — sua voz falhou levemente com suas palavras.

— Por favor — implorei suavemente, e nenhum deles ouviu o barulho da multidão. Cameron enviava uma foto todos os dias.

A primeira foi uma foto nossa no Skydeck e as que me seguiram me devastaram. Nós dois depois de uma corrida na floresta, na limusine antes do baile, por algum motivo doloroso. Eu estava beijando sua bochecha, olhos fechados enquanto ele sorria para a câmera.

Eu salvei todas elas, mas não conseguia responder. Ele documentou quase todos os nossos dias juntos e estava me despedaçando com os lembretes de como as coisas eram boas.

— Mas as regras — disse Terry, seguindo a liderança de Cameron, tirando nós dois do nosso transe.

— Sim — Cameron ergueu o copo. — As malditas regras. O problema é que você percebe, mais tarde, que essas regras só serviam para ela, não para você. Mas você as seguiu, porque sabia que ela precisava disso, tanto quanto você precisava dela.

Terry continuou.

— E esta prisão? Você saiu dela?

Cameron entornou o resto de sua bebida pela garganta.

— Digamos que ela me libertou no minuto em que a toquei.

Lágrimas finalmente escaparam quando desviei os olhos de Cameron para implorar silenciosamente a Terry. Ele olhou na minha direção antes de falar.

— Ela está chateada, Cameron, você argumentou?

— Não tenho certeza, mas diga-me, Terry, apenas olhe para ela. Quando você a encontrou no Tinder, pensou que se depararia com uma mulher tão *atraente*?

— Pare — eu disse, pedindo a ele. — Por favor, pare.

Cameron se inclinou.

— Ela é uma das boas, por dentro e por fora. Uma verdadeira jogada de sorte. Você já foi aquele que estragou tudo, Terry? Neste caso fui *eu* e é um sentimento doentio.

— Não posso dizer que não tive uns dias de merda quando era mais jovem.

Cameron sorriu, seus olhos esmeralda parecendo puro gelo.

— Sim, definitivamente deve ter tido uns dias de merda nos seus... quantos tem agora? Sessenta anos?

— Droga, Cameron — rebati.

— Quarenta e oito — Terry riu, sem parecer ofendido.

— Está buscando segurança, não é, Abbie? — ele disse, sua voz falhando quando se virou para mim.

— Terry — implorei. — Tomei a liberdade de fazer reservas para o jantar. Espero que você não se importe.

— Nem um pouco — ele respondeu.

— Nós provavelmente deveríamos ir — eu disse no momento em que Cameron bateu a palma da mão na mesa, chamando nossa atenção.

Um mal-estar tomou conta de mim enquanto minha mente se voltava para Luke.

— O romance está morto... Ela acha que está morto, você sabia, Terry?

— E o que você acha? — ele respondeu.

— Eu acho — Cameron engoliu em seco. — Acho que as pessoas têm medo dele, mas tenho provas de que ainda existe.

— Sério? — Terry disse, mais preocupado comigo do que se sentindo divertido naquele momento.

— Nada supera uma imagem — Cameron disse suavemente

Eu falei então:

— Minha mãe tira fotos. Ela diz que sempre há coisas que podem entrar para a história.

— Ah, tem mais — Cameron disse enquanto seus olhos severos me analisavam. — Muito mais — ele murmurou, suas expressões suavizando. — Você consegue dormir? — ele resmungou. — Baby, eu não estou dormindo.

Terry se levantou.

— Vou pegar um táxi para nós.

Eu assenti.

— Por favor.

— É claro, já tomei o suficiente do seu tempo — disse Cameron, mantendo os olhos colados nos meus.

— Foi um prazer conhecê-lo, Cameron — disse Terry. — Boa sorte para você. Abbie, eu vou lá para fora.

— Obrigado — eu disse quando Terry pegou seu casaco, colocando-o sobre o braço e, sem dizer nada, pediu minha permissão para me deixar sozinha. Balancei a cabeça e me virei para Cameron enquanto milhares de emoções percorriam suas feições.

— Nós significamos alguma coisa para você?

— Não aja como se eu não tivesse demonstrado isso — eu disse defensivamente —, porque eu demonstrei.

— Você vai transar com ele? — cuspiu, seus punhos agarrando a mesa. Avancei para sair, mas ele me pegou pela mão. — Sinto muito, mas não consigo lidar com o fato de que ele pode querer e você pode permitir. Deus, Abbie, você vai deixá-lo tocar em você? — Ele pareceu despedaçado, enquanto eu apenas o observava, paralisada. — O que você está fazendo com esse cara? — ele perguntou, o desespero em sua voz me partindo ao meio. — Eu te amo.

— Eu não estou com ele, Cameron, não estou com *ninguém*.

— Eu não deixei de sentir nada do que sentia — ele sussurrou suavemente. — Você está em minhas veias, Abbie. Precisa saber disso. Eu nunca vou deixar de te amar.

Pela janela grande, vi Terry pegar um táxi.

— Olhe para mim — ele sussurrou. — Este sou eu no meu pior estado. Por favor, não faça isso conosco.

— Eu não fiz nada.

— Você está certa. Eu fiz. Me ame mesmo assim.

Eu amo.

— Cameron, onde está Max?

— Ele está aqui — disse ele, apontando por cima do ombro. Vi Max pedindo uma bebida no bar, com os olhos fixos na nossa mesa. Eu nem tinha notado ele entrar.

— Abbie — implorou Cameron —, por favor, fale comigo.

Olhei para o amor da minha vida e me perdi nas belas planícies de seu rosto, no ângulo de sua mandíbula, no jade de seus olhos.

Ele era o mesmo homem por quem me apaixonei, mas nada fazia sentido. Fomos despedaçados pela verdade e mentiras.

— Eu tenho que ir.

Ele estendeu a mão para me tocar, e eu estremeci.

— Eu ainda estou magoada, Cameron. — Com uma voz trêmula, deixei um pouco da emoção assumir o controle. Foi a única coisa que me salvou de desmoronar. — Eu trabalhei com ela, sua *esposa*. Você me tornou uma adúltera. Nem me deu uma escolha. — Balancei minha cabeça com a lembrança. — E eu contei a ela — engoli em seco. — Contei a ela coisas particulares sobre nós. Kat sabia de você quando nos conhecemos, ela soube do dia em que você me disse que me amava. Eu o deixei ver minha raiva, minha dor. Deixei que visse o quão traída ainda me sentia. — Confiei em você, e você sabia disso. Implorei que não me enganasse, e você me fez de boba.

Seu rosto se contorceu insuportavelmente.

— Eu tenho que ir.

Max olhou para nós quando Cameron deu um passo à frente:

— Abbie, eu sei que você ainda me ama, sei que sim...

Meus olhos se voltaram para Max, que o deteve.

— Deixe-a ir, cara.

Os olhos de Cameron se transformaram em gelo, com o maxilar cerrado, enquanto Max fazia o possível para mantê-lo afastado.

— Deixe-a ir.

— É isso que você quer? — Cameron disse, sua voz soando grave conforme Max nos manteve separados. — Você quer que eu te deixe ir?

— Leve-o para casa, por favor? — pedi a Max, e ele assentiu.

— Não faça isso — Cameron retrucou, seus olhos voando entre nós. — Abbie, estou bem aqui, fale comigo.

— Obrigada, Max — eu disse pegando meu casaco.

— Abbie — Cameron tentou novamente. Afastei meus olhos e saí do bar, destruída.

Do lado de fora, Terry abriu a porta quando olhei pela janela do pub e vi Cameron ainda de pé onde eu o deixei, seus olhos

penetrando-me através do vidro entre nós enquanto Max falava com ele. Eu vi então, a ruptura nele e nada a respeito disso me satisfez.

Terry me encontrou no meio-fio.

— Abbie, se você precisar ficar, podemos reagendar. — Balancei minha cabeça e entrei no carro quando ele abriu a porta. Engolindo em seco várias vezes na tentativa de não soluçar, pedi desculpas por estar tão instável: — Eu sinto muito.

— Você não poderia evitar — disse ele com segurança. — Tenho que dizer que estou curioso sobre a prisão.

Eu olhei para ele.

— Ele era casado. *É* casado. Separado.

— Ah — ele disse enquanto o táxi se afastava do meio-fio, deixando minha alma rasgada. Passei vários minutos arfando antes de me voltar para Terry.

— Estou mortificada.

— Novamente, Abbie, não fique. Espero que vocês possam resolver as coisas.

— Vou entender se você preferir encontrar outra pessoa para preencher a vaga. Posso recomendar várias outras pessoas bem qualificadas que podem assinar o contrato em pouco tempo.

— Totalmente desnecessário. Não tenho intenção de substituir você. Essa reunião foi apenas uma formalidade, já que eu estava fora do escritório quando meu assistente a contratou. Isso não terá influência no seu emprego.

— Obrigada. — Era tudo que eu conseguia dizer.

Alguns minutos depois, eu ainda estava sem palavras, meu peito gritando quando finalmente sangrei.

— Quer saber, Abbie, quando eu conheci minha esposa, estava no meio do meu próprio divórcio — disse ele com cuidado. — Fui casado por oito anos com minha namorada da faculdade — explicou enquanto eu olhava para ele. — Foi diferente.

— Como foi diferente?

Ele pensou por um momento.

— Era como se eu fosse dois homens diferentes. Acredito que não podemos evoluir com aqueles com quem iniciamos relacionamentos quando não estamos em plena floração, a menos

que vocês sejam capazes de crescerem juntos. É muito difícil manter um relacionamento quando você está mudando, abraçando suas mudanças, e seu parceiro se sente intimidado por elas. Minha ex-mulher se sentiu. Foi o que acabou conosco. Às vezes, você só precisa aceitar a derrota para descobrir que é a única maneira de realmente chegar a qualquer lugar.

Outro momento sufocante de silêncio surgiu enquanto eu pressionava meus dedos na testa, sentindo as palavras de Cameron rasgarem minha confiança.

Me ame mesmo assim.

— O que você vai fazer, Abbie?

— Eu não sei.

— Bem, espero que dê certo. Lembro-me de me sentir desamparado assim uma vez.

— O que você fez?

— Eu casei com ela. Comemoramos nosso décimo quinto aniversário no domingo.



Vinte e Bito

Abbie

Eu fechei meu laptop, aliviada por estar fora do encontro virtual. Finalmente entendi o significado da xícara de café que dizia *“Sobrevivi a outra reunião que poderia ter sido por e-mail”*! Desci as escadas do meu apartamento, nervosa pela primeira vez em meses. Enviei uma mensagem para Cameron mais cedo naquela manhã e pedi que fosse me encontrar. Ele respondeu instantaneamente, avisando-me que iria. Eu estava finalmente pronta para as respostas. A dor de sentir falta dele, a necessidade de saber, era demais. Não sabia se tínhamos futuro, mas precisava de esclarecimento. Algum tipo de justificativa para o sofrimento. Ele parou de me enviar mensagens há uma semana devido à minha recusa em respondê-lo. Não consegui atender a nenhuma das ligações dele. Eu precisava, não, eu *merecia* cada uma. Foi a raiva que me afastou. Mas também foi a raiva que me manteve perdida.

Para o encontro, eu já estava atrasada e fiz uma troca de roupa de última hora para uma calça preta e uma blusa roxa. Apressadamente, peguei minha bolsa e parei quando abri minha porta da frente.

Ela estava lá, vestindo um longo casaco preto de grife, que lhe caía perfeitamente, e eu me encolhi com a culpa que deve ter surgido no meu rosto no minuto em que meus olhos encontraram os dela.

— Kat.

Eu estava procurando por palavras que nunca surgiriam. Ela havia testemunhado o início do meu relacionamento com seu marido e ouvido sobre ele à medida que evoluía.

Estava fodido demais para decifrar. Ocorreu-me que ela nunca perguntou o nome dele. Ela realmente era um pouco narcisista nesse sentido, e, contra todas as probabilidades, fingindo interesse ao chamar Cameron de 'cara da cafeteria'.

Mesmo assim, contei em primeira mão coisas que nenhuma mulher deveria suportar. Eu me sentia culpada e mais irritada do que nunca quando ela olhou para mim. Foi o suficiente para me fazer relutar sobre minha decisão de falar com ela.

Mas não era apenas a decepção com Cameron que me irritava. Eu não sabia a verdade de uma mentira no que dizia respeito a Kat. E embora eu preferisse não saber a verdade, senti uma sensação de alívio ao vê-la em minha casa. Mas não conseguia dizer nada, então eu a deixei assumir a liderança.

— Estou aqui há vinte minutos, tentando encontrar coragem para bater. — Era um raro sinal de fraqueza da parte dela. — Lamento aparecer assim sem aviso prévio. Eu não sabia se Cameron estaria aqui.

— É por isso que você está aqui? — perguntei cautelosamente. Se ela queria fuxicar alguma coisa, teria que dar um primeiro passo. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo no que dizia respeito a Cameron, mas tinha toda a intenção de descobrir.

— Não. Estou aqui para te ver.

— Ok — eu disse cuidadosamente dando um passo à frente. — Kat, eu não sabia.

Ela assentiu.

— Ele me disse.

— Então, você tem que saber que eu te contei o que contei por amizade e confiança, não por crueldade — falei com uma voz trêmula. Momentos antes, eu estava tão certa de que o amava. Precisava dessa força de volta, mas olhando para a mulher magra e fantasmagórica à minha frente, sentia-me em um terreno instável. Será que ela estava chapada? Eu nunca saberia a verdade, mas queria a verdade que via sendo construída na ponta da língua dela.

— Ele te deixou?

Ela assentiu.

— Quase um ano atrás.

Eu senti alívio, e minha amiga sentiu angústia, o que ficou claro em nossos rostos.

— Eu não entendo. Por que você agia como se ainda fosse casada?

— Porque eu era — disse ela, severamente.

Eu senti aquele golpe até nos dedos dos pés.

— Não é por isso que estou aqui. Não é — ela recuou.

— Então, você nunca tentou resolver as coisas?

— Fui criada para manter as aparências — disse ela em um tom abafado. — Eu era uma atleta olímpica, por isso nunca adotei o nome de Cameron quando nos casamos. Eu era a menina de ouro, lembra? Não queria admitir que meu marido me deixou.

Eu balancei a cabeça, embora a ironia não tivesse passado despercebida por mim por ela não se parecer com uma esposa amorosa pela forma como o tratava. Ela não mantivera aparência *alguma*. Seu vício não a tornava nada menos que um monstro.

Ela pareceu ler meus pensamentos.

— Só não me tornei uma adulta de ouro. Eu cometi muitos erros.

— Todos nós cometemos, Kat. Eu poderia ter te ajudado.

Ela me deu um sorriso cansado:

— Enquanto meu marido se apaixonava por você?

— Deus, o que diabos eu acabei de dizer? — Mortificada, abaixei minha cabeça.

— Está tudo bem, você sabe — disse ela descendo os degraus. Parecia estoica em sua postura, após anos de prática. Eu parecia mais pesada, apoiando-me no parapeito. — E todas aquelas vezes que você falava com ele no telefone?

— Ele estava sempre falando de divórcio, me implorando para libertá-lo. Mas eu queria puni-lo.

— Por quê? — perguntei pensando na beleza de Cameron e me perguntando como ela conseguia tratá-lo de forma tão vil.

— Por ser tudo o que eu não era — ela disse com uma voz trêmula. — Eu estava com raiva. Estava ressentida. E magoei-o de uma maneira que nenhuma mulher deveria machucar um homem — admitiu. Meus olhos se voltaram para os dela. — De todas as maneiras que você pode imaginar — acrescentou, mas não deu mais detalhes. Mas não precisava, compreendi tudo. O que me fez me sentir doente.

Eu não iria deixá-la escapar tão facilmente.

— Você o *feriu*?

Ela engoliu em seco, baixando os olhos.

— Sim. E ele merece alguém como você, Abbie. Alguém com tolerância que nunca poderia machucá-lo como eu. Que nunca poderia falar com ele do jeito que eu falei. Eu não quero que você use isso contra ele. A maneira como eu o tratei — ela engoliu em seco novamente — é imperdoável.

A raiva correu por minhas veias, mas tudo o que eu podia fazer era sentir pena dela.

— Por que você está me contando isso?

— Porque talvez Cameron não o faça, e ele merece um pouco de compreensão. E talvez não seja fácil, para você, recuperá-lo do que eu fiz, mas se alguém for capaz de fazer isso, será você.

— O que ele é que você não é? — perguntei enquanto ela fungava e limpava o nariz. Era como se o peso do que estava me dizendo finalmente a tivesse atingido, e ela acabou tropeçando um pouco nos calcanhares. Estendi minhas mãos e eu a peguei. — Kat! Você está bem?

— Sim — ela disse fracamente, desvencilhando-se das minhas mãos. — Estou com dor de cabeça e não comi hoje — disse com

desdém. Não acreditei nela nem por um segundo. — Kat, eu posso ajudar.

Os olhos dela se estreitaram.

— Entre na fila, senhorita Conserta Tudo — ela retrucou, usando as coisas que eu disse a ela contra mim. — Não vamos por esse caminho — avisou com uma pitada clara de gelo em sua voz. Estava definitivamente entorpecida e, pela primeira vez, enxerguei o que Cameron via. Mordi minha língua e assenti. — Posso te ajudar a chegar em casa, pelo menos?

— Não — ela disse com o movimento da cabeça. — Não é por isso que estou aqui. Você precisa da minha ajuda, eu não preciso da *sua*.

— Eu não teria tanta certeza disso — disse, com minha própria amargura. — Kat, você parece péssima. — E bonito. Mas ela estava mesmo um desastre e nós duas sabíamos disso. — Se você está se sentindo mal, eu posso...

— Droga, me escute. Vou resolver minhas merdas. Estou aqui para falar sobre Cameron.

— Bem, eu não preciso de suas garantias, sei por quem me apaixonei. E realmente o que te dá o direito? Você esquece que ouvi o jeito como você falava com ele. Eu ouvia.

Algo próximo a remorso cobriu suas feições cheias de culpa antes que ela erguesse os ombros.

— Tudo bem — ela retrucou antes de passar por mim e caminhar em direção ao meu portão.

Insatisfeita, balancei a cabeça.

— Espere, Kat, espere — eu disse, alcançando-a assim que ela passou e fechou o portão atrás dela.

— Agradeço por você ter vindo, mas estou preocupada. Sinto-me culpada e nem sei como abordar isso. Diga-me como fazer isso, Kat, diga-me como posso te ajudar.

— Você não pode. — Ela olhou para mim e agarrou minha mão com força antes de soltá-la. — Só... ame-o como eu não consegui. Cuide-se, Abbie.

Eu a encarei, recuando, enquanto eu subia meus degraus e me sentava na minha varanda tentando processar tudo. O sol estava se

pondo lentamente enquanto mais um dia sem ele passava.

— Ei, Abbie — a Sra. Zingaro me cumprimentou enquanto checava a caixa de correio do lado de fora da porta em seu traje habitual. Ela lentamente folheou os envelopes enquanto eu olhava para Kat. — O mesmo lixo velho — Jenny bufou.

Em minha mente, me perguntava o quanto de Cameron ainda existia e quanto restava de Jefferson. Perguntava-me se, de alguma forma, os dois haviam se fundido no homem por quem me apaixonei. Eu não conhecia Jefferson. E ainda estava sofrendo com o fato de que o mesmo homem do qual Kat zombava era o mesmo que eu admirava. Talvez essa fosse sua maior confissão. Não que ele tivesse um casamento fracassado, mas que era vítima de sua ex-esposa. O tratamento que recebeu foi vil, cruel, intolerável.

Havia uma linha tênue entre manter sua dignidade e nossa queda. Eu não aguentava pensar nele se escondendo. Mas me encolhi ao me lembrar da maneira como Kat sorria para mim quando desligava o telefone com ele. Era uma vitória sarcástica que eu via.

Eu não era uma mulher melhor porque Luke me deixou aterrorizada e desconfiada. Eu era diferente, claro, menos confiante, isso era um fato. Mas eu não tinha desistido de viver. E pelo que eu sabia do homem que conheci, ele também não, apesar dos problemas mais profundos. Teve um casamento de merda, um que manteve escondido. Não havia nada de sutil nisso. Era um obstáculo evidente, e ele, de alguma forma, esperava que eu o perdoasse, apesar da gravidade da situação. Talvez ele nunca tivesse esperado que nos tornássemos tão sérios. Mas, novamente, eu também não.

— Outro cobrador escreveu meu nome da maneira errada — Jenny entrou na conversa enquanto eu murmurava em acordo.

Cameron derrubou nossas barreiras antes de nos conhecermos. Sozinhos e à nossa maneira, brigamos com vontade e nosso desejo de nos dar uma chance venceu. E quando as coisas desmoronaram, eu fugi de suas cicatrizes em vez de acariciá-las com as pontas dos dedos em admiração. Esse é o tipo de amor que eu esperava, então por que não o dei? Não importava que cruz ele tivesse carregado,

ela o ajudou a evoluir para o homem que eu amava e que me amava.

— Acho que não tenho que pagá-las.

— Perdão? — eu disse, olhando para ela.

— Eles escreveram meu nome errado, eu disse que não tenho que pagar a conta.

— Não é exatamente assim que funciona, Jenny — eu disse, distraidamente.

— Não, mas tentar escapar, do ponto de vista técnico, representaria bem o meu nome.

Eu fiz uma careta.

— Não estou entendendo.

— Zingaro significa cigano em italiano. Eu lhe disse isso quando nos conhecemos, quando brinquei que não iria pagar o aluguel.

Diga à sua vizinha cigana que eu disse olá.

— Você esqueceu. Tudo bem, querida, foi há muito tempo.

Meu queixo caiu.

— Abbie. Você está bem?

Olhei para Jenny e assenti. Eu estava muito longe de estar bem.

As palavras de Bree me atacaram a seguir.

Eu não acreditava em destino.

Jenny me analisou de onde estava.

— Ok, bem, se você ficar com fome, tenho algumas coisas no freezer — disse ela antes de voltar para casa e fechar a porta enquanto eu permanecia atordoada.

Quantas provas eu precisava? Quanto mais ele poderia ter me mostrado? Cameron se provara de todas as maneiras. Antes de descobrir sobre Kat, eu tinha total fé nele, porque conquistara minha confiança. Eu acreditei em tudo, porque ele se certificou disso.

Não é tão difícil de acreditar em mim, é?

Meus olhos se inundaram quando meu coração afundou no peito.

Ele não me pediu nada além de que eu o amasse de volta.

Ele nunca me manipulou ou usou minhas palavras contra mim. Por que eu estava punindo nós dois por conceitos errados quando nunca sequer perguntei? Quando me recusei a deixá-lo se

confessar. Eu me recusava a deixar que sua tentativa de honestidade fosse suficiente para amortecer o golpe. Entrei em erupção quando ele me implorou.

Abbie, eu não tinha ideia do que aconteceria conosco. Você tem que acreditar que eu não sabia que era você que eu estava procurando. O que temos significa tudo para mim. Eu não esperava isso.

Ao esconder nossos passados e com a confissão de Kat, percebi que desencadeamos os maiores medos um do outro em segundos. Ele se transformou em alguém que eu não reconheci bem diante dos meus olhos enquanto eu o machucava da mesma maneira que Kat fizera.

Tínhamos nos ferido, apesar de nossas advertências. Será que isso nos fez ficar piores, voláteis ou apenas vulneráveis?

Ou nos tornou humanos.

— Jesus, Cameron, o que fizemos? — Eu disse enquanto corria em direção ao trem.

Eu o tive. Eu o encontrei, tive o amor que sempre invejei. E eu perdi pela minha insegurança e medo, e ele fez o mesmo. Será que sabia disso? Será que percebia isso? E por que ele não estava aqui lutando por nós, por mim?

A resposta foi clara. Ele desistiu.

E eu lhe dei todos os motivos.

Pânico absoluto me dilacerou conforme, pela primeira vez, eu corria pela minha vida.



Vinte e Nove

Cameron

Ao passar por uma das estátuas gêmeas de leão, subi os degraus do Instituto de Arte. Eu não sabia o destino da noite, mas o que eu sabia era que Abbie estendera a mão, e eu não negaria a ela a chance de dizer o que queria me dizer. Mas deixou claro, com o seu silêncio, depois das minhas tentativas de falar com ela, que não queria porra nenhuma comigo. E eu não queria que ela fosse outra vítima da minha ex-esposa. Eu a queria o mais longe possível da mágoa que causei com a minha decepção. Ela merecia mais. Kat acabara de assinar os papéis do divórcio naquela manhã. Billy conseguiria o resto. Eu logo seria um homem livre.

Vá se foder, vida.

Na bilheteria, não pude evitar meu sorriso, pois a atendente me perguntou se eu estava lá para a exposição de chuva. Balancei a cabeça com um sorriso irônico e esperei enquanto ela entregava

meu cartão de crédito e meu ticket de volta. Desamparado, olhei em volta procurando sinais de cabelos longos e beijados pelo fogo, e olhos azuis brilhantes. Senti tanto a falta dela que meu peito gritava e minha cabeça latejava. Era algo físico e mental.

Abbie se tornou parte da minha vida; sem ela eu cambaleei, como se a vida nunca tivesse existido antes de nós dois. Mesmo que aquilo fosse uma despedida, eu precisava vê-la novamente. Mas meu medo era que ela não visse o mesmo homem quando olhasse para mim.

A água jorrava do teto em todas as formas, enquanto eu caminhava pela porta de vidro para a exposição. Meu coração batia imitando a chuva que escorria pelas múltiplas instalações que preenchiam o espaço. Uma cachoeira multicolorida caía aos meus pés quando o cheiro de água fresca atingiu meu nariz. Era nostálgico e doloroso ao mesmo tempo. Vaguei sem rumo e fui interrompido quando vi uma grande fotografia com uma chuva pingando de ambos os lados e um pequeno spray em cascata sobre a foto.

O título era "Minha casa".

Foto tirada por Nancy Gorman.

Mãe de Abbie.

Eu li as informações.

Em dois mil e quatro, um tsunami decorrente de um terremoto varreu a Tailândia e treze outros países matando mais de 230.000 pessoas. Fotografado aqui está um jovem garoto banhando um elefante na chuva que foi coberto depois. Quando Nancy perguntou ao garoto onde ele morava, ele orgulhosamente apontou para a cabana na foto ao lado do animal e disse: "Minha casa". Nancy ganhou o Prêmio Pulitzer por seus esforços humanitários para angariar fundos com esta fotografia. Esta foto também é apresentada no Museu de Arte Smithsonian. Copyright 2004 Nancy Gorman.

Eu fiquei sem palavras enquanto olhava para a fotografia que parecia saída do filme do Mogli. Senti-me inexplicavelmente atraído por ela, como eu imaginava que a maioria das pessoas deveria ficar quando a viam pela primeira vez. O garoto trabalhava na lama que cobria a pele do elefante, enquanto a chuva trovejava sobre os dois quando a foto foi tirada.

Foi nesse momento que me senti convencido de que Abbie havia feito a mesma coisa por mim. Ela limpava anos de detritos que havia em mim, me limpou com seu amor e, ao fazê-lo, me libertou da decepção e da perda. E eu a recompensei traindo sua confiança.

Mas talvez houvesse uma maneira de nós apenas... seguirmos em frente. Talvez, com a perspectiva correta, pudéssemos nos livrar do que nos maculou, das mentiras que contamos a nós mesmos e ao outro, e deixarmos tudo isso para trás. Com Abbie, eu poderia. Eu tinha que fazê-lo. Sabia que era possível. Se ela pudesse me olhar como antes. E, talvez, o poder de fazer isso fosse um ato tão simples quanto esconder o passado. Foi assim que começamos.

Pela primeira vez na minha vida adulta, apreciei a chuva, porque Abbie *era* minha chuva. Ela me inundava de esperança.

— Minha mãe é um gênio atrás das câmeras — ela falou atrás de mim. Cerrei os punhos tentando manter minhas emoções sob controle. — De alguma forma, conseguiu tirar essa foto com uma perna quebrada. Ela tinha cinquenta anos e foi uma viagem de aniversário. É irônico, não? Ela sobreviveu a um dos piores tsunamis da história e estava lá, no momento exato, para tirar essa foto e compartilhá-la com o mundo. Ela me disse que, quando viu esse garoto lavando este elefante, ajudou muito a apagar todas as coisas horríveis que viu como jornalista fotográfica de carreira. Isto renovou seu senso de humanidade quando mais precisava. Ela quase desistiu. É incrivelmente talentosa e criou Oliver e eu para acreditarmos que poderíamos ser tão extraordinários quanto ela, mas eu não sou. Simplesmente não sou. Oliver é um médico brilhante, embora seja um babaca. Em suma, ele é meio idiota.

Só pude concordar.

— Ele é bom em ser médico. Esta é a verdade sobre ele. Mas tenho procurado algo para ser boa em toda a minha vida. Cameron

— ela sussurrou, sua voz soando como um apelo. — Por favor, olhe para mim.



Abbie

Meu corpo transformou-se com uma mistura de nervos e emoções quando ele não se mexeu. Mas continuei, com muito medo de parar. Ocorreu-me, então, que, em todas as nossas conversas, Cameron nunca dissera uma palavra que indicasse que sua infância era qualquer coisa, menos típica, se não saudável e dentro da normalidade. Ele colocava a mãe em um pedestal alto, e ele respeitava e amava o pai.

Nós tínhamos isso em comum.

Nunca, em meus sonhos mais loucos, o vício e o abuso poderia ter afetado a vida que Cameron tinha vivido ou a que compartilhamos. Estava tão longe de ser quem éramos como casal. Era o tipo de coisa que acontecia com outras pessoas, muito parecido com o que acontecera entre mim e Luke.

Ao observar seu corpo forte e atlético, ninguém poderia acreditar que ele era um marido espancado, isso era inacreditável. Pela força que sempre demonstrou, pelo quanto se importava comigo, era inconcebível. Mas a realidade era outra. Eu precisava, de alguma forma, romper a mim mesma, para mostrar a ele que estava tudo bem ser ambos os homens comigo. Aquele que sabia mostrar força e fraqueza, e para que ele soubesse que eu o amaria da mesma forma, não importava o que acontecesse.

— Eu não sou nada de especial e tudo bem por isso. Não como Bree, com todos os seus talentos. Sempre tentei me adaptar a algumas das maneiras dela para me tornar mais interessante, para ser um pouco mais aventureira. Aprender a dançar do ventre ou ir a um dos safáris que frequentou, mas esta é a Bree. Isso faz parte do

fascínio dela. Eu... Bem, estudo o comportamento de serial killers, janto regularmente com uma pessoa de oitenta e seis anos e trabalho com números. O que me deixa animada é tão complicado que tenho dificuldade em me explicar para os outros. Mas para você, não. Eu nunca tive que me explicar para você. — Ele ficou parado como uma estátua enquanto eu falava às suas costas. — Eu posso contar — minha voz falhou quando eu engasguei com um soluço ameaçador. — Posso dizer quantas xícaras de café compartilhamos. Cinquenta e seis. Ou quantas vezes você me disse que eu era bonita. Vinte e duas vezes você me disse isso, vinte e duas vezes me fez sentir como a vida fosse celestial. Posso dizer quantas vezes você me beijou e tocou no meu corpo, e juro que não foi o suficiente. Por duas vezes você disse que me amava — eu estava chorando baixinho às costas dele. — E nas duas vezes eu senti que poderia ser eu mesma e nada mais, porque era suficiente para você. Foi a melhor coisa que eu já senti na minha vida.

Minhas lágrimas caíram livremente enquanto eu sentia meu coração sangrando, estendido para ele. Ele não me dava nada, nem uma palavra ou um único movimento, mas isso não me impedia de lutar.

— Eu fiz uma única promessa a você, então terei que cumpri-la. Mas eu queria deixar claro o que aspiro ser e o que não sou. O que eu talvez nunca seja. Mas sei reconhecer algo especial. E você tem. Seja o que for que torna uma pessoa... *especial*. Não vencerei o Pulitzer e não sei dançar a dança do ventre, mas posso fazer algo muito melhor do que qualquer mulher. Eu posso te amar. — Ele se encolheu quando minha voz falhou. — E eu posso tratá-lo da maneira como você merece ser tratado. Estarei ao seu lado toda vez que precisar de mim. Serei sua melhor amiga. Eu posso te amar, Cameron. Você é a coisa na qual eu sou boa. Ser sua. E juro por Deus que nunca mais vou te tocar com raiva, nunca mais.

As pessoas começaram a passear pela exibição, então eu respirei fundo e me recompus. Eu mal o ouvi quando ele finalmente falou.

— Quem te contou?

— Ela.

Seus ombros caíram, e ele abaixou a cabeça.

— Você precisa saber que Kat acabou de sair de minha casa, mas eu enviei a mensagem para você me encontrar antes que ela chegasse à minha porta. Eu estar aqui não tem nada a ver com a confissão dela.

— Não sinta pena de mim, Abbie, não é isso que eu quero.

— Eu não estou sentindo. Ok, isso é mentira, estou, sim. Mas não consigo controlar esses sentimentos. Não consigo controlar nenhum sentimento quando se trata de você. E eu não quero. Cameron, por favor, olhe para mim.

Sua voz era um sussurro.

— Me perdoa.

— Sim, é o que estou dizendo que...

— Não — ele se virou, com lágrimas não derramadas nos olhos.

— *Me* perdoe. Como você pode me perdoar por foder algo tão perfeito, porque eu, de forma egoísta, deixei que isso ficasse entre nós? Mas como eu pude...? — Ele engasgou com sua própria emoção. — Como eu pude te dizer que poderia ser o homem para você, Abbie? Não consegui salvar o meu casamento. Fui egoísta, desisti. Parei de amá-la e comecei a amar você, e não me arrependo. Mas eu a deixei se destruir porque estava cansado de tentar. Eu queria seguir em frente sem ela. Eu a odiava, Abbie. *Ainda* a odeio. Como você pode sentir alguma coisa por mim?

— Sinto *mais* exatamente por causa disso. Eu quero mais para você. Como isso pode ser errado? E se estou sentindo um pouco de pena, me desculpe, você terá que lidar com a vulnerabilidade, da mesma forma como vou ter que lidar com a sua desonestidade.

Ele olhou ao nosso redor e abaixou a voz quando um casal passou, sentindo nossa tensão.

— Eu ia te contar tudo. Naquela noite.

— Era tarde demais. E, em vez de acreditar no melhor de você, magoei-o de uma maneira que você pode não ser capaz de me perdoar. Mas mesmo se uma parte de mim pensasse o pior e agisse, meu coração nunca me deixaria esquecer que escolhi você, não porque é o homem perfeito.

Seus olhos, dois oceanos tumultuosos, analisaram meu rosto.

— Mas só para você saber, você e eu, somos tudo.

Ele fechou os olhos com força e duas lágrimas finas escorreram por seu rosto e roubaram meu ar. Era errado, tudo parecia errado nele. Aquele não era o homem despreocupado por quem me apaixonei, que tinha a força das montanhas que naquele momento residiam em seus ombros. A necessidade de voar até ele era insuportável enquanto eu me mantinha onde estava.

Dei um passo à frente quando ele olhou para mim com desespero.

— Eu só quero a gente de volta, Cameron. Estou escolhendo acreditar em você. Se isso me torna uma tola ou suscetível aos olhos de alguém de fora, deixe-me ser tudo isso. Mas não dou a mínima para o que alguém pensa. Estúpida, ingênua, seja o que for, eu não acredito nisso e não acredito nos segredos que você escondeu. Eu conheço você, Cameron, talvez nem todos os detalhes do seu casamento fracassado ou coisas triviais que realmente não vão mudar nosso relacionamento de uma maneira ou de outra, mas sei quem você é, e eu te amo.

— Abbie — sua voz soava grossa, cheia de uma agonia que combinava com a dor no meu peito. Eu tremia com a necessidade de tocá-lo, voar em seus braços e apagar os dias sem ele. Eu me odiava naquele momento por perder um único minuto, mas não era a única responsável.

— Eu nos quero de volta. Mas mereço o homem que me perseguiu com boas intenções e um coração aberto. Eu o mereço porque esse é o homem que quero amar. Se ainda resta algo dele dentro de você, esse é o homem que estou esperando. Ele não queria desistir, e eu também não, porque ele me faz feliz, incrivelmente feliz. Ele torna minha vida muito melhor, me conhece. Você me pergunta como posso te perdoar? Pergunte ao meu coração que se recusa a me deixar guardar esse rancor. Eu te amo muito. Escolho a felicidade mais que a amargura, *agora e sempre*, com você. Sempre. Eu não quero ficar sem você, nunca. Todos nós morremos sem nada, Cameron, se estamos sozinhos, todos acabamos sem nada. Não há sentido em tentar vencer uma luta já perdida.

— Sinto muito — ele sussurrou.

— Eu sei — eu disse, com minha voz cheia de dor. — Por favor — eu disse em um sussurro —, por favor, não demore muito.

Afastei-me porque seria muito fácil me jogar contra ele e implorar para que me amasse, porque eu sabia que ele me atenderia. Ele me aceitaria e alimentaria minhas necessidades, porque ele me amava o suficiente para isso.

Mas eu queria que ele entrasse novamente no nosso relacionamento com o coração aberto de quando o conheci. Era a minha própria condição egoísta.

Com Cameron, eu estava jogando para valer.



Trinta

Cameron

Olhando através do meu reflexo do café na vitrine, eu a vi sentada à sua mesa. Suas mechas ruivas caíam sobre o ombro enquanto ela mordia o lábio inferior carnudo – um hábito que eu amava –, enquanto digitava.

— Ei, Cameron — Bennie falou enquanto eu a olhava através do vidro. — Está vendo algo de bom lá dentro?

Meus lábios se curvaram em um sorriso.

— De onde você surgiu?

— Eu estou em todos os lugares. Ultimamente tenho visto você muito menos. Finalmente largou a garrafa e, se sim, por que não a trouxe para mim?

Nós sorrimos um para o outro.

— Eu não estava assim tão mal.

— Você cheirava pior do que eu.

Peguei minha carteira, e ele me dispensou.

— Estou bem.

— Abbie?

— Ela cuidou de mim. É boa gente. — Bennie se levantou. —
Vejo você por aí?

Eu olhei de volta para a cafeteria.

— Acredito que sim.

— Eu tenho um bom pressentimento de que vocês dois vão ficar bem. Cuide dela.

— Obrigado, Bennie, eu vou — disse distraidamente, ainda focado em Abbie quando a campainha da porta tocou ao meu lado. Engolindo meus medos, agarrei a maçaneta antes que ela se fechasse e dei um passo para dentro.

Em frente a uma parede de xícaras, fiquei parado por um tempo. Eu tinha muito a dizer, mas sabia que não poderia ser transmitido com um maldito slogan da Hallmark. Precisava que ela soubesse que eu estava lá como o homem que a conheceu. O homem que queria fundir minha vida com a dela. Sem dúvida, queria que soubesse que era minha prioridade, não o meu orgulho ou minhas necessidades egoístas. E assim que dissesse isso a ela, queria que soubesse que respeitaria sua decisão.

Tudo o que aconteceu entre nós até o momento em que nossas fraquezas colidiram coincidiu com as necessidades do meu coração. Mas, independentemente das palavras que ela falou no museu, sobre não precisar saber de tudo, eu queria contar a ela. Não porque queria sua pena, porque eu já a tinha e a odiava. Mas porque ela merecia a verdade. E eu era escravo do seu amor.

Podia ter começado comigo e com minha névoa egoísta, por minha necessidade de acreditar em algo melhor para mim, mas ela sempre viria primeiro.

Eu cometi um erro com a mulher para quem prometi um para sempre.

Eu quase cometi a porra do mesmo erro com a mulher que merecia essa promessa.

Eu precisava crescer, e era hora de quebrar o padrão, independentemente do resultado.

Eu escolhi minha xícara e caminhei até a mesa velha e gasta. Abbie estava sentada digitando, com seus fones de ouvido, enquanto se movia sutilmente com a batida de sua música. Eu soube o momento em que ela sentiu minha presença, porque foi quando congelou, e seus olhos encontraram os meus enquanto eu me sentava e abria meu Mac.

Em seus brilhantes olhos azuis, vi uma mistura de alívio e medo. Prendi o olhar dela enquanto digitava com o coração na garganta.

Mac de Cameron: Olá.

Ela mordeu o lábio, o queixo tremendo enquanto digitava de volta.

Mac da Abbie: Olá.

Lágrimas encheram seus olhos e caíram, e precisei me esforçar muito para não ir até ela.

Mac de Cameron: Por favor, não chore.

Mac da Abbie: Desculpe. Eu não posso evitar. Estou com medo.

Mac de Cameron: Não tenha medo. Por favor, não tenha medo de mim.

Mac de Abbie: Não tenho medo de você.

Mantivemos nossos olhares por um bom minuto enquanto suas lágrimas caíam.

Mac de Cameron: Eu te amo. Não importa o que aconteça. Você sabe disso, certo? Nada pode roubar o que tivemos de nós. O que tivemos foi intocável. OK?

Mac da Abbie: Ok.

Não havia como entrar naquela conversa de ânimo leve. Foi aquele o peso que evitamos por muito tempo. Eu não queria perder mais tempo.

Mac de Cameron: Kat era ginasta quando jovem. Ela te contou isso?

Abbie assentiu, e eu tive que desviar meus olhos para continuar.

Mac de Cameron: Ela tinha hérnia de disco e, durante anos, sentiu dores constantes. Depois que finalmente precisou fazer uma cirurgia, começou a tomar remédios para dor e tornou-se viciada. Seu vício surgiu do nada. Pelo menos foi o que pensei. Antes da cirurgia, tínhamos um casamento decente e uma vida boa. Não queríamos nada e estávamos conversando sobre ter o nosso primeiro filho. Não posso dizer que fomos felizes, porque sei como é ser feliz agora, com você. Mas na época eu não teria adivinhado. Olhando para trás, talvez ela estivesse infeliz porque os remédios pareciam preencher um espaço que eu não podia. No começo, ela tentou esconder isso de mim. E, então, quando parou de tentar esconder seu vício, tudo mudou.

Abbie assentiu para mim em encorajamento.

Mac de Cameron: A primeira vez que a confrontei foi a primeira vez que ela atacou.

Abbie assentiu e enxugou o rosto enquanto olhava para a tela. Eu sabia que ela estava com medo que eu visse a pena em seus olhos. Mas tudo o que eu queria era entendesse.

Mac de Cameron: Eu tentei tudo que pude. Ela não queria minha ajuda e deixou claro que não queria ficar limpa. Finalmente dei um ultimato e o mantive, deixando-a. Ela nunca fez nada para mudar isso. Não parei de tentar ajudá-la nem quando saí, e ela não parou de se destruir. Eu a pegava procurando os remédios por todas as piores partes da cidade. Congelei seus cartões de crédito, fiquei de olho nela por vinte e quatro horas. Quase perdi meus negócios seguindo minha esposa por toda Chicago para obter remédios controlados. Ela era uma viciada, mas sua vida continuava, então ninguém estava preocupado, nem mesmo seu pai, com quem tentei repetidamente entrar em contato. Foi um maldito pesadelo. Numa manhã, acordei e tudo o que nos restava em comum era o vício dela. Não nos tocamos durante o ano inteiro antes de eu sair de casa.

Mac de Abbie: Ela te machucava muito?

Mac de Cameron: Com demasiada frequência ao ponto de ser desconfortável falar sobre isso. Acho que fiquei principalmente em choque. Ela não era nada parecida com a mulher com quem me casei e nunca lidei com nada assim antes. Algumas brigas quando eu era mais jovem. Fui a uma terapeuta, mas Kat se recusou a participar.

Abbie assentiu como se já soubesse. Eu não tinha ideia do que minha ex-mulher dissera a ela.

Mac de Cameron: Sinceramente não sei se foi tudo por causa das drogas, agora que olho para trás. Na maior parte do tempo, ela tinha um temperamento de merda, mas nunca atacou dessa maneira. Eu acho que o pai dela sabe algo mais sobre isso e os dois nunca compartilharam comigo. Na noite em que você descobriu, entreguei o destino dela a ele. Eu queria me libertar dela para poder ficar com você. Fui egoísta, sim. A cada minuto. Deixei minha esposa viciada em drogas para salvar a minha própria vida. Para encontrar outro motivo para ser feliz, para encontrar você. Eu estava cansado de viver em seu pesadelo. Eu sacrifiquei seu bem-estar pelo meu.

Mac de Abbie: Isso não é verdade, Cameron.

Mac de Cameron: Sim. Na saúde e na doença. Ela ficou doente, e eu só passei um ano tentando ajudá-la antes de abandoná-la. Não posso dizer que não faria da mesma maneira novamente. Essa é a verdade.

Engoli em seco.

Mac de Cameron: De certa forma, eu acho que sabia que nosso relacionamento explodiria na minha cara. De alguma maneira idiota, acho que mereci. Eu deveria ter me sentido culpado por estar tão feliz com você enquanto ela ainda lutava com seu vício. Eu não poderia te culpar agora, se você não conseguisse mais confiar em mim. E não sei como mudar isso. Eu nunca quis que você soubesse. Estou quase certo de que teria

escondido essa parte de você. Provavelmente. Eu acho que... Porra, eu não sei se isso é verdade. Mas eu nunca deveria ter mentido sobre o fato de ainda ser casado.

Ela respirou fundo enquanto lia e relia minhas palavras, balançando a cabeça.

Mac da Abbie: Não.

Mac de Cameron: Você tinha todo o direito de ficar com raiva. Eu sou o cara mau, Abbie. Nesse cenário, eu sou o bandido.

Ela balançou a cabeça, recusando-se a acreditar em mim.

Mac de Cameron: Desta vez eu sou. Nesta rodada, fui eu quem se omitiu para poder chegar ao seu coração e à sua cama.

Eu vi o rosto dela empalidecer quando balançou a cabeça com firmeza.

Mac de Cameron: Sim. Eu me escondi atrás das suas regras, então tive uma chance com você. Fiz todas essas coisas. Mas amar você nunca foi uma mentira.

Mac de Abbie: Você nunca me machucaria propositalmente.

Mac de Cameron: Eu te machuquei, eu te assustei. Naquela noite, em sua casa, eu te assustei.

Mac de Abbie: Você nunca me machucaria.

Mac de Cameron: Machuquei. E eu fiz isso tentando me salvar.

— Isso é besteira — disse ela enquanto fechava o Mac e o enfiava na bolsa. Enxugou o rosto com as mãos manchadas das lágrimas que eu causei e encontrou meu olhar enquanto pegava suas coisas e saía da cafeteria.

Atordado, corri atrás dela.

— Abbie — eu a alcancei alguns passos fora do café. — Abbie! Droga! Está acontecendo. Estamos tentando. — Ela andou para frente, e eu a peguei pelo braço. — É sério. Eu não vou a lugar algum. Apenas me diga o que você quer.

Ela virou-se para mim.

— Oh, nós estamos tentando? Sério, Cameron? Você tem certeza disso?

Eu olhei para ela, confuso, quando ela olhou para mim com desprezo.

— Não acho que você esteja *tentando*.

— O que você está dizendo?

— Você quer bancar o vilão em vez de vítima? Tudo bem. Mas, a menos que você consiga admitir que foram os dois, não iremos a lugar algum.

Choque me inundou quando ela me desafiou. Fiquei de queixo caído quando me pegou na minha última mentira. Eu não conseguia desviar o olhar da mulher que amava. Seus olhos dominantes me prenderam naquele fogo azul e, de certa forma, eu me senti purificado. Nunca estive tão vulnerável na minha vida. Cada trunfo que eu tinha estava exposto a seus pés, toda emoção que sentia, refletida em seus olhos. Eu não tinha para onde ir.

Ela pressionou, enxergando-me por completo.

— Chega de segredos, Cameron, e chega de se esconder. Ela é a porra da vilã. Ela machucou você física e mentalmente e não está sendo punida por isso. Especialmente não por você.

— O que você quer? — eu disse enquanto sentia ácida correr pelas minhas veias.

— Eu quero a verdade.

— Você quer que eu admita ser a vítima? Tudo bem. Eu sou uma vítima, mas nunca foi por escolha, e lutei para sair desse inferno sozinho, então acho que tenho direito a um pouco de discrição. Nenhum homem no mundo quer admitir algo assim. Ninguém no mundo quer falar sobre algo assim, Abbie.

Olhei em volta da calçada e descobri que estávamos sozinhos.

— Você acha que eu queria que você soubesse que ela me batia, que *visse* isso?

— Eu vi da mesma forma. Eu vi, mas simplesmente não sabia o que estava vendo! E posso te dizer agora, nunca vou conseguir esquecer. Ela te machucou. Você acha que é menos homem por causa disso? Isso só a torna uma covarde. Você ainda é um homem, Cameron. E você ainda vai sangrar, por mais forte que seja. *Ela* é a porra da vilã da história, não você. Só me diga que sabe disso.

Minha garganta se encheu de ácido, e eu lentamente assenti.

— Você não precisava mentir para mim.

— Eu sinto muito. Mas tive minhas razões. Você as viu. Elas estavam escritas por todo o meu rosto. Tive que proteger minha felicidade, mas o que tive com minha mãe eu perdi e o que pensei que tinha com Kat foi arrancado de mim. Então, me desculpe, se eu menti pra você. Não deveria ter feito isso. Mas terminei com ela há muito tempo. Você não era a única com medo de máscaras, Abbie. Nem pela porra de um segundo.

Ela assentiu e olhou para o chão abaixo de nós.

— Meu ex, Luke... — ela começou.

— Eu sei — interrompi.

— O quê? — ela disse em um sussurro.

— Seu irmão — eu disse, conectando os pontos.

— Eu sei.

Ela engoliu em seco.

— Quando?

— A noite do casamento de Bree. Ele me encontrou no bar. A Sra. Zingaro também. Ela deixou escapar numa noite depois que você subiu as escadas. Disse que ele atacou você e seu filho o deteve.

— Eles não poderiam ter feito isso — disse ela, apertando a bolsa.

— Eu não tinha certeza se alguma vez ouviria isso de você.

A bile subiu pela minha garganta quando me lembrei da conversa com o irmão dela.

— Parece muito pequeno agora, de qualquer maneira — disse ela com cuidado.

— Não faça isso, não compare o seu problema com o meu. Não faça isso — falei, enfiando as mãos no casaco. — Conte-me, Abbie.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não *quero* reviver a situação. E não *preciso*. Já tive o suficiente disso. Me apaixonei e não era um relacionamento saudável. Se você sabe alguma coisa, sabe o suficiente. Ele era controlador e manipulador, e ele me assustou. Mas o problema é que superei isso sem você. E você me ajudou a acabar com o resto dos meus medos. Não quero nem preciso que conheça todos os detalhes e não preciso conhecer os seus, a menos que *queira* me contar. Foram apenas merdas que aconteceram conosco no caminho um para o outro. E se isso nos separar, eles vão vencer. Eu não queria admitir minha fraqueza por um homem que me usou tanto quanto você não queria me contar sobre Kat. E sei que você tentou. Eu sabia que não éramos invencíveis, Cameron. Temos muitas fendas em nossas armaduras. Eu sei disso, é a vida, mas com você me sinto muito mais forte. Naquela noite em que descobri sobre Kat, fiquei com medo quando você ficou chateado, mas, no meu coração, sabia que você nunca me machucaria. Não acredito nisso e nem nunca vou acreditar. Você simplesmente não é capaz. E não é que eu esteja feliz que isso tenha acontecido, mas, ao te amar, percebi que podia confiar em mim novamente. Luke se foi, você está aqui, isso é tudo o que importa. Eu só quero que você tenha certeza.

Engoli sua admissão como ela fizera com a minha e me esforcei para não fazer mais perguntas, especificamente o endereço do filho da puta. Quando Oliver me deixou no bar naquela noite, ele entendeu que a única coisa da qual não podia duvidar era que eu amava sua irmã.

Eu fiquei destruído por saber que ela fora tratada daquela maneira. Isso só alimentou minha cabeça com a noção de que ela estava melhor longe de mim. Mas era apenas uma besteira, e então ela me chamou.

Se eu queria que ela acreditasse, eu mesmo precisava acreditar.

— Eu sinto tanto a sua falta — eu disse, estudando o perfil dela sob sombras suaves do café. — Ficar sem você está me matando. Apenas me diga o que fazer.

Sua raiva desapareceu quando ela olhou para mim.

— Diga-me o que você quer, Cameron. Não me dê a resposta que você acha que preciso, apenas me diga o que você que deseja.

— Jesus Cristo — engasguei. — O que eu quero? Abbie, tudo que eu quero, tudo o que sempre vou querer, é você.

E naquele momento em que olhei para ela, acreditei que éramos absolutos.

Uma vida inteira de promessas girou na minha mente enquanto eu a olhava.

— Eu nunca vou esconder nada de você novamente — disse suavemente enquanto pegava o rosto dela em minhas mãos e fiz a primeira promessa aos olhos azuis cintilantes. — Sempre. E nunca mais deixarei você sem lutar, porque é o que você merece. Tudo o que você pensa que não é, posso te dizer agora que você é; para mim você é. E se você é boa em me amar, vou passar a vida toda esforçando-me para merecer esse amor. Quero isso com você até não poder mais respirar. Preciso que você se lembre disso quando as coisas ficarem difíceis. OK?

— Ok — ela concordou facilmente, como se estivéssemos fazendo planos simples para o dia seguinte, em vez de tomando decisões sobre o nosso futuro.

Ela tinha acabado de me devolver minha vida, minha felicidade, então eu assenti e dei um beijo em sua testa sem dizer nada,

enquanto meu coração gaguejava de alívio.

— OK.



Epílogo

Cameron

Com comida chinesa na mão, desci a Avenida Milwaukee enquanto o sol se punha. Passei pelas paredes de grafite e caminhei ao longo da linha do trem que guinchava enquanto tomava o caminho de casa. Segui por todo aquele pedaço, porque Abbie gostava do frio de Lo Mein, aquela esquisitinha. Sorri ao pensar na mensagem dela.

Eu: Jantar hoje à noite?

Bruxinha: Estou no clima para uma sopa agridoce e camarão. Eu te amo um montão.

Eu: Você está sendo piegas de novo, querida.

Bruxinha: Tudo bem, sem amor para você. Só traga a comida.

Quando eu era criança, nunca fiquei pensando no amor. Era apenas algo que eu sabia que acabaria tendo. Um empreendimento futurista que... eu conquistaria eventualmente ou quando fosse a hora certa. No momento da minha escolha, sempre presumi que o teria quando quisesse.

Eu nunca estive tão errado.

O amor, em todo o seu esplendor, é um pesadelo, se mantido isolado em uma linha do tempo. Você não tropeça no amor da sua vida e espera que as coisas funcionem a seu favor.

O amor, por sua definição, é uma mentira, sua verdadeira definição é trabalho e muito.

Também significa muito mais do que duas sílabas. É a representação de uma palavra de tudo que pode moldar ou quebrar uma pessoa. O amor é destinado apenas aos corajosos.

Quando eu era mais novo, eu não sabia que tinha amor. Tive o amor da primeira garota com quem transei no ensino médio. Lembro-me de senti-lo e descartá-lo. Eu tive o amor da minha namorada da faculdade, mas nunca retribuí seus afetos de verdade, sempre sabendo, no fundo da minha mente, que ela não era a pessoa com quem me casaria. Essa é uma dura verdade. Isso me torna um filho da puta, de certa forma. Eu abusei de suas afeições para meu próprio ganho pessoal e para passar o tempo.

A verdade brutal sobre minha ex-esposa era que eu me casei com ela porque a amava o suficiente e era o momento certo. Foi outra babaquice da minha parte. E ainda não consigo deixar de me perguntar se em algum lugar Kat também sabia, e que foi o isso que nos arruinou. Eu não a amava como deveria.

Em retrospectiva, estraguei tudo com minhas suposições sobre algo que nunca havia experimentado verdadeiramente. Sinceramente, sinto que poderia ter amado minha namorada do ensino médio. Mas nunca vou saber, porque foi assim que me ensinei a amar, pelo tempo e pela conveniência.

Com Abbie, o momento era certo e errado. Eu não tinha o direito e todo o direito de me apaixonar por ela. Não importava, porque era ela a quem eu deveria entregar meu coração.

Mas eu levei uma surra – por causa da minha arrogância e senso de direito – quando amá-la se mostrou diferente.

O amor dela era o que eu sempre desejei. Era um presente. E o verdadeiro amor é um milagre. E se você tiver sorte suficiente para encontrá-lo, jogue fora todas as suas noções preconcebidas e se apegue a ele com cada grama do seu ser, porque é implacável em sua ira, e, se você não tomar cuidado, vai te soltar o mais rápido que conseguir.

O amor quebrou a nós dois e nos recompôs.

Eu ia segurar meu amor por Abbie, com tanta força que chegaria a doer. E eu deixaria doer como um lembrete de como eu era sortudo por tê-la. Eu nunca encontraria outro amor como o que tinha com ela, não naquela vida.

E não iria mais me curvar à linha do tempo.

No dia em que meu divórcio, pedi a Abbie para se casar comigo.

Girei a chave e entrei em nosso apartamento.

— Abbie? — gritei enquanto olhava ao redor da sala. A TV estava ligada, e a bolsa e o celular estavam sobre a mesa de café, junto com uma sacola de farmácia. Subi para encontrá-la no banheiro.

— Abbie? — Bati na porta. — Você está aí, querida? Você se assustou assistindo *Tru-Crime* novamente? Eu te disse para parar com essa merda quando não estou em casa.

Eu podia ouvir sua risada atrás da porta.

— Nããão, entre.

Ela estava no meio do banheiro com um teste de gravidez na mão. Eu tinha certeza de que ela podia ver a surpresa nos meus olhos enquanto ela escondia o teste nas costas.

— Então — ela ergueu as sobrancelhas, animada. — O que você acha de filhos?

Boquiaberto, eu olhei sua aparência. Era o meu dia favorito – dia do lixo – e adorava quando ela se vestia assim. Sem um resquício de maquiagem, eu podia ver as fracas sardas sobre o nariz e tudo o que Deus queria que eu visse quando criou a mulher em pé na minha frente.

Cada parte dela é bela, toda curva e nuance. Do cabelo lambido pelas chamas de fogo às pontas dos dedos dos pés, eu amava tudo o que via. Eu não podia evitar o sutil curvar dos meus lábios enquanto enfiava as mãos na calça e me apoiava na porta na tentativa de manter minha cara impassível.

— Eu pensei que estávamos seguros.

Ela fez uma careta.

— Nós fazemos sexo, então sempre há uma chance. E fazemos muito sexo, então há muitas chances. Não me dê uma resposta ensaiada, me diga a verdade.

Assim como eu suspeitava, ela não permitiu que eu ficasse em silêncio em pé ao comandar minha atenção, de todos os seus um metro e sessenta e cinco. Ela não precisava de muito para isso, conquistou-a inteira no minuto em que eu a vi.

— Eu te amo — disse facilmente. A resposta para o resto da minha vida estava na palma da mão dela, literal e figurativamente.

Os olhos dela lacrimejaram quando ficou parada ali, instável. Eu sabia que qualquer resposta que eu desse teria a capacidade de partir seu coração, mas dei a verdade a ela, de qualquer maneira.

— Você sempre será a minha prioridade, sempre e para sempre, a menos que tenhamos um pedaço de vida que criamos juntos. Então ele ou ela terá que vir primeiro. Então, se você não se importar em ficar em segundo plano, eu vou conseguir ser pai. Mas prometo sempre fazer você se sentir em primeiro lugar.

Eu podia sentir toda a tensão reprimida em seus ombros abandonando-a enquanto ela falava.

— Bom, acho que você tem vários meses para montar um berço.

Ela voou em meus braços e me beijou profundamente na boca. Meu coração disparou com um novo tipo de sensação que me disse que eu tinha tudo a perder no mundo. Isso me assustou muito e me alegrou ao mesmo tempo. Beije o anel que cobria seu dedo delicado e segurei seus olhos azuis cristalinos.

— Baby — eu sussurrei.

— Baby — sussurrou de volta quando afastei a blusa de seus ombros revelando seus seios. Ela soltou um gemido quando inclinei-me e capturei um mamilo erigido na minha boca.

— Cameron — ela implorou enquanto eu tirava suas roupas rapidamente e a erguia para sentá-la na bancada.

— Quando você suspeitou? — perguntei quando afastei os joelhos e me coloquei entre eles.

— Semana passada. Meu estômago começou a se revirar de forma estranha e me senti enjoada por um segundo. Hoje de manhã, passei muito mal — ela respondeu, sua respiração acelerando enquanto eu massageava seu clitóris com os dedos.

Inclinei-me e beijei-a profundamente, e ela gemeu contra a minha boca antes de puxá-la para mais perto. Curvando-me, mordi a curva do ombro dela, e Abbie me agarrou. Amava a sensação de tê-la em meus braços, o jeito como ela se encaixava em mim. Minha mão desceu até a pele sedosa de seu abdômen e mergulhei para lambê-la. A cabeça dela se inclinou em direção ao espelho, e eu me ajoelhei na frente dela.

— Abbie — eu disse enquanto ela inclinava a cabeça para olhar para mim, seus belos azuis cheios de amor e promessa. — Este é o melhor dia da minha vida.

— Nada pode bater o dia de hoje?

— Eu sei que vai. Sei que vai acontecer — eu disse, abrindo suas coxas e pressionando meus lábios em sua pele macia. Arrepios irromperam quando ela agarrou meus ombros antes de eu começar a usar a minha língua.

— Oh Deus — ela gemeu enquanto passava a mão pelo meu cabelo antes de agarrá-lo com força na minha próxima lambida. — Eu vou gozar.

— Já? — eu disse, conforme minha atenção flutuava entre os mamilos perfeitos da cor de pêssego e sua boca entreaberta. — Acho que gosto de você grávida. Muito mais fácil te fazer gozar — murmurei contra sua fenda antes de devorá-la como um louco.

Meu bebê estava crescendo dentro dela e, em um mês, ela seria minha esposa. Tudo em nossa progressão parecia natural, e o bebê, junto com sua mãe, se tornara meu único objetivo na vida.

Meses atrás, eu era apenas um homem procurando algum tipo de felicidade quando conheci Abbie. Com ela, eu nunca precisaria

buscar essa alegria em outro lugar. Estava tudo lá, meu presente, meu futuro, meu para sempre.

— Eu te amo muito — sussurrei enquanto a lambia e a chupava, fazendo-a gritar meu nome. Suas pernas tremiam com o peso de seu orgasmo quando eu parei e sorri para ela. — Quem é seu papai, bebê? — Eu ri quando ela se arqueou contra mim enquanto eu me colocava de pé. Peguei-a no colo quando abriu um sorriso preguiçoso, aninhando-se a mim a cada passo que dava. Percebi que ela tinha suas dúvidas ao olhá-la nos olhos.

— Você está realmente feliz? Eu nunca falhei com a pílula. Juro. Mas não quero que seja um bebê 'não desejado'. Quero que você queira a ele ou a ela.

— Isso nunca poderia ser um bebê 'não desejado'. Porra, mulher, não duvide nem por um segundo — falei enquanto a deitava em nossa cama. — Quero o que quer que seja com você. Quero *muito*. E você, minha futura esposa, ficará cheia de surpresas.

— Sério? Você está realmente feliz?

Eu fiz uma careta.

— Isso são os hormônios da gravidez ou você tem medo de que eu realmente não queira esse bebê?

— Eu não sei — disse ela em voz baixa quando me coloquei de pé e tirei os sapatos.

Olhando-a nua e pronta, tirei minhas roupas ansiosamente para me aproximar, sabendo que, mesmo dentro dela, o mais fundo que podia, nunca conseguia estar perto o suficiente.

Eu a amava o suficiente por duas vidas. Algo que nunca tive antes e que não me cansava. Eu era viciado em sua voz, sua pele, seu sorriso e seus gemidos... ela. Nela, descobri um novo tipo de amor que vinha com um vício saudável.

Em um novo mundo de segundas chances, eu era o filho da puta mais sortudo do mundo. Eu sabia disso. E nunca deixaria de dar valor. Jurei, no dia em que coloquei o anel no dedo dela, que nunca mais mentiria no futuro, não importava o quão feio tivesse sido o meu passado, quão desagradável meus pensamentos pudessem ser.

Mentir em um relacionamento só atrasa o inevitável. Porque, por mais que você tente ser outro alguém com a pessoa que ama, a verdade se revela de um jeito ou de outro, com raiva, frustração ou mágoa. Boa ou ruim, ela vai surgir.

— Eu quero esse bebê, quero você, quero nossa vida. Todo dia. Isso não vai mudar. OK?

— Tudo bem — disse ela com um sorriso de tirar o fôlego. — Agora, por favor, não leve a mal, mas quero que você me foda.

Eu não consegui segurar minha risada.

— Ao invés de...?

— Fazer amor. Eu quero ser fodida.

Sorrindo, enterrei meu pau até ela começar a gemer.

— Deus... sim — ela gemeu. Parei meus quadris até que seus olhos expectantes encontrassem os meus.

— Você acabou de desafiar minha virilidade, mulher, prepare-se para pagar por isso.

Não lhe dei a chance de responder.



Abbie

— Eu vou ser mãe! — anunciei para Bree no telefone. — Eu sou tão distraída! Dois meses! Eu nem sabia. Bebi uns quinze copos de vinho. Será que está tudo bem?

Sua risada do outro lado da linha era histérica.

— Tive a sensação de que você estava mesmo grávida quando coçou os mamilos no jantar na outra noite.

— Eu fiz isso?

— Sim. Pensei que fosse o sutiã, mas depois fiquei pensando sobre isso mais tarde.

— Por que você não disse nada?

— E estragar o som da sua voz agora? De jeito nenhum. É melhor que você tenha descoberto da forma tradicional e com Cameron. Muito mais doce. E eu vi você beber aquele vinho. Vai ficar tudo bem.

— Onde você está? — perguntei. — Eu quero comemorar.

— Na sua porta da frente — ela respondeu. Os lábios de Cameron se curvaram quando a campainha tocou.

Ele estava ouvindo cada palavra, é claro, porque era Bree. Ele estava acariciando a pele da minha barriga com as pontas dos dedos e piscou para mim quando me sentei.

— Você disse a ela para vir? — Ele assentiu e beijou sua sarda favorita.

— Sim, agora eu vou jogar bola.

— Seu safado — eu disse enquanto batia em sua bunda coberta por um short de malha. — Você poderia ter saído antes.

— Vocês estão decentes? — Bree chamou do corredor.

— Pode entrar — eu disse enquanto Cameron se levantava.

— Foi o que ela disse para mim quase agora — Cameron falou, e Bree surgiu ao mesmo tempo em que encerrávamos nossa ligação. Revirei os olhos para os dois.

Cameron estava conseguindo vencê-la no cinismo. Ele estava ficando bom nisso. Irritantemente bom.

— Parabéns pelo seu esperma! — Bree disse para Cameron.

— Obrigado — Cameron murmurou de volta quando terminou de amarrar seu Nikes e lhe deu um abraço comemorativo.

— Temos planos para o jantar às oito — lembrei-o quando ele se afastou, depois de me dar um beijo de despedida.

— Blá, blá, blá — Cameron disse com um aceno de mão. — Vou voltar a tempo.

— Você acabou de dizer “blá, blá, blá” para *mim*? — gritei.

Bree soltou uma risada enquanto me abraçava, e eu olhei para Cameron por cima do ombro.

— Eu estarei aqui, linda. Não é como se eu quisesse perder um encontro com essa sua bunda maravilhosa. Com bebê ou não, é a perfeição.

Ele beijou os dedos como se estivesse elogiando uma boa comida italiana antes de puxar a porta.

Fiquei boquiaberta, mas Bree compreendeu facilmente.

— Ah, ele está tentando te provocar. Vocês fizeram sexo quente e selvagem há pouco tempo?

— Ele acabou de me chamar de gorda?

— Nããão, ele disse que sua bunda está ficando maior. Uma maneira infalível de entrar em uma boa discussão.

— Ele não deveria...

— Esqueci minhas chaves — ele falou do corredor, com os olhos cheios de malícia enquanto me olhava mais uma vez, lambia os lábios e saiu pela porta. Eu estreitei meus olhos. — Parece que sim.

— Sim — disse ela com um sorriso malicioso. — Sim, ele está curtindo sua libido na gravidez e o sexo selvagem durante a gravidez. Você não terá nenhum problema em ser saciada por esse homem. Esse é um bom sinal.

Eu já estava na frente de um espelho, tentando olhar minha própria bunda.

— Deus, que idiota. Vou dar um chute na bunda *dele* por dizer isso! — Estremeci. — Figurativamente, quer dizer.

— Eu sei disso, querida — disse ela, olhando para mim. — E ele também entenderia se te ouvisse.

— Eu ainda fico preocupada de ir longe demais às vezes — disse com cuidado. — Juro que toda vez que falo que vou bater nele, mesmo como uma piada, percebo o que fiz e acabo chorando dentro do armário. Ele me flagrou outro dia e tivemos uma discussão sobre isso.

— Porque você não pode pagar pelos erros do outro — ressaltou Bree.

— Isso foi o que ele disse.

— Você está apenas sendo você mesma. Cameron é homem o suficiente para perceber isso. Não é sua culpa. Não se meta em merdas assim.

— Estou tentando — eu disse com um suspiro. — Ele frequentou terapia quando o casamento acabou, mas sinto que eu estou fora da minha zona de conforto.

— Porque ele conseguiu a ajuda de que precisava e, se diz que está bem, você precisa confiar nisso. Não há nada que você possa fazer além de ouvir, mas só se ele quiser conversar.

— Ele não quer. E acho que ele nunca vai querer falar. Disse a ele que contei a você sobre Kat antes que ele pudesse me impedir. Demorou quase um dia para que ele voltasse a falar comigo depois disso. Acho que nunca será algo sobre o qual ele se abrirá. Ele diz que já fez terapia suficiente e não vai voltar. Não quando se trata de Kat. Tudo o que posso fazer é aceitar, mas é horrível.

Bree assentiu.

— Costurei um homem de setenta e quatro anos na outra noite, e foi a esposa que o atingiu com um abajur. Ele me implorou para não entregá-la, porque ela roubaria o cheque de sua aposentadoria antes mesmo de chegar nele.

— Jesus! — eu sussurrei. — Você a denunciou?

— O médico denunciou. Já era a segunda vez. Mas eu teria denunciado. Isso acontece todos os dias.

— Como você faz isso? Como lida com isso, Bree?

— Porque aquele homem precisava que alguém o costurasse e o ouvisse. Não tem a ver comigo, mas com eles.

— Você é minha heroína — eu disse, com um queixo trêmulo. — Mas você vai ter que me convencer a esquecer essa coisa de olho por olho. Não consigo esquecer que ela o machucou. Ele tinha hematomas enquanto estávamos namorando, porque tentou argumentar com ela. No começo, me disse que eram de disputas com Max na quadra de basquete, mas confessou mais tarde que era porque ele estava tentando pedir o divórcio sem envolver mais ninguém. Ele a estava protegendo, e ela continuou batendo nele!

— Cameron deveria tê-la denunciado — disse Bree suavemente. — E ele sabe disso, Abbie. Ele simplesmente não queria que isso fosse divulgado. Algumas pessoas são orgulhosas demais. Foi o que ele escolheu. Lidou com as coisas da única maneira que sentiu que podia enquanto tentava manter sua dignidade.

— Eu sei, mas olha o que lhe custou — disse, olhando pela janela, encolhendo-me com os sinais que perdi. — Isso me faz odiá-la de maneira absurda. Meu doce homem. Como ela pôde ter batido

nele?! Como pôde tocá-lo assim?! Não acredito que tive a coragem de me desculpar pela minha parte em tudo isso, quando ela nem o merecia! Juro por Deus que quero que ela se foda.

Os olhos de Bree se arregalaram.

— Uau, mamãe urso, não que você não tenha o direito de ficar chateada, mas seus hormônios já estão fervilhando. Você não machucaria uma mosca.

Mostrei-lhe os dentes e estremeci.

— Ah, não! — Abaixei minha cabeça. — Você acha que foi por isso que ele fugiu para jogar basquete?

— Você está irritada. Ok, sim, precisamos gastar um pouco dessa energia e dessa sua bunda gorda.

— Você vai para o inferno — eu disse enquanto ela jogava meus tênis para mim.

— Mulher, trinta e poucos anos, primeiro bebê; sim, seu corpo não vai se recuperar.

Eu cruzei meus braços indignada.

— Eu engravidei. Ganhei nove meses sendo alimentada por chocolates enquanto ele esfrega óleo de amêndoas na minha barriga.

— Você transou e fez outro humano, que vai sair dessa vagina virginal e te perseguir pelos próximos anos.

Eu me encolhi.

— Não é tão romântico agora, é? Precisamos controlar esses hormônios agora, para não assustar o noivo um mês antes do casamento. E precisamos te colocar em forma para ser essa mamãe tardia.

— Tudo bem, tudo o que eu preciso é de outro treinador na família. Eu já te odeio.

Coloquei os tênis e olhei lá para forma. Vi Cameron, aproximando-se da Sra. Zingaro, que estava em um de seus transes enquanto regava suas flores recém-plantadas com a mangueira que Cameron acabara de instalar. Eu quase bati na janela para avisá-lo, mas pensei melhor.

Três, dois, um.

Cameron ficou encharcado segundos depois e me pegou rindo na janela. Ele estreitou os olhos para mim enquanto Jenny se desculpava.

Eu lhe dei o meu maior sorriso antes de desaparecer e me virar para Bree.

— Deixe-me adivinhar. Sra. Zingaro?

— Sim — eu disse quando saímos em direção ao último sol da primavera.

A grama era de um verde fresco, e a temperatura estava perfeita. Minha mente relampejou com a lembrança da folha que vi cair nas costas de Cameron após nossa primeira xícara de café. Muita coisa mudou depois daquele dia.

Meu corpo inteiro se encheu de emoção quando vi Bree na minha porta da frente, esperando que eu a trancasse. Olhei na direção de Cameron, que fugia das mulheres loucas de sua vida.

— Eu o amo tanto — eu disse com uma voz trêmula.

— Oh... meu... foda-se! — exclamou Bree, lançando-me um profundo olhar de novo.

Eu balancei a cabeça, arregalando os olhos.

— Isso é normal?

— Eu diria que com vocês será. Vamos fazer dar certo, ok?

— Ok, eu faria qualquer coisa por Cameron — professei.

Ela riu e me puxou para um abraço enquanto eu me esforçava para engolir a emoção.

— Eu sei, garota, e ele também faria por você. É disso que o amor é feito.



Casei-me com Cameron em uma noite quente de verão, cercada por velas, em uma pequena cerimônia no Wicker Park. Durante o dia do nosso casamento, sofri de enjoos matinais e, quando cheguei ao lado dele, no altar, estava horrivelmente pálida. Ele não pareceu se importar. Na verdade, ele me disse que eu estava mais bonita do que nunca.

Tenho certeza de que minha fada madrinha o cegou. O que significava que, à medida que eu envelhecesse, ele começaria a enxergar cada vez pior. O que era uma boa notícia.

O que incomodou é que passei metade do nosso cruzeiro de lua de mel enjoada e só consegui ver a água azul do vaso sanitário. Passei apenas dois dias bons no mar antes que terminássemos e voássemos do México para casa, para acabar no meu sofá assistindo Netflix e comendo.

Mas *meu marido* não parecia se importar nem um pouco. Ele me garantiu que faríamos outro cruzeiro algum dia, quando não tivéssemos outro bebê a caminho. Ele me provocou sem piedade enquanto minha gravidez progredia e, apesar do meu medo, nunca se importou de lidar com meus hormônios.

Mais uma vez, minha mãe estava certa, porque, depois da minha trégua, minha vida se recuperou e não diminuiu de velocidade.

Então, eu sentia alegria com as pequenas coisas. E embora eu tivesse aceitado menos empregos para passar os primeiros meses do meu casamento como esposa, a vida era vida, então eu a priorizei.

Quase sete meses depois do dia em que descobri que estava grávida, marquei um encontro muito necessário com meu marido.

Mac de Cameron: Olá. Desculpe estou atrasado. Eu tive que comprar algumas coisas para a minha esposa.

Mac de Abbie: você é casado?

Cameron se encolheu e lançou um olhar afiado de onde estava sentado.

Mac de Abbie: Cedo demais para brincadeiras?

Ele ficou olhando para mim enquanto eu caía na gargalhada.

Mac da Abbie: Vamos lá! Foi um pouco engraçado!

Olhos verdes sem vida me encararam antes que ele digitasse.

Mac de Cameron: Nem um pouco.

Mac de Abbie: Ok, vamos ver o que você comprou.

Ele pegou duas caixas de Milk Duds, meu único desejo de grávida.

Mac de Abbie: Ok. O que mais você tem aí?

Ele pegou um pouco de macarrão Ziti e deu de ombros.

Mac de Cameron: Liguei para a Sra. Zingaro enquanto estava na loja para ver se ela precisava de alguma coisa.

Meu doce homem.

Mac da Abbie: Você é tão maravilhoso para ela e eu te amo mais por isso. Algo mais?

Ele pegou uma xícara que dizia “*Futuro Rei do Cortejo*”.

Mac de Abbie: Você mandou fazer?

Ele me deu um lento e orgulhoso aceno de cabeça.

Mac de Abbie: Deus, eu te amo. Eu sou uma idiota. Ok, vamos começar de novo.

Mac de Cameron: Ótimo. Oi.

Mac da Abbie: Você não pode digitar: *Ótimo. Oi*. Tente novamente.

Cameron se remexeu.

— Sério?

Mac de Abbie: Ei, amigo, só estamos casados há alguns meses. É melhor você se esforçar mais do que isso. E é melhor você nunca ser rude comigo quando eu estiver doente. Ouvi dizer que isso é algo que acontece com pessoas casadas. E eu exijo que você faça sexo comigo esta noite. Eu estava fazendo isso para abrir a possibilidade e tentar misturar as coisas, mas agora vou falar a verdade. Sou esposa agora, posso exigir sexo quando quiser, certo? Nós precisamos fazer sexo. Eu preciso desse bebê fora de mim agora!

O riso pleno de Cameron poderia ter sido ouvido por quilômetros. Eu olhei para ele através do espaço entre nós. A mesa incomodava meu quadril porque eu estava grande demais para caber no espaço

apertado, apesar dos meus exercícios vigorosos. Nosso filho já pesava mais de três quilos.

— Deus, você é linda — disse ele, cada um em sua mesa. Ergui minha caneca de chocolate quente na minha xícara que dizia *Leit*.

Cameron riu enquanto eu soprava a franja que cortei com raiva dos meus olhos. Olhei para o céu escuro lá fora enquanto tentava engolir minha emoção.

A cada dia que passava, eu estava lutando contra minha rotação aleatória de emoções. Eu havia superado os primeiros meses dos hormônios da gravidez, mas os últimos estavam se mostrando igualmente difíceis para mim.

— Eu não quero chorar, então não seja legal. Me irrite ou algo assim.

Meu queixo tremeu, e Cameron se aproximou e o segurou. Da forma como ele sempre me segurava, porque ele era bom nisso.

— Baby, você não entendeu ainda? — Ele olhou para mim. — Eu não ligo para o que você diz, desde que esteja falando comigo. Eu cederia a qualquer um de seus caprichos, contanto que continue sendo minha. Tudo o que você precisa fazer é pedir, e eu vou te dar o que você precisa. Não preciso ser cortejado por minha esposa, pela qual eu sou obcecado, aliás. Eu seguirei sua liderança sempre.

E aí vêm as lágrimas.

Toquei sua barba por fazer e o cabelo mais comprido — uma novidade em sua aparência que eu amava. Ele fazia questão de ter seus próprios dias do lixo durante a semana, e eu amava cada segundo deles.

Limpei uma lágrima de medo, mostrando a verdade.

— Promete? Porque estou meio triste por não termos passado mais tempo sozinhos e sei que disse que não teria problemas com aceitar o segundo lugar no seu coração, mas talvez esteja com um pouco de inveja. Não quero que mudemos.

— Vem cá. Eu quero te mostrar uma coisa. — Cameron levantou-se e puxou minha mão, pegando nossas coisas antes de sairmos. No instante em que pisamos do lado de fora, a neve começou a cair à nossa volta. — Eu gostaria de poder ter crédito por isso — sussurrou me puxando para seus braços e pressionando

seus lábios nos meus. Seu beijo tornou-se urgente, mais frenético, lembrando-me do primeiro que compartilhamos no inverno anterior, exceto que o novo não estava misturado ao receio. Era cheio de certeza e um novo tipo de desejo. Não fora ensaiado, mas era reconfortante. Quando ele se afastou, vi a vida que vivíamos se desenrolar enquanto flocos de neve pontilhavam seus cílios.

— Há um ano, eu te beijei pela primeira vez neste mesmo lugar.

Assim como eu pensei, ele verbalizou.

— E parecia diferente então. Era novo. As coisas mudam. Mas também mudamos, Abbie Bledsoe, e não podemos impedi-lo. E com você, não quero parar de mudar. Quero passar por todas essas mudanças. Não tenho medo delas — ele garantiu enquanto esfregava meu rosto com as palmas das mãos. — Vamos para casa, ok? Sinto que minha esposa precisa de um pouco de atenção.

— OK.

Nós caminhamos para casa de mãos dadas enquanto a neve flutuava silenciosamente para a calçada. Cameron me segurou firmemente ao seu lado enquanto eu tentava explicar minha loucura.

— Eu culpo o pênis que está crescendo dentro de mim pela minha última explosão. Você tem alguma ideia de como isso é estranho?

— Nunca pensei dessa maneira, mas é estranho mesmo — disse ele com uma risada. Eu o cutuquei enquanto o envolvia com o braço o máximo que podia. — Eu estava pensando em um nome hoje.

— Oh, não — ele olhou para mim cheio de objeções e balançando a cabeça. — Eu não quero brigar, ok? Acho legal que você queira dar um nome diferente ao nosso filho. Sério, essa nova perseguição a celebridades está ficando fora de controle. Eu nunca pensei que chegaria o dia em que desejaria assistir a outro documentário sobre serial killers, mas chegou.

— Ei — eu defendi. — A única razão pela qual comecei a assistir esses programas foi para ver o quão rápido eu vou conseguir recuperar da forma de pêra para algo um pouco mais parecido com uma banana. E então, eu não sei... é como um vórtice e eu fui sugada. Vou enjoar eventualmente. Como foi a fase dos serial

killers. Além disso, eu estava pensando em uma *palavra* que descreve o pai dele.

Cameron virou-se para mim, sob a neve, e me olhou com olhos curiosos.

— Noble¹.

As sobrancelhas dele se uniram.

— Essa é a palavra que você usaria para me descrever?

Estendi a mão e passei meus braços em volta do pescoço dele e o puxei para mim enquanto deslizava os dedos por seus cabelos.

— Totalmente.

Atordoada, pude ver a emoção crescendo em seus olhos quando ele se inclinou e pegou meus lábios no beijo mais gentil que já compartilhamos.

Ele se afastou, seus olhos buscando os meus enquanto acariciava meu rosto.

O nome será Noble, então.

— Abbie, você me faz sentir tão chapado — ele disse enquanto me aninhava em seu abraço e deu um beijo na minha testa. — Vamos lá, eu preciso do sexo que você exigiu.

Eu dei um tapa de brincadeira no peito dele. Precisei de alguns minutos de caminhada para perceber que o que eu tinha feito e o fato de nenhum de nós ter sido afetado por isso. Senti outro nó na garganta quando olhei para Cameron e apertei seu braço.

— Qual palavra você usaria para me descrever?

— Eu tenho várias — disse ele com uma piscadela.

Depois de alguns segundos, parei nossa caminhada.

— Você não vai me dizer? — perguntei.

Ele agarrou minhas mãos geladas, aquecendo-as nas dele.

— Você esqueceu suas luvas.

— Cameron — eu disse, em tom de aviso. — Você não consegue pensar em uma palavra para me descrever?

— Eu tenho muitas. Deusa, luz, esperança, coração, mãe, esposa, curandeira, ameaça, bela, vida, sexo, empatia, luz do sol... e chuva.

— E chuva?

- Sim.
- Mas você odeia a chuva.
- Não mais — ele disse enquanto girava minha aliança antes de beijá-la.
- Algo mais?
- Verdade. O que temos é um amor de verdade.

Fim



Agradecimentos

Obrigada a todos os leitores que deram uma chance a qualquer um dos meus livros. Por sua causa, todos os meus sonhos se tornaram realidade. Sou eternamente grata e guardo vocês em meu coração.

Eu tenho muito amor por esta comunidade. Quero agradecer a todos os blogueiros que gastaram seu precioso tempo lendo e promovendo minhas palavras. Obrigada nunca será suficiente por tudo que vocês fazem. Vocês são apreciados mais do que eu poderia expressar.

Há duas mulheres que trabalham comigo desde o primeiro dia. Este livro não seria o que é sem elas.

Um enorme obrigado à minha irmã, Angela Scott, que me ajudou desde o início da história e ficou tão apaixonada pelo projeto que me mandava mensagens diariamente para apontar alguns detalhes necessários. Seu entusiasmo por esse processo o tornou muito melhor. Foi muito bom trabalhar com você! Obrigado por esses detalhes e por me ouvir quando contei essa história. Eu te amo.

E Donna Cooksley Sanderson, eu estaria perdida sem você. Por você ter me pressionado, este livro é exatamente o que eu esperava que fosse. Você se recusou a me deixar ir com calma e me forçou a cavar fundo, e eu agradeço muito por isso. Existem bilhões de pessoas no mundo e ter esbarrado em uma pessoa tão perfeitamente adequada... Bem, estou convencida de que não é uma coincidência. Eu terminei a maratona de escrita por sua causa e seu apoio sem fim. Você se tornou uma parte vital deste processo e deixou meus dias muito melhores. Obrigada pelas intermináveis horas no facetime, por sacrificar tempo com a família, o sono e a sua sanidade mental para me ajudar. Sua paciência sem fim foi uma bênção. Eu te amo, querida amiga.

Um enorme obrigada às minhas betas, Kelly Collopy, Sophie Broughton, Sharon Dunn, Anne Christine, Kathy Sheffler, Stacy Hahn, Donna Sanderson, Maiwenn Blogs, Malene Dich, Patty Tennyson e Christy Baldwin. Seu feedback foi inestimável e seu suporte, incrível. Vocês, moças, são maravilhosas.

Obrigado, Stacey Ryan Blake, da Champagne Formats, por organizar esse livro e aperfeiçoá-lo de forma tão bela.

Autumn, você é incrível. Obrigada por aceitar esta escritora sem garantias e nada além de fé. Estou muito feliz que nos encontramos. Mal posso esperar para ver o que virá a seguir. Muito obrigada por tudo que você faz.

Um enorme e interminável obrigada à minha maravilhosa e tolerante assistente, Bex Kettner. Bex, você é a mulher mais incrível. Sua força, paciência e amizade, especialmente nos últimos meses, significaram tudo. Eu te amo. Obrigada por ser a amiga estelar que você é. E obrigada por tudo que você faz.

Um enorme obrigada a Christy Baldwin, que faz as rodas girarem e sempre aparece para comemorar. Você é uma verdadeira bênção e eu te adoro.

Um agradecimento especial aos meus queridos amigos, Emma Scott e Jewel E. Ann, pelas bofetadas e pela ajuda. Este foi difícil, e eu não poderia tê-lo concluído sem você. Obrigada, Kennedy Ryan, por estar presente para sessões de mensagens e por me fazer rir. Você é demais!

Agradeço a Jessica Florence, que me envia mensagens inspiradoras. Sinto os abraços através de quilômetros. Você é uma amiga verdadeira e querida.

Um enorme e interminável obrigado às minhas PODEROSAS! Uau, moças, como crescemos e tenho a sorte de ter um porto seguro cheio de amigas como vocês. Seu apoio sem limites é surpreendente, e eu sou muito abençoada por ter vocês, mulheres da minha vida. Obrigada, obrigada, obrigada!

Obrigada às minhas meninas no DHI – eu amo rir e chorar com você.

Um agradecimento coletivo à minha família incrível e aos meus queridos amigos que se espalham por todos os lados. Sem o seu apoio, eu sei que não seria capaz de ir tão longe.

Um enorme obrigado à minha rocha, Nick – meu lar, minha eternidade. Eu te amo.

NOTAS

Epílogo

1 Nobre em inglês.